



PPGEDUC

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Universidade Federal de Goiás - Regional Catalão

**EXPERIÊNCIAS DE FORMAÇÃO DOS
DISCENTES NATIVOS DA ETNIA XACRIABÁ NO
IF GOIANO CAMPUS URUTAÍ GO (2014-2019)**

MARILENE APARECIDA SANTANA DA SILVA



UFG

UNIVERSIDADE
FEDERAL DE GOIÁS



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL DE EDUCAÇÃO

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES

E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a [Lei 9.610/98](#), o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do material bibliográfico

Dissertação Tese

2. Nome completo do autor

MARILENE APARECIDA SANTANA DA SILVA

3. Título do trabalho

EXPERIÊNCIAS DE FORMAÇÃO DOS DISCENTES NATIVOS DA ETNIA XACRIABÁ NO IF GOIANO CAMPUS URUTAÍ GO (2014-2019)

4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento [x] SIM [] NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

- a) consulta ao(à) autor(a) e ao(à) orientador(a);
- b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação.

O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.



Documento assinado eletronicamente por **Wolney Honório Filho, Professor do Magistério Superior**, em 23/02/2021, às 14:09, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **MARILENE APARECIDA SANTANA DA SILVA, Discente**, em 23/02/2021, às 15:33, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1894262** e o código CRC **330D7985**.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS REGIONAL CATALÃO UNIDADE
ACADÊMICA ESPECIAL EDUCAÇÃO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
EDUCAÇÃO

**EXPERIÊNCIAS DE FORMAÇÃO DOS DISCENTES NATIVOS DA ETNIA
XACRIABÁ NO IF GOIANO CAMPUS URUTAÍ GO (2014-2019)**

MARILENE APARECIDA SANTANA DA SILVA

Orientador:

PROF. DR. WOLNEY HONÓRIO FILHO

Linha de Pesquisa:

POLÍTICAS EDUCACIONAIS, HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO E PESQUISA
(AUTO)BIOGRÁFICA

CATALÃO/GO

2020

MARILENE APARECIDA SANTANA DA SILVA

**EXPERIÊNCIAS DE FORMAÇÃO DOS DISCENTES NATIVOS DA ETNIA
XACRIABÁ NO IF GOIANO CAMPUS URUTAÍ GO (2014-2019)**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação, à comissão examinadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Goiás/Regional Catalão.

CATALÃO/GO
2020

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

DA SILVA, MARILENE APARECIDA SANTANA
EXPERIÊNCIAS DE FORMAÇÃO DOS DISCENTES NATIVOS DA
ETNIA XACRIABÁ NO IF GOIANO CAMPUS URUTAÍ GO (2014 -
2019) [manuscrito] / MARILENE APARECIDA SANTANA DA SILVA. -
2020.

f.

Orientador: Prof. Dr. wolney Honório Filho .
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Unidade
Acadêmica Especial de Educação, Catalão, Programa de Pós-Graduação
em Educação, Catalão, 2020.

Bibliografia. Anexos.

Inclui siglas, tabelas, lista de figuras.

1. Pesquisa (Auto)Biográfica. . 2. Narrativas. . 3. Histórias de
Vida. . 4. Instituto Federal Goiano – Campus Urutaí. 5. Discentes
Xacriabás. I. Honório Filho , wolney , orient. II. Título.:

CDU 37



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL DE EDUCAÇÃO

ATAFAE-RC 133/2020

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

ATA DA 133ª. SESSÃO PÚBLICA DE DEFESA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

ATA DA COMISSÃO EXAMINADORA DESIGNADA PELA COORDENADORIA DO PPGEDUC PARA JULGAMENTO DA DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO DE MARILENE APARECIDA SANTANA DA SILVA.

Aos quatro dias do mês de fevereiro de dois mil e vinte e um, às nove horas e trinta minutos (09:30 h), reuniram-se, por webconferência - RNP, os componentes da banca examinadora, o Prof. Dr. Wolney Honório Filho - PPGEDUC/UFG/UFCAT (em transição) - Orientador; Prof. Dra. Juliana Pereira de Araújo - PPGEDUC/UFG/UFCAT (em transição) - Membro Interno; Prof. Dr. Sebastião Silva Soares - Universidade Federal do Tocantins Campus Arraias - Membro Externo para sessão pública de exame de Defesa de mestrado de MARILENE APARECIDA SANTANA DA SILVA, discente do Programa de Mestrado em Educação – PPGEDUC da UFG-RC/UFCAT (em transição), área de Concentração Educação, com trabalho intitulado “ EXPERIÊNCIAS DE FORMAÇÃO DOS DISCENTES NATIVOS DA ETNIA XACRIABÁ NO IF GOIANO CAMPUS URUTAÍ GO (2014-2019)”. A sessão foi aberta pelo presidente da banca, que fez a apresentação formal dos membros da banca. Em seguida, a palavra foi concedida ao discente que, procedeu a apresentação da Defesa. Terminada a apresentação, cada membro da banca arguiu a examinanda. Terminada a fase de arguição, foi suspensa a Sessão Pública e, em Sessão Secreta, os arguidores atribuíram seus conceitos. Reaberta a Sessão Pública foi anunciado o resultado final: DEFESA APROVADA fazendo jus, portanto, ao título de **Mestra em Educação**, de acordo com o artigo 57 do Regulamento do Programa de Pós-Graduação em Educação - Regional Catalão/UFCAT (em transição). A Banca Examinadora de Defesa Pública de Dissertação foi realizada em conformidade com a Portaria da CAPES n. 36, de 19 de março de 2020, de acordo com seu segundo artigo: Art. 2. A suspensão de que trata esta Portaria não afasta a possibilidade de defesas de tese utilizando tecnologias de comunicação à distância, quando admissíveis pelo programa de pós-graduação stricto sensu, nos termos da regulamentação do Ministério da Educação. Nada mais havendo a registrar, foi lavrada a presente ata, que vai assinada pelos Membros da Banca Examinadora.

Programa de Pós-Graduação em Educação da UFG-RC/UFCAT (em transição), quatro dias do mês de fevereiro de dois mil e vinte e um.



Documento assinado eletronicamente por **Rafaela Lourenço Neves, Secretária**, em 26/01/2021, às 22:54, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Wolney Honório Filho, Professor do Magistério Superior**, em 04/02/2021, às 11:49, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Juliana Pereira De Araújo, Professor do Magistério Superior**, em 04/02/2021, às 12:13, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **SEBASTIAO SILVA SOARES, Usuário Externo**, em 05/02/2021, às 12:50, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1734800** e o código CRC **4F9BDB3F**.

DEDICATÓRIA

Dedico esta dissertação ao meu orientador Wolney Honório Filho, e a todos os demais professores do PPGEDUC, que, de alguma forma, me guiaram nesse percurso de libertação e autonomia crítica.

Dedico, ainda, esta dissertação aos discentes Xacriabás, que contribuíram imensamente para que pudéssemos alcançar nosso objetivo, bem como o cacique Domingos e todos os colegas do IF Goiano que contribuíram para o andamento da nossa pesquisa.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, por conduzir todo o meu caminho nesses dois anos de formação, no mestrado acadêmico da UFG.

Agradeço ao meu pai, que dedicou seu tempo e sua paciência para me acompanhar nesse processo, bem como todas as suas orações, que, de alguma forma, me fortaleciam.

Agradeço ao meu esposo, que, por traz dos bastidores, sempre me ajudou, compreendendo todo o esforço que eu necessitava dedicar ao mestrado, esforçando-se para cumprir as tarefas do lar e cuidar da nossa filha.

Agradeço à minha mãe, que também se dedicou para que este sonho se tornasse realidade, cuidando da minha filha, sempre que eu necessitava de tempo e silêncio para escrever.

Agradeço à minha filha, que, com 6 anos de idade, teve que compreender a falta da mãe em alguns momentos que seriam, até então, dedicados a ela.

Agradeço a todos que, de alguma forma, contribuíram e torceram para que esse sonho se tornasse realidade.

Agradeço, em especial, aos discentes Xacriabás, que se prontificaram em contribuir para esta pesquisa, pois estavam sempre abertos a cumprir o que eu pedia, com agilidade e dedicação. Obrigada, de coração, por todas as informações prestadas e pela confiança depositada à pesquisadora.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Terras Xacriabás após regularização das terras	53
Figura 2 – Localização da terra Indígena Xacriabá no Estado de Minas Gerais.....	54

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Dados relativos dos participantes da pesquisa.	59
---	----

LISTA DE SIGLAS

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

TDAH – Transtorno de *Déficit* de Atenção e Hiperatividade

FUNAI- Fundo Nacional do Índio

PIEEIMG- Programa de Implantação das Escolas Indígenas

SEE-MG – Secretaria do Estado de Educação do Estado de Minas Gerais

UF-MG – Universidade Federal de Minas Gerais

IEF- Instituto Estadual de Florestas

CEP/ CONEP –Comitê de Ética em Pesquisa

UFG- Universidade Federal de Goiás

COAGRI- Cooperativa Agropecuária e Industrial Ltda

IFG- Instituto Federal de Goiás

SPI- Serviço de Proteção aos Índios

IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

CIMI- Conselho Indigenista Missionário

GAE- Gerência de Assistência Estudantil

JIF- Jogos do IF Goiano

PPGEDUC – Programa de Pós Graduação em Educação

RESUMO

O universo teórico em que esta pesquisa se situa é o da história da educação e pesquisa (autobiográfica), o qual suporta o método biográfico narrativo. À vista disso, para a fundamentação deste trabalho, foram importantes as reflexões de Bolívar (2002), Delory Mombarger (2011), (2012), Galvão (2005), Carino (1999). Tais autores postulam o significado das narrativas dos sujeitos, ao atribuírem sentido à própria história. Recorreremos, assim, para esta pesquisa, ao método biográfico-narrativo, através das narrativas dos discentes Xacriabás, tendo como produção de dados as entrevistas realizadas com os discentes Xacriabás, sobre as experiências de formação desses, no IF Goiano, nesses três anos de formação, no ensino médio técnico. Dessa forma, formulamos a seguinte questão, que norteou esta pesquisa: Quais as experiências de formação construídas pelas narrativas dos discentes Xacriabás, no IF Goiano campus Urutaí-GO, de 2014 a 2019? O objetivo desta pesquisa, portanto, é compreender as experiências de formação narradas pelos discentes Xacriabás, no IF Goiano campus Urutaí-GO, de 2014 a 2019. Assim, os objetivos específicos desta pesquisa são: discorrer sobre os conceitos de formação e experiência; em seguida, procurar conhecer os discentes Xacriabás, para então, no terceiro objetivo específico, analisar, através das narrativas dos discentes Xacriabás, as experiências de suas formações. Para a análise temática das narrativas, tomamos como referência Laurence Bardin (2016), Marie Christine Josso (2002) (2007) (2010), Maria da Conceição Paseggi (2011) (2012) (2016), Jorge Larrosa Bondía (2002), Carlos Rodrigues Brandão (2002) (2007), Cecília Galvão (2005), Inês Bragança (2011), Dermeval Saviani (2008) e Durkheim (2007). A biografia dos discentes Xacriabás permitiu momentos de construção de significados do vivido, momentos de conflitos e ruptura entre o que eu era e o que me tornei, tornando-os seres independentes a partir da superação das dificuldades, entende-se, ainda, que as experiências desses três anos foram válidas e transformadoras no sentido humano, de os tornar pessoas mais capazes e seguras de enfrentar novas experiências.

Palavras – chave: Pesquisa (Auto)Biográfica. Narrativas. Histórias de Vida. Instituto Federal Goiano – Campus Urutaí. Discentes Xacriabás.

ABSTRACT

The theoretical universe in which this research is located is that of the history of education and research (autobiographical), which supports the narrative biographical method. In view of this, for the foundation of this work, the reflections of Bolívar (2002), Delory Momberger (2011), (2012), Galvão (2005), Carino (1999) were important. Such authors postulate the meaning of the subjects' narratives, when they attribute meaning to the story itself. Thus, we will use, for this research, the biographical-narrative method, through the narratives of the Xacriabás students, having as data production the interviews conducted with the Xacriabás students, about their training experiences, at IF Goiano, in these three years of training, in technical high school. Thus, we formulated the following question, which guided this research: What are the training experiences constructed by the narratives of the Xacriabás students, at the IF Goiano campus Urutaí-GO, from 2014 to 2019? The objective of this research, therefore, is to understand the training experiences narrated by Xacriabás students, at the IF Goiano campus Urutaí-GO, from 2014 to 2019. Thus, the specific objectives of this research are: to discuss the concepts of training and experience; then, try to get to know the Xacriabás students, then, in the third specific objective, analyze, through the Xacriabás students' narratives, the experiences of their training. For the thematic analysis of the narratives, we take Laurence Bardin (2016), Marie Christine Josso (2002) (2007) (2010), Maria da Conceição Paseggi (2011) (2012) (2016), Jorge Larrosa Bondía (2002) as a reference, Carlos Rodrigues Brandão (2002) (2007), Cecília Galvão (2005), Inês Bragança (2011), Dermeval Saviani (2008) and Durkheim (2007). The biography of the Xacriabás students allowed moments of construction of meanings of the lived, moments of conflicts and rupture between what I was and what I became, making them independent beings from overcoming difficulties, it is also understood that The experiences of these three years have been valid and transforming in the human sense, to make them more capable and safer people to face new experiences.

Keywords: Biographical (Auto) Research. Narratives. Life stories. Instituto Federal Goiano - Campus Urutaí. Xacriabás students.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	18
- Sobre a pesquisadora	18
-História do contato	24
- Percurso Metodológico da Pesquisa	25
-Estruturação dos capítulos	29
- O método da pesquisa biográfico-narrativa em educação	30
-A escola em que os discentes Xacriabás vivenciam seus relatos	32
CAPÍTULO I – DO CONCEITO DE FORMAÇÃO E EXPERIÊNCIA	35
- Do conceito de formação	35
-Do conceito de experiência	42
-Considerações do capítulo	46
CAPÍTULO II- QUEM SÃO OS NARRADORES	48
-História indígena no Brasil	49
-História dos Xacriabás	50
-Lutas e conquistas do território	51
- A produção nas terras Xacriabás	55
-Cultura Xacriabá	55
- A língua portuguesa como objeto cultural	57
- NARRADORES:	58
-Ademar Almeida Barbosa	59
- Dhiemerson Freire Pimenta	61
- Luiz Gustavo Pinheiro Mota	64
- Hernando Pereira Costa	66
-Romaicon Nunes Gonçalves	67
- Anderson Alquimim Silva	70
-Considerações do capítulo	71
CAPÍTULO III- AS EXPERIÊNCIAS DE FORMAÇÃO	73

- Sentimentos dos discentes nativos Xacriabás (choque cultural) -----	76
- Crises e enfrentamentos do percurso de formação -----	82
- Adaptação às novas regras -----	82
- O convívio com discentes não índios e o preconceito -----	85
- Experiências transformadoras -----	92
- Considerações do capítulo -----	96
CONSIDERAÇÕES FINAIS-----	98
REFERÊNCIAS-----	102
ANEXOS -----	
- Anexo I: Perguntas para a entrevista semiestruturada -----	106
- Anexo II: Entrevista Gilson Dourado -----	106
- Anexo III: Entrevista Narrativa (Romaicon, Anderson, Hernando) -----	111
-Anexo IV: Entrevista Romaicon -----	137
- Anexo V: Entrevista Hernando -----	154
-Anexo VI: Entrevista Anderson -----	172
- Anexo VII: Entrevista Ademar -----	204
- Anexo VIII: Entrevista Luiz Gustavo -----	222
- Anexo IX: Entrevista Diemerson -----	246
-Anexo X: Relatos via Whatzapp complementando as entrevistas -----	263
-Anexo XI: Termo de Consentimento livre e esclarecido (TCLE) -----	266

INTRODUÇÃO

Nascida em Silvânia-GO, no dia 08 do mês de fevereiro do ano de 1990, em uma família de classe social baixa, Filha de Adelcino Jacinto da Silva e Vandelice de Melo Santana Silva, cresci em Silvânia, uma cidade do interior, que se estende por 2 345,9 km², e conta com 19.089 habitantes, de acordo com o último censo. A economia da cidade é baseada na pecuária, agricultura e produção de tijolos. Foi nessa pequena cidade que cresci e obtive formações pessoais e profissionais, as quais destacarei a seguir.

Aos 6 anos, iniciei os estudos na escola Instituto Auxiliadora, uma escola da rede católica, que estabelecia a educação cristã. Iniciei no Pré (como era denominado naquela época) e, desde então, tracei uma trajetória de 13 anos de minha vida acadêmica nessa escola. O surgimento do Instituto Auxiliadora mudou a história da educação da cidade de Silvânia-GO, por ser a primeira escola exclusiva para meninas naquele lugar, denominada, nessa época, de Bonfim. Assim, a cidade de Bonfim, (atual cidade de Silvânia) traz, atrelada em sua história, a educação de referência devido à criação da escola Maria Auxiliadora de Bonfim, fundada pelo bispo Dom Emanuel, na esperança de propagar a educação cristã, mais propriamente, os ideais de Dom Bosco, uma cultura religiosa que se estende até os dias atuais.

Um ano depois, optei pelo curso de Pedagogia, ingressei no Ensino Superior em 2009, na Uni evangélica, na cidade de Anápolis-GO. O Centro Universitário de Anápolis – Uni Evangélica é uma das maiores instituições de ensino superior de Goiás. Desde março de 2004, a então Faculdades Integradas da Associação Educativa Evangélica passou a ser o primeiro Centro Universitário de Goiás. A Uni Evangélica faz parte da Associação Educativa Evangélica, que foi fundada em 1947, e tem, hoje, mais de 10 instituições de ensino, sendo uma instituição com a proposta confessional e evangélica, fundamentada em princípios cristãos.

Foi na graduação que comecei a ter contato com a pesquisa. Meu primeiro TCC foi por amor aos contos de fadas e às crianças de 0 a 5 anos. Um pouco mais tarde, em 2015, também, na Uni evangélica, especializei-me em psicopedagogia clínica e institucional. A escolha da pós-graduação se deu devido às experiências da creche com crianças especiais. O meu TCC, nessa fase, foi sobre o TDAH (Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade), em que tive a oportunidade de colocar em prática os testes

psicopedagógicos aprendidos na pós, e me vi realizada, não somente na vida acadêmica, mas também profissionalmente, como pedagoga do IF Goiano, tendo como título do meu artigo “Diagnóstico das dificuldades de aprendizagem de uma aluna com transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH) no ensino médio técnico da instituição federal de Urutaí-GO”. De certa forma, considero essa uma contribuição para a escola, no acompanhamento da aprendizagem da referida aluna. Esse trabalho foi apresentado no Congresso Nacional de Educação, na cidade de Natal, um marco em minha vida, no sentido de que, pela primeira vez, eu apresentava trabalho em um congresso científico.

Em 2014, através de concurso público, tornei-me funcionária efetiva do Instituto Federal Goiano, campus Urutaí-GO, ocupando o cargo de pedagoga, no núcleo de apoio pedagógico do ensino médio e técnico. Nesse cargo obtive a oportunidade de aprimorar meus conhecimentos e experiências acadêmicas, bem como atuar em processos relacionados ao ensino-aprendizagem, contribuindo para a qualidade do ensino e aprendizado, fortalecendo a construção do conhecimento do aluno.

Como pedagoga, uma das atividades realizadas na instituição corresponde à organização e participação do conselho de classe, dentre as quais, principalmente, lavrar as atas dos conselhos. Ao realizar essa atividade comecei a prestar atenção no que falavam sobre os discentes Xacriabás, os quais eram citados pelos docentes, diferentemente dos demais alunos, pela dificuldade maior, tanto dos docentes no que tange ao ensino e aprendizagem e socialização desses, quanto da dificuldade na aprendizagem dos próprios discentes Xacriabás. Como destacado abaixo, em termos de exemplificar, os trechos de algumas atas realizadas após a chegada dos discentes Xacriabás na instituição.

“A aluna Belinha (Pseudônimo) possui vergonha de se alimentar na frente de todos, às vezes fica sem se alimentar” (Ata 1º bimestre 2018, curso técnico em agropecuária concomitante)

“A aluna Belinha (Pseudônimo) Citada no conselho do 1º bimestre, desistiu do curso” (Ata 2º bimestre 2018, curso técnico em agropecuária concomitante)

“O aluno Lopes (Pseudônimo) possui, segundo docentes, dificuldades, porém está se esforçando, o aluno é indígena” (Ata 1º bimestre 2018, curso técnico em informática integrado ao ensino médio)

“O professor Gil (Pseudônimo) chama a atenção em relação aos indígenas, quanto a timidez e união que se apresentam” (Ata 1º Bimestre de 2018, Curso técnico em biotecnologia integrado ao ensino

médio)

“O professor Cicrano (Pseudônimo) sugere reuniões pedagógicas sobre como inserir os indígenas, apela ainda pela adaptação cultural desses alunos” (Ata 1º Bimestre de 2016, Curso Técnico em informática integrado ao ensino médio)

“O professor Juca (Pseudônimo) ressalta a importância da reflexão sobre as dificuldades dos indígenas, questiona sobre ser defasagem ou choque cultural” (Ata 1º Bimestre de 2018, Curso Técnico em agropecuária integrado ao ensino médio)

Diante desses trechos indaguei-me variadas vezes sobre como era para esses discentes conviverem com novas culturas e saberes diferenciados.

Comecei a observar um pouco mais o convívio deles nos pátios da escola, e, logo, percebi que a socialização entre eles com discentes não índios era bem menor, os Xacriabás estavam sempre juntos, e isso fez brotar várias indagações sobre quem eram, de fato, aqueles alunos, porque eram tímidos, e quais as reais dificuldades e motivações desses desajustes, o que os movia a estarem ali no IF Goiano, já que havia um número razoável de alunos índios ali (aproximadamente 30 discentes). Ao ingressar no mestrado, não tive, de início, a noção de que essas indagações poderiam se tornar respostas através de uma pesquisa científica. Mas, foi quando meu orientador, professor Wolney Honório Filho, enxergou em meus olhos um certo brilho ao falar desses alunos, que, até então, não eram meu objeto de pesquisa. Ele me pediu para fazer um levantamento da história deles e investigar o motivo que estava trazendo esses alunos de tão longe (Norte de Minas Gerais).

Foi quando contactei o professor Gilson Dourado¹ que pôde esclarecer um pouco sobre a vinda desses alunos para o IF Goiano. Em uma conversa gravada (em anexo), ele explica sua relação com aquela terra, com aquele povo, e a motivação que, segundo ele, partiu do IF Goiano, em sua gestão, por conhecer a real necessidade daquela região.

[...] Então, o que nos levou a trazer esses alunos foi a necessidade de tentar fazer com que eles tivessem uma vida melhor através da educação, através do estudo, né... E a gente está fazendo, aos poucos, a gente sabe que a demanda é muito grande, mas acho que a semente foi lançada, e agora é tentar ampliar cada vez mais essa quantidade de alunos. (SILVA, 2019)

¹ Possui graduação em Agronomia pela Universidade José do Rosário Vellano (1994), mestrado em Fitotecnia (Produção Vegetal) pela Universidade Federal de Viçosa (1997) e doutorado em Agronomia (Produção Vegetal) pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2000). Atualmente é professor titular do Centro Federal de Educação Tecnológica de Urutaí.

Assim, em 2008, começaram a aplicar as provas na região de São João das Missões, município onde está sediada a aldeia Xacriabá, e em acordo com as prefeituras das cidades, tanto na prefeitura de Itacarambi quanto na de São João das Missões, foi aprovado um projeto de lei, na Câmara de Vereadores, em que as prefeituras fizeram um compromisso de trazer esses meninos para o IF Goiano de Urutaí-GO, bem como buscá-los em época de férias.

Sobre a dificuldade desses discentes frente a conteúdos escolares, começamos a observar, na história do próprio índio, seu recente acesso às escolas regulares, devido a uma política de colonização, que vem, aos poucos, impondo a eles a adaptação a novos ensinamentos. Os Xacriabás são discentes nativos que vieram do norte de Minas Gerais e possuem uma trajetória de culturas, vivências e saberes diferenciados, por terem estudado em escolas indígenas, anteriormente à vinda para o IF Goiano.

Conforme Casa Grande (2016), a população Indígena Xacriabá corresponde a 67,7% da população de São João das Missões. Eles tiveram acesso à educação nas aldeias, após a demarcação das terras indígenas Xacriabá, em 1987, por intermédio da prefeitura de Itacarambi-MG, e pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI), sob a responsabilidade de professores não indígenas. Essa realidade começou a mudar a partir de 1995, através da criação do programa de implantação das escolas indígenas (PIEIMG), em parceria com a Secretaria do Estado de Educação do Estado de Minas Gerais (SEE-MG), em convênio com a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Fundação Nacional do Índio (FUNAI), e o Instituto Estadual de Florestas (IEF). Através desse programa, foi assegurada a educação escolar indígena em quatro áreas indígenas: Krenak, Maxacali, pataxó e Xacriabá. Segundo o autor, em 2008, havia cerca de 250 professores indígenas formados, atendendo a um total de 3.300 alunos de diversas etnias.

Após essa política de escolarização, voltada para o interesse do povo Xacriabá, a educação escolar passa a ser vista como direito de cidadania, tornando-se símbolo de autonomia e liberdade. Assim, a vinda dos discentes Xacriabás para o IF Goiano, para a continuação dos estudos, refere-se, segundo os relatos dos próprios alunos nativos, à busca de maior autonomia em distintas áreas de conhecimento, buscando a igualdade de ensino e de oportunidades profissionais, como também acadêmicas.

Após todo esse conhecimento sobre os discentes Xacriabás, o brilho no olhar se tornou mais intenso, e as indagações se multiplicaram, dessa vez, porém, acrescentadas a

este projeto de pesquisa, intitulado **Experiências de formação dos discentes nativos da etnia Xacriabá no IF Goiano – Campus Urutaí-GO. (2014-2019)**. Pesquisa esta vinculada ao projeto guarda-chuva, intitulado “De histórias de vida e de instituições escolares: investigações biográficas e narrativas em educação”. Com data de aprovação ética do CEP/CONEP em 03/04/2017. Comitê de Ética Responsável: 5083 - UFG - Universidade Federal de Goiás. Tem por pesquisador responsável o professor Dr. Wolney Honório Filho. A indagação que me intrigava agora consistia em saber como era, para aqueles alunos nativos, conviver com uma nova cultura e saberes diferenciados.

Uma pesquisa sobre o povo Xacriabá, especificamente sobre os alunos do Instituto Federal Goiano Campus Urutaí-GO, intitulada “Borboletas Amarelas: A presença dos alunos Xacriabás no IF Goiano – Campus Urutaí- GO”, de autoria de Ranna Iara de Pinho Chaves Almeida, orientada pelo professor Dr.º Diego Soares da Silveira, pelo Programa de Pós- Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Uberlândia, aborda a história desse povo. Ela identifica

“as motivações e a rede de relações mobilizada pelos jovens desta etnia para se adaptar à cultura escolar e ao cotidiano institucional, assim como a percepção e os significados associados à sua presença por parte dos demais atores institucionais não-indígenas” (ALMEIDA, R.I.P.C. 2019, p. 15).

A autora destaca aspectos relevantes à motivação da inserção e permanência destes alunos no IF Goiano, tais como: “a existência de escolas agregadas em longo processo histórico em suas próprias aldeias, a valorização da educação escolar pelos xacriabás e a ação pessoal do diretor ao acolher esses alunos.” (ALMEIDA,2019. p.65).

Em sua pesquisa ela considera o IF Goiano como uma rede sociotécnica, ou seja, “composta por um conjunto de associações entre atores humanos e não humanos” (ALMEIDA,2019. p. 67), que passaram a incluir os jovens xacriabás como mais um coletivo que o compõe.

Os atores elencados pela autora dessa rede de relações entre IF Goiano e discentes xacriabás são: demais alunos não indígenas, os professores, os servidores da instituição, o ambiente rural da instituição, a cidade de Urutaí e seus moradores.

Através da leitura dessa pesquisa, consegui obter uma visão geral dos discentes Xacriabás, entender a necessidade do estudo da cultura em âmbito escolar, sendo essa uma necessidade de toda a sociedade, diante do senso comum de que os discentes não

indígenas designam da cultura dos Xacriabás, fortalecendo muitos momentos e situações de preconceito.

Essa visão, que pude obter através da pesquisa da Ranna, fez-me querer ouvir mais o que os discentes Xacriabás tinham a dizer, o que ainda não se tinha observado sobre o que eles enfrentaram em um novo ambiente, novas pessoas, e, ainda, longe de suas famílias. Aqui entra a peça fundamental desta pesquisa, as narrativas dos discentes Xacriabás, partindo, então, do contexto vivenciado por eles no IF Goiano Campus Urutaí-GO, buscando as narrativas de suas experiências, tendo como base as habilidades e competências adquiridas, as estratégias de aprendizagens e o processo de integração de uma aprendizagem nova, momentos significativos, bem como a construção de sentido nas vivências relatadas nesses três anos de formação no ensino médio técnico.

Assim, esta pesquisa justifica-se por atribuir relevância ao sentido das experiências de formação advindas dos discentes nativos Xacriabás, a partir da escrita das situações vividas. “A linguagem assume assim uma potencialidade de organização de sentido que, posta em prática pelo próprio ou por um investigador, traz à superfície imagens, histórias que foram sendo cruciais ao longo de um percurso pessoal” (GALVÃO, 2005. p.327-345).

Este estudo possui ainda um significado cultural, social e pessoal, atribuído à história de um povo e de uma instituição, que se propôs a receber esses alunos, bem como uma transformação individual do sujeito através dessas experiências.

Bruner (1986) afirma que: organizamos a nossa experiência diária e a nossa experiência de acontecimentos humanos principalmente sob a forma de narrativa. Criamos histórias, desculpas, mitos, razões para fazer ou não fazer. À medida que caminhamos para a vida adulta, pelo menos na cultura ocidental, tornamo-nos cada vez mais adeptos de ver o mesmo conjunto de acontecimentos de acordo com múltiplas perspectivas, interpretando os resultados como se fossem mundos alternativos. Damos diferentes status de realidade a experiências que criamos a partir de diferentes encontros com o mundo. Damos, por exemplo, um valor canônico a atitudes que dizem respeito a certas formas de conhecimento. Algumas delas são o científico, o racional e o lógico. Mas muito da nossa experiência não é desta natureza (GALVÃO, 2005, p. 328)

Assim, as experiências vividas constituem algo particular de cada um, o sentido e os significados atribuídos a essas experiências também são parte de um contexto

individual de crenças e valores a que fomos submetidos, inerentes ao grupo social que pertencemos.

Para esta pesquisa, optamos por utilizar a terminologia “nativos da etnia Xacriabá”, ainda que os termos, povos indígenas, índios, discentes indígenas, são termos padronizados pelas legislações vigentes e utilizados pelos próprios discentes Xacriabás.

O termo ‘indígena’ vem do latim assim como as palavras ‘gênero’, ‘genitais’, ‘geração’ e ‘Genesis’. Em outras palavras, ela está relacionada com o nascimento, a reprodução e a descendência. Isto significa o mesmo que ‘nativo’, mas em muitos lugares esta palavra não é mais usada porque carrega muitas associações coloniais negativas [...] Aplica-se neste contexto aos povos indígenas das Américas. O termo é resultado da crença equivocada de que Colombo havia chegado às Índias, quando na verdade havia chegado às Américas. Apesar do equívoco, e de em alguns contextos a palavra ‘índio’ ter conotações pejorativas, ela continua sendo utilizada inclusive por vários povos indígenas nas Américas, particularmente no Brasil e nos Estados Unidos (SURVIVAL, 2019)

O termo etnia configura a coletividade de indivíduos que se diferenciam por suas especificidades sociocultural, refletida, principalmente, na língua, religião e costumes. O termo “povos indígenas” impõe uma definição que precisa ser problematizada, sendo proveniente da invenção do colonizador, que atravessou os séculos. Assim, a autora visa restaurar o sentido original dos termos “nativos” e “etnias”, construindo a percepção de povos nativos, pertencentes a etnias distintas, caracterizadas por costumes, ritos, linguagens, dialetos etc.

História do Contato

Entre os alunos indígenas, existe um líder, que se comunica mais frequentemente com o chefe da aldeia. Ao tentar contato com esses alunos, já havia me informado que eu deveria, primeiro, entrar em contato com esse líder. E, assim, foi feito. Houve várias tentativas via celular (*WhatsApp*), mas ele persistia em ignorar as minhas tentativas.

Assim, fui ao encontro de outros discentes xacriabás que pudessem me ouvir, e, possivelmente, manifestar vontade em participar desta pesquisa. Após uma pequena reunião com um grupo de 6 alunos, explicitando sobre o meu projeto de pesquisa, 4 alunos

concordaram em participar. Após essa aceitação, o discente chefe me envia uma mensagem, relatando que o chefe da tribo não permitiu a realização da pesquisa. Percebi, naquele momento, diante das explicações e de novas tentativas da participação deles, certo receio de passarem informações sobre a aldeia e sobre trâmites internos de lá.

Porém, recebi o convite para realização desta pesquisa, dentro da aldeia, justificada à indicação do chefe da aldeia por estarem todos reunidos lá. Em uma segunda justificativa, percebi que estavam sobrecarregados de apresentações e pesquisas voltadas a eles, e haveria, entre eles, um combinado de não realizarem mais eventos ou pesquisas, pois isso estava atrapalhando o andamento em sala de aula.

Apesar da primeira intenção de negar a participação na pesquisa, após muitas explicações sobre como esta ocorreria, alguns aceitaram fazer parte. Assim, foi marcada a data para a primeira entrevista, ocorrida no dia 09/ 11/2019, no Instituto Federal Goiano Campus Urutaí-GO, onde somente três participantes compareceram. Nesse dia, nos reunimos em uma sala de aula normal, em círculo, com os três participantes, eu e o professor orientador Dr. Wolney Honório Filho, o qual iniciou e dirigiu a entrevista.

Através desse primeiro contato, os alunos se sentiram mais à vontade e próximos da pesquisadora, despertando a vontade de falar sobre alguns assuntos, o que facilitou os próximos encontros e o interesse de novos participantes. Assim, a pesquisa aconteceu com autorização prévia dos participantes, em especial, com a autorização do cacique Domingos, que foi informado sobre a pesquisa, recebendo todas as informações e orientações necessárias, e, posteriormente, assinou o termo de consentimento livre e esclarecido.

Percurso Metodológico da Pesquisa

Escolhemos, dentre os alunos do ensino médio técnico, os alunos nativos da etnia Xacriabá, por motivação da pesquisadora que acompanhou o processo de chegada e adaptação desses discentes no IF Goiano, alunos esses que levantaram muitas indagações já citadas acima, por se tratar de alunos que se apresentam fora do seu ambiente, diante de diferentes culturas e aprendizados, advindos de uma cultura diferenciada, conforme ressaltado pelo Ministério da Cultura: “Povos culturalmente diferenciados e que se

reconhecem como tal, que possuem identidades étnicas específicas e formas próprias de organização social, econômica e política, bem como cosmovisões específicas e relações particulares com a terra que habitam” (MINISTÉRIO DA CULTURA, 2016. p. 75).

O universo teórico em que esta pesquisa se situa é o da história da educação e pesquisa (autobiográfica), o qual suporta o método biográfico narrativo. À vista disso, para a fundamentação deste trabalho, foram importantes as reflexões de Bolívar (2002), Delory Momberger (2011), (2012), Galvão (2005), Carino (1999). Tais autores postulam o significado das narrativas dos sujeitos ao atribuírem sentido à própria história.

Recorreremos, assim, para esta pesquisa, ao método biográfico-narrativo, através das narrativas dos discentes Xacriabás, tendo como produção de dados as entrevistas realizadas com os discentes Xacriabás, sobre as experiências de formação desses no IF Goiano, nesses três anos de formação no ensino médio técnico, tendo como base as habilidades e competências adquiridas, bem como o processo de integração de aprendizagens novas, momentos significativos, e a construção de sentido das vivências relatadas.

O que nos interessa nesta pesquisa não é, portanto, a aprendizagem escolar, mas sim as experiências adquiridas nesse processo educativo, no qual o discente está inserido. Dessa forma, formulamos a seguinte questão que norteará esta pesquisa: Quais as experiências de formação construídas pelas narrativas dos discentes Xacriabás, no IF Goiano campus Urutaí-GO, de 2014 a 2019?

O objetivo desta pesquisa, portanto, é compreender as experiências de formação narradas pelos discentes Xacriabás, no IF Goiano campus Urutaí-GO, de 2014 a 2019. O objetivo específico primário desta pesquisa é discorrer sobre os conceitos de formação e experiência; em seguida, como objetivo secundário, procuramos conhecer os discentes Xacriabás, para então, no terceiro objetivo específico, analisar, através das narrativas dos discentes Xacriabás, as experiências de suas formações.

O recorte temporal desta pesquisa apresenta-se entre 2014 e 2019, período que abarca um marco importante para o IF Goiano e para os discentes Xacriabás, com a chegada desses na instituição, no ano de 2014, mesmo que haja registros da existência de indígenas no corpo discente do IF Goiano, apenas quando a escola se denominava Escola Agrotécnica Federal de Urutaí- GO, em 1982.

Os índios tiveram acesso à escola agro técnica federal de Urutai por meio do Convênio N. 008/1982, estabelecido entre a COAGRI e a FUNAI, pelo qual esta era beneficiada por um acordo que tinha como objetivo a formação profissional da população indígena brasileira. [...] Nesse mesmo ano, a instituição recebeu a matrícula de um aluno indígena, Isarire Lukukui Karajá, natural da cidade de Formoso do Araguaia, na época pertencente ao Estado de Goiás, atualmente ao Estado do Tocantins. Os livros de matrículas não trazem referência sobre a etnia dos alunos, mas o professor João Batista Izac relatou que a EAFUR era “obrigada a receber entre trinta e quarenta alunos enviados pela FUNAI” (IZAC, 28 de abril de 8 2017). Com isso vieram muitos índios baianos, o que explica a taxa de 4,69% de alunos de procedência baiana. (ISSA, 2018, p. 155-156)

Dentre as fontes utilizadas para esta pesquisa, foi necessária a contextualização bibliográfica do conceito de formação e de experiência, através dos autores Marie Christine Josso (2002, 2007, 2010), Maria da Conceição Paseggi (2011, 2012, 2016), Jorge Larrosa Bondía (2002), Carlos Rodrigues Brandão (2002) (2007), Cecília Galvão (2005), Inês Bragança (2011), Dermeval Saviani (2008). Foram utilizadas, ainda, fontes bibliográficas de autores que desenvolvem temas voltados a esse povo (Xacriabá), tais como, cultura, história, mitos, literatura, educação, entre outros. Dentre os autores, se destacam Gilmara Maria Rodrigues Casagrande (2016), que aborda a história e os mitos da tradição Xacriabá; Cassio Knapp e Anderbio Márcio Silva Martins (2013), abordando a educação escolar indígena; Rita Heloisa de Almeida (2016), abordando a história e a cultura dos Xacriabás, bem como fontes bibliográficas sobre o conhecimento histórico-político do IF Goiano Campus Urutaí-GO, na intenção de inteirar o leitor sobre a escola que eles enfatizam nos seus relatos.

Os discentes Xacriabás do IF Goiano somam ao todo 30 alunos, sendo 11, desses alunos, discentes do 3º ano do ensino médio integrado ao técnico. Desses 11, apenas 6 discentes Xacriabás participaram das entrevistas, escolhidos de acordo com a disponibilidade espontânea do aluno. Conforme Gaskell (2002):

A Pesquisa qualitativa que envolve uma grande quantidade de material foi corretamente identificada como um "incomodo atrativo" (Miles, 1979). Os pesquisadores coletam facilmente muito mais material interessante, do que aquele com que poderiam efetivamente lidar, dentro do tempo de um projeto. Isto leva a queixa comum de que o projeto termina sem que o material tenha sido analisado com alguma profundidade (GASKELL, 2002. p. 58).

Foram escolhidos para esta pesquisa os alunos do ensino médio e técnico, pois estes participaram do meu convívio e das minhas indagações como pedagoga. Os alunos

do 3º ano foram indicados pelos docentes do Instituto Federal Goiano Campus Urutaí-GO, pois, segundo eles, esses apresentariam mais propriedade para falar sobre alguns assuntos que poderão ser abordados nesta pesquisa. Dessa forma, os discentes Xacriabás do 3º ano do ensino médio integrado ao técnico foram convidados para uma conversa aberta sobre o tema da pesquisa, que foi realizada na própria instituição, para, então, decidirem, entre eles, quais os participantes da entrevista.

A primeira entrevista foi a narrativa com todos os participantes em conjunto, que ocorreu no IF Goiano Campus Urutaí-GO, devido à facilidade de encontro nesse local, para os alunos e para a pesquisadora. Essa entrevista se objetivou em conhecer melhor tais alunos, buscar informações importantes, bem como uma melhor interação com eles.

A entrevista narrativa tem em vista uma situação que encoraje e estimule um entrevistado a contar a história sobre algum acontecimento importante de sua vida e do contexto social[...] A entrevista narrativa vai além de qualquer outro método ao evitar uma pré - estruturação da entrevista. É o empreendimento mais notável para superar o tipo de entrevista, baseada em pergunta - resposta. [...] Seria contudo, ingênuo afirmar que a narração não possui estrutura. Uma narrativa está formalmente estruturada; a narração segue um esquema autogerador. (MARTIN; GASKELL, 2002, p. 93-96)

Os questionamentos, nesse momento, se reduziram à rotina da aldeia, educação escolar nas aldeias, os conflitos por terra do seu povo, o impacto, ao chegar no IF Goiano, pretensão profissional de cada um, discriminação e preconceito, significado dos três anos, dificuldades, religião, festas, namoro, ritmo de estudo, compreensão de como chegaram no IF e como sairão em termos pessoais e de formação.

Em um segundo momento, foi realizada a entrevista semiestruturada individualmente, no Instituto Federal Goiano, Campus Urutaí-GO, cujas perguntas buscaram identificar as experiências de formações adquiridas pelos discentes Xacriabás no IF Goiano (Perguntas em anexo). Justificando a individualidade das entrevistas, podemos refletir sobre as palavras de Christine Delory Momberger (2011), “tal atividade de biografização apresenta-se como em uma hermenêutica prática, um marco de estruturação e de significação de experiência que permite ao indivíduo criar uma história e uma forma própria – uma identidade ou individualidade para si mesmo”. (DELORY-MOMBERGER, 2011, p. 342).

As narrativas foram colhidas via entrevistas, realizadas com suporte de gravadores. A análise dessas entrevistas abordou as concepções de experiências e de

formação, ressaltadas por autores já citados anteriormente, na intenção de averiguar a transformação do indivíduo, na busca de sentido daquilo que se viveu, e do sentido que se dá à própria vida após essas experiências.

Estruturação dos capítulos

A partir da questão norteadora e dos objetivos anunciados, estruturamos os capítulos da pesquisa da seguinte forma:

No primeiro capítulo, intitulado “Do conceito de formação e do conceito de experiência”, buscamos abordar autores que explicam sobre esses conceitos na perspectiva desta pesquisa, tendo em vista, segundo Bragança (2011, p. 161), a formação como um processo global do sujeito, na trajetória de sua vida, envolvendo-se na complexidade das particularidades das aprendizagens experienciais.

No segundo capítulo, intitulado “Quem são os narradores?”, buscou-se descrever a história geral dos indígenas no Brasil, bem como educacional, a história dos Xacriabás, em específico, suas lutas e conquistas de território, sua forma de produção, sua cultura, e as narrativas sobre as memórias dos discentes Xacriabás, desde a infância até o ensino fundamental.

No terceiro capítulo, intitulado “As experiências da formação”, busca-se a exposição e análise das experiências relatadas como transformadoras do sujeito, capaz de fazê-lo refletir sobre suas concepções passadas, além de confrontá-las com suas novas perspectivas, advindas de novas experiências, em um processo de ruptura entre o que era e o que se tornou e/ ou poderá vir a ser. Neste capítulo, buscamos ainda estruturar os tópicos para análise da seguinte forma:

O primeiro tópico, intitulado **sentimentos dos discentes nativos Xacriabás** (choque cultural), descreve o diálogo sobre os sentimentos dos discentes Xacriabás, devido ao choque cultural que sofreram ao serem inseridos no IF Goiano, bem como a questão já levantada nos capítulos anteriores sobre desencaixe sociocultural. O segundo tópico, intitulado **crises e enfrentamentos do percurso de formação**, descreve as crises e enfrentamentos consequentes desses três anos de formação. O terceiro e último tópico, intitulado **experiências transformadoras**, aborda as experiências relatadas por eles, que possuíram papel transformador, buscando esclarecer o processo dessa transformação e a compreensão desse processo pelo narrador.

O método da pesquisa biográfico-narrativa em educação

Como já dito anteriormente, o universo teórico em que esta pesquisa se situa é o universo da história da educação e pesquisa (autobiográfica), o qual suporta o método biográfico-narrativo. Segundo Carino (1999), biografar é “descrever a trajetória única de um ser único original e irrepetível, é traçar-lhe a identidade refletida em atos e palavras; é cunhar-lhe a vida pelo testemunho de outrem; é interpretá-lo, reconstruí-lo, quase sempre revivê-lo” (CARINO, 1999, p. 154). Assim, através da significação de suas experiências, o indivíduo cria a sua própria história.

No entanto, segundo Delory Moberger (2012), o objeto da pesquisa biográfica seria o estudo do modo de constituição de vida do ser social e singular. Isso quer dizer que “o espaço da pesquisa biográfica consistiria então em perceber a relação singular que o indivíduo mantém, pela sua atividade biográfica, com o mundo histórico e social e em estudar as formas construídas que ele dá à sua experiência” (DELORY MOMBERGER, 2012, p. 524). Assim, a atividade biográfica, segundo a autora, é uma atividade mental e comportamental do indivíduo, em uma compreensão e estruturação da experiência e da ação, na sua relação com o mundo que o rodeia.

As narrativas não se constituem como único modelo biográfico. Porém, para esta pesquisa, as narrativas serão norteadoras através das entrevistas narrativas, sendo as narrativas “um dos principais meios da escrita da vida e da construção identitária” (DELORY MOMBERGER, 2011, p. 335-346).

Sob o termo de investigação narrativa incluem-se várias perspectivas, desde a análise de biografias e de autobiografias, histórias de vida, narrativas pessoais, entrevistas narrativas, etnobiografias, etnografias e memórias populares, até acontecimentos singulares, integrados num determinado contexto. Narrativa tem, no entanto, sempre associado um caráter social explicativo de algo pessoal ou característico de uma época (GALVÃO, 2005, p. 329)

Galvão (2005) aborda a perspectiva dos autores Conelly e Clandinin (1990) para estabelecer a diferença entre narrativa e história. Com isso, nos esclarece que a história é o fenômeno desenhado pelo narrador, enquanto a narrativa é o método que investiga e descreve o fenômeno.

Pode dizer-se que as pessoas têm histórias e contam histórias das suas vidas, enquanto o investigador que utiliza o método da narrativa as descreve e faz construção e reconstrução das histórias pessoais e sociais, de acordo com um modelo interpretativo dos acontecimentos. (CARTER, 1993 *apud* GALVÃO, 2005, p. 328)

E ainda:

Quando falamos de narrativa, temos de esclarecer o seu significado. De acordo com Stephens (1992), esta constitui-se a partir da imbricação de três componentes: História – abrange as personagens envolvidas em determinados acontecimentos, num espaço e tempo determinados e possibilita uma primeira interpretação do que é contado; Discurso – forma específica como qualquer história é apresentada; Significação – uma interpretação de segundo nível que o ouvinte/leitor/espectador obtém a partir do inter-relacionamento da história e do respectivo discurso. (GALVÃO, 2005, p. 328)

Nesse contexto, apresentado por Galvão (2005), entendemos a narrativa, conforme Bolívar (2002), como a experiência relatada, mediante um processo reflexivo e de significação dessas experiências.

Entendemos como narrativa la cualidad estructurada de la experiencia entendida y vista como un relato; por otro (como enfoque de investigación), las pautas y formas de construir sentido, a partir de acciones temporales personales, por medio de la descripción y análisis de los datos biográficos. Es una particular reconstrucción de la experiencia, por la que, mediante un proceso reflexivo, se da significado a lo sucedido o vivido (Ricoeur, 1995). Trama argumental, secuencia temporal, personajes, situación, son constitutivos de la configuración narrativa (Clandinin y Connelly, 2000). Narrativizar la vida en un autorrelato es –como dicen Bruner o Ricoeur– un medio de inventar el propio yo, de darle una identidad (narrativa). En su expresión superior (autobiografía) es también elaborar el proyecto ético de lo que ha sido y será la vida. (Bolívar, 1999) (BOLIVAR, 2002, p. 5)²

Assim, as narrativas além de um processo reflexivo de ressignificação do vivido, levam em consideração, segundo Josso (2007), as transformações da vida em suas

² Entendemos como narrativa a qualidade estruturada da experiência entendida e vista como história; de outro (como abordagem de pesquisa), as diretrizes e formas de construção de sentido, a partir de ações temporais pessoais, por meio da descrição e análise de dados biográficos. É uma reconstrução particular da experiência, pela qual, por meio de um processo reflexivo, se dá sentido ao que aconteceu ou viveu (RICOEUR, 1995). Enredo, sequência temporal, personagens, situação, são constitutivos da configuração narrativa (CLANDININ e CONNELLY, 2000). Narrativar a vida numa história de si é, –como dizem Bruner ou Ricoeur,– um meio de se inventar, de lhe dar uma identidade (narrativa). Em sua expressão máxima (autobiografia), é também elaborar o projeto ético do que a vida foi e será (BOLÍVAR, 1999). (BOLIVAR, 2002, p. 5). *Tradução livre.*

dimensões psicossomáticas e socioculturais, capazes de impor a criação ou recriação de sentido para si, permitindo “colocar em evidência a pluralidade, a fragilidade e a mobilidade de nossas identidades ao longo da vida. [...] permite estabelecer a medida das mutações sociais e culturais nas vidas singulares e relacioná-las com a evolução dos contextos de vida profissional e social” (JOSSO, 2007, p. 414).

A compreensão do indivíduo acerca de seu processo de formação, segundo Josso (2002, p. 186), estabelece uma coerência entre as relações do passado e mudanças ocasionadas pelo processo. Essas mudanças, conseqüentemente, retratam a autonomia do sujeito como ser pensante, transformador de si, o que consiste na dinâmica da narrativa, segundo Delory Momberger (2011, p. 338), encadeada a uma situação inicial de inocência e inexperiência, além de uma situação terminal de maturidade e de domínio, tal é a resposta metodológica da questão teórica a que se apresenta a pesquisa biográfica “a saber da fabricação do mundo interior do mundo exterior, da metabolização e da apropriação pelo indivíduo dos ambientes de toda sorte que são os seus” (DELORY-MOMBERGER, 2012, p. 531).

Para isso, é necessário comunicar os pressupostos, o enquadramento teórico, as justificações metodológicas, os contextos e até as características pessoais dos participantes num estudo, para que os preconceitos, muitas vezes assentados numa falsa noção de cientificidade, deem lugar à flexibilidade nos métodos e à coerência entre o modo como agimos e nos posicionamos no terreno na investigação em Educação. (GALVÃO, 2005, p. 342)

A narrativa constitui, assim, um método importante, que aborda, segundo Galvão (2005), a necessidade da capacidade de interação com o outro, capacidade psicológica para ouvir, e, ainda, a capacidade de transmitir para o papel as experiências analisadas.

A escola em que os discentes Xacriabás vivenciam seus relatos

O Instituto Federal Goiano Campus Urutaí advém das escolas Agrotécnicas Federais, constituem-se uma rede de escolas agrícolas, com ênfase no ensino técnico. Esse ensino técnico foi criado em meados de 1959, época em que o Brasil, em franco desenvolvimento agrícola e industrial, necessitava ampliar seu contingente de mão de obra técnica especializada. Logo, a Educação Profissional e Tecnológica assumiu valor estratégico para o desenvolvimento nacional, resultante das transformações das últimas

décadas. Na mais recente dessas transformações, nasce o Instituto Federal Goiano (IF Goiano), criado por meio da Lei 11.892, de 29 de dezembro de 2008, juntamente com outros 37 Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia e ensino. (IF Goiano, 2019).

Julgamos oportuno contextualizar o leitor sobre a escola a qual o aluno em investigação exerce seus relatos

apresentamos assim, uma breve linha de tempo, que situa a origem e os percursos institucionais do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano – Câmpus Urutaí –, o qual, em 2013, comemorou 60 anos de existência. Embora reúna diferentes produções acadêmicas com versões sobre seu histórico, o processo de constituição institucional é marcado por distintas fases, a saber: 1 - Escola Agrícola de Urutaí – 1953-1963; 2 - Ginásio Agrícola de Urutaí – 1964-1978; 3 - Escola Agrotécnica Federal de Urutaí – 1979-2002; 4 - Centro Federal de Educação Profissional e Tecnológica – 2002-2008; 5 - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano – Câmpus Urutaí – 2008. (ISSA, 2014. p 14)

Atualmente, o IF Goiano é uma autarquia federal, detentora de autonomia administrativa, patrimonial, financeira, didático-pedagógica e disciplinar, equiparado às universidades federais. Oferece educação superior, básica, profissional e tecnológica, nas diferentes modalidades de ensino (IF GOIANO, 2019).

O IF Goiano se diferencia do IFG, mediante a lei nº 11.892 de 2008, que estabelece o IFG voltado para área urbano-industrial, e o IF Goiano, para área com vocação agropecuária. “O IFG foi criado mediante a transformação do Cefet de Goiás, e o IF Goiano, por sua vez, foi criado mediante a integração dos Cefets de Rio Verde e de Urutaí, e da Escola Agrotécnica Federal de Ceres” (SILVA, 2018, p.43).

Aprofundando o conhecimento para o leitor, sobre o ensino médio integrado ao técnico, cursado pelos narradores desta pesquisa, salientamos a resolução nº 007/2019 de 22 de fevereiro de 2019, do conselho superior do IF Goiano, em que os cursos de educação profissional técnica de nível médio têm por finalidade proporcionar ao estudante conhecimentos, saberes e competências profissionais necessários ao exercício profissional e da cidadania, com base nos fundamentos científico-tecnológicos, socio-históricos e culturais (IF GOIANO, 2019).

Dessa forma, segundo as diretrizes do ensino médio integrado ao técnico do IF Goiano, em seu Art. 9º destaca:

A organização curricular dos cursos técnicos integrados ao ensino médio do IF Goiano, em todas as suas modalidades e formas, deverá ter como foco o perfil profissional do egresso e deverá ser organizada a partir de três núcleos de formação: I - Núcleo Tecnológico (ou Profissional). II - Núcleo Básico. III - Núcleo Articulador (ou Politécnico). Parágrafo único. Os Núcleos não serão constituídos como blocos distintos, mas articulados de forma integrada. Art. 10. O Núcleo Tecnológico (ou Profissional) é caracterizado por: [...] II – constituir-se basicamente a partir das disciplinas e conteúdos específicos da formação técnica, identificadas a partir do perfil do egresso que instrumentalizam: domínios intelectuais das tecnologias pertinentes ao eixo tecnológico do curso; fundamentos instrumentais de cada habilitação; e fundamentos que contemplam as atribuições funcionais previstas nas legislações específicas referentes à formação profissional. Art. 11. O Núcleo Básico é caracterizado por: [...] II - ser constituído essencialmente por conhecimentos e habilidades nas áreas de linguagens e seus códigos, ciências humanas, matemática e ciências da natureza, que têm por objetivo desenvolver o raciocínio lógico, a argumentação, a capacidade reflexiva, a autonomia intelectual, contribuindo na constituição de sujeitos pensantes, capazes de dialogar com os diferentes conceitos. Art. 12. O Núcleo Politécnico (ou Núcleo Articulador) é caracterizado por: [...] II - ser o elo comum entre o Núcleo Tecnológico e o Núcleo Básico, criando espaços contínuos durante o itinerário formativo para garantir os meios (conteúdos, formas e métodos) de realização da formação integral e integrada, politécnica, omnilateral e multidimensional. (IF GOIANO, 2019)

Podemos verificar, no entanto, que a organização curricular do ensino médio integrado ao técnico está fundamentada na preparação básica para o trabalho, de forma integrada (segundo regulamento dos cursos da educação profissional técnica de nível médio do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano), visa à condução dos estudantes à habilitação profissional técnica de nível médio, ao mesmo tempo em que conclui a última etapa da Educação Básica.

Os cursos ofertados em nível médio integrado ao técnico no IF Goiano - Campus Urutai-GO são: agropecuária, biotecnologia e informática, (hoje, contando ainda com alimentos, que, em 2019, na época das entrevistas, não era ofertado). Poderíamos, aqui, ressaltar a diferença dos perfis dos alunos, devido a cada curso, porém, a escolha desses alunos, para esta pesquisa, não foi relacionada a esse perfil do alunado por curso. Acredito que esse perfil não acarreta mudanças nos relatos e análises desta pesquisa, visto que o perfil dos alunos nativos Xacriabás se assemelha entre eles e diferencia do perfil dos demais alunos não índios, independente do curso.

CAPÍTULO I

DO CONCEITO DE FORMAÇÃO E EXPERIÊNCIA

Do conceito de formação

Este capítulo visa trazer algumas discussões sobre os termos formação e experiência, utilizados nesta pesquisa, termos estes que se relacionam e que abrangem questões educacionais e culturais. Iniciaremos com o questionamento sobre o que é educação.

De acordo com o dicionário da língua portuguesa *Aurélio Buarque de Holanda Ferreira* (2001), a educação é um substantivo feminino, que significa ato ou efeito de educar, aplicação dos métodos próprios para assegurar a formação e o desenvolvimento físico, intelectual e moral de um ser humano.

Na Lei de Diretrizes e Bases da Educação, em seu Art. 1º, a educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais, organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.

Em *The Churches Survey Their Task*, um volume publicado em ligação com a Oxford Conference on Church, Cotnmunity and State of 1937, deparamo-nos com o seguinte: Educação é o processo pelo qual a comunidade procura abrir a vida a todos os indivíduos dentro dela e capacitá-los a participar dela. Tenta transmitir-lhes a sua cultura, inclusive os padrões segundo os quais deveriam viver. Onde essa cultura é considerada definitiva, faz-se a tentativa de impô-la às mentes mais jovens. Onde é vista como um estágio no desenvolvimento, as mentes mais jovens são treinadas tanto para recebê-la como para criticá-la e aperfeiçoá-la. (T.S. ELIOTT, 1998, p. 119)

Para o antropólogo, professor e escritor Carlos Rodrigues Brandão, educação está relacionada a algo interligado à vida:

Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação. [...] A educação pode existir livre e, entre todos, pode ser uma das maneiras que as pessoas criam para tornar comum, como saber, como ideia, como crença, aquilo que é comunitário como bem, como trabalho ou como vida. Ela pode existir imposta por um sistema centralizado de poder, que usa o saber e o controle sobre o saber como armas que reforçam a desigualdade entre os homens, na divisão dos bens, do trabalho, dos direitos e dos símbolos (BRANDÃO, 2007, p. 7-10).

Para Brandão (2007), há várias possibilidades educacionais que perpassam pelas crenças, ideias, que, em conjunto, constroem diferentes sociedades. A educação relaciona-se tanto às relações institucionais, centralizadas ou não, quanto com as relações sociais, vivenciadas pelo sujeito no seu dia a dia, em casa, na rua etc.

Ainda, para Brandão (2007), a educação está associada à produção da vida:

a educação atua sobre a vida e o crescimento da sociedade em dois sentidos: 1) no desenvolvimento de suas forças produtivas; 2) no desenvolvimento de seus valores culturais. Por outro lado, o surgimento de tipos de educação e a sua evolução dependem da presença de fatores sociais determinantes - e do desenvolvimento deles, de suas transformações. A maneira como os homens se organizam para produzir os bens com que reproduzem a vida, a forma de ordem social que constroem para conviver, o modo como tipos diferentes de sujeitos ocupam diferentes posições sociais, tudo isso determina o repertório de ideias e o conjunto de normas com que uma sociedade rege a sua vida. Determina também como e para que este ou aquele tipo de educação é pensado, criado e posto a funcionar (BRANDÃO, 2007, p. 75).

Para que a educação seja, então, efetivada, passamos por variados processos, denominados processos educativos, os quais têm por objetivo sistematizar o conjunto das aprendizagens, dos saberes, dos ensinamentos atribuídos ao sujeito, no dia a dia, através dos espaços sociais diversos. Podemos ressaltar, como um desses espaços, a instituição educativa (escola). Contudo, segundo Bragança (2011):

O processo educativo não se restringe a ela, ao contrário, perpassa toda vida humana. [...] O conhecimento é, assim, uma possibilidade de libertação. A educação coloca-se, dessa forma, como prática social, tanto em sua vertente institucionalizada como em sua vertente informal. [...] Assim, podemos afirmar que, potencialmente, todos os espaços e tempos da vida são espaços e tempos de formação, de transformação humana. (BRAGANÇA, 2011, p. 158)

Nesta perspectiva de Bragança (2011), conseguimos diferenciar os conceitos de educação e formação, bem como designar a relação entre eles. E mais, a formação é, segundo Josso (2002), a busca de sentido do que se está vivendo, buscando, conhecendo, em uma constante relação com as pessoas, com a natureza, com o mundo. A educação, segundo ressaltado por Brandão (2007), diz respeito ao modo como o processo de educar se constitui. Podemos afirmar, então, que a formação visa à produção de sentidos pelo sujeito, das aprendizagens adquiridas no processo educativo.

Designando o nosso objeto de investigação pelo próprio conceito de processo de formação, indicávamos mais claramente que nos interessávamos pela compreensão da atividade. Todavia, mantém-se uma ambiguidade, à medida que o conceito utilizado não permite distinguir a ação de formar (do ponto de vista do formador, da pedagogia utilizada e de quem aprende) da ação de formar-se. (JOSSO, 2010, p. 61)

É nesse sentido que educação e formação se relacionam, ou seja, há a formação, e, para que ela ocorra, existem diferentes processos de educar.

Esta pesquisa traz os relatos das histórias de vidas centradas na formação. Não resulta apenas de uma narração de uma história de vida, mas do processo de reflexão do percurso seguido pelo sujeito que o leva a compreender seu processo de formação. Conforme Josso (2007), “efetua-se na perspectiva de evidenciar e questionar as heranças, a continuidade e a ruptura, os projetos de vida, os múltiplos recursos ligados às aquisições de experiência” (JOSSO, 2007, p. 414), estabelecendo, assim, a relação do mundo interno do indivíduo com o mundo social a que ele se relaciona (mundo externo), e a construção das relações singulares e coletivas, dentro do âmbito cultural, em que compartilha valores e constrói sua experiência histórica e coletiva.

Para Gramsci (1978), através da nossa concepção de mundo, pertencemos a um determinado grupo, visto que, desde a entrada do indivíduo no mundo consciente, essa concepção de mundo se impõe pelo ambiente exterior. Gramsci (1978) questiona a possibilidade de o indivíduo elaborar sua própria concepção de mundo, de uma maneira crítica e consciente. Para ele, a criticidade da própria concepção de mundo significa a consciência do que somos realmente, isto é “conhece-te a ti mesmo” (GRAMSCI, 1978, p.12).

Passeggi (2016) nos ajuda a compreender essa visão de Gramsci (1978), ao refletir sobre a dimensão pensante do sujeito, capaz de refletir suas ações no mundo, porém, subordinado a um poder estabelecido pela sociedade e cultura herdada. Segundo

Passeggi (2011) as nossas ações no mundo, guiadas por (pre)conceitos estabelecidos pelas tradições herdadas e reconstituídas, nos levam a indagações, dilemas que se apresentam confortáveis ou não ao nosso contexto, de acordo com a nossa compreensão de mundo. Nessa lógica, cabe a reflexão referente aos discentes Xacriabás, vindos de uma cultura diferente daquela da Instituição que os está formando, ou seja, do IF Goiano – Campus Urutaí. Poderão esses atribuir sentido aos novos valores e às aprendizagens adquiridas?

De acordo com a filosofia de Gramsci (1978, p.43), o homem transforma-se, continuamente, com as transformações das relações sociais, sendo as relações sociais expressas por diversos grupos de homens que se sujeitam uns aos outros, em uma relação de conflito originado pela contradição entre princípios.

Dessa forma, a princípio, imaginamos a dificuldade dos discentes Xacriabás frente ao processo interativo, evidenciado entre a bagagem cultural que eles trazem de suas casas e a educação encontrada no Instituto Federal Goiano – Campus Urutaí. Ou seja, verdades do homem branco (como os Xacriabás costumam chamar os demais colegas não indígenas) passam a ser um elemento estranho e passível de estranhamento. Evidencia-se o embate entre pensar de maneira unitária a realidade presente, a do IF Goiano, “não o pensamento, mas o que realmente se pensa une ou diferencia os homens” (GRAMSCI, 1978, p. 43), ou se deslocar da mesma realidade, como um elemento estranho ao contexto socializante.

Nesse contexto, chamamos atenção para dois conceitos: Socialização e enculturação, conceitos esses explorados por Josso, em seu livro *Caminhar para Si* (2010). Ela utiliza dos autores Berger e Luckmann (1968) para a compreensão da:

sociedade como realidade subjetiva – ao processo de socialização, centrado no indivíduo que aprende a tornar-se membro da sociedade e que cultiva este elo. Os dois elementos determinantes desse processo são a aquisição da linguagem e a identificação”. (JOSSO, 2010, p. 39)

A linguagem reforça, assim, um sentimento de pertença e identidade, que caracteriza a cultura, conforme ressaltado por Josso (2010):

A cultura reúne em si um duplo capital: de um lado um capital técnico e cognitivo – saberes e saber fazer - que pode ser transmitido a qualquer sociedade, e de outro lado, um capital específico, que constitui os traços de sua identidade original e alimenta uma comunidade singular com referências a seus ancestrais, seus mortos, suas tradições.[...] Assim, a variedade individual, potencial, que dá testemunho a pluralidade dos modelos culturais, se acha de alguma forma canalizada pelos tipos ideais que cada cultura transmite as novas gerações como figuras de identificação. (JOSSO, 2010, p. 42)

Para T. S. Eliott (1998, p. 33), o termo “cultura” tem associações diferentes, quando temos em mente o desenvolvimento do indivíduo, de um grupo ou classe, de toda uma sociedade. A cultura do indivíduo depende da cultura do grupo, que depende da cultura da sociedade. Devemos levar em conta, portanto, o relacionamento entre esses três sentidos.

Nessa integração de dependência um do outro, podemos visualizar o compartilhamento de interesses entre as partes, visto que a cultura de um indivíduo não é isolada, mas depende da cultura de um grupo, de uma sociedade. Assim, os valores determinantes da cultura do indivíduo ou grupo podem ser transformados por uma sociedade, podendo o indivíduo se apropriar de novos valores e alguns valores de anteriormente podem desaparecer.

É lícito dizer que o indivíduo está inserido em um processo de enculturação:

processo através do qual o indivíduo adquire a cultura de seu grupo, de sua classe, de seu segmento ou de sua sociedade. O processo é limitado à aquisição dos modelos de comportamentos, inclusive a linguagem, as metalinguagens, os costumes, os valores, as definições de funções e outros fenômenos dessa ordem. (JOSSO, 2010, p. 41)

De modo semelhante a esta ideia de enculturação de Josso (2010), vemos a inserção dos discentes nativos no âmbito do IF Goiano, em que eles se veem na necessidade de aprender as exigências de uma nova cultura, e adquirir valores e comportamentos necessários àquela cultura, para que não se tornem alvo de discriminação.

Criar uma nova cultura não significa apenas fazer individualmente descobertas “originais”; significa também, e sobretudo, difundir criticamente verdades já descobertas, “socializá-las” por assim dizer; transformá-las, portanto, em base de ações vitais, em elemento de coordenação e de ordem intelectual e moral”. (GRAMSCI, 1978, p.13)

Essa relação é, no mínimo, conflituosa, ou seja, o modo de ver o mundo dos discentes nativos, seu comportamento sociocorporal, sua linguagem são produtos de sua herança cultural (LARAIA, 2001). Seria, então, possível pensar em uma consciência histórica na formação desses discentes Xacriabás?

Segundo Gramsci (1978, p. 12) a nossa própria personalidade é composta por elementos dos homens das cavernas e princípios da ciência mais moderna e progressista. Essa consciência histórica está em contradição com outras concepções. Dessa forma,

interrogamos os discentes nativos Xacriabás, não somente sobre sua consciência do passado, de onde vieram, história, cultura, valores, mas, acerca da consciência de serem agentes históricos que fazem parte, ativamente, do processo histórico de uma sociedade.

De acordo com Brandão (1985), essa consciência é a própria compreensão e transformação da natureza.

ser consciente, o homem surge no mundo de cultura. Nele vive e é condicionado por tipos específicos de relação com a natureza (trabalho) e de relação com a comunidade (organização social). É inserido nestes condicionamentos que o homem encontra, inclusive, a possibilidade de criticá-los e transcendê-los. Assim, a consciência é histórica. Ela tem o seu lugar e o seu tempo. E é como histórica que a consciência desdobra para o homem o sentido das suas tarefas concretas, da sua atividade criadora de cultura, o sentido de sua existência como ser histórico. (AÇÃO POPULAR, 1963/1979:132, *Apud* BRANDÃO 1985, p. 23)

No entanto, segundo Brandão (1985, p. 26), a cultura como anúncio da liberdade do homem sobre o mundo, pode constituir o domínio de um homem sobre o outro, “quando a cultura é produto do trabalho feito por homens envolvidos em relações desiguais”. Assim, “dada uma sociedade dividida em classes e dada dominação de uma das classes sobre as demais, estão todas as condições objetivas e suficientes para o florescimento da cultura alienada” (ESTEVAM, 1963: 12 *apud* BRANDÃO, 1985. p. 27). Isso pode ser visto desde o início da propagação da educação no Brasil, quando a ação católica foi marcada por uma relação entre catequese e educação, no intuito de aculturar as populações indígenas.

povos e indivíduos indígenas agiam e reagiam diferentemente às múltiplas formas de aplicação da política para eles traçada. Lutavam e continuavam reivindicando direitos na justiça na condição de índios, enquanto discursos políticos e intelectuais previam e, em muitos casos, já os consideravam desaparecidos, como resultado dos processos de civilização e mestiçagem. Esses discursos justificavam, conforme a política indigenista vigente, a extinção de antigas aldeias coloniais e de suas terras coletivas e, ao mesmo tempo, serviam à construção do nacionalismo, cuja proposta era criar a nação em moldes europeus, onde não havia lugar para pluralidades étnicas e culturais. [...] Apesar das divergências, predominava a proposta de incorporar os índios ao Império como cidadãos civilizados para servir ao novo Estado na condição de trabalhadores eficientes. (ALMEIDA, 2012. p. 22)

O que se deve observar em todo esse contexto está no objetivo da dominação cultural de um povo, em que os índios foram obrigados a abandonar seu modo de vida e viver de acordo com a sociedade colonial, que os tornou minoria. Apropriaram de suas terras e ignoraram seus conhecimentos, culturas, tradições e língua. Não somente índios, mas também os negros fizeram parte desse projeto de colonização, para que o homem

branco fosse privilegiado.

Havia, portanto, duas educações em curso. Uma era a da escola, destinada aos filhos das “gentes de bem”. Outra era a da oficina, misturada com a da vida, destinada aos ossos do ofício aos filhos “da pobreza” (BRANDÃO, 1985. p. 86). Assim, a história do Brasil é marcada por essa exploração violenta e por desrespeitosas diferenças culturais, no intuito de engrandecer as classes privilegiadas.

No processo de globalização, com a intensificação das relações sociais em escala mundial, Giddens (1991, p. 29) utiliza o termo *desencaixe*, definindo-o como o “deslocamento dessas relações sociais de contextos locais de interação e sua reestruturação através de extensões indefinidas de tempo – espaço”. Visualizamos esse *desencaixe* na vida dos índios, quando a luta pela identidade e pelo território se ampliou. Segundo Milton Santos (2000, *apud* Knapp, 2015) as lutas dos povos indígenas questionam o lado perverso da globalização.

O povo indígena se encontra na necessidade de *reencaixe*, entrelaçando, assim, suas relações com os homens brancos, o que pode ser observado também na relação entre os discentes nativos Xacriabás e os demais discentes não índios. Isso pode desenvolver consequências que acarretam, segundo Laraia (2001), a possibilidade de um momento oposto ao etnocentrismo, ou seja, a própria apatia a suas crenças e valores, devido ao contato constante com novos costumes e práticas sociais.

Segundo Giddens (1991, p.73), “em condições de modernidade, uma quantidade cada vez maior de pessoas vive em circunstâncias nas quais instituições *desencaixadas*, ligando práticas locais a relações sociais globalizadas, organizam os aspectos principais da vida cotidiana”. Isso acarreta um impiedoso processo de exclusão econômica, cultural, política e étnica, de uma sociedade sem acesso ao desenvolvimento global.

Porém, o progresso acarretado da modernidade não é, conforme Giddens (19991, p. 155), “primordialmente uma expressão de fragmentação cultural ou da dissolução do sujeito num “mundo de signos” sem centro. Trata-se de um processo simultâneo de transformação da subjetividade e da organização social global, contra um pano de fundo perturbador de riscos de alta-consequência³.

No entanto, esta pesquisa visa indagar sobre a formação do sujeito em um âmbito social, provenientes de suas experiências singulares, experiências essas que acarretam a possibilidade de ressignificação do vivido, bem como “uma dialética indissociável entre

³ Discussão aprofundada no capítulo III.

o “eu” e o “nós” na constituição da formação” (BRAGANÇA, 2011, p. 161). Assim, ainda que os discentes Xacriabás tragam na bagagem uma cultura diferente da encontrada no IF-Goiano de Urutaí, suas experiências de formação, aqui pesquisadas, podem nos indicar possibilidades de encaixe e desencaixe socioculturais.

Josso nos diz que a formação do indivíduo:

está sob o ângulo da ação exercida pelo grupo social em termos de comunicação (Transmissão) e em termos de treinamento (exortação) [...] distinguindo a socialização primária de uma socialização secundária que permite incorporar um indivíduo já socializado em novos setores do mundo objetivo da sociedade. (JOSSO, 2010, p. 39).

Assim, podemos visualizar nas relações dos discentes xacriabás, fatores sociais e culturais que se tornam mais intensos com a diversidade sociocultural encontrada na escola.

No próximo tópico deste capítulo, trataremos sobre a relação da formação com a experiência.

Do conceito de experiência

Para Durkheim (2007), somos seres individuais e sociais, capazes de nos ligar a todos os estados mentais que aparecem nos acontecimentos de nossa vida pessoal, bem como a um sistema de ideias, de hábitos, de crenças, que exprimem em nós, na nossa personalidade, os pensamentos, as opiniões de grupos de que fazemos parte. Segundo o autor, a educação tem o papel de formar, em cada ser individual, o ser social. O autor compara o homem e o animal, por exemplo, um pássaro que passa por um treino progressivo para aprender a voar, como uma necessidade vital e instintiva. Assim, o homem, por um tempo (na origem), se organizava socialmente, através de tradições, para satisfazer as necessidades vitais, a sensação, a experiência e o instinto, sendo o pensamento e a liberdade de pensar inúteis e perigosos, pois ameaçavam a tradição.

Saviani nos diz que:

Com efeito, sabe-se que, diferentemente dos outros animais, que se adaptam à realidade natural tendo a sua existência garantida naturalmente, o homem necessita produzir continuamente sua própria existência. Para tanto, em lugar de se adaptar a natureza, ele tem que adaptar a natureza a si, isto é, transformá-la. (SAVIANI, 2008, p. 11)

A transformação dessa natureza requer o conhecimento, seja ele, elaborado, espontâneo, popular, cultural, entre outros.

Em grego temos três palavras referentes ao fenômeno do conhecimento: doxa, Sofia e Episteme. Doxa significa opinião, isto é, o saber próprio do senso comum, o conhecimento espontâneo ligado diretamente a experiência cotidiana, um claro – escuro, misto de verdade e de erro. Sofia é a sabedoria fundada numa longa experiência da vida. É nesse sentido que se diz que os velhos são sábios e que os jovens devem ouvir seus conselhos. Finalmente, episteme significa ciência, isto é, o conhecimento metódico e sistematizado. Conseqüentemente, se do ponto de vista da sofia um velho é sempre mais sábio do que um jovem, do ponto de vista da episteme um jovem pode ser mais sábio do que um velho. (SAVIANI, 2008, p. 15)

Cabe nesse momento explicar a relação de um conhecimento com o outro, todos os tipos de conhecimento são conhecimentos os quais o ser humano se relaciona em um dado momento da vida. Podemos visualizar o senso comum como o conhecimento das crenças e os hábitos de um determinado povo e / ou sociedade, sendo o conhecimento científico a verificação dos fenômenos para a comprovação da verdade.

Seja qual for o conhecimento adquirido pelo indivíduo, doxa, sofia ou episteme, ou, até mesmo, todos eles, já que, muitas vezes, um depende do outro, esses podem resultar na experiência adquirida pelo sujeito. Esta experiência acumulada é capaz de produzir um tipo de saber, que traz a possibilidade de ressignificação do vivido. Produz também formação, considerada como movimento da transformação pessoal, ou seja, “enquanto os processos educativos constituem práticas sociais, a formação é interior e liga-se a experiência do sujeito que se permite transformar pelo conhecimento” (BRAGANÇA, 2011, p. 161).

Ainda, para Bragança,

enquanto a formação coloca-se como um processo global, constituído ao longo da trajetória de vida, envolvendo uma complexidade de dimensões, as aprendizagens experienciais situam-se na particularidade dessas dimensões; são, pois, as transformações que dão capilaridade à vida e que, articuladas, produzem formação [...] A aprendizagem experiencial, proposta pela abordagem (auto)biográfica, implica três dimensões existenciais: o conhecimento sobre si, o conhecimento sobre seu fazer, sua prática, e a reflexão crítica sobre suas próprias concepções, traduzindo-se em uma atitude filosófica frente à vida. (BRAGANÇA, 2011, p.161)

Nesse contexto de ressignificação, que a experiência oportuniza a cada nova versão da história, nos estimulamos, segundo Passeggi (2011), “a buscar as relações entre viver e narrar, ação e reflexão, narrativa, linguagem, reflexividade autobiográfica

(entendida segundo a autora como um retorno sobre si mesmo) e consciência histórica”. (PASSEGGI, 2011, p. 148).

A experiência, em nosso entendimento, constitui-se nessa relação entre o que nos acontece e a significação que atribuímos ao que nos afetou. Isso se faz mediante o ato de dizer, de narrar, (re)interpretar. As “vidas”, nos diz Bruner (1995, p. 142), são textos sujeitos a “revisão, exegese, reinterpretação e assim por diante”. Ao reinterpretar a vida, não se nega um “texto” anterior, mas sua interpretação. Se os acontecimentos são fugitivos, e arredias suas interpretações, por que há experiências que nos enclausuram e outras que nos empurram para novas aventuras? (PASSEGGI, 2011, p. 149)

A palavra experiência significa, em termos da filosofia, qualquer conhecimento obtido por meio dos sentidos. A experiência:

é algo que nos acontece, que nos alcança, se apodera de nós, que nos tomba e nos transforma. [...] A palavra experiência vem do latim *experiri*, provar, (experimentar). A experiência é em primeiro lugar um encontro ou uma relação com algo que se experimenta, que se prova. O radical é *periri*, que se encontra também em *periculum*, perigo. (BONDÍA, 2002, p. 25)

O sujeito da experiência se define, segundo o autor, por sua receptividade, sua disponibilidade, sua abertura, sua maneira de se expor a toda a vulnerabilidade e risco que se tem. O sujeito que não se expõe à experiência pode passar por muitas coisas, porém, nada acontece com ele.

Fazer uma experiência quer dizer, portanto, deixar-nos abordar em nós próprios pelo que nos interpela, entrando e submetendo-nos a isso. Podemos ser assim transformados por tais experiências, de um dia para o outro ou no transcurso do tempo (HEIDEGGER, 1987, p. 143 apud Bondiá 2002, p25) [...] pode ler-se outro componente fundamental da experiência: sua capacidade de formação ou de transformação. É experiência aquilo que “nos passa”, ou que nos toca, ou que nos acontece, e ao nos passar nos forma e nos transforma. Somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto à sua própria transformação. (BONDÍA, 2002, p. 25)

Segundo Benjamim (1993, *apud* BRAGANÇA, 2011), a vivência é pontual e efêmera, já a experiência é transformadora em seus múltiplos sentidos. Vale ressaltar que a vinda dos discentes nativos para o IF Goiano apresenta um significado maior, pois, de acordo com as narrativas deles, visam a um futuro com maiores oportunidades, e a um retorno à aldeia, podendo levar ao seu povo melhores condições de vida. Acreditam, então, valer a pena essa vivência cotidiana de mudanças de habitat, de rotina, bem como, todas as experiências e as transformações acarretadas por ela. O que esta pesquisa busca

conhecer são as experiências vividas por eles no âmbito do IF Goiano, em três anos de formação.

Nesse sentido, o saber da experiência é o sentido que ofertamos ao que nos acontece, nos colocando como seres singulares, particulares, subjetivos, pois, segundo Bondía (2002), os acontecimentos podem se repetir com muitas pessoas, mas a experiência é única a cada ser.

O saber da experiência é um saber que não pode separar-se do indivíduo concreto em quem encarna. Não está, como o conhecimento científico, fora de nós, mas somente tem sentido no modo como configura uma personalidade, um caráter, uma sensibilidade ou, em definitivo, uma forma humana singular de estar no mundo, que é por sua vez uma ética (um modo de conduzir-se) e uma estética (um estilo). (BONDÍA, 2002, p. 27).

Tendo em vista as discussões apontadas, dando conta de que o indivíduo não só é constituído por um processo educativo formal, mas também de interação com a cultura, com os saberes, e por um processo de ressignificação do conhecimento, o que o leva à transformação pessoal, ressaltamos que “a formação ‘depende’ da forma como o sujeito vive e transforma suas vivências em experiências” (BRAGANÇA, 2011, p.163, *grifos da autora*). As experiências no IF Goiano, relatadas pelos discentes Xacriabás, podem ajudar na compreensão dessa transformação e do processo pelo qual essa transformação foi subordinada, trazendo, assim, para o próprio discente, a compreensão de si e do seu processo formador, bem como de suas concepções e modo de vida, e, ainda, o entendimento das novas experiências em um novo contexto social, cultural, político, etc.

Fazer com que os narradores reconheçam suas próprias vivências, suas dificuldades, suas interrogações, seus sofrimentos, possibilita a abertura de novas experiências, acatando, segundo Passeggi (2011), a ideia da experiência em formação, tanto em sua prática formadora quanto na prática de reelaboração permanente, sendo esta, segundo a autora, em nenhum momento, entendida como uma transformação sem crise, pois as escritas autobiográficas trazem, justamente, essa descontinuidade, rupturas e imprevisibilidade.

Dessa forma, “a ressignificação da experiência, que se faz no retorno sobre si mesmo, implica o distanciamento de nós mesmos e a possibilidade de nos vermos como os outros nos veem, o que também implica contradições, crises, rejeição, desejos de reconhecimento, dilemas” (PASSEGGI, 2011. p. 154).

Nos relatos dos discentes Xacriabás, podemos perceber variados momentos de ruptura e dilemas sobre suas experiências acumuladas, até o momento da ressignificação e da descoberta de pertencimento àquele meio, até, então, denominado estranho, quando, em um relato, ele percebe quão capaz ele era de estar ali.

Considerações do capítulo

Este capítulo propôs articular referências do conceito de formação e experiência. Para isso, tratou do conceito de educação, que abrange os processos formativos, que se desenvolvem na vida do indivíduo, assegurando a formação e o desenvolvimento físico, intelectual e moral do ser humano. As discussões ressaltam que a formação está atrelada a diversos aspectos sociais, culturais, econômicos, intelectuais, governamentais, e que a vivência de tudo isso se ajusta à experiência do indivíduo. Para que a educação seja então efetivada, existem variados processos educativos, aqui, abordados como organizadores das aprendizagens, dos saberes, dos ensinamentos do dia a dia, o que não se restringe apenas à educação escolar, mas a toda a vida humana.

Focamos no processo de formação como um todo, no caminho percorrido para a formação do indivíduo, bem como nas relações designadas a essa formação, sejam elas políticas, culturais, sociais, etc., estabelecendo, assim, uma relação do mundo interno com o mundo social a que o indivíduo se relaciona (mundo externo).

Aspectos referentes à cultura foram ressaltados neste capítulo, ao designar o homem capaz de transformação, através das relações sociais que ele estabelece com o mundo, com a natureza e outros homens, podendo atribuir sentido a outras culturas diferentes da cultura de sua origem, conduzindo-o a outras formas de pensamento, em um processo de socialização e enculturação, em que o indivíduo aprende a tornar-se membro daquela sociedade. Este capítulo considera, conforme Laraia (2001), a cultura como tudo aquilo que o indivíduo necessita conhecer ou acreditar, para operar, de maneira aceitável, dentro da sociedade em que está inserido.

É importante, então, para o homem, sua consciência histórica, ou seja, a própria compreensão das transformações de sua natureza (trabalho) e das relações com a comunidade (Organização Social), na possibilidade de, então, criticá-los ou transcendê-los, atribuindo sentido a sua existência, como ser histórico, criador de cultura. Porém, a cultura, como produto do trabalho feito por homens envolvidos em relações desiguais, pode ocasionar o que chamamos, neste capítulo, de cultura alienada, o que foi e é visto

na história de lutas por território e identidade dos indígenas no Brasil, ressaltadas neste capítulo, que buscou ainda relacionar a globalização à luta dos povos indígenas contra o homem branco, contra a modernidade, ocasionando, assim, o desencaixe, conforme ressaltado por Giddens (1991).

Quanto ao conceito de experiência, este capítulo toma a experiência como algo que nos acontece, e a significação que atribuímos ao que nos afetou, ocasionando nossa transformação. Formação e experiência se relacionam, sendo o primeiro um processo global, constituído ao longo da trajetória de vida, e o segundo se situa nas particularidades desse processo, o que implica em três dimensões existenciais, propostas pelas abordagens autobiográficas, destacadas, neste capítulo, por Bragança (2011), ao ter em vista “o conhecimento sobre si, o conhecimento sobre seu fazer e a reflexão crítica sobre suas próprias concepções” (BRAGANÇA, 2011, p. 161).

Intuímos que o sujeito referido nesta pesquisa é capaz de refletir sobre suas experiências, e, assim, obter novos conhecimentos, podendo vir a ser um sujeito pensante, crítico e reflexivo, diante dos conhecimentos adquiridos em sua vida, em variados momentos de resignificação. Resignificações estas que só terminam quando não há mais a possibilidade de acontecer, em um dado final da vida.

CAPÍTULO II

QUEM SÃO OS NARRADORES?

Este capítulo tem por objetivo apresentar os sujeitos da pesquisa e suas trajetórias de vida através de suas próprias narrativas. Conforme Galvão (2005), “as histórias orais dão passado histórico às pessoas nas suas próprias palavras. E ao dar-lhes um passado, também as ajuda criar um futuro” (GALVÃO, 2005. p. 330). As narrativas ajudam a construir a realidade vivida. As narrativas dos discentes Xacriabás sobre sua formação, ao longo da vida e nesses três anos de ensino médio e técnico, além de aprofundarmos sobre o conhecimento de suas histórias passadas, costumes, crenças, conhecimentos e saberes, adquiridos ao longo da trajetória de vida, poderá também auxiliar nas análises posteriores, e, em sua própria significação de experiência, que os permite criar uma identidade ou individualidade para si mesmo, conforme objetivado pela atividade biográfica, ressaltada por Delory Momberger (2011).

Ao narrar a sua história de vida, bem como sua formação e experiências dessa formação, o discente realiza uma atividade de interpretação, ou seja, a busca de sentido daquilo que está vivendo. A expectativa, segundo Passeggi (2012), é que, nesse processo de biografização, o narrador possa compreender as marcas da sua historicidade e tomar consciência de que pode analisar e examinar o passado, podendo este compreender o modo como pensa, e sua capacidade de transformação.

Compreender essa historicidade se faz primordial no entendimento da compreensão de sua identidade.

em suma, pode-se afirmar que o território é uma das bases principais na fundamentação da concepção de identidade. Pois a partir do momento que o sujeito está inserido em determinado grupo e cultura, socializando com seus pares, ele vivencia diferentes trocas, tanto de cunho emocional quanto intelectual, motor, etc. Tais vivências acabam por moldá-lo enquanto ser social e, conseqüentemente seu processo identitário, visto que, é a partir dessas interações que os sujeitos são identificados e reconhecidos na sociedade. (OLIVEIRA, ANDRESSA; SILVA, CARLA. 2017, p. 413 apud ANDRÉ, 2008)

Nessa perspectiva, a luta do povo indígena se mantém na preservação de sua identidade. Essa realidade pode ser identificada na comunidade indígena Xacriabá, através de suas singularidades, como, por exemplo, o processo de regularização de suas terras, e os conflitos pela posse de terras (que serão explanados no próximo tópico deste

capítulo), bem como a luta pela educação escolar. Esses conflitos propiciam o fortalecimento da identidade, através de um ideal comum de interesses pelas conquistas de seu povo.

Sendo o território uma das bases da fundamentação da compreensão de identidade, conforme ressaltado acima, verifica-se a necessidade, para esta pesquisa, das discussões referentes ao território, não apenas no campo físico, mas na compreensão das relações dos indivíduos que compõem a historicidade da sociedade indígena, com o território estabelecido, relações essas dadas em conflitos, bem como, em relações de poder, cultura, economia, etc.

Em uma síntese apresentada por Haesbaert (2004), ele aponta que existem três principais leituras sobre território na Geografia. Entre elas, a leitura política de território, que se refere a relação espaço - poder e que é uma das concepções mais aceitas na ciência em questão, poder que não necessariamente é exercido pelo estado. Há também a leitura econômica de território, em que o mesmo é entendido como um recurso econômico. E ainda, a perspectiva cultural ou simbólica - cultural, na qual o território é visto como produto da apropriação simbólica, que determinado grupo faz de um espaço. (OLIVEIRA, ANDRESSA; SILVA, CARLA. 2017, p. 413 *apud* HAESBAERT, 2004)

Aproximando a essa síntese, iniciaremos, adiante, uma abordagem geral da história dos indígenas no Brasil, para, em seguida, apresentarmos a historicidade dos discentes Xacriabás, em uma perspectiva política, econômica e cultural. Salientamos a importância, para esta pesquisa, da compreensão dessa historicidade, na busca do entendimento de atitudes e comportamentos referentes a singularidades de cada discente, bem como, na compreensão de uma dada realidade diferenciada.

História indígena no Brasil

No momento da chegada dos europeus no Brasil, os índios se estabeleciam com uma gama de diferentes grupos étnicos, viviam de suas terras, da produção agrícola e de atividades como caça e pesca. “Havia cerca de 5 milhões de índios aqui, divididos em mais de 1500 povos e mais de 1000 línguas distintas” (ROCHA, CLEOMAR, 2016. p. 4).

Diante da fusão de culturas de dois povos, os indígenas e os europeus, os povos indígenas sofreram um processo de aculturação, foram obrigados a aprender outra língua e se adaptar a outra cultura, distanciando-se de seus ensinamentos e suas crenças. Os

europeus se apropriaram das terras indígenas, e os índios se tornaram minorias, em um processo de desigualdade que se manifestou como forma extrema de escravidão.

Em decorrência da violência extrema que foi realizado o processo civilizador, houve uma drástica redução desses povos. De acordo com o último censo do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) realizado em 2010, temos na atualidade, 817 mil pessoas que se declaram ou se consideram indígenas, esses povos estão organizados em 270 etnias, com 180 línguas e cerca de 81 dessas línguas correm o risco de desaparecer. (ROCHA, CLEOMAR, 2016, p. 4)

Os povos indígenas possuíam não somente outra língua, outra cultura, mas também uma outra relação com a terra, a qual, para eles, era sagrada, o que resultou em várias lutas e resistências ao modelo patriarcado, colonialista e capitalista, imposto pelos europeus.

Devido a tantas guerras entre colonos e povos indígenas, foi criado pelo decreto Nº.8.072, de 20 de julho de 1910, o Serviço de Proteção aos Índios (SPI), que tinha por finalidade proteger os povos indígenas, suas terras e as suas culturas, porém, o SPI tinha, também, o objetivo de integrar os povos indígenas em colônias, para que se tornassem trabalhadores rurais e proletariados. Consequentemente, havia uma imposição para que houvesse uma alteração de seus modos de vida. O SPI foi criado para proteger os indígenas contra fome, doenças, chacinas e marginalidade, porém, além de não garantir efetivamente tal proteção, não criava nenhuma estratégia para que fosse evitada a aculturação. Pelo contrário, de forma bem explícita, os índios eram levados a abandonarem seus modos de vida, virando lavradores, para mais tarde, um *não-índios*. [...]O índio foi considerado como “relativamente incapaz”, e ficou sob a “tutela” do SPI. Essa tutela teve como principal objetivo a invasão do território indígena e a abertura de novas fronteiras de expansão. Ao mesmo tempo em que o Estado considerava os índios como “relativos incapazes”, também tinha o interesse de emancipá-los, já que desse modo os integrariam definitivamente à sociedade e, consequentemente, extinguiriam o grupo étnico existente, de modo a poder, assim, apropriar-se das terras indígenas. O SPI extingue-se melancolicamente em 1966, em meio a acusações de corrupção e foi substituído em 1967 pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI). (CASAGRANDE, 2016, p. 19-20 *apud* CUNHA, 2012, p. 21).

Apesar da FUNAI ter a missão institucional de proteção e promoção dos direitos dos povos indígenas no Brasil (FUNAI, 2020), os povos indígenas foram e continuam sendo vítimas reais de um sistema colonizador, violento e produtor de desigualdades.

O principal marco da história indígena está na constituição federal de 1988, que garante a proteção e o reconhecimento de sua cultura, seu modo de vida, de produção, assegurando o respeito à organização social, aos costumes, às línguas, crenças e tradições.

A constituição Federal de 1988 é um marco também na história política da educação, vista como a possibilidade de ampliação expressiva dos direitos indígenas e o reconhecimento da pluralidade cultural do País, destacados em seus artigos 210 e 215, estabelecendo a criação da defesa de uma escola diferenciada, intercultural e bilíngue. Assim, Segundo Knapp (2015, p. 88), “os grupos indígenas precisaram primeiramente serem reconhecidos como parte da sociedade brasileira; para só após isso, terem garantidos os seus direitos”. Contudo, pode-se observar a divergência entre a prática e o idealizado pela legislação e pelas políticas públicas, o que pode revelar, nas experiências educacionais, a existência de mundos significativamente diferentes.

Cabe, neste momento, a reflexão de que continuamos a alimentar uma nova forma de colonização dos grupos indígenas, já que, segundo Knapp (2015), a instituição escola foi e é usada como uma ferramenta assimilacionista e integracionista, ou seja, se preconiza a assimilação da cultura periférica pela cultura dominante, o que podemos perceber na inserção dos alunos indígenas no IF Goiano, já que eles não possuem, no currículo, um plano formativo referente às demandas da legislação e de suas necessidades educacionais, como o acesso a conteúdos referentes a conhecimentos de sua etnia.

Xacriabás: lutas e conquista do Território

Segundo o Censo demográfico de 2010, Minas Gerais alcança a marca de 31.112 indígenas, e o município com maior número de indígenas é São João das Missões. Nessa região, habita o povo Xacriabá, que vivem uma fase de grande crescimento populacional. Em 2000, havia uma população de 4.211 índios. Já em 2010, essa população cresceu, alcançando, então, um total de 7.928 indígenas. Esses dados demonstram que houve uma taxa de crescimento anual de 6,0%. O município de São João das Missões apresenta uma população de 11.715 habitantes. Sendo que 7.936 são declarados indígenas, ou seja, 67,74% da população. (CASAGRANDE, 2016, p. 25)

Quanto a conquista do território, na região do norte de Minas Gerais, Casagrande (2016) destaca a doação dessas terras, por parte de Matias Cardoso de Almeida, no século XVII. Matias Cardoso de Almeida teria descoberto a existência desse povo naquela região, e os fez escravos por um tempo. Outros povos indígenas denominados Kayapó viviam na região e lutavam contra a escravidão. Assim, “os Xacriabá passaram de escravos a aliados dos bandeirantes quando lutaram contra o ataque de outro povo indígena [...] Em reconhecimento aos serviços prestados, os Xacriabá ganharam terra na

região do Norte de Minas Gerais, chamada São João das Missões” (CASAGRANDE, 2016, p. 26).

Um marco na vida dos índios Xacriabás, pois nunca haviam conquistado um território, mas essa conquista veio com algumas restrições, apresentadas em um documento de doação.

[...] dei terra com sobre para não andarem para as fazenda alheia do Riacho do Itacaramby asima até as cabiceiras e vertentes e descanco extremado na Cerra Geral para a parte do peruaçu extremado na Boa Vista onde desagua para lá e para cá e por isso deilhe Terra com Ordi de nossa Magestade ja assim não podem andarem pelas fazendas alheias incomodando os fazendeiros - missoes para morada o brejo para trabalharem Fora os gerais para suas cassadas e meladas. (Certidão Verbum-Adverbium – Uma doação) (ÍNDIOS XACRIABÁS, 1997, p. 34. *apud* CASAGRANDE, 2016, p. 27)

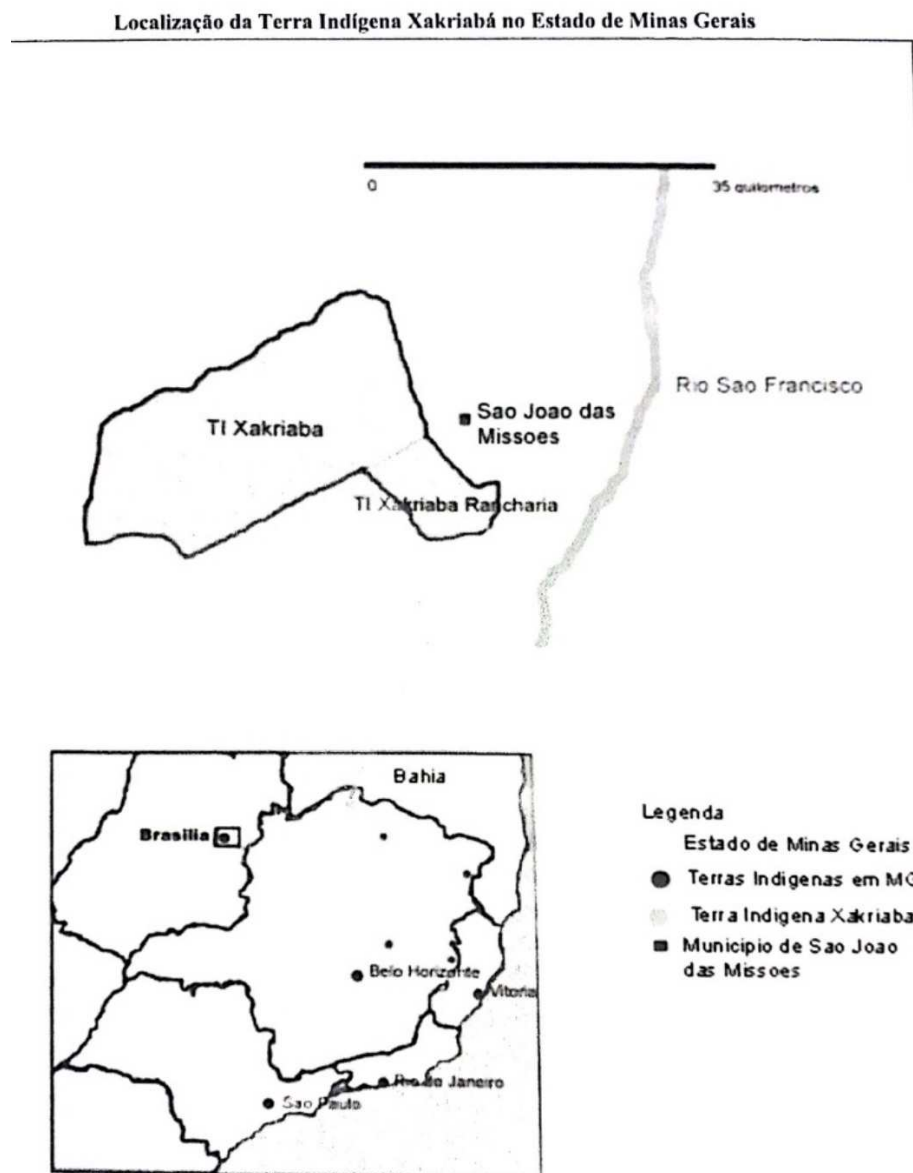
Segundo Casagrande, outra versão é contada pelos índios sobre a apropriação das terras, em que aparecem como personagens da história, Dom Pedro II e a princesa Isabel, versão esta não documentada.

Aquelas terras eram de interesse dos chamados grileiros, que convenceram alguns índios a vender metade de suas terras. Os Xacriabás ainda perderam terras para posseiros vindos do Nordeste, que se instalavam na região após o casamento com indígenas, o que explica o início do processo de miscigenação.

Os Xacriabá passaram por muitos conflitos ao longo de sua história para defender o seu espaço. Na década de 1970, já estavam no processo de lutas pelos seus direitos. Tiveram apoio de alguns órgãos, como o CIMI (Conselho Indigenista Missionário) e FUNAI, quando foram a Brasília pedir proteção física. Entretanto, a FUNAI demarcou, efetivamente, as terras indígenas apenas na década de 1980, após o acontecimento do massacre indígena Xacriabá, em 12 de fevereiro de 1987, momento em que mais de 10 homens invadiram, na madrugada, a aldeia Sapé, local onde residia o líder Xacriabá. Mataram o Cacique Rosalino Gomes de Oliveira e mais dois índios, além de ter ferido, gravemente, a esposa do cacique. O motivo do massacre foi porque a terra indígena era bastante visada na região por fazendeiros, políticos, “grileiros”, posseiros, dentre outros. Essa violência foi um fato marcante na vida dos Xacriabá e foi repercutida nacional e internacionalmente, uma vez que foi considerado como um genocídio. Rosalino é apontado como um símbolo de luta e resistência entre seu povo. (CASAGRANDE, 2016. p. 29)

Nesse percurso de lutas, para estabelecer direitos territoriais, os índios Xacriabás sofreram perdas de parte de suas terras, muitas invasões foram sendo realizadas, como, por exemplo, a invasão pelo fazendeiro que construiu um curral de varas em um sítio considerado sagrado. Os índios se defenderam dessa invasão ateando fogo no curral.

Figura II: Localização da terra indígena Xacriabá no Estado de Minas Gerais



CC BY-NC-SA

Fonte: Repositório UNB

A produção nas terras Xacriabás

Os índios possuem uma relação particular com a terra que habitam, sua produtividade é apenas para consumo familiar, sem danos ambientais. Segundo Almeida (2006) a preocupação maior dos índios, com a situação ambiental de suas terras, é a falta de água potável e a extinção de depósitos de água (riachos, brejos), impedindo, assim, a criação de animais domésticos, e a produção para o próprio consumo.

Os índios têm consciência clara da gravidade do problema e não são os responsáveis pela situação. [...] A partir de 1960, com a chegada dos não índios, a exploração comercial da madeira, a produção do carvão, a implantação da pecuária extensiva e da agricultura comercial foram os principais responsáveis pela destruição das matas nas margens dos rios, destruição das nascentes e decorrente desaparecimento de rios, lagoas e demais depósitos de água. [...] Tudo isso tem acarretado redução de áreas de cultivo, maiores dificuldades de aquisição de alimentos e subsequente necessidade de vender a força de trabalho em fazendas fora de Minas Gerais (ALMEIDA, 2016. p. 33).

Almeida (2006) destaca, ainda, a existência de um projeto da FUNAI em parceria com os índios, em que se tem estabelecido a tentativa de recuperação e proteção das nascentes, o que, para os índios, é uma grande conquista.

Cultura Xacriabá

De acordo com Santos (2014, p. 244), anterior ao reconhecimento do povo Xacriabá, como povos indígenas, “os relatórios de técnicos da FUNAI frequentemente questionavam a condição indígena do grupo frente à ausência de ornamentos, arcos e flechas, e uma língua própria entre os Xacriabás”. Assim, os índios tiveram que apresentar provas materiais que comprovassem sua origem indígena, como peças de artesanatos, objetos sagrados etc.

Nas palavras de uma liderança, existe: “[...] esse problema da perda da nossa cultura, que ocorre porque nossos parentes se mudam e vão pra fora. Passam temporadas maiores fora da área e quando voltam são diferentes”. A intensidade das relações dos Xacriabá com os não-índios se cristaliza em suas frequentes incursões para outros lugares, seja em busca de trabalho, seja “para conhecer o mundo”. (SANTOS, 2014. p. 247)

Santos (2014, p. 246) ainda ressalta que o contato dos Xacriabás atuais com os índios antigos é estabelecido por meio de algumas narrativas míticas e dos presentes

antigos (que se destacam em manter o legado deixado pelos antigos), “sob a forma de vestígios arqueológicos: pinturas rupestres, painéis, potes, lâminas e pontas de pedra, cachimbos”. Algumas narrativas míticas imortalizam os antigos na condição de encantados. A mais célebre dessas narrativas é a da onça iaiá cabocla:

A Onça Cabocla era uma moça, descrita como uma “índia” ou uma “cabocla bem apurada”, que andava junto à irmã. Quando avistaram algumas cabeças de gado, ela disse à irmã que “viraria numa onça” para matar uma novilha e lhe pediu que colocasse um punhado de mato em sua boca assim que ela voltasse, para desencantar – em algumas versões é um punhado de cama-de-gato ou um cachimbo. A Onça matou a novilha e bebeu seu sangue, mas, quando voltou, acabou assustando a irmã, que correu com os objetos do feitiço. Assim, ela permaneceu encantada. (SANTOS, 2014. p. 246)

Assim, a onça iaiá é um ícone na cultura dos Xacriabás, que representa segurança e proteção.

A cada um selecionado a onça cabocla responde, avisa sobre perigos, orienta e repreende quando o seu comportamento não é compatível com as necessidades e normas da comunidade. Com o cacique e representantes das várias aldeias, fala sobre como administrar crises internas e como orientar as relações interétnicas. (MONTENEGRO, *et al.*, 2008, p. 318 *apud* CASAGRANDE, 2016 p. 63)

No entanto, a cultura Xacriabá está conecta aos antigos, mas envolta de projetos que dão ênfase à produção da arte Xacriabá, “os rituais e mitos parecem relegados ao domínio do que é chamado de segredo” (SANTOS, 2014. p. 246).

Outras práticas, também entendidas pelos Xacriabá como da cultura não são atribuídas aos antigos - pelo menos não àqueles índios hiper-reais do passado – mas percebidas como algo mais recente, e já misturado, embora não menos importante. São elas a fabricação de rapadura, as técnicas necessárias para se construir e guiar carros de boi, as festas e rituais religiosos de fundo declaradamente cristão, o jogo de loas,⁴ entre outras. (SANTOS, 2014. p. 247)

⁴ O jogo de Loas, em geral, são versos, rimas recitadas em ocasiões especiais, - como casamentos, - por pessoas mais velhas ou lideranças das comunidades. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2175-623682603> Acesso em: 26/08/2020.

Na intenção de promover a recuperação da cultura Xacriabá, bem como de sua língua, criou-se um espaço para eventos, oficinas, festas, museu, reuniões, voltados para suas representações culturais.

À implantação da Casa de Cultura Xakriabá se seguiu a aprovação de diversos projetos de cultura, com o objetivo de financiar a fabricação de cerâmica e adornos, a instalação de uma rádio, a realização de encontros com pessoas experientes em diversas práticas xakriabá e também um intercâmbio com os Xerente que teria o objetivo de promover a recuperação da língua Xakriabá (SANTOS, 2014. p. 242).

A língua portuguesa como objeto cultural

Após o processo de escolarização indígena, houve um grande crescimento da literatura escrita, produzida pelos índios Xacriabás:

Os índios (...) eles acreditam que com a escrita poderão se defender do marreteiro, poderão exigir a demarcação de suas terras, poderão conhecer melhor a sociedade dos brancos. Comerciantes e invasores de terras, funcionários do Estado, missionários e antropólogos usaram e abusaram da escrita para conquistá-los e reduzi-los. Seria muita ilusão pensar que se poderá reverter o processo só com a conquista da escrita, mas ela está contribuindo, pelo menos em alguns casos, para reforçar a identidade dos povos. Deste modo, a conquista de uma identidade nova pela escrita permite conquistas que a escrita sozinha não conseguiria. Os próprios índios viam o domínio da língua escrita como instrumento adicional para a conscientização e a discussão de problemas em vistas a defesas de suas terras e de suas coisas. (EMIRI, 1989: p. 16, *apud* SILVEIRA, 2005, p. 10)

Silveira (2005), destaca ainda que a escrita, na língua materna, refere-se à continuidade de suas tradições, pois a linguagem oral é a língua que se predomina na identidade dos xacriabás. O idioma praticado pelos xacriabás pertencia a família Jê, e hoje apenas 32 palavras desse idioma foi recuperado durante o programa de implantação das escolas indígenas de Minas Gerais. Dessa forma, a introdução da língua portuguesa é vista para os xacriabás como um novo objeto cultural, permitindo a preservação de suas histórias e o desvio do poder que a escrita sempre exerceu nessas comunidades através do colonizador.

A literatura escrita produzida pelos índios, cuja a escrita fundamental são os mitos e as poesias, retratam esse cenário.

O universo literário, poético, narrativo, sempre existiu nessas sociedades. As práticas de leitura e da escrita alfabética, sim, são recentes na vida dos índios, mas suas tradições poéticas orais sempre existiram. Elas estão presentes em suas festas, em seus rituais, cantos e em vários outros momentos, que são passados de geração a geração. A escrita é apenas mais um apoio na manutenção dessas tradições e identidades. (SILVEIRA,2005. p. 10)

A introdução da escrita para os xacriabás torna-se uma aliada arma no processo de preservação de sua identidade, essa luta pela preservação da identidade é uma luta indígena que aos poucos vai se expandindo na história. “A necessidade de reconhecimento da identidade indígena mobilizou grandes manifestações em favor dos direitos indígenas, que foram assegurados pela Constituição de 1988” (CASA GRANDE 2016, p.21).

Os índios se tornaram donos de uma história de lutas contra a sociedade colonial, estes, têm mantido sua subjetividade coletiva, ou “dessubjetivação” como afirma Maria Inês de Almeida e Sônia Queiroz (2004), por meio da literatura escrita produzida por eles. Essa prática se tornou símbolo de autonomia e liberdade. Por este meio, têm publicado suas histórias, seus cantos, suas crenças, seus desejos e suas vitórias (CASA GRANDE, 2016, p.16).

No próximo tópico deste capítulo, apresentarei os narradores que fizeram parte desta pesquisa, narrando sua história de vida e experiências no IF Goiano, em três anos de formação. Vale ressaltar que a história do povo Xacriabá não está separada da história desses narradores, que se identificam indígenas da etnia Xacriabá, e que fizeram parte de todo o processo de conflitos e conquistas designadas a essa etnia.

Desse modo, identifica-se, em suas narrativas, sua forma de compreensão, em variadas situações por eles vivenciadas, e, aqui, narradas, reafirmando sua identidade indígena, bem como a continuidade da busca de seus direitos, como o direito ao conhecimento científico, que é visto, atualmente, por eles, como ferramenta de fortalecimento contra uma sociedade globalizada.

Narradores

Os narradores desta pesquisa são discentes Xacriabás que estudaram desde a infância nas escolas da aldeia e cresceram na aldeia. Seus avós, e, até mesmo, seus pais fizeram parte desse processo de colonização dos povos indígenas, e eles são a continuidade desse processo, possuindo, assim, uma vasta história a ser compartilhada. Os discentes Xacriabás, Ademar Almeida Barbosa, Dhiemerson Freire Pimenta,

Romaicon Nunes Gonçalves, Hernando Pereira Costa, Luiz Gustavo Pinheiro Mota, Anderson Alquimim Silva, aceitaram compartilhar suas histórias e participar desta pesquisa. Todos os participantes demonstraram satisfação em contar a sua história, bem como um sentimento de pertencimento a uma etnia, mesmo distante da aldeia por causa dos estudos. Estudos esses que se motivam, em especial, pela busca de igualdade de oportunidades e do retorno para a aldeia, já que muitos pensam em voltar e serem úteis na aldeia, em suas profissões.

Quadro 1: Dados relativos aos participantes da pesquisa.

Participante	Naturalidade	Idade	Ano de Ingresso no Ensino Médio Técnico no IF Goiano Campus Urutaí-GO	Ano de conclusão no Ensino Médio Técnico no IF Goiano Campus Urutaí-GO
Ademar Almeida Barbosa	São João das Missões- MG	19	2018	2020
Dhiemerson Freire Pimenta	Manga – MG	17	2018	2020
Romaicon Nunes Gonçalves	Manga – MG	19	2017	2019
Hernando Pereira Costa	Itacarambi- MG	20	2017	2019
Luiz Gustavo Pinheiro Mota	Manga- MG	18	2018	2020
Anderson Alquimim Silva	Itacarambi- MG	18	2017	2019

Fonte: Elaboração da autora, 2020.

Discente: Ademar Almeida Barbosa

Data de Nascimento: 17/04/2001

Ademar Almeida Barbosa tem 19 anos, nasceu em São João das Missões, foi criado na reserva indígena Xacriabá, morava com os pais João de Almeida Barbosa e Maria José Pereira Lopes. Sempre estudou na escola estadual indígena Bukinuk, na aldeia Sumaré 1. Nessa escola, realizava atividades voltadas para o fortalecimento da cultura, como danças, músicas e treinamentos com lanças, arco e flechas, e com o bodoque⁵.

⁵ **Bodoque**, substantivo masculino, é um instrumento que atira pedras, composto por um arco com um elástico esticado e preso nas extremidades, acionado por um gatilho; estilingue, atiradeira. Disponível em: [www.dicio.com.br > bodoque](http://www.dicio.com.br/bodoque). Acesso em: 26 ago. 2020.

Conviveu com várias crianças da aldeia. Como, nessa época, ainda era bem difícil o contato com a *internet* e com a TV, passava boa parte do tempo brincando, além de praticar atividades de caças e pescas.

Durante a entrevista, se mostrou tranquilo e com satisfação em contar a sua história. Ademar cursou o Ensino Médio integrado ao técnico de Agropecuária, no período de 2018 a 2020.

Quanto à sua experiência escolar anterior à vinda para o IF Goiano, no ensino fundamental, o discente relata que foi bem diferente, em especial, no tocante aos conteúdos, que se apresentavam mais quantitativos, obteve dificuldade quanto às disciplinas e conteúdo que não teve acesso na aldeia, e ainda quanto ao tempo para administrar todas as disciplinas.

A vinda para o IF Goiano se deu através de prova escrita para concorrer à vaga. O interesse pela escola surge por indicação de amigos que já teriam vindo para o IF.

Algumas dificuldades foram relatadas no decorrer desses três anos. A principal, destacada pelo discente, foi a distância da família, pois tinha os pais para resolver qualquer problema, comprar uma coisa ou outra. Agora, longe, ele tem que resolver tudo e tentar ser maduro para isso, pois pensa muito no esforço que os pais fizeram e fazem para mantê-lo nessa escola. Outra dificuldade encontrada foi a convivência com pessoas estranhas para eles, como os colegas de quarto, pois dividia o quarto com mais três alunos. Ele percebe esse momento de aprendizagem como fundamental para aprender a respeitar o espaço do próximo e obter respeito ao seu espaço. Relata que o IF proporcionou esse aprendizado de convivência com outras pessoas.

As regras impostas pela escola também foram uma dificuldade, pois, na aldeia, existem as regras, mas cada um sabe respeitá-las. Estas vêm sempre dos mais velhos e não precisa de rigor para serem cumpridas. O discente ressalta que, na escola, quando se comete erros, não há ninguém para tentar entender seus erros, ou se segue à risca a regra, ou vai embora.

Como aluno, Ademar tinha vergonha e não conseguia interagir muito com os demais colegas. Dentro da sala de aula, se considerava respeitado pelos colegas, fora de sala de aula, alguns colegas, com os quais não mantinha contato, apresentaram um certo preconceito por eles serem indígenas e não apresentarem muitas características de índios, como a cor da pele, o cabelo. Ele ignorava esse tipo de comportamento. Ele se viu

obrigado a conviver com outras pessoas, o que acabou fortalecendo algumas amizades. Sua etnia é bem unida, ele relata que, mesmo com novas amizades, amigos mesmo, de verdade, são os demais indígenas que vieram para o IF junto com ele.

Ademar conta que participou de um projeto no IF Goiano, sobre o uso da borra de café como adubo na plantação de alface, o que, para ele, foi um aprendizado muito válido, aprender a função da borra de café para a alface, como proceder para a adubação, tudo isso, em termos científicos, o que é novo para ele, pois, comparando com a aldeia, onde também se plantava, mas, com orientações dos mais velhos, que não tinham essa visão científica.

Quanto à visão científica, Ademar relata ainda que a vinda para o IF Goiano, além desses três anos de convivência com novos conhecimentos, provocou a transformação de certos conhecimentos que ele acreditava, sem base científica, conhecimentos em que não deixou de acreditar, mas passou a entender cientificamente como funciona, e exemplifica as lendas, os mitos, as plantações.

Nesses anos de IF Goiano, o discente Ademar acredita ter adquirido maturidade, comparando-o a uma criança, ao chegar no IF Goiano, e ao sair, como um adulto, pois, segundo ele, foram muitas transformações. O aluno indica a vinda para o IF Goiano apenas para aqueles que estejam dispostos a dar valor e sejam determinados. Ressalta que o IF trouxe muitos aprendizados, e que foi um percurso difícil de se traçar. Acredita que a interação dos alunos indígenas com os demais alunos, professores, técnicos, deveria ser mais aprofundada, pois eles chegam sem conhecer ninguém, e tudo, para eles, é novo.

Após a conclusão do ensino médio técnico, Ademar pretende trabalhar na área técnica, e, caso não consiga emprego, pretende cursar agronomia.

Discente: Dhiemerson Freire Pimenta

Data de Nascimento: 09/01/2003

Dhiemerson Freire Pimenta é da aldeia barreiro preto, nasceu na reserva indígena Xacriabá, no município de Manga. Foi criado com seu pai e sua mãe, morava na casa do avô paterno. Depois de um tempo, a mãe e o pai se separaram, ele foi morar com a mãe, e estudava na escola mais próxima, morava um ano com a mãe e um ano com o pai. Nesse período, estudava na escola mais próxima, dentro da aldeia onde estava morando. Mudou, definitivamente, para a casa do pai, há 11 anos.

As brincadeiras que costumava brincar quando criança era “corta bandeira”⁶, “luta do toco”⁷. São brincadeiras indígenas, e também brincava de “pique-pegue”, tomava banho no rio, brincava de breia⁸, pique-pegue na água, gostava de fazer flecha, futebol, peteca⁹, queimada.¹⁰ Gostava de praticar corrida, de brincar com o estilingue no mato, tipo caça, era uma das brincadeiras que ele mais gostava, andava de bicicleta, tinha as aulas de cultura em que aprendia fazer artesanato de barro, cerâmica, aprendia fazer colar, brinco, a tinta para a pintura. Nunca foi de sair da aldeia para morar em outro lugar, o

⁶ Corta bandeira: crianças devem ser divididas em duas equipes. O espaço que as crianças irão brincar deve ser dividido em tamanhos iguais. Cada equipe deverá colocar uma bandeira (um pedaço de pano ou lençol velho) no canto mais difícil e distante que quiser, dentro do seu campo. O desafio da brincadeira é atravessar o campo da equipe adversária e pegar a bandeira sem ser pego. A criança que for pega deverá ficar parada no lugar, congelada, e ela poderá ser libertada por outra criança do seu time que conseguir tocá-la (sem ser pega por nenhuma criança da equipe adversária). MEDINA, Vilma, 2015. Disponível em: <https://br.guiainfantil.com/materias/cultura-e-lazer/jogos/pega-bandeira-brincadeiras-populares-para-criancas-no-brasil/>: Acesso em: 27 ago. 2020.

⁷ Luta do toco: Os lutadores entram em um círculo de aproximadamente 8 metros de diâmetro, com um toco de árvore ao centro. Para vencer seus oponentes, os lutadores têm que derrubar o toco ao centro, utilizando alguma parte do corpo do adversário. Outra força de se vencer a luta é empurrando o oponente para fora do círculo.

COELHO, Luciano, 2010. Disponível em: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=22413>. Acesso em: 27 ago. 2020.

⁸ Breia: Esta brincadeira é realizada em espaços bem grandes, como um quintal de uma escola. A brincadeira, normalmente, se brinca com várias crianças, envolvendo crianças, jovens e adolescentes. Para iniciar a brincadeira, é preciso fazer uma roda para selecionar uma pessoa que irá começar a brincadeira, e também essa pessoa terá que escolher um pique, que será o lugar de chegada. E, após, ele (a) irá pegar uma folha de mato verde para colocar em uma de suas mãos, que estará fechada, sendo que os outros participantes não vejam. Onde ele (a) terá que cruzar os braços e pedir que os participantes escolham uma mão para segurar, a direita ou a esquerda, em uma dessas mãos vai estar a breia, que, no caso, será a mão que vai estar com a folha verde. Quem segurar a mão que não tem nada sairá livre, e quem segurar a mão que estiver com a folha do mato verde sairá com a breia. Depois quem saiu com a breia terá que correr atrás de quem não ficou com a breia, e, assim, sucessivamente.

SANTOS, Eliane; SILVA, Valdineia. 2016. Disponível em: <https://www.biblio.fae.ufmg.br/monografias/2016/eliane%20araujo%20santos%20e%20valdineia%20moreira%20silva.pdf> Acesso em: 27 ago. 2020.

⁹ **Peteca** - Quando os portugueses chegaram no Brasil, encontraram os índios brincando com uma trouxinha de folhas cheia de pequenas pedras, amarrada a uma espiga de milho, que chamavam de Pežteka, que em tupi significa “bater”. A brincadeira foi passando de geração em geração e, no século 20, o jogo de peteca tornou-se um esporte, com regras e torneios oficiais. SANTOS, Eliane; SILVA, Valdineia. 2016. Disponível em:

<https://www.biblio.fae.ufmg.br/monografias/2016/eliane%20araujo%20santos%20e%20valdineia%20moreira%20silva.pdf> Acesso em: 27 ago. 2020.

¹⁰ Queimada: Em primeiro lugar, tem que ter um espaço grande, como um quintal de uma escola ou de casa. Normalmente se brinca com muitas pessoas envolvendo crianças, jovens, adolescentes e adultos. E também necessário ter uma bola feita de meia ou de saco plástico. No espaço onde está sendo realizada a brincadeira, e preciso fazer três riscos no chão, o primeiro é o último risco, será usado para dividir as pessoas numa mesma quantidade. Essas pessoas irão utilizar a bola feita de plástico ou meia para acertar (queimar) as pessoas. A pessoa que será acertada (queimada) terá que ir para o risco do meio, e, assim, sucessivamente. A regra do jogo é: Quem conseguir queimar todos os seus adversários primeiro, será o vencedor do jogo. Disponível em: <https://www.biblio.fae.ufmg.br/monografias/2016/eliane%20araujo%20santos%20e%20valdineia%20moreira%20silva.pdf> Acesso em: 27 ago. 2020.

único lugar onde ficou mais tempo longe da aldeia foi o IF Goiano, até porque acha ruim ficar longe da família. Relata que a vida é trabalhando com o pai, ajudando mexer com a roça. Um dos costumes que ele destaca e que dura até hoje é o de fazer artesanato, que aprendeu com os mais velhos, como o cocar, o maracá.

Na aldeia, eles participavam dos jogos indígenas de Minas Gerais. Nesse campeonato, havia diversas modalidades de jogos indígenas, como futebol, arco e flecha, corrida de maracá, arremesso de lança, zarabatana, entre outros.

Na escola da aldeia, ele tinha acesso a conteúdos relacionados a sua cultura. Ao cursar o ensino médio técnico em agropecuária, no IF Goiano, Dhiemerson relata não ter visto muitos conteúdos que os demais alunos já haviam visto, em uma rotina diferenciada, e com o tempo mais corrido, o que, segundo ele, acarretou uma dependência ou outra, nas disciplinas. Porém, para ele, são obstáculos que sabia que teria que enfrentar, pois vê a oportunidade de, após os estudos, ajudar a reserva, desenvolvendo projetos para melhorar a agricultura de lá.

A vinda para o IF Goiano de Urutaí-Go se deu por observar que existiam mais indígenas aqui do que no IF Goiano de Januária, cidade próxima a São João das Missões. Assim, a adaptação foi mais tranquila, pois, mesmo não conhecendo esses alunos indígenas, que vieram junto com ele, procurou fazer amizade com eles, o que facilitou esse momento de adaptação.

Quanto às dificuldades, Dhiemerson relata que, dentre todas, a mais difícil foi a morte de seu avô, no 1º ano, aos 27 dias que estava na escola, ele não conseguiu acompanhar o velório devido à distância, perderia muitos dias de aula e não teriam condições de bancar a passagem. O aluno lamenta muito esse momento, ressalta que a distância da família não tem dinheiro que paga, mas os estudos são uma chance de poder dar um futuro melhor para sua família.

Ele relata sobre as regras da escola, que foi preciso tempo, e, de vez em quando, algumas chamadas dos profissionais para se adaptar. Outra dificuldade foi em relação à comida do refeitório, ofertada pela escola. Ele entendia o que a escola explicava sobre não ser a comida da mãe, e ser uma comida feita para muitos alunos, por isso não ter a qualidade que, às vezes, teria em casa. Mas relata o fato de ter ficado sem comer, porque a comida não descia, uma questão de adaptação que ele teve que superar. Nesses dias que não conseguia comer, alimentava-se com bolachas.

Quanto à adaptação com os demais colegas não indígenas, ele relata que, no início, houve muitos conflitos no esporte, pois os indígenas formavam o time deles, e os não

indígenas outro time, o que causava rivalidade, devido à forma diferenciada de jogar. Muitas vezes os indígenas eram brutos, e os não indígenas seguiam o mesmo critério, ou vice-versa, o que gerava brigas. Dhiemerson relata que, quanto às brigas ou rivalidades, os indígenas estavam sempre unidos, como uma forma de defesa deles, pois sempre estavam em menor quantidade. Assim, se um estivesse na briga, os demais indígenas também estariam. Citou um momento em que todos os alunos indígenas invadiram a quadra por terem ganhado o jogo, e o time adversário, não tendo aceitado a derrota, agiu com preconceito, imitando índio na quadra, o que, para eles, foi uma ofensa.

Quanto ao preconceito, ele relata que, em sala de aula, não acontecia, porém, havia esses momentos isolados como o do relato supracitado.

Como aluno, ele destaca ter tido boa convivência com os demais colegas e professores, não “caçava” confusão com ninguém, mas não levava desaforo para casa. Teve suas dificuldades nas disciplinas, como matemática, no 1º ano, pois tinha vergonha de falar com o professor e de pedir ajuda aos colegas.

Dhiemerson relata ter participado de um projeto no IF Goiano denominado Horta comunitária, o qual eles aprendiam sobre a plantação das hortaliças, repassando o conhecimento a alunos de outras escolas da cidade de Urutaí-GO. Para ele foi uma experiência única, pois repassar o conhecimento era algo novo, dado que apenas assistia à professora, não tinha experiência em falar para outros colegas. A busca pela participação em projetos se deu por incentivo de seu pai, que sempre o alertou sobre não perder as oportunidades.

O aluno projeta realizar a faculdade de medicina veterinária, decisão que, segundo ele, foi muito influenciada pelo IF, devido às disciplinas do curso. O aluno demonstra gratidão ao IF Goiano de Urutaí- GO e ao que aprendeu nesses três anos de formação. Compara a escola como uma fábrica de sonhos, e acredita que há uma continuidade desse sonho com o curso superior.

Discente: Luiz Gustavo Pinheiro Mota

Data de Nascimento: 07/08/2001

Luiz Gustavo Pinheiro Mota nasceu em Manga- MG, mora com seus pais na aldeia Sumaré 1, no município de São João das Missões. Quando criança as brincadeiras de que

se recorda são “corrida de saco”¹¹, “corrida de maracá”¹², brincadeiras com flechas. Na escola da aldeia, aprendia as danças e músicas de seu povo, bem como os artesanatos e atividades culturais da etnia Xacriabá.

Quanto à escolha do IF Goiano Campus Urutai-GO, foi devido ao ensino ser mais aprofundado. Ele relata muitas dificuldades, em especial, nas disciplinas de matemática, português e biologia. Relata que precisou da ajuda de monitores para entender o conteúdo. As dificuldades, segundo ele, melhoraram no 2º ano, e, conseqüentemente, suas notas.

Quanto à convivência com os demais alunos, ele relata que, aos poucos, foi ganhando confiança, em especial, dos meninos, com os quais dividia o quarto, mas que foi difícil a adaptação em geral. A maioria das amizades do Luiz Gustavo eram indígenas. Quando ia sair para alguma festa, sempre gostava de sair com os indígenas, mas quase não saía para festas fora da escola. Sobre as regras, acha necessário, pois muitos não as cumpriram se elas não existissem, enfatizando as regras do quarto.

Como aluno, em sala de aula, ele relata que foi um aluno tranquilo, na dele, não conversava muito. No esporte não se destacava muito, segundo ele, participou dos jogos após as aulas, não havendo problemas de distinção entre índios ou não índios no jogo, quem chegava primeiro, montava o time, apenas para brincar mesmo. Mas, já discutiu com alunos não índios em jogos, apenas bate-boca, porque, segundo ele, os indígenas levavam muito a sério e jogavam para valer.

O aluno relata que, em sala de aula, não sofreu *bullying* por ser indígena, mas, em outros lugares, já aconteceu. Um exemplo foi a fala de algumas pessoas sobre eles não serem indígenas, pois não possuíam características de índios, como cabelo liso, cor da pele etc. Ele disse que não fazia nada sobre isso, que apenas saía daquele ambiente. Ele relata momentos difíceis em sala de aula, por não entender o conteúdo, e, ao perguntar, alguns alunos o tachavam de burro. Um dos momentos mais difíceis, segundo ele, foi o de falar em público, na frente da sala, pois os alunos riam muito dele. Muitas vezes ele

¹¹ Corrida de saco: Te ensinamos a brincar de corrida de sacos, passo a passo: 1- As crianças devem vestir os sacos e esperar o apito, numa linha. 2- Para começar a corrida, as crianças deverão segurar o saco com uma mão para evitar que o saco caia abaixo dos joelhos, e manter o equilíbrio com a outra para poder saltar ou pular. 3- Durante todo o percurso da corrida, as crianças devem manter ambas as pernas no saco até alcançar a linha de chegada. 4- Perde quem se caía pelo caminho. 5- Ganha quem chega primeiro à linha de meta. 6- É classificado quem alcança a linha de chegada. MEDINA, Vilma, 2015. Disponível em: <https://br.guiainfantil.com/materias/cultura-e-lazer/jogos/pega-bandeira-brincadeiras-populares-para-criancas-no-brasil/>: Acesso em: 27 ago. 2020.

¹² Corrida de Maracá : **Corrida de maraká** - Cada aldeia corre com cinco atletas em um percurso de 150m em volta de um tronco. A equipe que finalizar primeiro ganha. Provas no masculino e feminino. Disponível em : <http://arquivo.esporte.gov.br/index.php/ultimas-noticias/209-ultimas-noticias/49271-jogos-indigenas-pataxo-comecam-oficialmente-nesta-quinta-em-porto-seguro> Acesso em: 27 ago. 2020.

não conseguia, pois falava algumas coisas erradas. O aluno Luiz Gustavo se mostrou muito tímido durante a entrevista, muitas coisas que gostaria de ter falado, não conseguiu, pois travava em sua fala.

A escolha do curso técnico em agropecuária foi motivada para atribuir melhorias à aldeia, novos conhecimentos, em especial, voltados à área de plantios, pois, na aldeia, as chuvas são escassas, e levar alguma estratégia de irrigação seria fundamental.

Apesar de todas as dificuldades que enfrentou, o aluno Luiz Gustavo relata que amadureceu muito, em especial, na convivência com as demais pessoas não indígenas. O aluno pretende cursar agronomia após o término do ensino médio, e acredita que o IF proporcionou conhecimento necessário para conseguir ingressar numa faculdade.

Discente: Hernando Pereira Costa

Data de Nascimento: 24/10/2000

O aluno Hernando Pereira Costa, nascido em Itacarambi – MG, mora com seus pais na aldeia Riacho dos Buritis. Quando criança, lembra que costumava brincar de “porta-bandeira”, “pique-esconde”, “pega-pega”. Os costumes indígenas, que ainda possui, são os artesanatos em barro, pinturas, apresentações. Estes costumes foram transmitidos dos mais velhos, de geração em geração.

Na aldeia, estudou na escola estadual Huikitu Kuinã. O que diferencia essa escola do IF e das demais escolas é a disciplina de cultura, que ensina tradições de sua etnia. No IF Goiano, cursou o ensino médio integrado ao técnico de agropecuária.

Quanto ao convívio com pessoas novas, o aluno relata que se acostumou a viver em coletividade, já que tinha que dividir o quarto com mais 6 pessoas. Sobre as regras, o aluno acredita que devem ser seguidas, que vão se acostumando, pois o foco é o estudo. Então, mesmo que você não concorde com a regra, você deve segui-la. Esse pensamento só foi possível após o descumprimento de algumas regras, que o levou a advertências. Ele ressalta que considera muitas regras injustas.

Hernando não especificou bem quais as dificuldades encontradas no IF Goiano, mas deixou claro que os colegas que já estavam no IF, quando ele chegou, foram fundamentais para que ele não desistisse.

O aluno Hernando gosta de praticar esportes e relata a sua experiência nos Jogos do IF Goiano (JIF), tendo sido seu time campeão nacional de futsal de salão. Segundo ele, uma experiência incrível foi a viagem para fortaleza (local do campeonato), bem

como conhecer novas pessoas, as diversões no ônibus, e as emoções dos jogos. A medalha de ouro, ele relata guardar para se lembrar dessa experiência, que pretende levar para a vida toda.

Outra experiência citada pelo aluno foi a viagem a Goiás velho, a qual lhe proporcionou mais conhecimento sobre a história do Brasil, uma viagem com muitas novidades, segundo ele, “muito massa”.

Em sala de aula, no IF Goiano, o aluno relata ter sido quieto, prestou atenção nas explicações dos professores, não foi de bagunça e nem de conversa paralela. No início, era enturmado apenas com os colegas do seu quarto, que eram também da mesma sala, já no terceiro ano, se sentiu mais enturmado com os demais colegas. A relação com os docentes também era boa, ressaltando a importância do professor no aprendizado que eles adquiriram.

Hernando acredita que o *bullying* dos demais colegas com eles aconteceu muito, por não conhecerem sua cultura. Então, tudo se tornava motivo de piada. Lembrou um momento da fala dos alunos não indígenas em um conflito ocorrido entre eles na quadra de esportes, em que os alunos não índios repetiam a frase “mim chamar GAE” (Gerência de Assistência Estudantil).

O aluno ressalta que a principal arma para lidar com todas as novidades e dificuldades dentro do IF foi a humildade. Ele procurava sempre ser humilde com os demais a sua volta, ressaltando que a humildade foi um valor ensinado pelos pais.

Sobre a área técnica do curso, Hernando acredita que obteve incentivos para atuar na área, dentre os quais destaca uma palestra proporcionada pela escola, a qual esclarecia questões de empregabilidade do técnico no mercado de trabalho.

O aluno se vê mais maduro intelectualmente, após esses três anos de formação no IF Goiano, e pretende manter essa busca de conhecimento para que continue cada vez mais maduro, com mais experiências na vida. Pensa em trabalhar na área, mas não descarta a possibilidade de uma faculdade, ressalta que dependerá das circunstâncias, como arrumar ou não um emprego.

Discente: Romaicon Nunes Gonçalves

Data de Nascimento: 18/02/2001

Romaicon Nunes Gonçalves nasceu na cidade vizinha do Xakriabá (Manga), no dia 18 do mês de fevereiro no ano 2001. Foi criado pela mãe até 1 ano de idade. Depois, passou a ser criado pela tia (de consideração) dona Lavínia, pois, nesse mesmo ano, a mãe viajou para trabalhar na coleta de cebola na região de Goiás. O trabalho carecia de seis meses, e, após vencido o prazo estipulado, ganhava-se trinta dias de férias, sendo assim, esse era o período que ele passava com a mãe. Essa situação se prolongou até no ano de 2005, aproximadamente.

Nos anos seguintes, voltou a morar com a mãe e seus três irmãos na casa que era da avó (mãe de dona Lavínia). No “tempo verde”, fase de plantar, ele ia para a roça plantar o milho, feijão, abóbora, melão, melancia, mandioca, batata doce, maxixo, entre outros. No aproximar do meio dia, as crianças iam para o riacho tomar banho na água corrente, e, lá, ele brincava de breia, pular do pé de pereira (pé de pau que dá galhas longas) e/ou pegar peixes no riacho (os peixes encontrados eram bem pequenos: Piau, Mandi, Traíra e Piaba). Na parte da tarde, eram somente os adultos que voltavam para a roça.

Normalmente, no período vespertino, passava na escola. As aulas da aldeia eram debaixo do pé de Joá¹³. Depois, passou a ser na escolinha que construíram. As aulas eram bem descontraídas, brincavam de Bodinho, Breia, e quando era aula de cultura ou uso do território, o professor de cultura pintava os alunos, tinha disputa de bodoque, arco e flecha e corrida do saco.

Na 5ª série do ensino fundamental, passou a estudar na aldeia próxima, pois, na aldeia que ele estudava, só tinha até a 4ª série. Deslocava-se para escola a pé. A partir dessa época, ficou mais difícil, além da distância, a matéria de cultura foi retirada, e a de educação física limitada. Tinham as matérias de matemática, ciências, artes, uso do território, geografia, história e português. Concluiu o ensino fundamental na aldeia riacho do brejo, na escola Manikã.

Nesse período de transferência escolar, a mãe já o deixava ir para a casa dos seus avós, o que não poderia ir antes, porque a caminhada era longa, e ele não conseguia ir a cavalo. Com os avós, aprendeu muita coisa, como fazer o fumo de corda, que o avô e a avó fumavam, alguns remédios do mato e muitas histórias do Xakribá, em geral, e histórias do bisavô Jeromo. Também ia para a casa do pai, que era mais longe ainda,

¹³ O juazeiro é uma árvore de crescimento vagaroso e de vida longa, podendo passar de 100 anos. É uma das poucas árvores da caatinga que não perde as folhas durante a estação seca. Disponível em: <https://www.portalsaofrancisco.com.br/biologia/juazeiro> Acesso em: 27 ago. 2020.

passava férias na aldeia do pai, e foi com o pai que aprendeu a fazer diversos tipos de artesanatos usando ossos e madeira.

No IF Goiano, cursou o ensino médio integrado ao técnico de informática. Não relata muito as dificuldades, mas acrescenta algumas, como a adaptação aos conteúdos escolares, em especial, na disciplina de química, a adaptação às regras da escola, e o convívio com os demais alunos não indígenas.

A vinda para o IF Goiano, para ele, se deu pela busca de maiores conhecimentos, o que é uma continuidade da luta de seu povo, que lutou para manter suas tradições. Ele relata que a luta agora não é mais por combate físico, mas sim na escrita, na lei, por isso, como indígena, a busca por novos conhecimentos terá um incentivo maior.

Como aluno, Romaicon relata estar à frente da sala, ter uma relação boa com os professores, mas se sente desencaixado nos trabalhos em grupo, como a pessoa que sobra no grupo da sala. Quanto aos colegas de quarto, ele ressalta que teve que aprender a conviver com eles, após uma advertência que teve que assinar por falta de limpeza do quarto, que não teve culpa, mas que teve que assumir a culpa.

Romaicon relata um momento marcante para ele, em sala de aula, quando o professor debate com a turma sobre a ditadura militar, e ele consegue relacionar a situação do povo indígena a esse período, citando o combate com o povo indígena Waimiri Atoari. Para ele foi o momento em que ele percebeu que estava conseguindo enxergar a história de seu povo no contexto da história do Brasil.

Outro momento marcante, destacado por Romaicon, foi na aula de educação física, quando o professor elogiou sua performance física na corrida, e comentou sobre o povo indígena, relacionando-o ao esporte, tendo em vista a resistência maior do índio no esporte em relação ao homem branco. Ele se sentiu feliz ao perceber que esse momento pôde marcar a presença dos índios no mundo, fora da etnia “porque os momentos que marcam aqui, são os que a gente está marcando nossa presença no mundo, fora da etnia” (ROMAICON, 2019).

Quanto ao *bullying*, ele relata ser uma questão complicada, porque não conseguia distinguir entre brincadeira ou veracidade no tom de voz dos colegas ao realizar certos comentários sobre eles. Mas, em certos comentários, se sentiu ofendido, crendo terem sido maldosos. Exemplifica o comentário de um colega de sala por ele ser cotista.

Romaicon participou de um projeto de extensão denominado Arte e cultura Xacriabá, em que ensinava fazer artesanato com sementes. Ele relata ter ficado muito feliz. No início, achou que não iria conseguir, mas, depois, viu que era possível e

conseguiu realizar o projeto com êxito. Ele complementa que esse projeto, bem como tudo que eles faziam em relação a sua cultura no IF, fez com que ele valorizasse mais as atividades da aldeia, os encontros, as apresentações culturais que se realizavam lá, pois, antes de vir para o IF, estava afastado desses momentos. Mas, ao chegar no IF, sentiu falta disso, e percebeu que necessitava fortalecer sua cultura.

Para Romaicon, ele chegou no IF com um pensamento muito limitado sobre a sua etnia, e agora já estabelece pensamentos mais amplos, tanto da etnia quanto da sociedade do homem branco. O IF foi, para ele, um preparo para a vida. Ao finalizar o ensino médio, Romaicon pensa em fazer direito, acredita que deveria ter uma disciplina sobre direito no ensino médio, e a escolha por direito foi a de servir a sua etnia. Pensa em trabalhar para seu povo, pois, segundo ele, ao sair da aldeia, recebem esse ensinamento de que se deve exercer uma função pensando em voltar para a etnia e ajudar o seu povo.

Discente: Anderson Alquimim Silva

Data de Nascimento: 28/03/2002

Anderson Alquimim Silva nasceu em Itacarambi – MG. Mora na aldeia barreiro preto com seus pais, o irmão e o avô. Quando criança ele se recorda das brincadeiras mais comuns, como “corta bandeira”, “futebol”, “queimada”, “luta do toco”, “corrida de maracá”, “arco e flecha”. Quanto aos costumes, se recorda das apresentações de danças, músicas, artesanatos. Nos dias atuais, aprendem essa parte da cultura nas aulas de cultura da aldeia.

Em sala de aula, o aluno relata que, no início, teve dificuldades de socialização com os demais alunos não indígenas e com os professores. Devido à sua timidez, não expunha suas dúvidas quanto às disciplinas. Após algum tempo, essa situação melhorou, passou a ser mais íntimo dos colegas, e a não ter vergonha de expor suas dificuldades.

Ademar relata que os momentos de trabalho em grupo e apresentações foi o que ajudou na interação com os demais alunos. Cita um piquenique da aula de educação física, que também ajudou muito, em que todos os alunos teriam que falar sobre as amizades ali da sala. Ele se sentiu agraciado com a atitude da professora, e acredita que foi, a partir daí, que os alunos começaram a socializar com eles.

Um momento de socialização no quarto foi quando eles se reuniram, umas 12 pessoas, dentro do quarto, para lancha e contar histórias de como era o IF Goiano. Esse momento, segundo ele, foi algo bom a ser lembrado.

Ele relata que pensou em desistir, pois eram muitas disciplinas, não tinha muito tempo, e, muitas vezes, não conseguia fazer as tarefas. Não desistiu, mas o irmão, que estudava junto com ele, não conseguiu ficar e desistiu. Apesar das dificuldades, e de não ter conseguido fazer o irmão mudar de ideia, ele relata que foi vitorioso, frente ao que já superou.

A experiência do JIF (Jogos do IF Goiano) também marcou como um momento a ser lembrado. Segundo o aluno, sair do âmbito de sala de aula, conteúdos e atividades, já lhe fez muito bem, sentiu-se muito feliz, e diz ter feito muitas amizades diferentes. O time em que eles jogaram não conseguiu a vitória. Porém, relata que isso não o abalou, pois o time deu o seu melhor.

Quanto ao preconceito, ele relata que aconteceu no início do ano. Uma colega da sala falou que eles eram feios e bregas. No momento, eles não revidaram, tiveram essa oportunidade em uma apresentação de trabalho, a qual citaram o ocorrido, sem citar o nome da menina, na intenção de pedir mais respeito. Segundo ele, a menina percebeu que se tratava dela e chorou pedindo desculpas.

Outro momento relatado pelo aluno, que marcou a presença dos indígenas, foi na feira de ciências, onde fizeram um exposto da cultura do índio na aldeia, como política, religião, culinária, remédios tradicionais, plantas medicinais, danças, pinturas, artesanatos e casamentos. Esse momento, para ele, foi especial, pois conseguiram explicar alguns mitos sobre eles, em que os próprios colegas acreditavam, como por exemplo, as características de índios mestiços.

Anderson cursou o ensino médio técnico em biotecnologia, no IF Goiano, e pretende cursar odontologia ao findar o ensino médio. Segundo ele, o curso técnico em biotecnologia tem uma base boa referente a essa área, por isso, gostaria de aproveitar essa base. Também pretende se formar e retornar à aldeia, exercendo sua função de odontólogo.

Considerações do Capítulo

Este capítulo buscou identificar os narradores, que contribuíram para essa pesquisa, bem como, suas histórias de vida e de seu povo, e ainda as vivências cotidianas

no IF Goiano, de cada discente Xacriabá, com o objetivo de conhecer esses discentes nativos da etnia Xacriabá, no convívio com esse novo ambiente, novos aprendizados, regras e ensinamentos.

As histórias de vida dos discentes Xacriabás foram apresentadas a partir da formação pessoal de cada um, o que se assemelha muito entre os narradores, pois são povos nativos, que fazem parte de uma mesma etnia, história de lutas e conquistas, que foram traçadas e ouvidas de geração a geração.

Em suas narrativas, os discentes Xacriabás deixam claro o respeito pela etnia e seus costumes, sua história, bem como o valor que agregam ao IF Goiano, por se tratar de uma oportunidade de mudança de vida, uma oportunidade de se formarem e retornar a aldeia, com melhorias possíveis nas suas áreas de formação.

São discentes que cresceram na aldeia e se veem na necessidade de aprender a conviver com pessoas, costumes e regras diferenciadas. Percebemos, nas narrativas das experiências contadas até aqui, o modo de existência dos discentes Xacriabás, determinantes nas atitudes referentes a variadas situações a que foram expostos, e que serão mais detalhadas e exploradas no próximo capítulo.

Apresentamos, ainda, neste capítulo, a historicidade dos discentes Xacriabás, advindos de um povo culturalmente diferenciado, que se viram na necessidade de reencaixar a uma sociedade globalizada. Historicidade esta primordial a ser compreendida, em especial, pelo próprio narrador, em uma busca constante de ressignificação, a ser compreendida, por sua vez, também, pelo leitor, ao se deparar com realidades diferenciadas.

Abordamos o termo identidade, no sentido de reconhecimento e preservação das singularidades de um povo, em uma dada transformação social, que propicia, cada vez mais, o fortalecimento da identidade, através dos ideais comuns de interesses daquela sociedade.

As discussões sobre território abrangem as vivências do indivíduo com o grupo em que está inserido. Suas trocas, de cunho emocional, social, etc., é o que o molda como ser social. Nessa perspectiva, este capítulo buscou, ainda, a compreensão das relações dos indivíduos que compõem a historicidade da sociedade indígena com o território estabelecido, relações essas dadas em conflitos, como relações de poder, cultura, economia etc.

CAPÍTULO III

AS EXPERIÊNCIAS DA FORMAÇÃO

Este capítulo busca analisar, através das narrativas dos discentes nativos Xacriabás, as experiências de suas formações, em três anos do ensino médio integrado ao técnico, no IF Goiano campus Urutaí - GO.

Através da carta exposta por Brandão (2007), em seu livro *O que é Educação*, carta dos Estados Unidos aos índios, para oferecer escola aos jovens indígenas, podemos perceber que a educação, para os índios, tem uma perspectiva diferenciada, no sentido de aprender sua cultura e seu modo de vida. Aos mais jovens, cabe a tarefa de aprender com os mais velhos os ensinamentos do dia a dia da aldeia.

Há muitos anos nos Estados Unidos, Virgínia e Maryland assinaram um tratado de paz com os índios das Seis Nações. Ora, como as promessas e os símbolos da educação sempre foram muito adequados a momentos solenes como aquele, logo depois os seus governantes mandaram cartas aos índios para que enviassem alguns de seus jovens às escolas dos brancos. Os chefes responderam agradecendo e recusando. A carta acabou conhecida porque alguns anos mais tarde Benjamin Franklin adotou o costume de divulgá-la aqui e ali. Eis o trecho que nos interessa: "...Nós estamos convencidos, portanto, que os senhores desejam o bem para nós e agradecemos de todo o coração. Mas aqueles que são sábios reconhecem que diferentes nações têm concepções diferentes das coisas e, sendo assim, os senhores não ficarão ofendidos ao saber que a vossa idéia de educação não é a mesma que a nossa. ...Muitos dos nossos bravos guerreiros foram formados nas escolas do Norte e aprenderam toda a vossa ciência. Mas, quando eles voltavam para nós, eles eram maus corredores, ignorantes da vida da floresta e incapazes de suportarem o frio e a fome. Não sabiam como caçar o veado, matar o inimigo e construir uma cabana, e falavam a nossa língua muito mal. Eles eram, portanto, totalmente inúteis. Não serviam como guerreiros, como caçadores ou como conselheiros. Ficamos extremamente agradecidos pela vossa oferta e, embora não possamos aceitá-la, para mostrar a nossa gratidão oferecemos aos nobres senhores de Virgínia que nos enviem alguns dos seus jovens, que lhes ensinaremos tudo o que sabemos e faremos, deles, homens". (BRANDÃO, 2007. p. 3)

Para os Xacriabás, essa perspectiva de ensino e aprendizagem, de transferência do saber do mais velho para o mais jovem, está inculcada em sua natureza. Os discentes nativos Xacriabás são provenientes de uma cultura diferenciada daquela vivenciada no IF Goiano, com uma bagagem de realidade social diferenciada, em termos de organização, comunicação, valores etc.

Nos capítulos anteriores, trouxemos a concepção de formação, conforme ressaltado por Bragança (2011), como a construção do ser humano como ser social e histórico, que produz e partilha conhecimento, em uma relação com ele mesmo, com o meio e com outros: “as interações humanas vão constituindo a cultura, e a educação consiste na apropriação/recriação desse conhecimento acumulado pela humanidade” (BRAGANÇA, 2011.p. 158).

A autora ainda nos diz:

As instituições educativas afirmam-se como espaços sociais em que esse movimento ocorre de forma sistematizada. Contudo, o processo educativo não se restringe a elas. Por meio da educação, o sujeito amplia sua visão de mundo e se organiza para atuar de forma crítica, propositiva e humana. A educação coloca-se, dessa forma, como prática social, tanto em sua vertente institucionalizada como em sua vertente informal. Já a formação é um processo interior; ela liga-se à experiência pessoal do sujeito que se permite transformar pelo conhecimento”. (BRAGANÇA, 2011. p. 158)

A experiência, aqui, é abordada como algo transformador, que nos leva a reconstruir o nosso ser, capaz de reflexão crítica sobre os acontecimentos de nossas vidas.

São as experiências formadoras, na força do que nos atinge, que nos sobrevivem, nos derrubam e transformam, inscritas na memória, que retornam pela narrativa não como descrição, mas como recriação, reconstrução. Assim, “a experiência que passa de pessoa em pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores”. (BRAGANÇA, 2011. p. 158, *apud* BENJAMIN, 1993, p. 198).

Com o objetivo de analisar as experiências de formação dos discentes Xacriabás, no IF Goiano, em três anos de formação, no ensino médio integrado ao técnico, foram confeccionadas perguntas para a entrevista, buscando informações sobre essas experiências de formação a que passaram os Xacriabás (Perguntas em anexo). Através das respostas obtidas, foi realizado um passo a passo, utilizando-se da autora Laurence Bardin (2016), a qual nos ensina sobre a categorização.

A categorização é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto por diferenciação e, em seguida, por reagrupamento seguindo o gênero (analogia), com os critérios previamente definidos. As categorias são rubricas ou classes, as quais reúnem um grupo de elementos (unidades de registro, no caso da análise de conteúdo) sob um título genérico, agrupamento esse efetuado em razão das características comuns destes elementos. O critério de categorização pode ser semântico (categorias temáticas: por exemplo todos os temas que significam a ansiedade ficam agrupados na categoria “ansiedade”, enquanto que os que significam a descontração ficam

agrupados no título conceitual “descontração”), sintático (os verbos, os adjetivos), léxicos (classificação das palavras segundo o seu sentido, com emparelhamentos de sinônimos e dos sentidos próximos) e expressivo (por exemplo, categorias que classificam as diversas perturbações da linguagem). (BARDIN, 2006. p. 74)

Assim, o critério de organização dos temas levantados para as análises, nesta pesquisa, é semântico, ou seja, por categorias temáticas, as quais foram traçadas de acordo com o que os discentes descrevem, com maior ênfase em relação às experiências de formação no IF Goiano.

Ao ouvir as narrativas, bem como transcrevê-las e lê-las, torna-se oportuno perceber os temas enfatizados por eles, com maior ênfase, pois, mesmo com perguntas direcionadas a determinados assuntos, há uma repetição de comentários sobre o tópico abordado, o que viabiliza uma divisão das categorias escolhidas.

Assim, estruturamos adiante, em forma de tópicos, essas categorias para análise. O primeiro tópico, intitulado **sentimentos dos discentes nativos Xacriabás** (choque cultural), descreve e dialoga sobre os sentimentos dos discentes Xacriabás devido ao choque cultural que sofreram, ao serem inseridos no IF Goiano, bem como a questão já levantada, nos capítulos anteriores, sobre desençaixe sociocultural.

O segundo tópico, intitulado **crises e enfrentamentos do percurso de formação**, descreve as crises e enfrentamentos consequentes desses três anos de formação.

O terceiro e último tópico, intitulado **experiências transformadoras**, aborda as experiências relatadas por eles, que possuíam papel transformador, buscando esclarecer o processo dessa transformação e a compreensão desse processo pelo narrador.

Para as análises pertinentes a essa pesquisa, recorreremos ao método biográfico-narrativo, já exposto na introdução desta dissertação. Diante desse método, o que se evidencia são as experiências adquiridas no processo educativo ao qual o discente está inserido. Na produção de dados para análise, constam as narrativas dos discentes, colhidas via entrevistas, as quais demonstram o processo formativo, através da vivência deles nesse percurso, que permite desenvolver competências básicas para a vida em sociedade, bem como a compreensão do indivíduo de seu processo de formação. Segundo Josso (2002, p.186), essa compreensão estabelece uma coerência entre as relações do passado e mudanças ocasionadas pelo processo, mudanças que ocasionam a autonomia do sujeito como ser pensante, transformador de si.

A perspectiva das abordagens narrativas evidencia ainda o reconhecimento do sujeito por si mesmo e pela sociedade, o que trouxe motivação a esta investigação, pois

dar voz ao sujeito, até então, silenciado pelas políticas públicas, é acreditar e incentivar as conquistas de uma minoria, que abrange muitas experiências a serem relatadas neste percurso de busca de sentido, conforme destacado por Bolívar (2002), mediante um processo reflexivo e de significação dessas experiências.

Sentimentos dos discentes nativos Xacriabás (choque cultural)

Neste tópico, percebemos a existência de sentimentos em conflito, justificados pelo convívio dos discentes Xacriabás, dentro de uma cultura diferente daquela de que são originários, e outros sentimentos, brotados do ambiente social a que estão acostumados, de suas aldeias. Esse convívio com outro grupo social é o que chamamos, aqui, de choque cultural, que ocorre sempre que grupos sociais, culturalmente distintos ou distantes, entram em contato.

Aqui, pretende-se entender esses sentimentos que se fizeram presentes nesse processo de assimilação de uma outra cultura e de novos conhecimentos. Sobre o sentido de cultura, abordado nesta pesquisa, partimos do pressuposto já discutido no primeiro capítulo, ressaltado por Josso (2010), centrado na subjetividade do indivíduo, no processo de socialização, pelo qual ele aprende a tornar-se membro da sociedade e cultivar esse elo, transmitindo às novas gerações os tipos ideais daquela cultura.

Podemos perceber a dimensão da diferença cultural entre os discentes Xacriabás e os demais discentes não índios, quando estes destacam, em suas narrativas, as dificuldades de adaptação, em especial, no 1º ano. Os principais sentimentos, destacados por eles, nesse percurso de três anos, no IF Goiano, são: a timidez e a rejeição. Esses sentimentos estão representados em suas narrativas.

Com a tarefa de se inserir em um novo contexto social, os discentes Xacriabás se viram em um choque cultural, que despertou esses sentimentos, tendo afetado ainda o rendimento intelectual, social e afetivo desses alunos, como destacado nas narrativas abaixo:

Pesquisadora: Você já passou algum momento de não... de ter que deixar de comer por algum motivo... por estranhar essa questão de comer todo mundo junto...

Ademar: “Ah, já. Por questão de comer todo mundo junto” (ADEMAR, 2019)

Pesquisadora: E o convívio com os docentes, como é?

Anderson: Hoje está bem melhor, que a gente chama o professor para explicar, ele vem, mas, no primeiro ano, nosso professor via que nós não falávamos nada, pensava que nós estávamos entendendo, e não perguntava se nós tínhamos dúvida. Aí nós passávamos batido. Aí ficavam umas coisas sem entender... Aí, só que, hoje, que alguns... já teve conversa com alguns... Um aqui foi na reunião que teve, do Conselho de Classe, que eles foram perceber que muitos de nós não perguntamos na hora que eles estão explicando, e, por isso, que a maioria tem dificuldade. Aí eles falaram que, quando eles terminarem de explicar, eles perguntam se a gente entendeu, e se tinha dúvida. Aí, hoje, está mais 'de boa'. Quando eles terminam de explicar, eles já perguntam se entendeu ou não (ANDERSON, 2019).

Pesquisadora: Então os professores também tinham essa dificuldade de saber se vocês tinham entendido, ou não. Porque vocês não falavam...

Anderson: “Falávamos não. Porque eles pensavam que nós não falávamos porque tínhamos entendido. Mas é mais porque nós éramos tímidos demais para perguntar”. (ANDERSON, 2019)

Pesquisadora: É uma pergunta mais, assim, bem focada em você mesmo. Você, como o Anderson, como pessoa. Quem é você, hoje?

Anderson: É, bom...Antes, eu era um menino muito tímido. Não apresentava muito trabalho, e tinha muita dificuldade nas matérias, não perguntava aos professores...hoje, já não tenho muito essa vergonha de perguntar ao professor... sobre apresentar trabalhos, eu tenho um pouco de vergonha, mas não como antes. E as amizades que eu tinha antes, eram só mais os amigos meus, que eram os indígenas mesmo; hoje, eu já faço amizade sem ser com índio. E, quando eu estou com dúvida, eu costumo pedir ao professor para ensinar na cadeira, e quando o professor pede para eu explicar lá no quadro, eu resolver alguma questão, eu vou. É que, antes, eu falava que não sabia. Mas era porque tinha vergonha. O que me mudou mais foi a parte da vergonha, assim, de pedir ajuda ao professor. (ANDERSON, 2019)

Na fala do discente Anderson, podemos perceber uma dimensão de tempo passado e presente, o que pode indicar a modelagem daquele aluno àquele meio, resultado da

aculturação, ou seja, a influência da cultura do IF goiano sobre a cultura do discente nativo, pois o fato de não falar com o professor não é apenas um sentimento de timidez, mas também uma ação cultural de respeito ao mais velho, e, conseqüentemente, mais sábio.

Podemos perceber, em seus relatos, ações dos docentes na tentativa de minimizar as suas dificuldades, o que nem sempre acontece. Porém, dos colegas não índios, percebemos momentos que fortalecem esses sentimentos, dificultando o relacionamento dos alunos índios com os não índios, o que causou, em especial, o sentimento de rejeição.

Pesquisadora: Dormitório. Você dorme num quarto com quantas pessoas? Como funciona? E como que é o convívio?

Romaicon: “Não. Sou mais ‘de boa’ do que no ano passado” (ROMAICON, 2019)

Pesquisadora: No ano passado, então, você teve mais... Como foi no ano passado?

Romaicon: “A gente saiu de um quarto meio diferenciado, só eu era índio”. (ROMAICON, 2019)

Pesquisadora: Só você era índio?

Romaicon: “É, e os outros eram mais [ininteligível]. Aí eles ficavam mais conversando (entre) eles, e eu ficava mais só, aí vai conversar, tem que sair do quarto, dava um [ininteligível], e, neste ano, não, porque eu já conhecia, desde o ano passado, então, saíamos juntos, até facilitou mais”. (ROMAICON, 2019)

Pesquisadora: E como é a sua vivência na sala de aula? Conte-me um pouquinho de como você é na sala de aula?

Romaicon: É, eu sou, é... Mais de maneira ‘normal’, assim. Só que, às vezes, eu me sinto, assim, que eu não estou meio muito bem com os colegas. É que, às vezes, eu me sinto mais ali, para a frente, outra hora, fazem um grupo ali, e eu fico (como) a pessoa que sobra no grupo da sala, ou me encaixo em outro grupo, sempre desse jeito... (ROMAICON, 2019).

Quanto à atitude dos discentes não índios em fortalecer esse sentimento de rejeição nos discentes nativos, percebo que os discentes não índios também estão em

adaptação a diferentes personalidades, já que o público de uma escola é bem diversificado e abrangente, e ainda estão passíveis de estranhamento quanto às características de outro grupo. O choque cultural foi suficiente para que os discentes nativos Xacriabás se vissem na necessidade de reencaixe social, dentro do âmbito escolar, em que eles tiveram que se adaptar ao novo contexto social imposto, para que pudessem ser inseridos.

Ainda que os mais velhos tentem repassar a cultura deles para a geração mais nova, para que esta não se perca, ainda que os próprios discentes Xacriabás tenham essa consciência de manter a cultura de seu povo e de levar melhorias para a aldeia, o choque cultural é muito forte, não somente na escola, mas na vida, devido à modernidade alcançada pelo desenvolvimento social.

Ao se inserir na escola do branco, o índio busca novas fontes de conhecimento, as quais não tinha acesso, busca oportunidade de trabalho e igualdade de oportunidades, o que está explícito nas narrativas dos discentes Xacriabás.

Figueiredo nos diz que:

Desde a chegada dos portugueses, indígenas são expropriados de suas terras, obrigados a viverem em locais com pouca comida, solos de baixa produtividade, dificultando sua existência, o que os obriga a novas possibilidades, inserindo-se em novas culturas, desvinculando-se da sua, buscando formas de lutar para sobreviver sem perdê-la. Eles buscam ainda novas formas de sobrevivência, misturando-se com a nova cultura passam a desenvolver novos hábitos, muitas vezes repudiados por seus povos. Acreditam na constituição de uma boa convivência com o não-índio, como afirma Magalhães (2009, p.206): Ao vir para a cidade, acreditam que vão encontrar novas oportunidades para refazer suas vidas, ou seja, modificá-las, esperam reencontrar, nos espaços urbanos, uma sociedade que os recebam com dignidade, e que as portas de um trabalho possam se abrir, acreditam ainda na reintegração do não-índio com o indígena, e isso é muito difícil de acontecer. (FIGUEIREDO *et al*, 2017. p. 78)

De acordo com este trecho de Figueiredo (2017), percebemos o choque cultural do índio na sociedade não indígena, que, conseqüentemente, faz com que os índios busquem novas estratégias de sobrevivência, no intuito de serem inseridos nessa nova sociedade.

A modernidade e todos as suas interfaces, como ritmo de mudança, escopo da mudança, natureza intrínseca das instituições modernas, conforme discutido por Giddens (1991, p. 03), intensificou esse cenário, ou seja, “os modos de vida produzidos pela modernidade nos desvencilharam de todos os tipos tradicionais de ordem social”

(GIDDENS, 1991, p. 04). A modernidade estabeleceu formas diversas de conexão social, alterando muitas de nossas características de existência cotidiana. Os índios, como qualquer outra ordem social, sofreram mudanças drásticas em suas culturas e modos de vida, o que os força a uma necessidade de reencaixe social, ou seja, a adaptação de tempo e espaço na natureza, a mudança de suas fichas simbólicas e seus sistemas peritos.

Por fichas simbólicas quero significar meios de intercâmbio que podem ser circulados sem ter em vista características específicas dos indivíduos ou grupos que lidam com eles em qualquer conjuntura particular. Vários tipos de fichas simbólicas podem ser distinguidos, tais como os meios de legitimação política; devo me concentrar aqui na ficha do dinheiro [...] O dinheiro é um exemplo de mecanismo de desencaixe associados à modernidade [...] “O dinheiro propriamente dito”, entretanto é obviamente uma parte inerente da vida social moderna bem como um tipo específico de ficha simbólica. [...] Por sistemas peritos quero me referir a sistemas de excelência técnica ou competência profissional que organizam grandes áreas dos ambientes material e social em que vivemos hoje. A maioria das pessoas leigas consulta “profissionais” – advogados, arquitetos, médicos, etc. – apenas de modo periódico ou irregular. Mas os sistemas nos quais está integrado o conhecimento dos peritos influencia muitos aspectos de uma maneira contínua. (GIDDENS, ANTHONY, 1991, p. 17-23)

Assim, com a mudança das fichas simbólicas, os índios foram obrigados a abandonar seu modo de vida e relação com a terra que habitam, passaram a se adequar às legislações que limitavam o prosseguimento de suas tradições, passaram a não produzir para o consumo, e a depender de ajuda de programas governamentais direcionados a órgãos governamentais objetivados a civilizar o povo indígena à sociedade. Seus sistemas peritos, que, antes, se limitavam em líderes religiosos, passaram a se conciliar com a tecnologia e a medicina humana.

Conforme Canclini (2005), o mundo moderno possibilitou a mudança de pensamento sobre a sociedade, que, antes, distinguia-se, segundo identidades étnicas ou nacionais, agora, distingue-se por conexão.

Os incluídos são os que estão conectados; os outros são os excluídos, os que vêm rompidos seus vínculos ao ficar sem trabalho, sem casa, sem conexão. Estar marginalizado é estar desconectado ou “desfiliado”, segundo a expressão de Robert Castel. No “mundo de conexões” parece diluir-se a condição de explorado, que antes se definia no âmbito do trabalho. [...] Agora, o mundo apresenta-se dividido entre os que tem domicílio fixo, documento de identidade, cartão de crédito, acesso à informação e dinheiro, e, por outro lado, os que carecem de tais conexões. (CANCLINI, 2009, p. 92)

A partir do exposto por Canclini (2009), podemos entender que o indivíduo, como ser social, pode ser alvo de discriminação, pelo simples fato de ser diferente do padrão instituído pela ordem vigente, sendo o próprio choque cultural consequente de discriminação, podendo ocorrer reações de afastamento ou de aproximação. Podemos perceber, claramente, essas reações na fala do discente Anderson.

Anderson: Bom, eu fui viver isso no primeiro ano, quando nós estávamos apresentando um trabalho. Aí, após a apresentação do trabalho, nós íamos sair, e aí tinha uma menina, na frente, conversando, aí, um de nós viu e escutou ela falando assim: ‘nossa, esses índios são brega!’, falou bem assim. Aí, nós fomos em outra apresentação de trabalho, nós fomos e falamos, explicamos, e, tipo, jogamos na cara uma indireta para as pessoas se tocarem que nós não éramos aquele tipo de gente que eles pensavam, e também, na hora que ela estudar cultura, que, quando eles viram nós, pela primeira vez, pintados, falaram assim: ‘nossa, o tamanho dessas crianças com essas tatuagens no braço’. Aí, nós tínhamos que falar: ‘não, isso não é uma tatuagem, isso é uma pintura indígena’. Também já fomos parados pela polícia, e eles falam assim: ‘e essas tatuagens aí? hum?’. Aí, nós: ‘não, isso aqui não é tatuagem não, isso é uma pintura indígena’. Aí perguntaram de onde nós era, aí teve de explicar tudo. (ANDERSON, 2019)

Cada indivíduo lida, de forma diferente, com as dificuldades encontradas no processo de adaptação a uma nova cultura. Podemos perceber que, para os discentes Xacriabás, esse processo de adaptação ao novo acarreta a valorização da sua cultura, o que, muitas vezes, na própria aldeia, não era valorizado.

Romaicon: Que, quando... Por exemplo, lá, quando eu estava na etnia, eu meio que estava... não estava indo mais nas apresentações culturais que tinha, não estava participando de nada, eu só ia ver só curtição, era festa, era essas coisas, e, no caso, estudava. Quando eu vim para cá, que eu fiquei muito tempo sem as apresentações, aí a gente começou a conversar, o grupo nosso dos meninos, aqui, que eram Xacriabá, e a gente começou a ver que, aqui, a gente estava sentindo falta daquilo, e a gente precisava daquilo. Aí foi o momento que fortaleceu a nossa cultura. Aí a gente viu, fora da etnia, o que a gente tem de melhor, a gente adquiriu um conhecimento mais amplo, e a gente vê que a gente precisa daquilo, e a gente tem que, meio que a gente sai da etnia, mas a gente

tem que carregar aquilo com a gente, porque é a nossa história, é a nossa sobrevivência, o nosso modo de viver (ROMAICON, 2019).

Entendemos, assim, que os Xacriabás realçam os valores e aprendizagens adquiridos na aldeia, determinantes de sua cultura, e que, ao se depararem com novas aprendizagens, se esforçam para se adaptar e conseguir alcançar o objetivado, na vinda para o IF Goiano, ou seja, a busca por conhecimentos científicos mais avançados. Esse objetivo os fizeram respeitar as diferenças culturais, mas não os fizeram esquecer as suas raízes, a sua história e os seus costumes, mesmo que, em muitos momentos, tiveram que deixar de lado alguns costumes e modos de ser, para que o convívio com os demais colegas não índios fosse viável e tranquilo.

Crises e Enfrentamentos do Percurso de Formação

Neste tópico enfatizaremos as dificuldades dos discentes Xacriabás, nesses três anos de formação, expondo, abaixo, algumas das experiências relatadas, que proporcionaram as principais crises e enfrentamentos desse percurso, ressaltam a adaptação às regras, e o convívio com discentes não índios, bem como o preconceito por parte destes.

Ao chegar no IF Goiano, para eles, era tudo novo, as pessoas diferentes, costumes, o linguajar, o ambiente eram meramente estranho, pois eles não tinham o costume de sair da aldeia por muito tempo, ou sem seus pais. Viram-se em uma tarefa difícil, e junto a essa difícil tarefa vieram os desafios. Neste momento, através de seus relatos, enfatizamos suas trocas e silêncios atribuídos a essa jornada.

Adaptação às novas regras

Pesquisadora: Como funcionam as regras lá na aldeia? Porque lá vocês também têm algumas regras.

Ademar: “Têm, mas as nossas regras lá, somos, basicamente, nós quem fazemos mesmo, nós que ensinamos o modo de se comportar, sabe... Não tem alguém que vai

interferir. Mas, geralmente, são só nossos pais que educam, e o povo mais velho” (ADEMAR, 2019).

Pesquisadora: E qual a diferença das regras daqui?

Ademar: As regras daqui são regras que, se você não... se você descumprir, não vai ter pessoas que vão compreender seu erro, alguma coisa. São regras que para se cumprir à risca. Assim, lá, se você tiver um erro, alguma coisa, de vez em quando, conversar com uma pessoa mais velha, com um Conselho, você pode resolver. Acredito que tem o Conselho (aqui), mas existem regras que, ou você cumpre à risca, ou vai embora. (ADEMAR, 2019)

Para o entendimento de como as regras interferem nessa conexão e relação com outro tipo de sociedade, voltamos a refletir nesta pesquisa, sobre a visão de Durkheim (2007), sobre o ser social, se somos seres sociais, somos seres individuais e seres coletivos, o que ele chama de solidariedade social:

É que em cada um de nós, pode dizer-se, existem dois seres que, apesar de apenas serem separáveis por abstração, não deixam por isso de ser distintos. Um é feito de todos os estados mentais que apenas têm a ver conosco e com os acontecimentos da nossa vida pessoal. É o que poderemos chamar o ser individual. O outro é um sistema de ideias, de sentimentos, de hábitos que exprimem em nós, não a nossa personalidade, mas ao grupo ou grupos diferentes de que fazemos parte; são as crenças religiosas, as crenças e as práticas morais, as tradições nacionais ou profissionais, as opiniões coletivas de qualquer gênero. O seu conjunto forma o ser social. Constituir este ser em cada um de nós, tal é o fim da educação (DURKHEIM, 2007, p. 14-15).

Quando o discente se insere no IF Goiano, podemos relacionar essa ação, segundo Durkheim, como fato social, pois o indivíduo se torna obrigado a se adaptar às novas regras. Os padrões culturais do IF Goiano se impõem a todos os discentes, obrigando-os a cumpri-los (Coercitividade), pois, quando o indivíduo se estabeleceu no IF Goiano, já existia tais regras e organizações (Exterioridade), essas devem ser cumpridas por todos e não apenas por um indivíduo (Generalidade).

As reflexões de Durkheim sobre a sociedade e o fato social podem trazer a compreensão de momentos como o pensamento de desistência pelo sentimento de não pertencimento àquele meio, àquela sociedade, o que pôde ser percebido em muitos relatos dos discentes Xacriabás, como no relato do discente Romaicon:

Romaicon: É que a gente teve que se adaptar ao jeito que desse mais certo, e foi embora. Teve muita gente que, muitos meninos Xacriabá, que não se adaptaram e

voltaram. Muitos, aqui, mesmo, já perderam bolsa, voltou para etnia por causa da (não) adaptação, das regras... Aí fica meio difícil, porque, para vir, a gente já gasta muito, aí a gente vir e não concluir o curso é meio complicado (ROMAICON, 2019).

Os relatos do discente Romaicon mostram também que a adaptação às novas regras é mais que necessária, não é apenas pela questão de boa convivência, mas também por uma questão de permanência naquele meio, com o objetivo maior de conclusão do curso.

Quando os discentes se matriculam no IF Goiano, eles recebem um livreto em que contêm todos os direitos e deveres do aluno naquela instituição. Cabe ao aluno ler, compreender e seguir aquelas regras impostas no livreto. Entendendo que uma instituição de ensino precisa estar baseada em regras, para que o andamento diário de variadas situações não caia em desordem, os discentes concordam que necessita haver regras. Porém, consideram muitas regras injustas e prejudiciais aos discentes indígenas, pois muitas coisas que, para eles, no IF Goiano, é proibido, antes, na aldeia, era comum, como o fato de andar sem camisa fora de sala de aula, relatado pelo discente Romaicon, quando questionado sobre o primeiro impacto no IF Goiano: “ah, pra mim, foi a questão das leis que tinha aqui, eles pegam no pé, muito rígido com os estudantes, né, porque, pra nós, era, né, porque a gente era livre, a gente andava sem blusa lá, era uma coisa normal pra nós, que a gente sair sem blusa do quarto era bonito...” (ROMAICON, 2019). E ainda questionam a injustiça de muitas regras, como ressaltado pelo discente Hernando:

Hernando: Ainda não. Até hoje nunca passei por Conselho nenhum não. Mas, eu acho que os métodos disciplinares aqui... eu acho que, aqui, tem muita regra que é muito injusta. Um exemplo mesmo aqui. Se você fizer um café dentro do quarto, você toma uma advertência ‘grave’. Eu acho isso muito injusto. Tem várias advertências que eu penso que são muito injustas aqui, tem outras que são certas, outras medidas disciplinares que são certas, mas muitas, muitas são muito injustas, as que as pessoas ganham advertência (HERNANDO, 2019).

O fato de as regras da escola terem esse impacto para os discentes nativos pode ser explicado por uma questão cultural de transmissão de valores e comportamentos, que se dão desde a infância, na própria escola:

Norbert Elias demonstra que o processo civilizador das sociedades ocidentais, basicamente a partir do século 16, desenvolveu parâmetros de racionalização dos gestos e das condutas, com o fito de estabelecer redes, elos, cadeias sociais, voltados para civilizar comportamentos. A educação, e mais especificamente a escola, tiveram papel importante nesse processo. Na compreensão de Elias (1993), as clivagens de distinção social passaram a ser progressivamente situadas a partir da regulação das atitudes das pessoas perante os outros. O processo civilizador, nesse sentido, fez com que passasse a existir, com força cada vez maior, um “controle mais complexo e estável da conduta [que] passou a ser instilado no indivíduo desde seus primeiros anos, como uma espécie de automatismo, uma auto-compulsão à qual ele não poderia resistir, mesmo que desejasse”. (BOTO, 2014, p.102, *apud* ELIAS, 1993, p. 196)

Podemos compreender a escola, de acordo com a visão de Boto (2014, p. 104), em dois universos, não somente na transmissão de conteúdo, mas também, na transmissão de formas de comportamento, em que o aluno é, segundo ela, o “protagonista involuntário do referido ato”. Por isso a dificuldade dos discentes nativos Xacriabás não se limita apenas em conteúdo escolar, mas também, como visto nos relatos, na aprendizagem das regras impostas pelo rito escolar, o qual se designa como uma cultura institucionalizada, diferente da que os discentes nativos estavam acostumados e foram ensinados nas escolas da aldeia.

Sobre o convívio com discentes não índios e o preconceito, depreende-se que:

Conviver não é simplesmente viver com alguém, lado a lado. Não é uma simples aceitação do outro. Mas, no meu entender, conviver significa entrelaçar culturas, dividir formas diversas de pensar, de ser, de agir, de crer, de perceber e encarar a própria vida, para criar, a partir deste convívio, algo diferente e novo em mim mesma e no outro. (MARIA, IR.EDI, 2012. p. 269-273)

A convivência com o outro, com o diferente, nos faz explorar um ambiente que não estamos acostumados. Essa exploração pode acarretar muitas consequências, dentre as quais estão ressaltadas nos relatos dos discentes Xacriabás. Para eles, a convivência com o colega não indígena é algo difícil de acontecer. Pontuam, em primeiro lugar, a reação dos colegas quanto ao entendimento de serem índios, com aparência normal, sem cabelos lisos e pele morena, devido à mestiçagem de índios, baianos e negros. Pontuam também o entendimento sobre as pinturas no corpo, que sempre precisam explicar, para não serem confundidas com tatuagem. Pontuam, em especial, a questão do respeito, deixando claro que o convívio entre discentes índios e não índios se baseia em um respeito

mútuo, e não em uma amizade como com um colega indígena, pois relatam a dificuldade de confiar nos discentes não índios.

Pesquisadora: Em relação a amizades, você tem muitos amigos?

Luiz Gustavo: “Assim, os indígenas são todos amigos meus. Agora, os outros, são poucos, que não são indígenas... são poucos. Não são muitos não” (LUIZ GUSTAVO, 2019).

Percebemos que os indígenas construíram, entre eles, um ambiente de proteção, pois se sentem minoria, e em desvantagem sobre muitas formas de ver e lidar com muitas situações cotidianas.

Diemerson: Enquanto... É como os meninos fala, que, quando é a gente que está aqui, a gente é como uma família, se mexeu com um indígena, ‘ó, você tem que ajudar’. Da mesma coisa, quando se... isso já aconteceu com a gente já, aconteceu, quando um estiver sozinho, outro vai vir e vai ajudar. Aí, os meninos estando certos ou não, (a gente) está lá ajudando. Porque é uma forma de a gente se defender aqui, porque a gente sofre por estar em pequena quantidade, e eles estarem em maioria, aí tem que ajudar um ao outro (DIEMERSON, 2019).

Romaicon: “É, eu sou bem ‘cismado’, assim... Eu, para eu... é... meu caso, eu interajo mais só com os meninos mesmo daqui, de... ou de Missões, ou de lá mesmo do Xacriabá, agora, com os outros meninos, assim, é bem... difícil fazer amizade, sou um pouco fechado” (ROMAICON, 2019).

Para os discentes Xacriabás, a vivência cotidiana no IF Goiano proporcionou um convívio melhor com os demais colegas não indígenas. Colocou-os, constantemente, em contato com o outro, ensinando a respeitar as diferenças impostas.

Ademar: “Ah, eu acho que aprendi já a conviver melhor com as pessoas. Acho que o IF proporciona isso. O convívio (Você) tem que estar, constantemente, lidando com as pessoas, e você aprende a respeitá-las mais, (quanto ao) que elas não gostam, (para) ter um convívio melhor” (ADEMAR, 2019).

Percebemos um sentimento enraizado, culturalmente, em suas histórias de vida, no convívio entre os indígenas e não indígenas, como se o homem branco, como denominam os discentes não indígenas, fosse uma ameaça para eles, como sempre, na história do índio. Assim, esse atrito entre homens brancos e índios está sendo ressaltado na relação com os demais colegas não indígenas.

O preconceito ganha força nessa relação, devido à falta de conhecimento entre as culturas, por isso, os indígenas valorizam os momentos de apresentação de sua cultura para os demais colegas e sociedade branca, pois falar dos seus valores e costumes é reviver e repassar a importância disso na vida deles.

Romaicon: É, porque estava explicando que era uma coisa simbólica para nós, era cultural, e a gente não podia deixar aquilo lá, que (a gente) vive, e viver como a sociedade do branco, do homem branco. Só que parecia que ela não entendia bem, porque ela retomava a mesma pergunta, praticamente, só que com palavras diferentes. Aí... (a ‘Zeza’?) Até complementou lá, falando que, dando o exemplo lá, das pessoas ali, em um raio, perto de... que habitavam ali perto de Brumadinho, e com o estouro da barragem lá, deixaram a terra ali, porque eles foram obrigados, e aquilo ali afetou muito as gerações, que... Como é que a pessoa ia ali falar, como é, como ela ia explicar para o filho dela que a cultura do povo dela tinha sido coberta por lama? Que ali tinha uma igreja onde foi feito o casamento dela? Então, tem aquele valor que a gente... guarda ali, que é simbólico para a gente (ROMAICON, 2019).

Pesquisadora: E são valores que vocês trazem para a vida.

Romaicon: “Que a gente traz, que faz o nosso viver, na verdade, faz o que a gente é” (ROMAICON, 2019).

Assim, os discentes indígenas, em seus relatos, esclarecem a necessidade de não se ofender devido a muitas situações de preconceitos a que foram submetidos, preferem acreditar que seja falta de conhecimento sobre sua cultura, mas não descartam que passar por essas situações acarreta sentimentos ruins que os afetam como seres humanos.

Chama atenção a forma como os indígenas enfrentam a questão do preconceito. Sabemos que, na escola, é onde ocorre as principais situações que chegam a ser determinantes ao *bullying*, por isso, a escola deve estar sempre atenta para criar estímulos de interação, convívio e conhecimento entre os discentes culturalmente diferenciados. A escola deve elaborar projetos e métodos que ajudem a eliminar essas barreiras para o

convívio e amizades entre os discentes índios e não índios, isso está frisado também na fala dos discentes Xacriabás, que sentem falta dessas ações na escola. Além deste aspecto relevante ao bom relacionamento e desenvolvimento do aluno, busca-se refletir ainda questões relacionadas com uma proposta curricular que atenda a realidade dos alunos. A escola não deve impor uma cultura dominante, mas sim se apropriar de todas as culturas existentes naquele espaço educacional, reconhecendo a diversidade ali presente e integrando e valorizando as diferenças. Essa valorização só poderá ser imposta pelas ações da escola a partir do reconhecimento e aceitação dos diferentes.

Forquin (1992) nos diz que a escola é lugar de transmissão de saberes e de símbolos. Esta pesquisa, no entanto, possibilita esta reflexão, diante do exposto que o processo educativo não se restringe a contextos formais, se desenvolve também em contextos informais, não somente na escola, mas sim na vida.

Ademar: Acho que agradeceria por tudo o que me ensinaram. E o que eu diria para eles é agir de forma a ter mais atenção com os alunos, com as pessoas, que... Se você proporcionar locais onde os alunos pudessem interagir mais entre eles, conversar um pouco mais com eles... A gente sai de um lugar com pessoas totalmente diferentes, e vem para cá, e acaba que não conhece ninguém, fica muito chato. Ver se podiam proporcionar uma interação maior entre eles. Experiências transformadoras (ADEMAR, 2019).

Através de seus relatos, podemos perceber que os discentes indígenas passaram por um percurso árduo em três anos de formação e adaptação ao novo. Porém, todos esses momentos foram cruciais para a formação humana, para a vida. Não podemos esquecer que estamos falando de sujeitos jovens, que, pela primeira vez, tiveram a necessidade de manifestar em relação a um grupo, concepções e formas de ser e pensar, mesmo com influências internas de cultura e família. Nesse ambiente de um novo grupo, tiveram que se adaptar, e, para tanto, desenvolver comportamentos aceitáveis àquele grupo em que está inserido. Frente a essa adaptação ao novo, estão passando por outras adaptações advindas da própria natureza humana, como as mudanças do corpo, sexualidade, que acarreta uma crise de identidade.

O que importa tanto em termos de família como da escola é saber que o púbere/ adolescente está travando uma batalha de autoconhecimento, explorando o próprio corpo para dele se apropriar, segundo os modismos do grupo que garantem sua pertinência e identidade grupal.

Daí a simples crítica, zombaria ou proibição tornam-se absolutamente inadequadas, podem se tornar trincheiras da luta dos jovens com adultos, diminuir sua autoestima e/ ou reforçar suas defesas. (BOSSA, 2013, p.174)

No entanto, para esta pesquisa, não intentamos frisar sobre as crises da fase de transição da adolescência à vida adulta, mas é necessário entender que a batalha travada pelo discente adolescente vai além de atividades cotidianas e rotina escolar, são indivíduos em desenvolvimento social, psíquico, afetivo, sexual, etc., em busca de autonomia e de formar-se como adultos responsáveis por seus atos. “Como busca de autonomia nos referimos [...] ao movimento de submissão ao desejo do outro e de assunção do desejo próprio” (BOSSA, 2013, p.174). Ou seja, o desligamento da autoridade dos pais e / ou de uma cultura determinada, substituindo, assim, seus objetos originais e ideais.

Ademar: Acho que, para aprendizado mais, é... a questão de... Quando a gente vem para cá, a gente acredita muito em coisas que a pessoa fala, coisas religiosas... como posso dizer... muitas lendas, e coisas que as pessoas acreditam. Quando a gente chega aqui, acaba vendo que não é dessa forma, a gente aprende, cientificamente, como funcionam essas coisas. Acho que isso facilita bastante na vida. Plantas, também, a gente... Antes, a gente lidava com plantações de maneira natural, elas se desenvolviam ali naturalmente, não tinha... Agora a gente entende o porquê de como ela se desenvolve, como facilitar a ela se desenvolver, e as coisas... Passa a imagem das coisas, de um modo natural, para ver como elas realmente são, cientificamente (ADEMAR, 2019).

Através da narrativa do discente Ademar é possível visualizar o conflito entre o saber popular e o conhecimento científico, bem como, a inexistência da cientificidade nos saberes da aldeia.

Embora, segundo Araújo (2006), seja o conhecimento popular sem métodos críticos e sem sistematização, este é colocado como necessidade imediata para explicar muitas histórias contadas pelos mais velhos, acobertando tradições de uma determinada cultura.

Pode-se afirmar que o conhecimento prévio dos discentes xacriabás está direcionado aos conhecimentos de sua aldeia (aos saberes populares, religiosos, artísticos e místicos) . Dessa forma ao se deparar com uma nova forma de lidar com o conhecimento este passa por um processo de ruptura, onde “A ruptura não significa necessariamente um

pedido de afastamento, mas é preciso romper para estabelecer nova forma de relação” (BOSSA, 2013, p. 197). Como bem compreendido, no relato do discente Ademar, quando visualiza a existência da cientificidade naquilo que era ensinado como mito, visualiza uma nova forma de relacionamento com o que já havia sido ensinado e determinado em sua cultura.

Nesse sentido busca-se entender a questão curricular aqui exposta, e seu poder estabelecido, quando na aldeia este currículo está voltado a conhecimentos necessários básicos para continuação de sua tradição e propagação de sua cultura. No IF Goiano este se volta para a preparação básica para o trabalho, ou seja, a preparação para a sociedade do homem branco.

O currículo reflete uma concepção de mundo, nele apresenta-se atividades intencionalmente desenvolvidas para o processo de formação do indivíduo, que inserido em uma nova sociedade, está submetido a ela e aos seus ensinamentos. No entanto, deve-se considerar a bagagem cognitiva e as experiências anteriores de cada aluno, o que muitas vezes é esquecido, tornando um processo árduo para o aluno, que sofre ao se deparar no processo de aculturação.

O professor é o principal mediador do currículo, cabe a ele a tarefa de minimizar esse sofrimento, deixando de se limitar apenas a conteúdos estabelecidos, contextualizando os temas de suas aulas a realidade do aluno.

A formação docente muitas vezes pode justificar essa limitação a conteúdos, e a falta de sabedoria exposta pelas próprias falas docentes nessa pesquisa, em não saber lidar com os discentes xacriabás quanto ao ensino e aprendizagem e a socialização destes com os demais. Essa formação centrada no egocentrismo de superioridade que está atrelada a cultura dos docentes, cria uma barreira que impede o próprio docente a buscar métodos para se relacionar com o aluno de forma que ocupem o mesmo espaço e a mesma posição, facilitando assim a consolidação do processo educativo.

Essa educação que podemos visualizar ainda na realidade das escolas, partindo do pressuposto de que o professor é detentor do saber e o aluno apenas receptor do conhecimento passado a ele, nos remete a uma abordagem da educação bancária, esta criticada por Paulo Freire, que vê nesse modelo educacional a formação de indivíduos acomodados, não questionadores, submetidos a estrutura do poder vigente.

É preciso ressaltar, segundo Knapp (2015) que identificamos, na história da educação escolar indígena no Brasil, um processo educativo que figura até os dias de hoje, como elemento relevante para a construção e a manutenção do sistema colonial e

colonialista. Apesar de contribuições significativas em torno de uma escola diferenciada, intercultural e bilíngue (em consonância com as leis vigentes), continuamos a alimentar uma nova forma de colonização dos grupos indígenas, já que segundo o autor a instituição escola foi e é usada como uma ferramenta assimilacionista e integracionista; servindo ao estado, e em determinados momentos da história, a igreja.

A educação indígena vem sofrendo muitas mudanças ao longo das décadas devido as lutas desses povos pela busca de seus direitos. Neste cenário é necessário pensar a educação escolar como forma de transmissão de culturas e saberes diferenciados, assim, lentamente as discussões em termos de educação escolar indígena vêm se avantajando na busca da preservação de suas tradições, exercendo assim o índio sua cidadania.

Pode-se apontar os principais marcos para o reconhecimento da educação indígena:

- a) A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) nº 9.394/ 1996 que ratifica o direito à educação escolar Indígena bilíngue e intercultural.
- b) O Referencial Curricular Nacional para as escolas indígenas (RCNEI), publicado em 1998 relata experiências concretas nesse modelo de educação, a partir de uma vasta bibliografia produzida por renomados antropólogos, linguistas, historiadores, pedagogos, dentre outros.
- c) O Plano Nacional de Educação (PNE), planeja o reconhecimento da categoria Escola Indígena, ressaltando a busca pela autonomia das escolas indígenas, incluindo o respaldo na construção de magistério indígena e o reconhecimento do professor indígena como carreira profissional.
- d) O Parecer 14/99 e a Resolução 03/99, o parecer aprova as diretrizes curriculares da educação escolar indígena, a resolução estabelece a categoria escola indígena, definida por localização em terras habitadas pelas comunidades indígenas, além de fazer alusão ao uso de materiais didáticos pedagógicos produzidos de acordo com o contexto sociocultural de cada povo (KNAPP,2015, p 90 - 92).

A constituição Federal de 1988 é um marco na história política da educação, vista como a possibilidade de ampliação expressiva dos direitos indígenas e o reconhecimento da pluralidade cultural do País, destacados em seus artigos 210 e 215, que segundo Knapp (2015, p. 82) “estabelece a criação da defesa de uma escola diferenciada, intercultural e bilíngue”.

Outro marco histórico na valorização das culturas indígenas está na lei nº 11.645 de 10 de março de 2008, que torna obrigatória a inclusão de conteúdos de história e cultura indígena no ensino básico. Segundo Knapp (2015, p 88) “os grupos indígenas precisaram primeiramente serem reconhecidos como parte da sociedade brasileira; para só após isso, terem garantidos os seus direitos”.

Dessa forma, as ações da escola devem se policiar para que a reprodução de conhecimentos não seja a imposição de códigos da classe dominante sobre a classe dominada. As dificuldades ainda precisam ser apontadas e problematizadas, é preciso por exemplo, segundo Knapp (2015), identificar que elementos compõe a pratica cultural da comunidade indígena, para saber por fim, como propor as atividades educativas. Por sua vez, outro cuidado fundamental segundo o autor é compreender a dinâmica que a cultura propicia a cada geração, ou seja, compreendendo a capacidade que a cultura tem de se reproduzir.

Dessa forma, entende-se que as tradições das sociedades indígenas são transformadas. Deve-se então, ter o cuidado de não tomar o saber indígena como um conhecimento do passado, menos ainda em contraposição ao saber moderno. Se esse cuidado não for tomado, há grandes chances de que o perigo da diferenciação, presente nos currículos, apareça no sentido de folclorizar ou “exoticizar” as culturas indígenas dentro da escola. Além disso, há o perigo das interpretações equivocadas de que tudo que faz parte da “cultura” e da “tradição” esteja relacionado apenas a um passado longínquo que, por sua vez, nem se apresenta como atrativo ao aluno, já que se coloca como oposição ao que é novo e moderno (KNAPP, 2015. p.102).

Assim, este trabalho se vê relevante também neste aspecto, pois as narrativas das experiências aqui ressaltadas, dessa jornada de três anos de formação dos discentes xacriabás no IF Goiano, servirão como ferramenta para aqueles profissionais que não pretendem se acomodar com a situação do ensino bancário e colonialista.

Experiências transformadoras

Na perspectiva da biografização, destacada por Passeggi (2012), dividiremos em três etapas, que perpassam a busca de sentidos das experiências relatadas pelos discentes Xacriabás: a primeira etapa consiste na discriminação do eu (Quem sou eu), em que eles se identificam dos demais discentes em sua própria cultura e modos de se ver, percebendo-os como seres enraizados de costumes e crenças, bem como o

reconhecimento de si na história da sociedade brasileira. Vejamos os relatos abaixo, que designam essa etapa.

Romaicon: Um momento, assim, que eu achei marcante, foi, de que me lembro, foi, no terceiro ano, agora, que um professor chegou na sala, perguntou a alguns... estava explicando sobre a ditadura militar e pensou, assim, falou: ‘E vocês, o que vocês acham? Que a ditadura foi ruim, se a ditadura foi boa?’. Aí, eu tive um argumento, porque os alunos lá começaram a fazer graça, assim, falando que tinha sido boa, alguns falando que tinha sido ruim, e explicaram. Eu fui lá e falei que, para mim, tinha sido ruim, porque tinha matado muitos indígenas no combate com os Waimiri Atoari. A gente, a princípio, não via, não sei de relatos que tenha afetado (os indígenas, diretamente), mas, assim, eu sabia que tinha afetado o povo indígena. Aí, eu expliquei isso, e, naquele momento, assim, para mim, foi um momento em que falei assim: ‘nossa, eu estou me dando conta de como é que está a nossa situação no país, nós, povo indígena, como foi o histórico, assim, a construção da nossa história’. Então, acho que a gente se dá conta, assim, ao aprender algumas coisas, assim, durante o período que a gente esteve aqui (ROMAICON, 2019).

Este trecho nos mostra que o discente se reconheceu na história, identificando e fortalecendo sua identidade indígena, o que dá abertura para as próximas etapas da biografização, sendo a segunda etapa o reconhecimento da forma de pensar e ser: como penso? Por que penso assim? Visto que essa forma de pensar e ser ainda está em construção nesses discentes, que amadurecem a cada aprendizagem.

A forma de pensar também condiciona as atitudes e ações diante das situações, o que, para os discentes Xacriabás, é determinante, quando, em algumas situações de preconceitos, resolvem se calar, ou percebem uma maturidade maior diante dos demais discentes não índios.

Vejamos alguns relatos abaixo:

Romaicon: É, eu acho que o processo de a gente sair do nosso território para buscar um conhecimento mais diverso, acho que é uma continuidade da nossa luta. O nosso povo já viveu, o que o nosso povo já lutou, em combate mesmo, para manter isso, para manter aquilo tudo, para manter nossa, até nossa religiosidade. Mas é... Hoje não é combate físico, mas é combate na escrita, na lei, então, acho que a gente sair para buscar

isso é uma continuidade da nossa luta. Acho que é bem importante para o nosso conhecimento, como indígena (ROMAICON, 2019).

Ademar: Eu vejo assim: no meu ver, os meninos indígenas, eles têm uma certa maturidade, porque para vir para cá, é difícil, é muito complicado, você ver seus pais terem que se... correr atrás de algo assim. Eu mesmo, comprava com [ininteligível] sempre. Algum lugar que precisava ir, tudo que tinha que resolver, nós tínhamos que sair lá da aldeia para ir em Missões, em Itacarambi, e tal, sempre ia ocupando eles. Aí eu chego aqui, e penso que, se eu agir de modo imaturo, eu posso ir embora, e jogar isso tudo fora. Então, não é só por mim que eu estou aqui, também estou por eles. E alguns dos meninos daqui mesmo, de perto, acho que eles não passam por isso, esse transtorno todo, acho que eles não pensam... não todos, mas acho que, boa parte, eles não pensa nessa coisa, por esse lado (ADEMAR, 2019).

Na terceira etapa, estamos prestes a alcançar a compreensão do indivíduo sobre o que pode mudar em relação a seu modo de ver e pensar acerca do que estaria, até então, determinado, em sua concepção de mundo, ou seja, a ruptura entre o velho e o novo, entre o que eu era e o que me tornei.

Creio, ainda, que muita coisa não foi exposta, por uma questão de confiança, ou mesmo, porque ainda está em processo interno do próprio sujeito. Vejamos os relatos abaixo, que designam a atribuição de significados a esse percurso de três anos de formação no IF Goiano:

Romaicon: Acho que, quando eu cheguei aqui, eu tinha um pensamento muito limitado ao que eu tinha dentro da etnia, aí, hoje, eu estou saindo com um pensamento sobre as duas extremidades, tanto do nosso povo, dentro da nossa etnia, muito mais forte ainda, e, também, sabendo como é viver nessa sociedade do homem branco, como é interagir com essa forma de pensar deles, o que pensam da gente também. Então acho que eu entrei uma pessoa com um pensamento mais limitado, e estou saindo com uma visão bem mais ampla, com um pensamento bem mais maduro. E [ininteligível] também preparou muito a gente para a vida, porque viver longe do nosso lugar é... viver longe da família, do... é meio que... a gente mesmo tomar conta da gente aqui, é preparando a gente, já, para viver mesmo a vida, (ser) independente (ROMAICON, 2019).

No relato do aluno Romaicon, podemos compreender a construção de significado da experiência desses três anos de formação, o que, para ele, foi crucial em seu desenvolvimento pessoal, preparando-o para outras etapas da vida, nas quais se vê independente.

Anderson: Porque eu consegui ultrapassar as barreiras que vinham tentando limitar a gente desde o primeiro ano, que era a dificuldade que a gente teve. Aí a gente superou elas, e, hoje, nós estamos no final do terceiro ano, já perto de nos formarmos, e, graças a Deus, tudo dando certo, este ano, nós nos formamos (ANDERSON, 2019).

A visão do discente Anderson também se aproxima da visão de Romaicon, mesmo que este não tenha, com tanta clareza, a sua independência, a partir desse momento de superação, mas vê esse momento como crucial para sua formação.

Romaicon: Ah, acho que é ‘experiência’. É, que, um lugar que abre porta para você ter muita experiência, tanto de vida quanto de sobrevivência mesmo, porque... muitas das vezes, você tem que enfrentar a experiência nova, mesmo que você não esteja aqui. Ou, na hora em que você se tornar maior (de idade), no nosso caso, você tem que sair para trabalhar ou buscar um estudo, então, o IF serviu muito em onde buscar experiências novas, que eu pude buscar conhecimento da nossa etnia, que, no caso, foi desenvolvendo projeto, e, ao mesmo tempo, buscar uma experiência nas áreas das Ciências mesmo, que a gente busca aqui (ROMAICON, 2019).

Neste relato, o discente vê o IF Goiano como um mediador para suas conquistas e superações, valorizando todo o percurso traçado em sua formação científica e humana. Acredito que nem todos esses discentes Xacriabás, que foram convidados a participar desta pesquisa, conseguiram alcançar a etapa da ressignificação do eu, sendo esta uma etapa contínua. Muita coisa, ainda, poderá vir a mudar toda a percepção do sujeito de si e do ambiente a sua volta. Porém, de acordo com as narrativas dos discentes Xacriabás, nas entrevistas concedidas, percebemos que as experiências desses três anos foram válidas e transformadoras no sentido humano, de os tornar pessoas mais capazes e seguros de enfrentar novas experiências.

Considerações do capítulo

Este capítulo buscou analisar, através das narrativas dos discentes nativos Xacriabás, as experiências de suas formações, em três anos do ensino médio integrado ao técnico, no IF Goiano campus Urutaí - GO. Essa experiência é algo transformador do sujeito, que o possibilita tornar-se dono de sua própria história, um ser reflexivo sobre suas ações no mundo e seu modo de vida, dando sentido ao vivido.

Diante da perspectiva de experiência de formação abrangente, neste capítulo, buscou-se, através das análises das narrativas dos discentes Xacriabás, entender seu modo de lidar com outras concepções e ensinamentos, suas experiências significativas nesse percurso de formação, bem como, seus enfrentamentos frente aos variados desafios, ao estarem inseridos em um ambiente cultural diferenciado ao que era, para eles, de costume. Para esse entendimento, o capítulo foi dividido em tópicos, os quais foram designados por serem assuntos de maior ênfase, dadas por eles nas respostas das entrevistas.

O primeiro tópico, intitulado **sentimentos dos discentes nativos Xacriabás** (choque cultural), descreve e dialoga sobre os sentimentos dos discentes Xacriabás, devido ao choque cultural que sofreram ao serem inseridos no IF Goiano, bem como a questão já levantada nos capítulos anteriores sobre desencaixe sociocultural.

O segundo tópico, intitulado **crises e enfrentamentos do percurso de formação**, descreve as crises e enfrentamentos consequentes desses três anos de formação.

O terceiro e último tópico, **intitulado experiências transformadoras**, aborda as experiências relatadas por eles, que possuíram papel transformador, buscando esclarecer o processo dessa transformação, e a compreensão desse processo pelo narrador.

As análises foram realizadas através do método biográfico narrativo, que, segundo Passeggi (2012, p. 30), utilizando a linguagem, o sujeito é tomado como “capaz de autoconhecimento e de tomar em suas mãos a sua própria história”. Esse processo de tomada de consciência de si é denominado por Passeggi (2012) como processo de biografização “sobre qual é entendida como um trabalho de interpretação (busca de sentido)” (PASSEGGI, 2012, p. 35). “Se o situarmos no plano do fato biográfico e da biografização, diremos que o indivíduo se forma e se constrói como sujeito na dialética do trajeto e do projeto de si” (PASSEGGI, 2012, p. 41), ou seja, o sujeito poderá examinar a si próprio, refletindo quem é, como pensa, o que é, como mudar.

Esses aspectos da biografização foram destacados neste capítulo, em variados momentos, demonstrados nos relatos dos discentes Xacriabás. Assim, pôde-se perceber

nesses relatos, momentos de construção de significado do vivido, momentos de conflitos e ruptura entre o que eu era e o que me tornei, tornando-os seres independentes a partir da superação das dificuldades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa se propôs a pesquisar sobre as experiências de formação dos discentes nativos Xacriabás, em três anos do ensino médio integrado ao técnico, no IF Goiano campus Urutaí-GO. Assim, através do método biográfico narrativo, buscou-se, nos relatos dos discentes Xacriabás, compreender as experiências por eles adquiridas, nesse percurso de formação, formação esta tratada nesta pesquisa como aquela que perpassa a vida humana integral do indivíduo em relação consigo mesmo e com o meio.

Os Xacriabás são discentes que vieram do norte de Minas Gerais, possuindo, assim, uma bagagem de cultura e saberes diferentes dos demais discentes que fazem parte do alunado do IF Goiano. Conhecer a história dos Xacriabás, bem como os seus relatos sobre as vivências e as experiências que essas vivências atribuíram a eles, foi fundamental para as análises aqui destinadas.

Essas análises foram importantes para a escola, que poderá interagir de forma diferente com as dificuldades colocadas como socialização desses alunos, aprendizagem, convívio. Após a leitura do que foi exposto nesta pesquisa, cabe à escola buscar estratégias para sanar os sentimentos aqui retratados por eles, que contribuíram para as dificuldades de inserção naquele novo meio.

As análises que a autora buscou revelar nesta pesquisa poderá ser importante também para os discentes não índios, na busca de compreensão cultural dos colegas Xacriabás, podendo estes evitar momentos de preconceito e desprezo do próximo, dado como diferente.

Ainda, estas análises serão uma contribuição para que os discentes Xacriabás possam compreender, de fato, suas transformações como sujeito social, capaz de reflexão crítica sobre os acontecimentos de sua vida.

Para os discentes Xacriabás, que ainda virão para o IF Goiano, esta pesquisa pode ser objeto de motivação, uma vez que podem se espelhar na superação dos colegas, pelas experiências aqui narradas.

Para a pesquisadora, esta pesquisa contribuiu, de forma extraordinária, para sua formação acadêmica, mas também humana. A visão inicial dos discentes Xacriabás, do povo indígena, necessitava de maiores conhecimentos e estudo sobre esse povo. O estudo sobre a cultura, no geral, fez crescer, na pesquisadora, uma criticidade em muitas coisas que, antes, eram vistas de forma enviesada, e, muitas vezes, preconceituosas. O estudo do

conceito de formação e experiência também abrangeu mudanças na forma de compreender a própria formação como pesquisadora, que, após todo esse percurso de formação, ao adentrar no mestrado, me sinto empoderada e capaz. Como profissional, me vejo capaz, não somente de perceber o problema, mas de sugerir mudanças e meios para lidar com situações colocadas como difíceis ao âmbito escolar.

Para a sociedade em geral, esta pesquisa poderá contribuir por trazer à tona estudos necessários ao bom desenvolvimento da coletividade, de uma sociedade, que necessita do estudo de cultura, e do aprendizado do respeito ao próximo e da empatia.

Ao finalizar essas análises, confesso que surpreendeu o resultado obtido, pois os assuntos abordados nas entrevistas trouxeram particularidades inimagináveis ao contexto desta pesquisa. Sentimentos foram revelados, bem como estratégias de enfrentamento desses sentimentos.

Considero que os objetivos desta pesquisa foram concluídos, ao conseguir compreender o que, de fato, pensam os discentes Xacriabás, sua forma de ser e forma de lidar com as situações cotidianas impostas a eles em suas vivências. E, ainda, por atribuir sentido as suas experiências, que, antes deste trabalho, eram apenas vivência, agora, é a soma de acontecimentos guardados na memória de um povo, de uma instituição, de uma pesquisadora, dos leitores; é a voz de uma minoria, até então, silenciada, e destinada a aculturação.

Podemos perceber, ademais, nas relações dos discentes Xacriabás com o novo ambiente, a necessidade de reencaixe social, modelagem àquele meio, às regras, aos costumes. Porém, não somente em âmbito escolar, mas, na vida, essas mudanças estão cada vez mais próximas da sociedade indígena, que busca meios para se adaptar à modernidade imposta, explorando conhecimentos científicos como forma de igualdade de oportunidades. Por esse motivo, a escolarização se tornou uma luta indígena, que, para eles, é uma ferramenta contra a perda de sua cultura, pois a escola não é apenas a transmissão de conteúdo, mas também de condutas, de formas de comportamento, de uma cultura dominante.

No entanto, mesmo diante de uma nova cultura, novos ensinamentos, e distantes dos seus saberes, valores, os discentes Xacriabás não deixaram de transmitir o valor referente à cultura de sua etnia, a memória de seus antepassados e o que eles conseguiram transmitir não foi esquecido. E, mesmo que muita coisa, às vezes, tenha sofrido uma mudança de sentido, ao longo do caminho, advinda do conhecimento científico, o que se pretende é o retorno à aldeia, na intenção de melhorar aquele ambiente, como forma de

valorizar a sociedade de que fazem parte, mesmo que ela se configure como uma sociedade, até então, esquecida pelas políticas públicas, e destinada à extinção, fato que motiva ainda mais esse retorno à aldeia.

As experiências advindas desse percurso de três anos de formação no IF Goiano demonstraram o crescimento dos discentes Xacriabás, em termos de convívio com outra cultura e com outras formas de pensar, acarretando a transformação desses. Mas uma transformação individual que os tornou, certamente, capazes de enfrentar outras etapas que ainda virão, independentemente da cultura imposta no decorrer de sua formação, ou mesmo de uma nova cultura e novos ensinamentos no decorrer desses três anos de formação no IF Goiano. Esses conhecimentos foram, por eles, sistematizados, de forma que criaram em si suas próprias características, seu modo de pensar, independente de influências familiares e escolares, conseguiram estabelecer uma coerência entre as relações do passado e as mudanças ocasionadas pelo processo, retratando, assim, seres capazes de autonomia.

Para eles, essa autonomia e criticidade, advinda de um percurso de formação, é a continuação de suas lutas para manter a sua identidade indígena. Mesmo com essa metamorfose, a identidade indígena está enraizada em suas vidas e não foi esquecida, muitas vezes, tendo sido até valorizada, porém, de uma forma diferente a que antes era possível.

Acredito que nem todos os discentes Xacriabás, que foram convidados a participar desta pesquisa, conseguiram alcançar essa autonomia do sujeito como ser pensante, transformador de si. Porém, muita coisa ainda poderá vir à tona e mudar toda a percepção do sujeito de si e do ambiente a sua volta. Creio, ainda, que muita coisa não foi exposta, por uma questão de confiança, ou mesmo, porque ainda está em processo interno do próprio sujeito, tendo em vista que estamos diante de sujeitos jovens, pela primeira vez, tendo a necessidade de se manifestarem em relação a um grupo, suas concepções e formas de pensar. Pela primeira vez, tiveram que se adaptar a um novo grupo, e ainda perpassam por muitas adaptações advindas da própria natureza humana, como as mudanças do corpo, a sexualidade etc.

Finalizando esta pesquisa e todas as análises realizadas, fico grata ao saber que esta poderá ser aprofundada através de novas pesquisas, especialmente, as que utilizam o método narrativo biográfico. Acreditamos que conseguimos alcançar o objetivo da pesquisa biográfica, que, segundo Delory Momberger (2012), consiste na atividade

mental e comportamental do indivíduo, em uma compreensão e estruturação da experiência e da ação, na sua relação com o mundo que o rodeia.

Assim, muitas discussões que não foram aprofundadas nesta pesquisa, sejam em termos da educação, da psicologia, ou mesmo da antropologia, por não compreenderem o objetivo desta pesquisa, poderão ser norteadoras em novas pesquisas. Saliento este tema na perspectiva de outro sujeito, como as experiências de formação dos discentes de Minas Gerais, ou dos discentes menores de idade, ressaltando que cada grupo de sujeitos poderá trazer uma pesquisa inédita através dos objetivos traçados e dos diferentes relatos dos sujeitos.

REFRÊNCIAS

- ALMEIDA, Maria Regina Celestino. Os índios na História do Brasil no século XIX: da invisibilidade ao protagonismo. **Revista História Hoje**, v. 1, no 2, p. 21-39 – 2012
- ALMEIDA, R. I. P. C. **Borboletas Amarelas: A presença dos alunos Xacriaba no IF Goiano – Campus Urutaí.** Universidade Federal de Uberlândia. Instituto de Ciências Sociais. Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais – Mestrado em Ciências Sociais, Junho. 2019.
- ALMEIDA, Rita Heloisa. Xacriabá- cultura, demandas e planos. **Revista de estudos e pesquisa.** FUNAI, Brasília, v.3, n.1/2, p.9-39, jul. / dez. 2006.
- ARAÚJO, Carlos Alberto Àvila. **A ciência como forma de conhecimento.** Escola de ciência da informação, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Ciencia e Cognição, 2006, vol. 08: 127-142. ISSN : 1806-5821.
- BAUER, Martin W; GASKELL George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático - tradução de Pedrinho A. Guareschi.-** Petropolis, RJ : Vozes, 2002.
- BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência.** Tradução: João Wanderley Geraldi. Universidade Estadual de Campinas, Departamento de Linguística. 2002. Nº 19.
- BOSSA, Nádia Aparecida, et al. **Avaliação psicopedagógica do adolescente.** 14. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- BOTIA. Antonio Bolívar. Epistemología de la investigación biográfico-narrativa en educación. **Revista Electrónica de Investigación Educativa**, Vol. 4, No. 1, 2002.
- BOTO, Carlota. **A liturgia da escola moderna: Saberes, Valores, Atitudes e Exemplos.** Hist. Educ. [Online] Porto Alegre v. 18 n. 44 Set./dez. 2014 p. 99-127
- BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. Sobre o conceito de formação na abordagem (auto) biográfica. **Educação**, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 157-164, mai/ago. 2011.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues **A educação como cultura.** - Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação.** São Paulo: Brasiliense, 2007(Coleção Primeiros 20 passos)
- CANCLINI, Néstor Garcia. **Diferentes, desiguais e desconectados/** Tradução Luiz Sergio Henriques. 3 .ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.
- CARINO, Jonaedson. A biografia e sua instrumentalidade educativa. **Educação e Sociedade**, ano xx, nº 67, Agosto/99.
- CASAGRANDE, Gilmara Maria Rodrigues. **O povo Xacriabá: luta, história mito e literatura.** Diamantina, 2016.

- DELORY-MOMBERGER, Christine. Abordagens Metodológicas na pesquisa biográfica. **Revista Brasileira de Educação**. V. 17, n. 51, set/dez. 2012.
- DELORY-MOMBERGER, Christine. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, V. 27, n. 01, p.333-346. Abr. 2011.
- DURKHEIM, Émile. **Educação e Sociologia**. Tradução: Nuno Garcia Lopes. Edições 70, Lisboa/ Portugal. julho, 2007 ISBN 978-972-44-1385-3.
- FERRREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio século XXI escolar**. O mini dicionário da língua portuguesa . Ed. Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 2001.
- FIGUEIREDO, Juscineide Aaprecida, *et al.* A “inclusão” do indígena na escola. **Revista panorâmica on-line**. Barra do Garças – MT, vol. 23, p. 76-86, jul/dez. 2017. ISSN- 2238-921-0.
- FORQUIN, Jean- Claude. **Saberes escolares, imperativos didáticos e dinâmicas sociais**. Teoria e Educação, 1992.
- GALVÃO, Cecília. Narrativas em educação. **Ciência & Educação**, v. 11, n. 2, p. 327-345, 2005.
- GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**/ tradução d Raul Fiker. São Paulo: Editora UNESP, 1991.
- GRAMSCI, Antônio. **Concepção dialética da história**. Coleção PERSPECTIVAS DO HOMEM Volume 12. tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de janeiro: Ed. Civilização Brasileira S.A, 1978.
- Ir. EDI MARIA EIDT. Conviver com o diferente. REMHU, **Rev. Interdiscip. Mobil. Hum.** vol.20 no.38 Brasília Jan./June 2012. *Print version* ISSN 1980-8585.
- ISSA, Silvia Aparecida Caixeta. Escola Agrícola de Urutaí (1953-1963) [manuscrito]: **Singularidades da cultura escolar agrícola** - 2014. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/bitstream/tede/383>.
- ISSA, Silvia Aparecida Caixeta. **Escola Agrotécnica Federal de Urutaí (1978 – 1986): a formação da mão de obra agrícola no Sudeste Goiano**. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14393/ufu.te.2018.1056>.
- JOSSO, Marie Christine. **A transformação de si a partir da narração de histórias de vida**. Educação Porto Alegre/RS, n. 3 (63), p. 413-438, set./dez. 2007.
- JOSSO, Marie Christine. **A transformação de si a partir da narração de histórias de vida**. Educação Porto Alegre/RS, ano XXX, n. 3 (63), p. 413-438, set./dez. 2007.
- JOSSO, Marie Christine. **Caminhar para Si**. Tradução Albino Pozzer. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.
- JOSSO, Marie Christine. **Experiências de Vida e Formação**. Ed. educa formação. Universidade de Lisboa, 2002.

KNAPP, Cassio; MARTINS, Anderbio. **Alguns apontamentos para a efetivação de uma educação escolar indígena específica e diferenciada:** identificando os desafios e construindo possibilidades. XI Reunión de Antropología del Mercosur, 30 de noviembre al 4 de diciembre de 2015, Montevideo, Uruguay.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura um conceito antropológico.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

MEC (Ministério da Cultura) **Culturas indígenas em Goiás/** organizador, Cleomar Rocha – Goiânia: Gráfica da UFG, 2016. 06 p. Ebook – (Coleção Dimensões Econômicas da Cultura) ISBN: 978-85-495-0058-8.

OLIVEIRA, Andressa Rodrigues Sensato; SILVA, Carla Holanda. Território, Territorialidade e Identidade Territorial: categorias para análise da dinâmica territorial quilombola no cenário geográfico ISSN 2318-2962. **Caderno de Geografia**, v.27, n.49, 2017.

PASSEGGI, Maria da Conceição, *et al.* **Pesquisa (Auto) Biográfica Temas Transversais.** Dimensões Epistemológicas e metodológicas da pesquisa (Auto) biográfica. Natal: Ed EDUF-RN, Porto Alegre: Ed PUCRS, Salvador: Ed EDUNEB, 2012.

PASSEGGI, Maria da Conceição. A experiência em formação. **Educação**, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 147-156, maio/ago. 2011.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Narrativas da experiência na pesquisa formação: do sujeito epistêmico ao sujeito biográfico. **Roteiro**, Joaçaba, v. 41, n. 1, p. 67-86, Jan/ Abr. 2016.

ROCHA, Cleomar. **Culturas indígenas em Goiás.** Goiânia: Gráfica da UFG, 2016. ISBN: 978-85-495-0058-8.

SANTOS, Rafael Bardi Costa. Sobre cultura e segredo entre os Xacriabá de São João das Missões / MG. **Cadernos de Campo**, São Paulo, n. 23. 2014

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia Histórico Crítica:** Primeiras aproximações. 10, ed. rev. Campinas, SP: Autores Associados, 2008 (Coleção educação contemporânea) Jan, 2008. ISBN 978-85-85701-09-3

SILVA, Bethânia Oliveira. **O Instituto Federal Goiano - Campus Urutaí (2008-2019) pelas narrativas de servidores técnico-administrativos [manuscrito]** / Bethânia Oliveira Silva. - 2019. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/10251>

SILVEIRA, Elza Gonçalves. **Sobre a literatura Xacriabá.** Belo Horizonte: FALE/UFGM: CGEEI/ SECAD/ MEC, 2005. ISBN: 85- 8747- 79 -5.

T.S ELIOTT. **Notas para definição de cultura.** Coleção Debates. São Paulo: Ed. Perspectiva S.A, 1988.

Sites pesquisados:

FUNAI. ver em: <http://www.funai.gov.br/> Acesso em: 26/08/2020

IF Goiano. ver em: <https://www.ifgoiano.edu.br> Acesso em: 13 jun. 2019.

SURVIVAL, ONG 501(c)(3). 2009. Página inicial, disponível em <https://www.survivalbrasil.org/sobrenos/terminologia>. Acesso em: 25 nov. 2019. ver em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1980-85852012000100017 Acesso em: 22 set. 2020.

Referências das Entrevistas

BARBOSA, Ademar Almeida. **Entrevista VI**. [Mai. 2020]. Entrevistador(a): Marilene Aparecida Santana da Silva. Urutaí-GO, 2019. 1 arquivo * way. (34min 37s 460ms) A entrevista, na íntegra, encontra-se transcrita do Apêndice F desta Dissertação.

COSTA, Hernando Pereira. **Entrevista V**. [Jan. 2020]. Entrevistador(a): Marilene Aparecida Santana da Silva. Urutaí-GO, 2019. 1 arquivo * way (2h 01min 27s 680ms.) A entrevista, na íntegra, encontra-se transcrita do Apêndice E desta Dissertação.

GONÇALVES, Romaicon Nunes. **Entrevista IV**. [Jan. 2020]. Entrevistador(a): Marilene Aparecida Santana da Silva. Urutaí-GO, 2019. 1 arquivo * way (2h 01min 27s 680ms). A entrevista, na íntegra, encontra-se transcrita do Apêndice D desta Dissertação.

MOTA, Luiz Gustavo. **Entrevista VII**. [Mai. 2020]. Entrevistador(a): Marilene Aparecida Santana da Silva. Urutaí-GO, 2019. 1 arquivo * way. (42min 55s 620ms) A entrevista, na íntegra, encontra-se transcrita do Apêndice G desta Dissertação.

PIMENTA, Dhiemerson Freire. **Entrevista VIII**. [Mai. 2020]. Entrevistador(a): Marilene Aparecida Santana da Silva. Urutaí-GO, 2019. 1 arquivo * way. (23min 42s 480ms.) A entrevista, na íntegra, encontra-se transcrita do Apêndice H desta Dissertação.

SILVA, Anderson Alquimim. **Entrevista III**. [Jan. 2020]. Entrevistador(a): Marilene Aparecida Santana da Silva. Urutaí-GO, 2019. 1 arquivo * way (2h 01min 27s 680ms). A entrevista, na íntegra, encontra-se transcrita do Apêndice C desta Dissertação.

SILVA, Anderson Alquimim; GONÇALVES, Romaicon Nunes; COSTA, Hernando Pereira. **Entrevista II**. [nov. 2019]. Entrevistadores: Marilene Aparecida Santana da Silva; Wolney Honório Filho. Urutaí-GO, 2019. 1 arquivo * way (40min 40s 348ms.). A entrevista, na íntegra, encontra-se transcrita do Apêndice B desta Dissertação.

SILVA, G. D. **Entrevista I**. [Set. 2019]. Entrevistador: Marilene Aparecida Santana da Silva. Urutaí-GO, 2019. 1 arquivo * way (9min 42s 500ms.) A entrevista, na íntegra, encontra-se transcrita do Apêndice A desta Dissertação.

ANEXOS

ANEXO I: Perguntas para a entrevista semiestruturada

1º momento: relate como é o seu cotidiano no IF Goiano

Relatos sobre a vivência nos determinados lugares de costume, visando os momentos marcantes:

Dormitório/ Refeitório/ Esporte/ Sala de aula /Bullying /Amizades /Festas /Namoros /Atividades de ensino pesquisa e extensão /Viagens /Visitas técnicas

2º Momento

Do IF Para a Vida

Relate o que aprendeu no IF que será levado para sua vida inteira.?

3º Momento

Quem é você hoje?

4º Momento

Qual o significado desses três anos no IF pra sua vida?

5º Momento

O que fazer agora? Quais os planos?

As aprendizagens no IF tiveram alguma influência nessa escolha?

ANEXO II: Entrevista Gilson Dourado

TRANSCRIÇÃO REVISADA

Urutaí, setembro de 2019

Entrevistado: Gilson Dourado.

Local da Entrevista: IF Goiano, campus Urutaí-GO

Presentes: (Pesquisadora), Gilson (Entrevistado).

Horário da Entrevista: 08:00

Duração Total dos Áudios: 9min 42s 500ms.

[Áudio 1/12, 25s 520ms]

Entrevistado: É, bom dia, professora. A gente tá aqui pra contribuir com a sua pesquisa, né, no mestrado na (Universidade) Federal de Catalão... Você tá trabalhando sobre os nossos índios, já que a base é o norte de Minas, né, e... até o (seu) questionamento é como que eles, né [interrupção na gravação]

[Áudio 2/12, 37s 740ms]

Entrevistado: Qual a causa que eles procuraram no Instituto, né. Primeiro, porque eu sou da região, né, conheço a região, conheço a dificuldade lá, e a gente sabe que tem as limitações. Região muito carente, né, basicamente a gente conviveu, nós era vizinho de terra com a aldeia lá, e, assim, a gente conhecia muita gente lá dentro, né, os índios que são os avós desses índios que tão aqui e... trabalhava, né, pra nossa família, meus avós, tão a gente foi criado basicamente ali junto. E a gente percebeu que há uma necessidade, foi crescendo aquela população, a necessidade de tudo [interrupção na gravação]

[Áudio 3/12, 23s 840ms]

Entrevistado: E perguntar. Por que não estudar em Januário? Né. Muitos estudavam em Januário, ainda estuda, só que Januário é... esses município muito carente, né, uma renda per capita baixa, e aí eles necessita de alimentação e hospedagem. Então, Januário não suportava atender aquela demanda, porque a reserva é grande, né, e a população é bem... bem extensa [interrupção na gravação]

[Áudio 4/12, 30s 400ms]

Entrevistado: A possibilidade, né, de tentar buscar esses meninos pra cá. Aí a gente começou a aplicar prova lá na região... Também nós visitamos a aldeia, a gente já conhecia lá dentro, já visitamos a aldeia, né... Conversamos com o cacique, depois com o prefeito, alguns vereador de lá também, e.. a gente começou a aplicar prova lá naquela região, na cidade de São João das Missões, que é o município onde tá sediada hoje a aldeia Xacriabá. Aí nós aplicamos prova, depois no (início) [interrupção na gravação]

[Áudio 5/12, 38s 680ms]

Entrevistado: A deles era muito grande de eles vir pra cá, aí nós até... nós até ia buscar, nós um ano, dois anos, nós aplicava prova, aqueles alunos que fossem selecionados nós mandava toda a equipe da Assistência do Campo fazer a pré-seleção, na verdade, tem a seleção pra moradia, esses meninos já veio, já viria pra cá com as condições já acertadas de moradia, né. E aí, acabou que foi aumentando muito a demanda, né, e hoje nós fomos atender outras regiões também, de Montividiu, do norte de Goiás, Cocalim, e a gente viu a necessidade de se tivesse de mandar ônibus buscar [interrupção na gravação]

[Áudio 6/12, 43s 760ms]

Entrevistado: Buscar nessas outras regiões... Então a gente parou de buscar esses meninos lá. A gente sabe da necessidade, só que em função de recurso, em função de que a gente teria que atender todo mundo, então nós não atendemos lá, mas a gente fez uma parceria com as prefeituras, né. A gente... nós fomos lá, tanto na prefeitura de Itacarambi quanto a de São João das Missões foi aprovado um projeto de lei, né, na Câmara, onde as prefeituras fez um compromisso aí junto à Câmara de Vereadores, é, de trazer esses meninos aqui quatro vezes ao ano. Seria no início do ano, em fevereiro, depois buscaria em... nas férias de julho, trazia de novo em agosto, e, depois no final do ano. E algumas prefeituras tão honrando o compromisso e algumas, com [interrupção na gravação]

[Áudio 7/12, 59s 100ms]

Entrevistado: Deram uma parada, e aí acaba que os meninos tão... tão bancando isso por conta deles. Mas a vinda deles, né, que eu acho que é o objetivo da, da sua pesquisa, é isso, né. Foi, a gente foi lá, fez o contato, até porque conhecia a região, às vezes as pessoas aqui falam 'ah, porque é o Gilson'. Não. Porque a gente que é de lá sabe a realidade, né, teve nada de favorecimento, né, os meninos entraram aqui tudo pelos critérios, pelos editais, ninguém favoreceu ninguém, né. Até porque a renda per capita lá é muito baixa... hoje é em torno de 1,5 salário mínimo, né, e aí a maioria lá contempla, então hoje tem grande quantidade, nós tamo aí com mais de cem alunos, chegando a cento e setenta alunos daquela região, temos aqui uns trinta índios, né, e... já passou vários meninos aqui índios... Pra você ter ideia, quando eu entrei aqui e estudei aqui em (19)88, já tinha um índio aqui que veio comigo, né, até ele faleceu agora. Eu [interrupção na gravação]

[Áudio 8/12, 54s 160ms]

Entrevistado: Secretaria, você vai ver o nome dele e a foto dele na minha turma, turma de (19)88, nós formamos em (19)90. Era índio, nasceu lá dentro, o pai era índio, entendeu? Então, desde (19)88 já tinha aluno aqui, só que essa quantidade era pequena, né. E aí foi, aumentou, depois que nós assumimos a gestão da escola, investimos nisso aqui. Até também tive reunido com o diretor de Januário pra ampliar, mas eles também não pode só atender lá, igual nós aqui. Nós atendemos trinta porque é o que dá, né. Porque a gente não pode priorizar ‘Pessoal, vamos atender só os índios do norte de Minas’, não. Tem que atender a escola como um todo, né. Hoje nós temos com trezentos e cinquenta alunos lá. Mas essa política foi feita, né, essa é uma política de inclusão social, e hoje a gente tem bom resultados. É nós temos meninos aí que hoje estão fazendo Medicina, tem menino índio aí que tá fazendo outros cursos, né, Direito, (Odontologia) [interrupção na gravação]

[Áudio 9/12, 57s 520ms]

Entrevistado: No Januário, nós temos muitos alunos que passou pelo Instituto Federal do Norte de Minas Campus Januário que tá dentro da UFMG, fazendo Medicina, fazendo (Odontologia), já formado, né. Eles têm um trabalho lá legal. A ideia deles é que todos os professores futuramente sejam de lá, formados e voltam pra lá, e os profissionais da saúde também voltem pra lá. Isso é um trabalho muito importante, muito interessante. Então, assim, a tendência é que isso se mantenha, isso se amplie, né, dependendo da política do governo, e a gente tentar ampliar e atender mais alunos. Hoje temos com trinta, pode ser que atenda mais, né, isso vai depender da demanda aí, né, do... E a gente sempre tá incentivando, né, todo ano faz esse processo, agora em outubro o pessoal tá indo pra lá pra fazer a divulgação, fica uma semana lá, né, em vários municípios. E um desses municípios é o município de São João das Missões, acho que visita até o [interrupção na gravação]

[Áudio 10/12, 1min 38s 920ms]

Entrevistado: [trecho ininteligível], as visitas... E a gente mantém esse incentivo, né. E a tendência é que isso continue, né, porque a gente sabe que a maneira de mudar uma

nação é através da educação, né, e acho que ali é um local muito necessitado. Lá necessita mesmo, se você tiver a oportunidade de um dia ir lá visitar, é uma região muito carente, né, a desigualdade social muito alta mesmo, uma pobreza mesmo, entendeu? Então, assim, o que levou nós a trazer esses alunos foi a necessidade de tentar fazer com que eles tivessem uma vida melhor através da educação, através do estudo, né... E a gente tá fazendo, aos poucos, a gente sabe que a demanda é muito grande, mas acho que a semente, ela foi lançada, e agora é tentar ampliar cada vez mais essa quantidade de alunos. Mas o objetivo foi a gente mesmo quem implantou. Eu não, eu não sei... Eu assumi, eu entrei na gestão aqui em (19)98, e a partir de (19)98 nós já começamos, assim que eu entrei na gestão, nós... é, (19)98 não, desculpa 2008. Eu entrei em 2007, 2008, acho que em 2008 nós já começamos a ir lá. Então nós tamo lá divulgando desde 2008, né, divulgando. 2008... 2019, né, tá com onze anos fazendo esse trabalho lá naquela região. Todo ano vai uma equipe, né, e divulga. Aí faz em São João das Missões, Itacarambi, Montalvânia, Manga, Matias Cardoso, né, Jaíba, faz tudo naquela região e foca muito a região da aldeia, né, que é no município de São João das Missões, inclusive é um local de polo de (aplicação de prova) [interrupção na gravação]

[Áudio 11/12, 20s 620ms]

Entrevistado: Pessoal vem da aldeia, e aí faz a prova na cidade. Tão acaba fazendo a prova na cidade que atende todos aqueles municípios vizinhos. São dois polos de prova, São João das Missões e Itacarambi. Itacarambi tem vários municípios, quer dizer, tem vários distritos que também vai pra Itacarambi e faz a prova lá. Tem mais alguma (pergunta?) [interrupção na gravação]

[Áudio 12/12, 1min 32s 240ms]

Entrevistado: Assim, desde quando eu fui aluno aqui na década de (19)80, entrei aqui em (19)88, o campus, ele já tinha essa cultura em receber, né... Eu estudei com vários índios da Ilha do Bananal, né, índios Xavantes, nós tivemos muita quantidade de índios, tinha uma parceria com a FUNAI (Fundação Nacional do Índio)... A FUNAI tinha um carro aqui na época, tinha uma Kombi que dava todo o apoio, o pessoal da FUNAI tava aqui direto, entendeu? Tão isso foi, isso foi diminuindo um pouco, né. Aí depois que passou um intervalo, bem distante, sem muito índio, nós tivemos índio aqui que foi

campeão brasileiro de Atletismo, né, então, assim, participava de várias modalidades aqui na área de esporte. Aí depois com a... com a entrada nossa na gestão, que aí nós tentamos trabalhar e aí nós buscamos outras regiões, né. Mas, assim, hoje com a, com a expansão da rede, né, hoje quais, né, várias, todos os estados têm hoje o Instituto. Em várias cidades tem campus, então, assim, muitos acabaram procurando assim mais aquele campus mais próximo da sua cidade, né. Então, assim, hoje nós estamos focando mais de tá vindo aí mais do norte de Minas, pela proximidade que a gente tem, né, pelo relacionamento que a gente vive com aquela região, mas isso não impede que outras regiões, que outras aldeias também façam parceria com a gente e a gente volte a investir aí na educação indígena, né, a gente sabe a importância que é e o quanto que é necessitado, né, esse público de ser capacitado.

ANEXO III: ENTREVISTA NARRATIVA (ROMAICON, ANDERSON E HERNANDO)

TRANSCRIÇÃO REVISADA

Urutaí – GO, 9 de novembro de 2019.

Participantes: Romaicon, Anderson Pinho Silva e Hernando.

Local da Entrevista: Sede do Instituto Federal Goiano.

Presentes: Marilene (Pesquisadora), Romaicon, Anderson, Hernando e Wolney (Orientador).

Horário da Entrevista: 09:00

Duração Total do Áudio: 40min 40s 348ms.

Orientador: Então, gente, eu queria que vocês, primeiro, se apresentassem. Nome completo, onde nasceu, como é onde nasceu... Pode falar mais alto.

Romaicon: Bom, eu sou Romaicon, sou Xacriabá, hoje a gente estuda aqui no IFGoiano, com o objetivo de buscar um estudo diferenciado. A gente recebe lá (o conhecimento) para conhecer a imagem do índio, mas também uma imagem do branco, que pode (vir) a ser preciso um dia.

Anderson: Meu nome é Anderson [...], vim lá da terra indígena Xacriabá, também já faz três anos que eu estou aqui, faço o curso de Biotecnologia e... espero que... isso me ajude a levar um conhecimento maior para minha aldeia.

Hernando: Sou Hernando, faço (o curso) Técnico em Agropecuária, sou lá da reserva indígena Xacriabá, e resido aqui há três anos também. Aí, eu vim para cá em busca de uma aprendizagem, um aprendizado melhor, para a gente estar podendo levar conhecimento para nossa aldeia e não ter só os nossos conhecimentos dos indígenas, porque tem os conhecimentos dos outros povos de fora.

Orientador: Certo. Onde fica a aldeia Xacriabá?

Hernando: Norte de Minas, norte de Minas Gerais, à margem esquerda do Rio São Francisco.

Orientador: É, aproximadamente, divisa, com a Bahia?

Hernando: Bem dizer, é quase a divisa com a Bahia.

Orientador: O que você estava falando?

Romaicon: Município de São João das Missões.

Orientador: São João das Missões. está joia. Como é lá? Como é a vida lá?

Romaicon: Uai, nosso cotidiano é, praticamente, igual ao cotidiano do branco. Só que a diferença está mais nas atividades que a gente pratica. No âmbito escolar, por exemplo, tem as matérias que a gente tem (que são) diferentes, que a gente vai, brinca, faz, pratica pintura, tem... a gente trabalha muito na roça, essas coisas...

Anderson: É, parte dos artesanatos, que fazemos muito artesanato... Tem as apresentações, noites culturais que a gente faz em agradecimento...

Orientador: Vocês, antes de virem para Urutaí, vocês estudaram lá. A escola era na tribo mesmo?

Anderson: Isso, era na tribo mesmo.

Orientador: E quem dava aula para vocês?

Hernando: Os professores que são formados (de) lá mesmo.

Romaicon: São professores indígenas.

Orientador: São professores indígenas também.

Hernando: São indígenas e a maioria fazem uma prova, aí eles fazem um processo de graduação em BH (Belo Horizonte), na, sobre a... Mas ela é para, para indígena.

Orientador: A graduação é para ser professor?

Hernando: Hm? É, eles fazem...

Orientador: A graduação é para ser professor de vocês lá.

Hernando: Hm [concordando].

Orientador: Está ok. Como vocês ficaram sabendo de Urutaí, para vir estudar aqui?

Pesquisadora:

Hernando: Foi através, assim, de outros alunos mais velhos que já estudaram aqui, que eram... de lá mais perto da reserva, aí conheceram gente de lá, e passaram informações, e através também do diretor, que ele é de lá, mora perto da reserva. E foram, e foram passando informações e aí foi vindo gente para cá, mais alunos, cada vez mais. Mas acho que o ano que veio mais alunos para cá foi 2017, foi a turma nossa que chegou.

Orientador: Quantos vieram?

Romaicon: Vinte...

Anderson: Vinte...

Hernando: Foi em torno de uns quinze a dezoito, acho, que vieram.

Anderson: Foram dos que já tinha aqui.

Hernando: É, foram os que já tinha aqui.

Romaicon: É isso?

Anderson: Foi não. Somando tudo dava o quê?

Pesquisadora: Vocês vieram em 2017.

Anderson: Somando tudo dava uns vinte e seis, vinte e sete, porque tinha os meninos do segundo e do terceiro (anos).

Romaicon: E quando formaram, aí que desceu para vinte e um.

Hernando: Foi, formaram e acho que desceu para vinte e um.

Orientador: Lá na tribo, vocês, quando estudam, estudam na língua portuguesa ou vocês têm uma língua própria?

Romaicon: Na língua portuguesa mesmo. Português...

Orientador: Todos?

Romaicon: Hm [concordando].

Anderson: Hm [concordando].

Hernando: Hm [concordando].

Orientador: Até os mais velhos?

Hernando: E só a parte... tem a parte que é só dos professores de cultura, que vão ensinando algumas palavras da língua indígena que nós falávamos antes de ocorrer a miscigenação.

Anderson: Ensinando a cantar, a dançar, a fazer artesanato, e... contar as histórias do que aconteceu antes, como é que surgiram os conflitos lá, as... grandes lideranças, (de) que, quando conseguiram, tipo, a demarcação de terras.

Pesquisadora: Lá vocês conhecem também essa história de lutas...

Orientador: Quando foi feita a demarcação de terras da tribo?

Romaicon: 1987. Foi do conflito que tirou a vida de uma liderança lá que antigamente serviu de apoio para ter uma visão do indígena lá, porque antes era conflito direto, aí depois que morreu a liderança, eles tomaram atitude, vinham até Brasília e pegavam e buscavam a demarcação do território; (a) questão (é) que a gente não vivia, essas coisas eram muito difíceis, era conflito direto com fazendeiros.

Orientador: Vocês eram pequenos ou nem nascidos.

Hernando: Nem nascidos. Nossos pais eram pequenos na época.

Orientador: Os pais de vocês presenciaram isso... Vocês são parentes? Vocês três?

Anderson: Eles dois são primos e eu (com eles) não. Lá tem a reserva indígena, mas tem várias sub-aldeias, cada um mora em uma sub-aldeia diferente.

Orientador: Mas os pais de vocês presenciaram esses conflitos.

Hernando: Alguns sim, outros não, porque os conflitos ocorriam mais era à noite.

Orientador: Ah.

Hernando: E dependiam dos lugares que...

Orientador: E houve a participação da FUNAI (Fundação Nacional do Índio) nesse processo de... organização da terra, essas coisas? Vocês sabem dizer?

Romaicon: Eu sei pouco disso, mas o que eu sei é que depois de, como se diz, de 1987, que começou, a FUNAI foi para atuar lá, a começar a demarcar o território. O território corresponde a bem menos do que a gente... era nosso de direito, mas no Município ficou aquele.

Hernando: Pela, pela, pela ordem mesmo, território nosso vai até a margem do rio Tacarambi, mas hoje, nós residimos atualmente lá; hoje o Tacarambi tem uma ocupação muito longe, que é o rio São Francisco.

Orientador: Você nasceu quando?

Hernando: Nasci em 2000.

Orientador: 2000?

Anderson: 2002.

Orientador: 2002...

Romaicon: 2001.

Orientador: 2001. Quando vocês vieram para Urutaí... chegaram aqui, qual foi o primeiro impacto? O que vocês sentiram com isso?

Pesquisadora:

Romaicon: Ah, para mim, foi a questão das leis que têm aqui, eles pegam no pé (de forma) muito rígida com os estudantes, porque para nós era... porque a gente era livre, a gente andava sem blusa lá, era uma coisa normal para nós, que a gente sair sem blusa do quarto era bonito...

Hernando: Foi a questão mais da adaptação, das regras, que foi mais difícil. E, assim, às vezes, a escola de lá não é, não é ruim, mas se for comparar com aqui, ela é muito fraca; em vista mesmo da língua inglesa mesmo, nós só fomos ver inglês quando chegamos aqui no Ensino Médio, lá no Ensino Fundamental não tinha; aí chega aqui, e você já tem uma mudança muito grande, você já sente uma dificuldade maior...

Orientador: Os conhecimentos que vocês estão tendo nos respectivos cursos... é novidade, é muita novidade, é pouca novidade, como é isso para vocês, já que vocês estão acostumados com roça, essas coisas?

Hernando: Muita novidade, pelo menos da área minha, a gente é mais acostumado com roça, eu já faço Agropecuária, é novidade assim, você saber fazer uma plantação correta, para produzir mais, é...

Orientador: Para você também?

Anderson: É. Quando eu vim para cá, eu não sabia muito sobre o curso, aí, ao percorrer o curso, eu fui vendo que era mais para a área dele, aí eu percebi que isso podia ajudar na área da [ininteligível].

Orientador: Vocês têm expectativas de trabalhar na área quando terminarem o curso? Ou vão continuar estudando?

Hernando: Eu mesmo, estou meio a meio. Penso em trabalhar, penso em continuar uma faculdade (graduação)... Penso assim, se eu arrumar um serviço em que compense eu ficar na área técnica mesmo, eu vou trabalhar, mas se eu ver que isso não compensa, eu vou continuar estudando, porque um aprendizado a mais para a gente nunca é ruim.

Orientador: Mas em qualquer lugar do Brasil ou vai voltar lá para a tribo?

Hernando: Como assim?

Orientador: Quando terminar aqui. Por exemplo, se você for arrumar alguma coisa na sua área.

Hernando: Ah, na área do meu curso, aí tem que sair, tem que migrar.

Orientador: Você também?

Anderson: Na minha área, o que eu quero fazer é na área da saúde, então quero levar para lá, porque lá tem pouco médico e os que atuam lá são de fora, então estão querendo as pessoas de lá que trabalham lá mesmo.

Orientador: Você pretende fazer mais cursos, então, nessa área. Nessa área da saúde, qual curso?

Anderson: É na área da Odontologia.

Orientador: Odontologia? E o Mayko?

Romaicon: Romaicon.

Orientador: Romaicon. Quase 'Romário'.

Romaicon: Na minha área mesmo, eu só pretendo atuar se eu conseguir passar na faculdade (graduação), porque a gente está vendo, não é muito fácil também passar...

Orientador: Qual faculdade (graduação) você está querendo?

Romaicon: Eu penso em Direito, só que aí depende da nota. Se der certo, aí a gente entra na faculdade, mas se não der aí o jeito é trabalhar.

Pesquisadora: Vocês fizeram o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio), né?

Orientador: Vocês fizeram o ENEM, vão fazer amanhã de novo?

Hernando: Vou. Que tema, hm?

[risos]

Orientador: Cinema, né?

Hernando: Nossa senhora, nem esperava um tema daquele!

Pesquisadora: [ininteligível]

Orientador: Então, o tema da redação foi surpreendente mesmo. Uma pergunta para vocês que tem a ver um pouco mais com o curso aqui. Se vocês fossem dizer, em algumas palavras, ou numa redação, o que é a formação que vocês estão tendo aqui em Urutaí, como é que vocês, individualmente, cada um, responderiam?

[conversam entre si, ininteligível]

Orientador: Fiquem à vontade. Não é ENEM, viu?

Pesquisadora: Que aqui vocês não têm, também, né.

Anderson: É uma forma... Repete a pergunta.

Orientador: Esses três anos que vocês estão aqui em Urutaí. O que isso está significando para vocês?

Hernando: Assim, para mim, está significando muito, porque três anos você ficar, bem dizer, longe da casa, visitar seus pais de seis em seis meses é ruim demais, aí por isso a gente tem que dar valor no que faz, a gente aqui, a gente tem que vir é para estudar mesmo,

aprender as matérias; significa muito porque eu aprendi bastante, eu (tive um foco), deu tudo certo, consegui passar, significou bastante, porque não é fácil a gente ficar longe de casa.

Anderson: Para mim também foi difícil ficar longe da família, ficar três anos estudando, e depois voltar e não ter nenhum resultado... Então, durante isso, (a gente) aprende a valorizar mais, que já tem uma base do que eu vou fazer depois.

Romaicon: Eu acho que significa, assim, para mim, que a história do meu povo não foi em vão, as histórias de luta... Porque sair da etnia para vir para cá é um ciclo de resistência, sair de uma convivência muito diferente para vir para cá, adaptar(-se), ficar longe da família, longe das atividades da gente, e continuar ligado com isso, né, porque se a gente sair e (se) desligar do povo, a gente se torna (como o) homem branco. Acho que aí fica a continuação da nossa história.

Orientador: Nesses três anos aqui, o que vocês tiveram mais dificuldade, além da distância da família?

Romaicon: Do aprendizado.

Orientador: Em quê, por exemplo?

Romaicon: As matérias que a gente vê aqui, nas Exatas... repelem muito a gente.

Hernando: (Quanto às) Exatas é geral.

Orientador: Para os três, as Exatas foram...

Anderson: Não.

Orientador: Para você não? [risos] É mais caxias? Estuda mais ou é porque tem mais facilidade?

Anderson: Eu tenho mais facilidade.

Orientador: Como é que é o ritmo de estudo de vocês aqui, como é que é o dia a dia?

Anderson: Corrido.

Orientador: Corrido?

Anderson: A gente estuda... Acorda seis e pouquinho [6:00 - 6:30?], vai para sala até as onze [11:00], aí sai da sala e já almoça, uma hora [13:00] já está na sala de novo, aí, até às cinco [17:00], aí muitas vezes tem atividade, o professor passa trabalho para fazer, aí já sai da aula, vai no quarto, aí vai jantar e já sai para a biblioteca para fazer atividade.

Orientador: Aula o dia inteiro?

Hernando: Isso. Só na sexta, o terceiro ano não tem aula à tarde.

Orientador: Puxado, hm?! Puxado! Eu, quando fiz o Ensino Médio, não era assim não, era um período só, era até uma da tarde [13:00], depois a gente ia para a biblioteca para estudar.

Pesquisadora: Teve uma época que aqui era até uma [13:00], né.

Hernando: Foi dois mil e... Foi no primeiro ano, foi no primeiro ano. Foi, a gente estudava, era, dois dias da semana o dia todo, mas a gente estudava das sete [7:00] até as onze [11:00], às meio dia e quarenta e cinco [12:45]. Aí dois dias na semana (era o) dia inteiro e três dias, três dias à tarde era folga. Então era o dia todo.

Orientador: Ou seja, vida social mesmo é só correria, desiste.

Pesquisadora: [ininteligível]

Orientador: Vocês participam de festas aqui?

Romaicon: Para sair?

Orientador: É.

Hernando: Ah, eu mesmo, depois (que) eu (me tornei) maior, acho que eu fui umas duas, mais Romayko, mais [ininteligível]... Gostei muito não.

Orientador: Por quê?

Hernando: Não, tipo assim, para você andar à pé é longe. Você já vai à pé, você chega lá suado, aí você tem que vir - as festas aqui são todas nas quintas - aí você tem que vir (de) madrugada, para sete horas você estar na sala de novo. Falei: 'cara, a gente não vai não'.

Orientador: Você está dizendo de festa em Urutaí.

Hernando: É, não, as festas... é difícil ter festa em Urutaí. É mais é no...

Orientador: Nas roças.

Hernando: No... É no coisa que tem acolá, a fazenda que tem acolá dos universitários, aí o povo arruma e faz festa é lá, é murado, esses trem.

Orientador: Qual a distância daqui (até) lá?

Pesquisadora: Uns três quilômetros...

Hernando: Ah, lá dá uns cinco quilômetros.

Orientador: Cinco quilômetros? Uau! [surpreso]

Pesquisadora: E o povo vai à pé.

Hernando: Mas compensa não.

Orientador: E namoro? Vocês namoram aqui?

[risos]

Orientador: Por que vocês estão rindo da pergunta?

[risos]

Orientador: Não, eu estou perguntando porque às vezes, não sei, a tribo... [pigarra, ininteligível] de vocês nem imaginam uma coisa dessa.

Romaicon: Normal. Normal, assim, eu acho, na parte, assim, sobre namorar.

Orientador: É? Não tem nenhuma proibição...

Hernando: Não, aqui, aqui é rígido, vamos falar assim, aqui é rígido. Se pegar (alguma) pessoa aqui com, vamos supor, pessoa beijando aqui, já sabe, já pega o seu nome e já leva lá na Assistência Estudantil ali.

Orientador: Não pode beijar, então, no Instituto.

Pesquisadora: Pode nem pegar na mão.

Orientador: E vocês já beijaram aqui no Instituto?

[risos]

Orientador: Calma!

Pesquisadora: Gente, eu não tô mais aqui, vocês não vão passar para frente. [risos]

Orientador: Ela está proibida de falar dessas coisas lá dentro. Aqui é pesquisa. [risos] Muito bem. Vocês disseram que, além da distância da família, a aprendizagem, principalmente das exatas, das disciplinas de exatas, é uma das coisas mais difíceis. Qual a oportunidade que vocês tiveram?

Hernando: É, assim, durante o primeiro ano foi, agora, assim, a partir do segundo ano, a gente foi (se) adaptando mais. Hoje a gente já sente bem, bem menos dificuldade.

Orientador: Entendi. E essa dificuldade, ela apareceu na prova do ENEM ou não?

Hernando: Na prova do ENEM... As Exatas vêm agora.

Orientador: Exatas vai ser amanhã, né.

Hernando: É.

Orientador: Mas na primeira prova, vocês acham que se saíram bem?

Hernando: Ai... Mais ou menos.

Orientador: Mais ou menos? Fizeram a...

Hernando: Eu acho que... eu penso, na minha forma, assim, eu penso que o ENEM é uma forma muito errada de avaliar aluno, é uma forma de pressão, num dia só você fazer uma redação, uma prova de noventa questões, você acaba... Vamos supor, você faz até a questão... resolve até a cinquenta. Aí você faz a redação, depois que você acabar aquela redação, você não tem mais cabeça para resolver outras questões não, você vai dar uma lidinha ali, 'vai essa daqui mesmo'.

Orientador: Vocês também são assim?

Romaicon: É.

Anderson: É.

Orientador: Eu fiquei sabendo que a prova foi mais difícil do que no ano passado. Algumas pessoas que fizeram o ENEM e que eu conheço reclamaram, falaram que puxaram mais esse ano, exigiram mais na prova do que...

Hernando: Caiu muita questão sobre religião.

Orientador: Como é que é essa coisa de religião com vocês aqui?

Hernando: Religião, acho que normal, é coisa que... Lá, nós... a maioria é católico.

Orientador: Lá na tribo?

Hernando: É, católico. Mas aí, quando a gente participa, vai em igreja, vai em missa, assim, mas nós temos nossos rituais, forma de ver, de agradecimento, [ininteligível] culturais, que é de agradecer.

Orientador: Mas vocês praticam isso aqui dentro?

Romaicon: Não.

Anderson: Não.

Hernando: Não.

Orientador: Nem na igreja católica?

Romaicon: Algumas vezes os meninos participam aí das missas, mas só que...

Hernando: ... é difícil, né...

Pesquisadora: Tem aquele projetinho, não tinha?

Hernando: Tem um projeto aí. De vez em quando eles falam que tem... A igreja católica mesmo é só lá na cidade e na maioria das vezes nós vamos. Mas de vez em quando eles fazem uns cultos ali da igreja evangélica...

Pesquisadora: Faz em umas missas...?

Hernando: Não, eles fazem uns cultos ali embaixo. Aí eles passam às vezes e começa chamando.

Orientador: Eu vou perguntar para cada um de vocês. Quem era você quando entrou e quem é você agora que está saindo?

Pesquisadora: É o que vocês tão saindo! Vocês tão no terceiro ano!

Orientador: É, está terminando, né. Final do mês, início de dezembro, creio eu que está terminando.

Hernando: Mas, de mim, eu acho que... Cheguei aqui, quando eu entrei, eu era uma pessoa assim, que, acho que, em vista do que eu sei hoje, antes eu não sabia, bem dizer, de nada. Depois que, assim, você saiu, você saiu para o mundo e você totalmente muda, você não fica igual, você muda. Seu conhecimento é diferente, suas reflexões são todas diferentes, eu acho que no terceiro ano, meu posicionamento, das minhas reflexões, são bem melhores do que no primeiro ano, quando eu entrei aqui. Sabia quase nada, e muita pressão, pensava em ir embora... Acho que, entre nós, não teve nenhum que antes dos seis meses não pensou em desistir.

Orientador: Entendo. E você, Romaicon?

Romaicon: Por mim, quando cheguei aqui, tinha muita vergonha (timidez). Aí, quando eu não entendia nada, aí eu não conseguia fazer a pergunta para o professor (poder me) explicar. Então ficava naquela dúvida. Aí hoje, ao decorrer do longo do tempo, fui (me) acostumando mais com o professor, aí toda vez que eu sentia dúvida, eu chamava o professor para me explicar. E a dúvida maior que tinha era para fazer apresentação de trabalho. Aí, hoje, que eu estou mais ou menos.

Orientador: Perdeu um pouco a vergonha...

Romaicon: É. Perdi, mais ou menos.

Orientador: Está certo.

Anderson: Para mim, acho que ajudou mais, assim, para ampliar o meu conhecimento, é, ter uma ideia, assim, de... das duas, das duas extremidades, tanto do (saber do) branco quanto do saber indígena. Quando eu cheguei aqui, eu era muito tímido também - como o menino estava falando aqui - e eu tinha muita dificuldade para apresentar trabalhos, essas coisas. Agora no terceiro ano, já estou bem mais, é... sem vergonha, assim [risos]. Apresento (em um) projeto também com as mulheres ali do projeto de extensão que eu desenvolvo, aí já ficou bem mais calmo para mim, mais tranquilo.

Orientador: Eu vou fazer uma pergunta para vocês, aí vocês ficam à vontade para responder. Vocês se sentiram, em algum momento nesses três anos, discriminados?

Hernando: Já.

Orientador: Pode citar? Ou não quer? Não precisa citar nome, nada não. Só falar a situação. Como foi?

Hernando: Eu mesmo, a presenciar, assim, na quadra. Foi até nesse ano. Deu até problema esse negócio. Foi, a gente começou a jogar, eu mesmo nem estava jogando, estava do lado de fora. Aí começou, uns meninos lá - acho que perderam até a bolsa - começaram zombando: 'ó lá os indígenas, uh, uh, uh, uh, uh, mim, mim vai no GAE chamar Andréa para tirar branco da quadra'. Fiquei só lá, só olhando. Aí depois, não sei se foi, uns meninos deduraram (denunciaram)... Nem fomos nós quem falou, quem falou foi um aluno que não era indígena, mas falou isso aí, chegou em nós, chegou mais o Fernando na gente e perguntou se aconteceu mesmo. Aí, falei: 'aconteceu'. Teve até punição para os meninos.

Orientador: E o Romaicon?

Romaicon: Para mim também aconteceu, tanto da mesma situação que o Ernando disse, que acontece muito quando a gente vai jogar bola, a gente enfrenta isso, o povo chama a gente até de 'raça ruim', acho que pelo jeito que a gente joga cria até intriga, né, mas...

Orientador: Que jeito é esse?

Romaicon: Porque o jogo deles é um jogo mais solto [mais voltado à tática de toques, evitando ataque corpo-a-corpo], o nosso é mais jogo mais colado...

Hernando: [intervenção] Jogo pegado [com muito ataque corpo-a-corpo]. Tem... isso vem de onde a gente joga.

Pesquisadora: Vocês são [ininteligível], né. Tem até uma pesquisa sobre essa questão, questão física mesmo.

Romaicon: Tem até um projeto sobre a resistência aí.

Hernando: Eu faço um projeto sobre artesanato e o projeto meu é sobre testes físicos, resistência física em alunos indígenas e não indígenas.

Orientador: Ah, que bacana! Parabéns! Mas aí, então, o pessoal jogando, como você joga pegando, os caras reclamam.

Romaicon: É, nem sei se é por causa disso mesmo, porque a maioria dos que jogam com a gente é, mora perto de lá, né, os meninos que [ininteligível, possivelmente 'tacaram neles'], ficam (reclamando, falando?) muito nesse jogo que a gente 'pega terra', fica muito essa intriga que já vem de lá, de Minas. Também tem algumas vezes que a gente presencia assim, quando a gente (se) pinta, quando a gente usa cocar, usa gravata, a gente enfrenta isso, o povo começa a fazer alguns gestos, que não agradam muito, e vai...

Hernando: [intervenção] Igual a questão do menino lá da sua sala mesmo...

Romaicon: É, o menino da minha própria sala tava... porque é dividido em dois blocos de fila, aí quando eu fui passar para a outra fila, ele pegou e estava atrás de mim... na frente de mim. Aí, no caso, eu passei para a outra fila e ele ficou para trás. Aí ele começou a comentar com o colega dele de mim, falando que não era, tinha que deixar a gente, porque nós éramos cotistas, que nós precisávamos mais do que eles. A gente enfrenta isso

de um jeito até de não ligar muito para isso, porque quando a gente sai de lá, a gente tem que ter a mentalidade de que vai enfrentar isso.

Orientador: E o Anderson?

Anderson: Bom, eu fui viver isso no primeiro ano, quando nós estávamos apresentando um trabalho. Aí após a apresentação do trabalho, nós íamos sair, e aí tinha uma menina na frente conversando, aí um de nós viu e escutou ela falando assim: ‘nossa, esses índios são brega’, falou bem assim. Aí nós fomos, em outra apresentação de trabalho, nós fomos e falamos, explicamos, e, tipo, jogou na cara uma indireta para as pessoas se tocarem que nós não éramos aquele tipo de gente que eles pensavam, e também na hora que ela estudar cultura, que quando eles viram nós pela primeira vez pintados, falaram assim: ‘nossa, o tamanho dessas crianças com essas tatuagens no braço’. Aí nós tinha que falar: ‘não, isso não é uma tatuagem, isso é uma pintura indígena’. Também já fomos parados pela polícia, e eles falam assim: ‘e essas tatuagens aí? hm?’. Aí nós (respondíamos): ‘não, isso aqui não é tatuagem não, isso é uma pintura indígena’. Aí perguntaram de onde nós éramos, aí tivemos de explicar tudo.

Orientador: Como... isso... esse tipo de discriminação acontece mais com os meninos ou com as meninas?

Pesquisadora: Tem quantas meninas? Deve ter o quê? Umas duas só?

Hernando: Três, quatro.

Orientador: Não, não. Há meninas indígenas?

Hernando: Tem, tem três.

Orientador: Não sabia. Mas a pergunta não era em relação a elas.

Hernando: Você está falando se é em relação a mulheres ou se é homens que cometem. Eu acho que a relação é mais é com homem.

Orientador: É com os homens. As colegas não indígenas meninas não têm muito disso, de ficar discriminando, de fazer *bullying*.

Hernando: Às vezes tem, mas a relação (frequência) é muito pouca em relação à dos meninos.

Orientador: As meninas indígenas são da idade de vocês?

Hernando: São o quê?

Orientador: Da idade de vocês?

Hernando: Não, elas são mais velhas, já fazem faculdade já.

Orientador: Já?

Hernando: Elas são mais velhas, já estão fazendo faculdade.

Pesquisadora: Curso superior.

Orientador: Ah, faculdade aqui.

Hernando: Acho que tem uma que é da idade nossa.

Orientador: Os cursos superiores aqui do Instituto são, também, pelo ENEM?

Pesquisadora: São.

Hernando: São.

Orientador: E as provas são feitas aqui também, do ENEM?

Pesquisadora: Não.

Hernando: Não. ENEM é só lançar nota.

Orientador: Hm?

Hernando: Você só joga a nota para cá se você quer para alguma faculdade.

Orientador: [intervenção] Sim.

Hernando: [intervenção] Mas faz a inscrição aqui.

Orientador: Mas a prova do ENEM está sendo realizada aqui?

Hernando: Não.

Orientador: Aqui em Urutaí?

Hernando: Não. Pires do Rio.

Orientador: Pires do Rio?

Hernando: O lugar mais perto é Pires do Rio.

Orientador: Aí vocês têm que se deslocar para lá para fazer a prova.

Pesquisadora: O IF tem ônibus, não tem? Para vocês?

Hernando: É, eles dão prioridade... Eles arrumam os ônibus para nós aqui mesmo do IF, mas dão prioridade para o Ensino Médio, primeiro vão para o terceiro ano, depois o segundo aí depois o primeiro. Aí, se sobrar vaga, eles levam quem mora na cidade ou então alguém que quer fazer o ENEM para trocar de faculdade.

Orientador: Vocês têm uma bolsa de ajuda aqui, né?

Pesquisadora: Não, eles moram aqui.

Hernando: Nós somos residentes.

Orientador: Mas não tem bolsa, em dinheiro, que vocês recebem não. O que tem é a residência, a comida, etc., essas coisas. Roupa, quem compra?

Hernando: Ah, são os pais da gente.

Orientador: É isso que eu queria a informação.

Pesquisadora: Do IF vocês recebem só o uniforme, e uma blusa de frio, não é isso?

Hernando: Isso. Foi no primeiro ano. Eles deram uniforme e uma blusa de frio.

Anderson: E um lençol.

Orientador: Lençol também?

Pesquisadora: Pasta dental? Sabonete? O IF oferta essas coisas?

Anderson: Isso.

Romaicon: Esse ano até o IF parou de dar, porque estavam pegando muita gente que dava (para outros).

Pesquisadora: Não teve?

Hernando: Esses dias estava sem nada lá, estava em falta.

Orientador: Você quer perguntar alguma coisa que eu não perguntei por enquanto?

Pesquisadora: Não, eu fiz... um... [possivelmente: fazendo um caminho] em seguida. Perguntou tudo. Falou da questão da religião... Aí... Vocês moram na aldeia, vocês são novos... Vocês são filhos de índios com índios? Como é que é essa questão lá?

Hernando: Nós somos todos índios com índios

Pesquisadora: Índio com índio. Entendi.

Orientador: O que vocês gostariam mais de destacar sobre esses três anos no Instituto aqui?

Pesquisadora: Precisa ser coisa boa não, pode ser coisa ruim também. [riso] Tipo assim, o que vai marcar, que ‘isso aqui eu não vou esquecer, marcou a minha passagem aqui’? [silêncio] Algum professor, alguma disciplina, algum curso extra aí fora que... vocês fizeram o Ensino Técnico, sei que vocês fazem bastante também... alguma viagem, alguém foi para o JIIF (Jogos Internos do Instituto Federal)?

Orientador: A namorada que teve aqui escondida... [risos] Vocês têm campeonato de futebol aqui? Interno?

Romaicon: Tem só o...

Hernando: Tem só o do JIIF.

Orientador: Ok. Agora, a Marilene depois vai contactar vocês e fazer a entrevista individual, e tudo, para pegar mais detalhes, essas coisas de vocês, enfim.

Pesquisadora: Como vocês enxergam, assim, essa questão? Porque depois que o pessoal passou a ver vocês como os índios, né, do IFGoiano, aí vocês passaram a fazer muitas apresentações dos povos... Como vocês enxergam isso?

Hernando: Acho que são maneiras de a gente mostrar mais, mostrar um pouco da nossa cultura, mostrar para as pessoas quem nós somos, que nós temos nossos termos, nossos costumes, são diferentes dos deles, e mostrar que nós não somos o que muitas pessoas pensam, não, que é ‘ladão de terra’.

Orientador: O que vocês estão achando agora desse governo que está aí?

Romaicon: Tem um bocado de cara que... parece que eles não conhece o que é o povo indígena do Brasil, que eles fazem é atacar a gente, dar reforço para quem ataca...

Hernando: Nem só para gente indígena como para muitos outros também, coisa, que ele é muito racista, (preconceituoso) com mulheres, eu acho...

Pesquisadora: [ininteligível]

Orientador: Bom, eu penso que vocês estão numa característica ainda muito boa. Vocês estão sobrevivendo ao Instituto e preservando um pouco a tradição de vocês. Acho que isso é muito importante na história do povo de vocês, que vocês, no início da conversa, vocês destacaram isso muito, e eu vejo que isso é muito forte, é, no olhar de vocês quando vocês pensam o valor que a cultura tem para vocês. E é óbvio que se vocês conseguirem levar todos esses conhecimentos daqui retribuindo esses anos todos que ficaram, e fazendo com que as coisas, para o povo de vocês, melhorem, tenham outras valorizações que possam inspirar outros, outras crianças a fazer a mesma coisa, né, que possam ser um técnico, um odontólogo, um advogado, e defender o povo, fazer as coisas para o povo, acho que isso é bacana. Eu fiquei muito surpreso com a ideia da Marilene de fazer esse tipo de pesquisa, porque até hoje eu não tinha pensado sobre isso também. Acho que o Instituto se valoriza muito com a presença de vocês, apesar desses tropeços que são bem discriminatórios... Não é só com índios; é com negro, é com mulher, pobre, etc., que esse país tem, infelizmente, mas a gente tem que continuar resistindo e lutando, assim como vocês fazem. Parabéns! E o que eu tenho, mais, agora, nesse momento, é agradecer mesmo a entrevista que vocês concederam aqui com a gente.

Pesquisadora: Eu também agradeço muito mesmo, porque, assim, não foi fácil. Querendo, ou não, teve um certo receio. Assim, acho que vocês pensaram que as perguntas seriam mais voltadas para vocês na aldeia, uma pesquisa mais... fora disso aqui, né. Aí eu penso que vocês tiveram um certo receio, que vocês confiaram em mim e vieram me ajudar. Agradeço muito mesmo! E, não acaba aqui não. É uma pesquisa que inicia aqui, acho que vocês têm muita coisa para contar, têm muita coisa para falar, que às vezes não foi dito que a gente não tem uma observação de perguntar, e tudo o mais. Então, depois que eu e o Wolney fizemos a análise disto, do que vocês falaram e do que vocês não

falaram, a gente vai ver essa questão do que faltou, e aí eu vou atrás de vocês de novo. E aí eu espero que vocês me ajudem outra vez. Porque isso aqui também é... eu quero que vocês enxerguem como sendo a voz de vocês aqui, escrita. Porque isso aqui, depois a gente vai publicar, e, aí, as pessoas vão poder ter acesso daqui a... como que você via a escola, situações que vocês viveram aqui, quem são vocês... É como você falou, não são 'ladrões de terra'... Então, é isso o que a nossa pesquisa busca, trazer a voz de vocês.

Orientador: Nós roubamos as terras de vocês. Nós, brancos, portugueses, roubamos muita terra dos índios. Nós temos, o povo branco ainda tem muito - branco, no sentido de origem portuguesa - o que refazer na história desse país. Então, podem ficar tranquilos; da minha parte, pelo menos, o respeito é muito grande. É claro que o 'Bozo' que está lá não respeita, mas a gente [ininteligível; possivelmente: 'está sem paciência']. Prontinho? Então vou desligar. Agradeço vocês, muito obrigado... Depois eu quero ver vocês jogando bola uma hora, quero ver se é coisa boa mesmo.

Pesquisadora: Anderson. Depois você me passa seu contato, o do Romaicon e...

ANEXO IV – ENTREVISTA DO DISENTES XACRIABÁ ROMAICON

Urutaí, 21 de janeiro de 2020

Entrevistado: Romaicon.

Local da Entrevista: IF Goiano campus Urutaí -GO

Presentes: Marilene (Pesquisadora), Romaicon (Entrevistado).

Horário da Entrevista: 14:00.

Duração Total do Áudio: 2h 01min 27s 680ms.

[Áudio 01/57, duração: 45s 040ms]

Pesquisadora: Bom, vamos lá. Como é, então, seu cotidiano aqui no IFGoiano?

Entrevistado: Bom, a gente tem uma rotina meio pesada, assim, voltada mais a estudar, porque é um... período... de manhã e à tarde estudando, em sala de aula. Aí, quando a gente sai, tem uma atividade física que eu tenho o costume de fazer, até o horário da janta,

que é às 18:00, depois a gente só janta, volta para... para o quarto... alguns dias, na sexta-feira, no fim de semana, (a gente) joga bola, e é isso... e mais alguma tarefa de casa...

[Áudio 02/57, duração: 1min 29s 960ms]

Pesquisadora: Como funciona a sala de aula? É o dia todo? De manhã, à tarde...

Entrevistado: É de manhã, e à tarde, no... e até tem o intervalo do almoço, que é das 11:00 às 13:00, aí depois você tem aula de novo. Na sexta-feira, no caso, não tem aula à tarde, só na sexta-feira.

Pesquisadora: E como é a sua vivência na sala de aula? Conte-me um pouquinho de como você é na sala de aula?

Entrevistado: É, eu sou, é... Mais de maneira 'normal', assim. Só que, às vezes, eu me sinto, assim, que eu não estou meio muito bem com os colegas. É que, às vezes, eu me sento mais ali para a frente, outra hora fazem um grupo ali e eu fico (como) a pessoa que sobra no grupo da sala, ou me encaixo em outro grupo, sempre desse jeito...

Pesquisadora: E com os docentes? Como é com os professores?

Entrevistado: Com os professores, é 'normal', assim, com os professores a gente interage bem, faz muita amizade com os professores. Tem, inclusive... quando (a gente) chega lá na sala, quando termina a aula, os professores, vou lá e converso com o professor, debater um pouco sobre o assunto, muitas das vezes, e aí a gente vai interagindo.

[Áudio 03/57, duração: 17s 900ms]

Pesquisadora: Agora, um momento que marcou, dentro da sala de aula, e que você vai falar: 'não, esse aqui marcou a minha presença na sala de aula, minha presença no IFGoiano', seja momento bom ou ruins.

[Áudio 04/57, duração: 1min 22s 980ms]

Entrevistado: Um momento, assim, que eu achei marcante, assim, foi, de que me lembro, foi no terceiro ano agora, que um professor chegou na sala, perguntou a alguns... estava explicando sobre ditadura militar e pensou, assim, falou: ‘E vocês, o que vocês acham? Que a ditadura foi ruim, se a ditadura foi boa?’. Aí, eu tive um argumento, porque os alunos lá começaram a fazer graça, assim, falando que tinha sido boa, alguns falando que tinha sido ruim, e explicaram. Eu fui lá e falei que, para mim, tinha sido ruim, porque tinha matado muitos indígenas no combate com os Waimiri Atoari. A gente, a princípio, não via, não sei de relatos que tenha afetado (os indígenas, diretamente), mas, assim, eu sabia que tinha afetado o povo indígena. Aí, eu expliquei isso, e naquele momento, assim, para mim foi um momento em que falei assim: ‘nossa, eu estou me dando conta de como é que está a nossa situação no país, nós, povo indígena, como foi o histórico, assim, a construção da nossa história’. Então, acho que a gente se dá conta, assim, ao aprender algumas coisas, assim, durante o período que a gente esteve aqui.

[Áudio 05/57, duração: 2min 57s 480ms]

Pesquisadora: Como funciona a questão do refeitório? Que horas vocês vão... tem café da manhã, almoço, tudo?

Entrevistado: As refeições... de 6:00 a... 6:00 (servem) o café, durante a semana, é... à tarde tem o almoço, que é de 12:00, de 11:00 a 12:55, 13:00, e tem o... no caso, o lanche da noite, que é 20:00 até 21:00, de 20:55 até 21:00, e tem o... a janta que é de 18:00, de 18:00 a 18:45.

Pesquisadora: E a comida? Como é a comida?

Entrevistado: Uai, às vezes é boa, às vezes é... nem tanto, porque é muito diferente até do que a gente se alimenta lá, aí fica nisso. Não é muito boa, mas não tem por que reclamar.

Pesquisadora: Você fala lá na aldeia?

Entrevistado: É, diferente do que a gente tem aqui, porque... (Por exemplo,) um alimento, assim, que eu achei bem diferente foi a abóbora. Lá nós fazíamos abóbora lá,

era muito boa, docinha, e aqui a gente vai comer e não tem quase, não tem gosto, para falar a verdade.

Pesquisadora: E tem alguma comida lá que não tem aqui? São várias?

Entrevistado: É, tem, tem as comidas tradicionais. Só que essas comidas tradicionais lá não estão fazendo muito, porque depende muito da chuva, e aí, lá está em um período de muita seca.

Pesquisadora: Hm, entendi. Mas a comida aqui... não teve nenhuma comida nova? Que você fala que lá na aldeia não tinha e aqui tem, que vocês tiveram de se acostumar a comer, ou que vocês não tinham muita frequência em comer lá e aqui vocês comem todos os dias?

Entrevistado: Não. Acho 'normal'.

Pesquisadora: 'Normal'. Entendi. Então, quanto à comida não teve problemas. E quanto a essa questão de comer? Eu sei de relato de uma aluna indígena que veio para cá e ela não comia na frente de todo mundo. Tinha que levar comida no quarto para ela comer lá... Como é essa questão lá também?

Entrevistado: Bem, eu acho que isso é mais pela timidez, porque muitos dos alunos que vêm são bem tímidos, ou até mesmo... quando sai, para fora (da aldeia), assim, enfrenta vários desafios devido à timidez, mas só que, dentro da etnia mesmo, é 'normal'.

Pesquisadora: 'Normal', não tem nenhuma cultura que fala que você não pode comer na frente de... não.

Entrevistado: Não, isso não tem não.

[Áudio 06/57, duração: 1min 31s 320ms]

Pesquisadora: Sobre a sua atividade física, 18:00, como funciona isso por aqui?

Entrevistado: É porque a gente tem um horário, assim, bem cheio. Aí, no caso, quando (a gente) sai da aula, às 17:00, só desço no quarto, troco de roupa e venho aí para o complexo aí, às vezes eu corro, na maioria das vezes eu corro.

Pesquisadora: [intervenção] Ah, você faz por conta própria, essa das 18:00.

Entrevistado: É por conta própria.

Pesquisadora: Ah, entendi.

Entrevistado: Aí a gente joga bola, às vezes, tem o professor que deu aula para mim até o segundo ano, que às vezes ele chama a gente para jogar, a gente vai lá, joga, mas, mais mesmo só correr e jogar.

Pesquisadora: Ah, entendi. E como funciona a Educação Física mesmo, a disciplina que vocês têm?

Entrevistado: A Educação Física, no caso, muitas aulas variam, porque tem algumas aulas que eles ficam mais na teoria, não nos levam muito à prática, mas a maioria das aulas é toda em prática, a gente joga, a gente brinca com alguma brincadeira lá, e... 'normal'.

Pesquisadora: E vocês gostam da aula de Educação Física?

Entrevistado: A melhor aula.

Pesquisadora: É a melhor aula? E tem alguma experiência, também, nesse momento do esporte, nesse momento das aulas de Educação Física, que também marcou você, que você também tem registro disso?

[Áudio 07/57, duração: 58s 720ms]

Entrevistado: Teve um momento em sala que foi com... ano passado, com o professor Paulo, que ele... a gente estava em uma aula de... meio que um teste de resistência, e

depois que terminou, ele viu que eu tinha sido um aluno que tinha pontuado mais nas corridas que tinha feito, que marcou o menor tempo. Aí ele pegou e perguntou, porque nem todo mundo sabia, e eu falei que eu era indígena, aí ele começou a falar que a gente... a falar sobre nós, que a gente... tinha gente aqui no colégio que a gente tinha muita... muitos de nós tinham mais resistência do que muitos dos meninos aqui. Aí ele começou a falar, e nesse momento, assim, marcou bastante, porque os momentos que marcam aqui, (são os que) a gente está marcando nossa presença no mundo, fora da etnia.

[Áudio 08/57, duração: 1min 50s 400ms]

Pesquisadora: (Como?) funciona a questão da amizade fora daquele âmbito de... entre vocês, (isto é,) amigos não íntimos?

Entrevistado: Você fala na sala, ou em geral?

Pesquisadora: Em geral.

Entrevistado: É, é bem... assim, é bem variado o tipo de amizade que a gente faz aqui por... às vezes a gente faz muita amizade boa, às vezes faz amizade ruim, mas só que a gente interage 'normalmente'. Só em, só... a gente só encontra, assim, amizade e inimizade também é... quando a gente vai jogar bola, que a gente começa, muitas vezes, a fazer uma amizade ali, mas a fazer alguns, meio que inimigos, às vezes, dos jogos, (por conta da) maneira que a gente joga. Mas a gente interage 'normal', faz muita amizade aí...

Pesquisadora: O que é amizade boa e o que é amizade ruim, de que você fala?

Entrevistado: Não, é que muitas vezes a gente encontra umas pessoas, assim, que, meio que não quer nada, mas a gente percebe que a gente está meio que se envolvendo com aquilo, que está... como um dia que era para a gente estar estudando, e a gente está indo para cidade fazer alguma outra coisa, e aquela pessoa é mais amigo aqui dos agentes aí...

Pesquisadora: E vocês, em específico você, tem esse cuidado de não estar enturmando com essas pessoas?

Entrevistado: É, eu sou bem ‘cismado’, assim... Eu, para eu... é... meu caso, eu interajo mais só com os meninos mesmo daqui, de... ou de Missões ou de lá mesmo do Xacriabá, agora com os outros meninos, assim, é bem... difícil fazer amizade, sou um pouco fechado.

[Áudio 09/57, duração: 1min 15s 100ms]

Pesquisadora: (Como é a?) questão do dormitório. Você divide quarto (com alguém), como funciona isso?

Entrevistado: É, eu... divido quarto com um colega meu, Hernando, e a gente mora nas LEPs, fora do, fora daqui de dentro do colégio, e, no caso, a gente... a... no... antes de (se tornar) maior (de idade), a gente dividia o quarto com mais seis pessoas, mais cinco pessoas, que eram os... nas residências aqui de dentro, R1, R2 e R3. Aí, agora, eles mudaram tudo para lá e eu divido quarto só com o Hernando.

Pesquisadora: E o que você acha disso, é melhor, ou ficou pior? Você gostava quando eram mais pessoas? Ou quando (ficou) só vocês dois?

Entrevistado: Ficou melhor. Só nós por lá, a gente interage bem... E também tem a questão da limpeza. É que muitas das vezes a gente... com muita gente, assim, bagunça aí, chega o dia de a gente limpar, parece que tem mais bagunça, aí fica meio ‘embaçado’.

Pesquisadora: Sobra para vocês. Porque, se não limpar, também... fica muito tenso.

Entrevistado: Sim.

[Áudio 10/57, duração: 56s 720ms]

Entrevistado: Eu... Teve, é, alguns... Teve um momento lá que... foi um dia que eu tava com a, uma aula, assim, fora. Aí, eu cheguei no quarto, e aí estava bagunçado e os meninos tinham falado que o povo tinha mandado a gente ir num lugar aí. Eu cheguei lá, a gente até assinou advertência, e eu vi que eu não tinha nada a ver com aquilo, só que,

mesmo assim, eu tive que assumir a culpa. Aquele momento me marcou, assim, que eu vi que eu ia ter que aprender a conviver (com eles). É, meio que os meninos eram meu colegas, assim, mas ia ter que chegar neles na hora certa e falar que aquilo estava errado, que não ia dar certinho assim, porque as consequências dos atos deles iriam cair sobre mim também e a gente... eu vi que a gente ia ter que aprender a dar sermão também, né, um que...

[Áudio 11/57, duração: 38s 120ms]

Pesquisadora: Então. A questão do quarto. Quando você veio para cá, você foi para um quarto, onde você não conhecia ninguém. Certo, ou não?

Entrevistado: Eu conheci o Adriel, que era da etnia.

Pesquisadora: [intervenção] Que também era. Aí quando você veio para cá, você foi para esse quarto de seis pessoas. E aí você só conhecia ele. E como foi isso? Teve algum momento também que você falou: ‘nossa, esse momento do quarto também... marcou’? Teve algum evento, algum ocorrido dentro desse momento do quarto também? Você pode nos relatar?

[Áudio 12/57, duração: 1min 41s 820ms]

Pesquisadora: ... não sei se a gente pode chamar de *bullying*, se a gente chama de preconceito, na entrevista passada você falou um pouquinho disso. Mas como funciona, como anda isso, se tem algum momento também que te marcou em relação a isso?

Entrevistado: Essa questão é meio complicada, porque a gente vê, assim, o tom das brincadeiras, que a gente não sabe distinguir se é, aquela pessoa está brincando, realmente, ou está querendo me afetar. Porque é a vida muito de colega mesmo, aí a gente fica, assim, meio indeciso, pensando: ‘será que é falta de conhecimento ou será que a pessoa realmente quer afetar a gente, quer (fazer) cair a nossa, nossa posição’, ‘sobre ela’. Porque teve uma vez que um colega meu que chegou ali em mim e fez uma brincadeira, que eu tinha até comentado. Não sei se foi brincadeira ou foi para me afetar mesmo. Que foi na fila aqui, que eu tinha que pegar fila mais à frente porque eu era cotista. Aí, a gente

viu, assim, que, não sei se foi brincadeira, mas afeta. Aí é uma questão complicada, porque muitas das vezes a gente vê que é falta de conhecimento da pessoa, outra hora já é uma coisa, assim, mais pessoal, que nem o caso dessa, é, dessa fala dele.

Pesquisadora: Você achou que foi mais pessoal, por maldade mesmo, né? Mas era alguém que você conhecia? Era amigo seu?

Entrevistado: Da minha sala mesmo, só que...

Pesquisadora: Ah, tá.

[Áudio 13/57, duração: 1min 11s 420ms]

Pesquisadora: E o namoro? Como funciona essa questão dentro do IF? Para vocês?

Entrevistado: Ah, eu mesmo nunca me envolvi muito com garotas aqui, só que... já, namorar mesmo, já namorei duas meninas, uma do primeiro e uma do segundo. Uma era de Pires do Rio, a do primeiro ano, e a outra acho que até já foi embora. Só os dois casos que eu tive aqui. Aí, a gente 'fica', às vezes, assim, com uma menina aqui, outra ali, mas nada sério, assim, mas 'ficar' mesmo, 'fiquei' com duas.

Pesquisadora: Hm, e como foi essa experiência de 'ficar' com elas? Tinha algum momento meio que...

Entrevistado: Legal, só que ficava meio 'paia' à distância.

Pesquisadora: Ela lá de Pires do Rio...

Entrevistado: A gente só se encontrava nos horários de aula, que eram os períodos de intervalo de almoço, essas coisas, e o colégio é meio rígido com essa questão, ficava meio complicado.

Pesquisadora: Vocês não podiam ficar em lugar nenhum, hm?

[Áudio 14/57, duração: 26s 300ms]

Pesquisadora: Essa questão de namoro. Você já sofreu alguma, algum preconceito também, de alguém de fora? Digo, estão você e ela, e alguém vê vocês dois juntos, e faz alguma piadinha, alguma coisa...

Entrevistado: Olha, quanto a isso, nunca recebi nenhuma piadinha, nada do tipo. 'Normal'.

[Áudio 15/57, duração: 2min 26s 640ms]

Pesquisadora: (Quanto a) atividades de ensino, pesquisa e extensão. Você participa de alguma?

Entrevistado: É, eu... no caso, participo do projeto que eu desenvolvo, 'Arte e Cultura Xacriabá', que éramos eu e o Cristian, que coordenava o cursinho, e tem o... que acabou virando um outro projeto também, que era o 'Mulheres Mil', aí eu dava oficinas para essas mulheres. Terminou por esses tempos, há pouco (tempo).

Pesquisadora: Você deu oficina de frutos do cerrado, frutos... como é que é...

Entrevistado: Era, isso mesmo, só que o meu era artesanato, ensinava a fazer artesanato com sementes.

Pesquisadora: Isso, aí todo mundo saiu caçando sementes por aí... E como foi essa experiência, de... Como foi isso? Porque, no caso, você foi, teve de passar de aluno a professor...

Entrevistado: Eu gostei muito da experiência. Podia ser um ambiente que eu achei que não ia dar conta, a princípio, aí depois eu fui lá, enfrentei e vi que era possível e... foi bem legal. As mulheres desenvolviam bem as atividades, eram bem entusiasmadas, e aí teve o dia da apresentação, que era a apresentação do projeto, praticamente apresentar o que era, aí eu fiquei de 13:00 até às 15:00 conversando. Aí, no primeiro momento eu cheguei, comecei a apresentar o que é etnia, a nossa história, do nosso povo, aí começaram a vir

as perguntas. E tinha uma mulher lá que começou a questionar, falando como era a nossa sobrevivência, porque nós não nos adaptávamos ao meio de sobrevivência do branco, aí entrou em uma questão que foi embolando ali, aí eu precisei citar a presença da tia 'Zeza', que é uma mulher lá da etnia, que por um... golpe de sorte ela estava aqui nesse dia. Aí, eu chamei ela lá, e ela foi lá e explicou muito bem. Aí, a gente esclareceu mais como era na etnia para eles. E foi bem legal.

[Áudio 16/57, duração: 1min 19s 960ms]

Pesquisadora: Esse (imbróglho?) cultural.

Entrevistado: É, porque estava explicando que era uma coisa simbólica para nós, era cultural e a gente não podia deixar aquilo lá que (a gente) vive, e viver como a sociedade do branco, do homem branco. Só que parecia que ela não entendia bem, porque ela retomava a mesma pergunta, praticamente, só que com palavras diferentes. Aí... (a 'Zeza'?) Até complementou lá falando que, dando o exemplo lá das pessoas ali em um raio, perto de... que habitavam ali perto de Brumadinho, e com o estouro da barragem lá deixaram a terra ali porque eles foram obrigados, e aquilo ali afetou muito as gerações, que... Como é que a pessoa ia ali falar, como é, como ela ia explicar para o filho dela que a cultura do povo dela tinha sido coberta por lama? Que ali tinha uma igreja onde foi feito o casamento dela? Então, tem aquele valor que a gente... guarda ali, que é simbólico para a gente.

Pesquisadora: E são valores que vocês trazem para vida.

Entrevistado: Que a gente traz, que faz o nosso viver, na verdade, faz o que a gente é.

[Áudio 17/57, duração: 1min 04s 680ms]

Entrevistado: Que, quando... Por exemplo, lá, quando eu estava na etnia, eu meio que estava... não estava indo mais nas apresentações culturais que tinha, não estava participando de nada, eu só ia ver só curtição, era festa, era essas coisas, e, no caso, estudava. Quando eu vim para cá, que eu fiquei muito tempo sem as apresentações, aí a gente começou a conversar, o grupo nosso dos meninos aqui que eram Xacriabá, e a gente

começou a ver que aqui, a gente estava sentindo falta daquilo, e a gente precisava daquilo. Aí foi o momento que fortaleceu a nossa cultura. Aí a gente viu fora da etnia o que a gente tem de melhor, a gente adquiriu um conhecimento mais amplo, e a gente vê que a gente precisa daquilo e a gente tem que, meio que a gente sai da etnia, mas a gente tem que carregar aquilo com a gente, porque é a nossa história, é a nossa sobrevivência, o nosso modo de viver.

[Áudio 18/57, duração: 2min 05s 180ms]

Pesquisadora: Viagens, fora daqui. Vocês já tiveram a oportunidade de fazer alguma viagem técnica, sair além da escola?

Entrevistado: A gente, eu tive uma viagem no primeiro ano, onde a gente ia fazer uma apresentação cultural, mas do nosso curso mesmo, viagem, nunca fiz não. Essa que nós fizemos foi em um evento que teve da... não lembro o nome, era da Agropecuária, no caso, aí nós fomos em Goiânia, na UFG, aí é... nós fizemos uma apresentação lá, meio que um festival cultural lá, e junto com algumas áreas da Agropecuária, aí a gente foi nesse evento, de que eu me lembre...

Pesquisadora: Então vocês foram como índios. Tinha outras etnias lá também, ou não?

Entrevistado: Não. No caso, tinha... Algumas, acho que eram alguma... acho que era quilombo que tinha, pela aparência, que estava apresentando... É que tinha umas, alguns artesanatos, algumas coisas lá que eles faziam, mas índios mesmo só éramos nós, só.

Pesquisadora: E como foi essa viagem, essa...

Entrevistado: Achei uma experiência bem bacana.

Pesquisadora: Porque, daí, no caso, foi outro olhar, de pessoas de fora.

Entrevistado: E a gente era muito novo ainda nisso, era o primeiro ano nosso aqui, e a gente foi lá fazer a apresentação, e é meio difícil fazer uma apresentação no palco mesmo, a gente fica meio com tensão, mas correu tudo bem.

Pesquisadora: O que você aprendeu nisso tudo, nessa... nessa questão de ir para o palco, que que você pode falar? ‘Aprendi...’

Entrevistado: Acho que ajudou a gente a, então, a perder mais o medo. Acho que ajudou nisso.

[Áudio 19/57, duração: 2min 13s 340ms]

Pesquisadora: Festas. Você falou que lá você ia mais (em festas), você estava nessa fase de festas. Festa lá é como aqui, as festas dos jovens lá? Como funciona?

Entrevistado: É um pouco diferente: a gente, tem mais forró. Lá, toda festa que tem é forró, e a gente vai lá. A diferença mesmo é a dança, que a gente chega lá, toca o forró, todo mundo entra na barraca lá e dança a noite toda, só sai a hora que o sol raiar... E é bem diferente, porque a interação também é bem diferente, a gente... As bebidas também são questão... fica mais para ver se a pessoa... É meio diferente, fica assim com um olhar mais dentro da nossa vivência ali mesmo, [ininteligível] da gente. Aí, a gente chega aqui e as festas tem carro de som, tocando funk e acabam cedo, assim, essas coisas...

Pesquisadora: E vocês frequentam muitas festas aqui?

Entrevistado: Fui em uma festa só aqui. Não gostei porque ela era longe.

Pesquisadora: É longe? Mas aí, em festas, também, como é essa questão da presença de vocês nas festas, que você repara? Você repara o pessoal de fora? Quando vocês chegam nas festas, vocês andam mais, como você falou, você tem mais amigos índios. Então, no caso, vamos supor, para uma festa você vai chamar um amigo índio, e como que é essa questão, quando vocês chegam numa festa? Você acha que tem alguma coisa, que alguém também já... Teve algum momento, também que alguém já demonstrou alguma coisa?

Entrevistado: Ah, nessa questão aí, é, acontece ‘normal’, porque quando a gente vai, a gente não vai só com os indígenas, a gente vai mais com colegas também que não são, aí, então a gente interage ‘normal’.

Pesquisadora: Lá é todo mundo, vocês saem daqui e ‘vamos embora’. Todo mundo faz... mutirão, como se diz.

[Áudio 20/57, duração: 1min 12s 560ms]

Pesquisadora: Bom. Do IF para a vida. Teve algum momento, algum aprendizado, alguma coisa também que você vai sair daqui, falando ‘ah, isso aqui eu vou levar do IF para a vida’?

Entrevistado: Ah, eu acho que a coisa, assim, que mais marcou mesmo, foi nessa parte de a gente aparecer em público, na apresentação de algum trabalho, essas coisas. Porque quando a gente chegou aqui, era muito novo isso para a gente, nós não nos expomos. Para ir na frente apresentar um seminário, nunca tinha feito isso, ainda mais fora da etnia, que são pessoas novas, com experiências novas, com um olhar diferente do da gente. Então a gente chegava ali na frente e pensava: ‘nossa, eu acho que eu vou falar uma coisa aqui nada a ver’, ou algo do tipo. Então, a gente... o IF ajudou muito nessa questão, porque agora eu já chego e faço, como eu falei para você, a apresentação do projeto; já fiz lá, deu muito certo e acho que ajudou muito nessa questão. Perder mais a timidez.

[Áudio 21/57, duração: 1min 23s 640ms]

Pesquisadora: Você hoje, quando você chegou, você chegou assim, vai sair assado, você acha que teve uma mudança drástica, ou você acha que não mudou muita coisa? E depois, quem é você hoje?

Entrevistado: Acho que quando eu cheguei aqui, eu tinha um pensamento muito limitado ao que eu tinha dentro da etnia, aí hoje eu estou saindo com um pensamento sobre as duas extremidades, tanto do nosso povo, dentro da nossa etnia, muito mais forte ainda, e, também, sabendo como é viver nessa sociedade do homem branco, como é interagir com essa forma de pensar deles, o que pensam da gente também. Então acho que eu entrei uma pessoa com um pensamento mais limitado e estou saindo com uma visão bem mais ampla, com um pensamento bem mais maduro. E [ininteligível] também preparou muito a gente para a vida, porque viver longe do nosso lugar é... viver longe da família, do... é meio

que... a gente mesmo tomar conta da gente aqui é preparando a gente já para viver mesmo a vida, (ser) independente.

[Áudio 22/57, duração: 1min 31s 700ms]

Pesquisadora: Isso, e quando vocês vieram para cá então, também não tinha ninguém por vocês, eram vocês e vocês. E aí isso, como você falou, vocês tiveram que aprender.

Entrevistado: É, que a gente teve que se adaptar ao jeito que desse mais certo, e foi embora. Teve muita gente que, muitos meninos Xacriabá que não se adaptaram e voltaram. Muitos aqui mesmo já perderam bolsa, voltou para etnia por causa da (não) adaptação, das regras... Aí fica meio difícil, porque para vir a gente já gasta muito, aí a gente vir e não concluir o curso é meio complicado.

Pesquisadora: É verdade. E as regras aqui, elas são mais, é... mais severas do que lá?

Entrevistado: Eu creio que sim, nessa parte de... da escola sim, porque muitos meninos que vieram para cá, acho que não estão formando nem... acho que estão formando mais... metade, acho, dos alunos que vieram. E a maioria deles não foi embora porque quis, foi embora por causa das regras, não conseguiu seguir, muitos tentaram seguir mas deram umas extraviadas e tiveram que ir embora, e outros foram embora mesmo porque não estavam conseguindo mais, ficar.

Pesquisadora: (É quanto a) se adaptar mesmo...

Entrevistado: É, a se adaptar.

[Áudio 23/57, duração: 1min 54s 020ms]

Pesquisadora: (Se você quiser) deixar alguma mensagem, alguma visão, alguma coisa... até para aqueles que estão aqui, que viveram com vocês aqui nesses três anos e para os que vão vir também, porque, com certeza vai vir mais gente de lá também para cá.

Entrevistado: É, eu acho que o processo de a gente sair do nosso território para buscar um conhecimento mais diverso, acho que é uma continuidade da nossa luta. O nosso povo já viveu, o que o nosso povo já lutou em combate mesmo para manter isso, para manter aquilo tudo, para manter nossa, até nossa religiosidade. Mas é... Hoje não é combate físico, mas é combate na escrita, na lei, então acho que a gente sair para buscar isso é uma continuidade da nossa luta. Acho que é bem importante para o nosso conhecimento, enquanto indígena.

Pesquisadora: E aí vocês... Você, no caso, pensa em fazer Direito e voltar para a aldeia, você pensa em exercer fora também, o que você pensa?

Entrevistado: A vontade disso é, eu penso em atuar ali próximo e ajudar meu povo no que for necessário, porque quando a gente sai de lá, o primeiro ensino que a gente recebe lá nas reuniões de preparação para vir para fora é isso: que a gente tem que sair, tem que exercer uma função pensando em voltar para dentro da etnia e ajudar o povo. Então acho que é atuar ali próximo.

Pesquisadora: Ah, então vocês se preparam antes, vocês se reúnem, discutem, conversam, antes de vir para cá. Aí vocês têm o...

[Áudio 24/57, duração: 1min 53s 540ms]

Pesquisadora: E quem faz essa reunião lá? O cacique ou os... Porque lá vocês tem professores também, e antes de vir para cá, que tipo de orientação vocês recebem?

Entrevistado: É que, no caso, as reuniões são feitas com a (pessoa) que coordena os alunos que vêm, a 'Zeza'. Aí juntam as lideranças, o cacique, mais as pessoas que quiserem ir, pode [ininteligível] na etnia...

[interrupção devido a limpeza da sala]

Entrevistado: Aí a gente se reúne lá e conversa, e fala. No caso, eles passam orientações para a gente, antes de sair a gente conversar, pensar no nosso deus lá, que é para a preparação espiritual, porque quando vem para fora tem que ter uma preparação espiritual

para sair de dentro da etnia, e é preparado para vir para cá. É que, no caso, isso afeta. Tem alguns alunos que começam a sentir a tensão sobre eles, do mundo, e a gente tem que estar preparado para isso. Quando faz a... o nosso canto lá na reunião, é uma preparação para isso, para vir e já se adaptar (ao ritmo). E tem alguns, é... ensinamentos, que eles falam sempre: que a gente deve vir e meio que ignorar ao máximo as críticas que a gente vai receber, porque a gente, eles já sabem que a gente vai receber muita crítica. Vai receber muito preconceito. Aí já é passado isso desde lá.

[Áudio 49/57, duração: 3min 21s 460ms]

Pesquisadora: Então, o que fazer agora? Terminou o terceiro ano, fazer as provas daqui para frente...

Entrevistado: É pensar num momento da vida da gente que, para quem pensa mesmo no futuro, acho que é um momento de grande, muita tensão, para a gente decidir alguma coisa que vai marcar muito a vida da gente, que a gente vai levar para a vida toda, mas acho que isso vai muito do destino, acho que muda muito o que a gente pensa e o que a gente planeja. Só que, para mim, eu pretendo entrar em uma faculdade, se tudo der certo, e seguir a minha carreira de Direito. Não é uma escolha fixa, mas a que eu mais penso em fazer é na área do Direito.

Pesquisadora: E essa escolha sua de Direito, teve alguma influência aqui dentro do IF... Por que Direito?

Entrevistado: É que, quando a gente vai pensar, acho que devia ter uma disciplina de Direito já no Ensino Médio, só que não tem, aí eu pensei assim: 'nossa, tanta lei, tanta coisa que a gente devia saber mas não sabe'... Acho que para nós, indígenas, acho que é um momento muito bom para a gente entrar na área de Direito, porque a gente vai conhecer muito sobre nossos direitos na sociedade brasileira, que, na verdade, a gente... pode ter esse direito, mas a gente não tem acesso. Muitas das vezes eu saio aqui, eu presto atenção aqui que tem um direito que favorece a gente, mas a gente não sabe que existe esse direito, porque a gente não tem acesso a ele. Então eu acho que foi mais por conta disso, que eu comecei a pensar, a pesquisar, o que era nosso direito, o que a gente tinha de direito...

Pesquisadora: E aqui dentro do IF você viveu muito isso, essa questão de ‘poxa, tinha direito daquilo, se eu soubesse disso...’?

Entrevistado: É, tem meio de uma... não sei se eu interpreto bem o que eu vi, mas eu acho que tem um momento de meio... colisão entre as regras daqui e os nossos direitos, acho que o colégio não foi preparado para receber o indígena na questão das regras. Porque tem um artigo assim, eu não sei se eu interpretei certo, mas tem um artigo lá que fala que a gente, 215, que a gente pode fazer manifestação cultural, que a gente pode se manifestar aqui e é dever do Estado defender isso, aí a gente chega aqui, na prática, eu não posso andar sem camisa aqui às vezes, então... é uma colisão aí que tem. Porque, para nós, isso é manifestação cultural a gente praticar... Por exemplo, tirar um jenipapo. Eu não posso simplesmente chegar lá e tirar um jenipapo, mesmo que não seja propriedade nossa, mas é manifestação cultural o ato de a gente pegar o jenipapo para tirar a tinta, então acho que tem essas coisas aí que levam o ‘cara’ a pensar.

[Áudio 50/57, duração: 3min 44s 420ms]

Pesquisadora: Então, nesses três anos do IF, qual foi o significado que o IF teve na sua vida, nesses três anos? Se você fosse resumir em alguma palavra, qual seria?

Entrevistado: Ah, acho que é ‘experiência’. É, que, um lugar que abre porta para você ter muita experiência, tanto de vida quanto de sobrevivência mesmo, porque... muitas das vezes você tem que enfrentar a experiência nova, mesmo que você não esteja aqui. Ou na hora em que você se tornar maior (de idade), no nosso caso, você tem que sair para trabalhar ou buscar um estudo, então o IF serviu muito em onde buscar experiências novas, que eu pude buscar conhecimento da nossa etnia que, no caso, foi desenvolvendo projeto, e, ao mesmo tempo buscar uma experiência nas áreas das Ciências mesmo, que a gente busca aqui.

Pesquisadora: Quando você veio para cá, você veio já com a certeza do curso que você ia fazer.

Entrevistado: Ah, o curso foi aleatório.

Pesquisadora: Ah... Você não tinha noção do o que era isso. Qual é o curso mesmo?

Entrevistado: Informática.

Pesquisadora: Isso, e aí você veio... Como foi, então, essa questão de...

Entrevistado: Ah, quando eu escolhi, eu escolhi aleatório, só que depois eu fui dando uma olhada assim, pesquisando, não era na Internet, porque nesse tempo não tinha acesso à Internet. É pesquisando com algumas pessoas que tinham mais experiência dentro da etnia e aí eu fui tendo uma ideia de como era o curso, aí eu falei 'se chegar lá e puder mudar, acho que não vou mudar não, vou ficar nesse mesmo', porque comparando, eu queria esse mesmo. Aí, chegando aqui eu enfrentei alguns desafios, porque não sabia nem ligar um computador. Aí a gente foi superando, foi enfrentando lá no que dava, e eu acho que foi bem bacana essa experiência.

Pesquisadora: E ajuda? Você teve muita ajuda de quem? Que você fala: 'não, essa pessoa aqui ajudou muito'? Nessa questão, de desenvolver nessa...

Entrevistado: Teve um professor que me ajudou bastante, não foi no, na área da, do curso, mas foi numa área 'normal' do Ensino Médio, foi o Leandro, ele me deu uma força psicológica mesmo, porque quando eu cheguei, eu vi lá os algoritmos, eu comecei a ir pensando... Tinha as áreas das Exatas lá complicando e falei 'ah, não vou dar conta disso não', aí não podia mais mudar de curso, já tinha passado um tempo, aí eu peguei e falei: 'acho que eu vou desistir logo enquanto está perto'. Aí foi quando eu conheci o Leandro. Aí cheguei nele e falei que estava com dúvida lá, e ele pegou e mandou eu ir na sala; aí eu fui, ele conversou comigo, ele não sabia quem eu era, eu não sabia quem ele era, mas aí ele foi... Depois disso ele foi e me deu uma ajuda psicológica ali, falando para eu persistir, que não adiantava nada eu tentar e não tentar até o fim, e eu peguei e falei: 'não, eu tenho que ficar mais um tempo'. Aí eu comecei a ir direto na monitoria de Química, que era a matéria que eu tinha mais dúvidas. E sempre que eu ia lá e ele me via, ele me dava uma força, ele ia lá, falava, conversava, e me dava uma motivação... marcou bastante.

ANEXO V: ENTREVISTA DO DSICENTE XARIABÁ HERNANDO

Urutaí, 21 de janeiro, 2020

Entrevistado: Hernando.

Local da Entrevista: IF Goaino, campus Urutaí-GO

Presentes: Marilene (Pesquisadora), Ernando (Entrevistado).

Horário da Entrevista: 16:00.

Duração Total do Áudio: 2h 01min 27s 680ms.

[Áudio 35/57, duração: 10min 10s 100ms]

Pesquisadora: Agora eu estou com o Ernando, aluno de terceiro ano de Agropecuária. Isso? Falei certo? Bom, Ernando, eu quero que você comece me relatando como é a sua vivência, como é seu cotidiano, aqui no IFGoiano.

Entrevistado: Bom, assim, a vivência minha aqui no cotidiano é um pouco, meio corrido, (em virtude) de ser integrado, de a gente estudar o dia todo, é das 7:00 às 11:00 e é das 13:00 às 17:00. Muitas vezes, à noite, ainda tem alguma atividade para fazer, a gente vai para a biblioteca, fica meio corrido, mas a... Mas a gente se acostuma. A gente ainda, de vez em quando, pratica algum esporte, assim, mas é... É, em vista é bom, porque é mais um aprendizado para a gente, fazendo várias amizades sempre, tendo, adquirindo mais conhecimentos, e é assim.

Pesquisadora: Hm... Você falou do esporte.

Entrevistado: Sim.

Pesquisadora: Você gosta de esportes, pratica esportes...

Entrevistado: Estou gostando.

Pesquisadora: Do que você mais gosta?

Entrevistado: Ah, gosto (mais) de futebol.

Pesquisadora: Futebol?

Entrevistado: É, às vezes eu pratico corrida, alguns exercícios físicos também... mas o principal é futebol.

Pesquisadora: E aqui no IF, como se deu essa questão do esporte? Como é? Porque... lá na aldeia era diferente isso lá, ou não?

Entrevistado: É quase 'normal', aqui os esportes têm mais como um [ininteligível] de ter material, essas coisas. Lá tem outros esportes que (são voltados para a) área indígena. Aí aqui já (são mais voltados para a) área 'normal' totalmente. Aí, mas aqui tem, de material, tem vários materiais para vários esportes, no caso, quem não gosta de futebol, tem vôlei, tem basquete, tem uma pista de corrida, tem a piscina de natação, tem pingue-pongue, tem vários esportes. Aí, terminou de utilizar... lá tinha... não tinha tanta disponibilidade de material.

Pesquisadora: Ah, entendi. Que tipo de jogo vocês jogavam lá?

Entrevistado: Ah, lá mesmo era futebol mesmo. Que eu me lembre era só futebol, só.

Pesquisadora: Entendi. E você gosta das aulas de Educação Física daqui?

Entrevistado: Ah, eu gosto. É interessante, a gente aprende muita coisa, cada bimestre tem um conteúdo novo, tem bimestre que... tem vez que tem mais futebol, outro é vôlei, basquete, natação, e assim vai, cada bimestre é um conteúdo novo, aí vai... é um aprendizado e tanto para a gente.

Pesquisadora: E no esporte, essa questão, no decorrer das aulas, tudo... Teve algum momento que... que marcou você no esporte?

Entrevistado: Acho que foi o JIIF (Jogos Internos do IFGoiano).

Pesquisadora: JIIF?

Entrevistado: Foi... Ano passado, acho que nós fomos campeões nacionais, (isso) ficou marcado.

Pesquisadora: Você também foi para o JIIF?

Entrevistado: Fui, ano passado nós estávamos.

Pesquisadora: Vocês foram campeões nacionais de futsal?

Entrevistado: Futebol de campo.

Pesquisadora: Futebol de campo?

Entrevistado: Isso.

Pesquisadora: Legal. E como foi lá?

Entrevistado: Não, foi muito ‘massa’, a última etapa foi incrível! Muita gente, o lugar que nós estávamos era bom, porque nós ficamos em Fortaleza, nós ficamos num hotel no centro, nós jogávamos no Centro Olímpico lá mesmo de Fortaleza, foi... gostei demais.

Pesquisadora: É uma experiência que você vai guardar sempre.

Entrevistado: É. Experiência para guardar para o resto da vida. A medalhinha sempre está lá para me lembrar dela.

Pesquisadora: Trouxeram medalha de ouro, está guardadinha... E como foi a experiência de sair de dentro do IF?

Entrevistado: É, achei que foi bom. Tirando que foi cansativo, que foi uma viagem muito longa... Mas foi, foi bom, porque estava indo com os amigos, a gente se diverte muito na estrada, que foi... que nós saímos daqui acho que foi no domingo... Domingo (de) madrugada. Nós chegamos lá terça-feira à noite. Porque a rota que nós passamos, dizem

que era uma das mais perigosas por causa de roubo, aí nós todos parávamos, toda noite nós parávamos, nós paramos... foram duas paradas na ida e duas na volta. Foi só isso.

Pesquisadora: E como é a questão... Pode falar. Convívio dentro do ônibus, convívio lá com outros times, com outras pessoas que você nunca tinha visto...

Entrevistado: É, foi até bom o convívio. Ah, não tinha muito, muito convívio com... a gente via mas não era muito de conversar, pelo fato de a gente estar envolvido em jogo, e era cada um que estava para o seu esporte, fazia para um, fazia para outro, aí chegava lá, nós ficávamos com o time nosso de cá, os times estavam reunido para lá, de onde é a linha de futsal, daí já era no Ginásio, já ficava mais cá do campo olhando o jogo dos outros atletas...

Pesquisadora: Conheceu gente nova...

Entrevistado: É, conheci... bastantes pessoas lá.

Pesquisadora: Algum inimigo marcou?

Entrevistado: Não.

Pesquisadora: Estou brincando. Bom, quando você chegou aqui, você foi para um quarto.

Entrevistado: Isso.

Pesquisadora: E aí você ficou com quem no quarto? Com quem não, desculpe. Com quantas pessoas?

Entrevistado: Ah, seis pessoas cada quarto. Quer ver, foi, os meninos era tudo de Minas, eram tudo de Missões e acomodaram ali.

Pesquisadora: Ah, então era tudo menino com quem você tinha contato, ou não?

Entrevistado: Não, eu não conhecia eles ainda, fui passar a conhecer eles aqui, mas eles eram todos de lá de Minas mesmo, perto da reserva lá.

Pesquisadora: Entendi. E você teve alguma dificuldade nisso, em dividir seu quarto com mais pessoas?

Entrevistado: Não, acho que não. Foi indo, nós tivemos um convívio lá até bom, tivemos muitas discussões não. Eu convivi 'normal', achei que foi bom.

Pesquisadora: Que vocês tinham que limpar o quarto...

Entrevistado: É, aí todo dia da semana tem que ir um limpar, só no domingo que limpa tudo (todos?). Aí era bom.

Pesquisadora: Mas deu tudo certo.

Entrevistado: Deu, deu tudo certo, teve nenhum conflito não.

Pesquisadora: Lá na aldeia, você tinha seu quarto, ou você dividia quarto com alguém?

Entrevistado: Não. Meu quarto é só.

Pesquisadora: Aí quando você chegou aqui, você tinha que dividir o quarto com seis pessoas.

Entrevistado: É. Mas é 'normal', a gente se acostuma rápido.

Pesquisadora: Você se acostumou rápido?

Entrevistado: É, (a gente se) acostuma a viver em coletividade.

Pesquisadora: Entendi. E vocês, é... passaram por algum momento de *bullying*, de preconceito, por serem índios aqui dentro do IF?

Entrevistado: Olha, eu acho que sim. Isso acontece muito, já aconteceu muito já. Pelo fato de as pessoas não conhecerem a cultura da gente, aí para eles tudo é razão de piada. Isso já aconteceu muito, mas com a adaptação da gente, a gente foi tomando conhecimento, mas aí, hoje, isso parou mais, quase não tem.

Pesquisadora: Cite para gente um momento que você passou por *bullying*, coisa que marcou você.

Entrevistado: É. Acho que foi só da quadra. Foi, os meninos estavam jogando lá, aí teve uma confusão lá, e um menino falou bem assim: ‘mim, mim índio vai em lugar e chamar Andréia’. Eu só achei que só foi aquilo, única coisa que eu não gostei.

Pesquisadora: Entendi. E dentro da sala de aula, tem alguma piadinha, tem algum, vocês percebem algum preconceito mesmo?

Entrevistado: Ah, eu acho que dentro da sala de aula até que não, na turma nossa, mas não eram assim muito enturmados, mas tem que cada um respeitar seu local (espaço?), cada um tendo seu respeito um com o outro. Até que não tinha não.

Pesquisadora: Como é você dentro da sala de aula?

Entrevistado: Ah, eu sou... Bem, eu sou mais de ficar na minha lá, quieto, prestar atenção na aula, não sou muito de conversar... Raridade eu ficar conversando em sala de aula. Muito difícil. Quando o professor está explicando, presto atenção, não sou de ficar com bagunça não.

Pesquisadora: E como é sua relação com os colegas na sala de aula?

Entrevistado: Nesse ano, nós estamos bem enturmados, é o último ano... Mas antes a gente era mais enturmado só com os que já eram do meu quarto, que eram todos meninos, nós éramos do mesmo quarto e da mesma sala; até hoje ainda somos, mas... da mesma sala, mas... Ah, enturmar mais, até que nós enturmamos mais com os outros alunos, mas entre nós é ainda mais enturmado.

Pesquisadora: E como é a sua relação com os seus professores?

Entrevistado: Ah, eu acho assim... a relação é até boa, não tem nada, não tem nada do que reclamar dos professores, sempre eles estão querendo passar o melhor para gente... e até hoje eu não tive nenhuma discussão com professor não, tive nada assim, só tenho a agradecer pelo conteúdo que eles ensinam, passam cada vez mais um aprendizado, aprendizado novo para a gente, aí tem nada a reclamar não.

Pesquisadora: Como é a questão de amigos?

Entrevistado: Como assim, questão que você fala?

Pesquisadora: De amizades, como você vê essa questão de amizades. Você tem muitos amigos? Você tem mais amigos índios do que não índios? Você tem uma... você... seleciona ou não?

Entrevistado: Não, tem aqueles que a gente é bem... a amizade da gente é bem mais próxima, a gente convive sempre, direto, mesmo não sendo da mesma turma, mas nós estamos sempre juntos, como mesmo os meninos que são lá da aldeia, nós andamos juntos aqui, nós somos bem amigos mesmo, aqui e lá é do mesmo jeito, nós somos bem colegas, para... depois que nós conhecemos, nós viramos bem amigos mesmo. E tem aqueles não índios que a gente... somos amigos também, bastante, ainda mais com os que são de Minas, estamos, temos muita proximidade também.

[Áudio 43/57, duração: 6min 04s 620ms]

Pesquisadora: Teve alguma pessoa, alguém, ou, sei lá, tanto aluno quanto docente, quanto técnico, que, em algum momento, deu uma força aqui dentro do IF? Uma pessoa de que você vai sempre se lembrar, porque essa pessoa te deu uma força? Ou não?

Entrevistado: Sim. Eu acho que sim, teve... teve alguns alunos que, quando eu entrei aqui, estudavam aqui, e teve uma época que teve, no primeiro ano, acho que perto do meio do ano, eu pensei em desistir, mas essas pessoas me fizeram mudar de pensamento. Eles explicaram para mim como era aqui, falavam para eu não desistir, muitas vezes me

ajudaram, eu acho que... eu acho que essas pessoas, que foram meninos que hoje são da Agronomia, que, quando eu cheguei aqui eles estudavam no Ensino Médio, Denilson, outro fazia o técnico, que hoje está estudando, fazendo faculdade em Januária, que é o Isaques, e acho que o menino, um da reserva, o Lucas, e o Daniel também, todos da reserva que estudaram aqui. Acho que eles incentivaram muito, marcaram para que eu ficasse aqui.

Pesquisadora: Entre vocês, então, tem esse...

Entrevistado: É, tem.

Pesquisadora: ... incentivo daqueles que já foram, já passaram pelo terceiro ano e... o que você deixaria de mensagem, o que você falaria pros alunos que vão entrar agora, para os alunos que estão no primeiro ano e vão passar tudo o que vocês já passaram...

Entrevistado: O que eu aconselho é estudar muito, e se esforçar. Se não... se o professor passou no quadro o conteúdo e não entendeu, procurar a ajuda de alguém, procurar uma monitoria, assistir uma videoaula, não deixar nada para o final, sempre se focar logo no... do primeiro até o terceiro (bimestre) se focar logo, para no quarto não estar necessitando de muita nota para não ficar de quinta prova, para poder ir embora logo. E sempre pedir ajuda, quando tiver dificuldade, para não estar deixando matéria acumular no vermelho, essas coisas. Porque isso é o que vai desanimando as pessoas. As pessoas vão ficando com a autoestima muito baixa, vai baixando a autoestima e até pensam em desistir. Eu sei que quem vem lá muito de Minas sente, acho que, muita dificuldade pela base que teve por lá. Sente muita dificuldade. Aí eu penso que eles têm que sempre estar pedindo ajuda, não ficar 'não, não sei', orgulhosos, não pedir ajuda e nem estudar. Tem que pedir ajuda e se esforçar, acho que é isso.

Pesquisadora: E quanto às regras daqui, como você vê essa questão das regras, a questão de como você se adaptou a elas. Você chegou no terceiro ano, então, quer dizer... não esteve em Conselho, ou esteve?

Entrevistado: Ter, eu não tive não, mas acho que vou ter.

Pesquisadora: Mesmo?

Entrevistado: Eu acho assim, meu Conselho acho que foi, foi no ano passado, (por conta da) advertência que eu ganhei, porque... Dizem eles que não podem ficar outras pessoas que não sejam do quarto lá dentro do quarto. Aí, nesse ano... Não nesse ano não, ano passado mesmo, aí um menino que tinha chegado, ele mandou outro cara comprar um *notebook* para ele, acho que lá em Pires do Rio. O menino comprou o *notebook* e veio entregar cá no quarto. Aí entregou o *notebook* lá, sentou e ficou conversando lá. Aí a supervisora chegou lá, estava olhando os quartos, ela chegou bem na hora. Aí pegou o menino lá. Aí todo mundo ganhou advertência 'média'.

Pesquisadora: Entendi... Média?!

Entrevistado: Foi.

Pesquisadora: E aí, você vai para Conselho, esse ano?

Entrevistado: Não, aí eu acho que vou ganhar outra por esses dias, por causa de, pelo, pelo mesmo caso, de gente no quarto.

Pesquisadora: Por que você acha que vai ganhar outra?

Entrevistado: Não, porque tinha gente no meu quarto lá esses dias... Aí mandou eu vir em um lugar aí amanhã.

Pesquisadora: Ah, entendi. Aí quando você ganha três advertências vai para o [sigla ininteligível]?

Entrevistado: Vai para o Conselho.

Pesquisadora: Vai para o Conselho. E você não passou por nenhum Conselho ainda, até hoje.

Entrevistado: Ainda não. Até hoje nunca passei por Conselho nenhum não. Mas, eu acho que os métodos disciplinares aqui... eu acho que aqui tem muita regra que é muito injusta. Um exemplo mesmo aqui. Se você fizer um café dentro do quarto, você toma uma advertência 'grave'. Eu acho isso muito injusto. Tem várias advertências que eu penso que são muito injustas aqui, tem outras que são certas, outras medidas disciplinares que são certas, mas muitas, muitas são muito injustas, as que as pessoas ganham advertência.

Pesquisadora: E como que foi sua... Como você lidou com isso? Porque... Você ter ganhado advertência, como foi lidar com isso?

Entrevistado: Como assim? Para não ter?

Pesquisadora: Não ganhar nenhuma, para você não ter nenhuma.

Entrevistado: Não. Eu tenho. Duas advertências.

Pesquisadora: Então, mas para você não ir para Conselho, para não ter uma coisa mais grave? Então você soube lidar com todas essas regras.

Entrevistado: Foi. Aí a gente vai, a gente vai se adaptando, tem que seguir, a gente sabe que se não seguir, a gente vai prejudicar a gente, tem que seguir. Porque a gente, o foco da gente é vir para estudar, aí a gente tem que seguir as regras todas, mesmo que você não concorde, mas a gente sempre tem que segui-las.

Pesquisadora: Entendi. Então você seguiu nesse pensamento.

Entrevistado: Foi.

[Áudio 36/57, duração: 2s 280ms]

Pesquisadora: Aperto aqui e subo?

[Áudio 52/57, duração: 2min 53s 600ms]

[o áudio começa com uma instrução sobre algum recurso no telefone da pesquisadora]

Pesquisadora: Bom, e a questão de festas? Porque eu vi você bem enturmado... Tem festa aqui?

Entrevistado: Aqui tem, mas aqui eu não costumo sair não. As horas que eu saí, eu saí e fui em alguma só no começo do ano, porque já sou maior (de idade), aí saí e não gostei muito não, aí nem fui mais. Agora, lá, não, eu sempre saio. Quando eu estou lá de férias, eu sempre saio em festa. Vejo o movimento, e o dia que tem festa à noite eu vou, sempre.

Pesquisadora: Eu fiquei sabendo que festa lá é bom até.

Entrevistado: É. É bom.

Pesquisadora: Tem forró.

Entrevistado: Forró.

Pesquisadora: Você dança forró?

Entrevistado: Não.

Pesquisadora: Não!?! Então aqui você quase não sai.

Entrevistado: Não, aqui é muito difícil eu sair.

Pesquisadora: Mas tem alguma... Qual recreação que vocês fazem aqui fora de sala de aula? O que vocês fazem de... fora da sala de aula, de estudo, fora de jogos, o que vocês fazem aqui?

Entrevistado: Ah, eu penso assim, fora assim, eu acho que não tem nada. A rotina da gente é... estudar, estudar no meio de semana, aí no final de semana eu só mesmo pratico esporte ou então fico lá no meu quarto ou estudando, ou pego e fico deitado, lavo roupa, essas coisas assim, e vou deitar, ficar descansando. Final de semana, para estudar, é muito

difícil, eu não consigo não. Aí eu aproveito e estudo no meio de semana à noite para no final de semana eu ficar mais 'de boa'.

Pesquisadora: Aí você faz o quê final de semana? Que não consegue estudar?

Entrevistado: Final de semana eu fico... Vou jogar bola, vou dormir, vou...

Pesquisadora: Final de semana é final de semana.

Entrevistado: É, final de semana para mim é descanso.

Pesquisadora: Vocês lavam as roupas.

Entrevistado: Isso. No final de semana já acordo cedo, já lavo roupa e fico lá 'de boa'.

Pesquisadora: Entendi. E como é a questão de namoro?

Entrevistado: Aqui para mim... para mim mesmo? Não me envolvo aqui não.

Pesquisadora: Não?

Entrevistado: Não, mas me envolvi na parte do estudo, porque se a gente for pensar em namoro, tem vez que, para mim, no meu caso, eu acho que, para mim vai afetar nos meus estudos, porque a gente em vez de se focar numa coisa ali e estar estudando, a gente está lá conversando, seja por telefone, ligação, aí eu prefiro ficar sem namorar aqui, ficar 'de boa'.

[Áudio 55/57, duração: 2min 56s 740ms]

Pesquisadora: Mas... Amizades, você tem mais amizades dentre mulheres, amizades dentre homens, ou varia?

Entrevistado: Mais... acho que mais homens do que mulheres.

Pesquisadora: Mas você acha mais fácil fazer amizade com homens ou fazer amizade com mulheres?

Entrevistado: Eu acho mais fácil fazer amizade com homens, eu, pelo menos, acho.

Pesquisadora: Entendi. Bom, e aqui na escola tem algumas atividades de ensino, pesquisa e extensão. Você participa de alguma?

Entrevistado: Participo de uma pesquisa aí de um projeto com a professora Graciara, que é sobre testes físicos em alunos indígenas e não indígenas.

Pesquisadora: E como que está sendo essa... experiência?

Entrevistado: Mas está sendo, está sendo bom, a gente adquire um novo conhecimento, sabendo a capacidade de cada aluno, que é uma comparação entre os alunos indígenas e os não indígenas. Aí, eu acho que está sendo muito bom.

Pesquisadora: A pesquisa dela é comparar os alunos indígenas com não indígenas em relação à questão física?

Entrevistado: Isso. Essa questão.

Pesquisadora: E vocês estão gostando?

Entrevistado: Está bom.

Pesquisadora: Vocês devem estar ganhando...

Entrevistado: É, ganhando bolsa de... a maior bolsa é de cem reais por mês.

Pesquisadora: Ah, é?

Entrevistado: Hm [concordando].

Pesquisadora: É um projeto de extensão.

Entrevistado: É.

Pesquisadora: Entendi. Vocês fazem muitas viagens técnicas?

Entrevistado: Sim, nesse ano, esse ano, acho que esse ano teve viagem técnica, mas acho que... nem sei, acho que nem fui. Mas nós já fizemos algumas viagens técnicas, fizemos, eu sei que para... acho que Goiânia, Goiás velho, havia outras, não estou me lembrando de para que é não.

Pesquisadora: Conte aí para a gente alguma experiência que você teve nessas viagens técnicas.

Entrevistado: De... que eu me lembre mais, foi a de Goiás velho, foi com o professor... foi na, foi nem na área do curso, foi na área do Ensino Médio mesmo, com o professor de História. Mas achei 'massa' ir visitar a cidade lá, porque lá é considerado uma cidade histórica. Aí a gente foi ver as casas, os lugares em que os escravos ficavam, essas coisas, as igrejas, foi, achei 'massa', a gente adquirir um conhecimento novo, saber como é que foi um pouco da história do Brasil...

Pesquisadora: Cidade de Goiás, que vocês foram?

Entrevistado: Foi, Goiás velho.

Pesquisadora: Bom. Tem alguma experiência que marcou você, que você viveu aqui dentro e que eu não falei, que não citei nessas questões aqui? Teve algum outro...

[Áudio 56/57, duração: 3min 34s 100ms]

Pesquisadora: Qual é, então, diante de vários momentos que vocês viveram aqui, diante desses três anos que você viveu aqui, que você passou por aqui, qual é o significado do IF para sua vida?

Entrevistado: Significado... acho que é uma experiência muito boa pela parte de aprendizado do curso que eu faço. Como eu faço curso técnico em Agropecuária, enquanto muitos outros fazem Biotecnologia, ou Informática, a gente tem uma experiência muito grande. Se a gente se focar mesmo (no curso), a gente sai daqui e a gente consegue entrar em qualquer emprego da área técnica. Então, para mim, foi uma experiência muito boa, eu acho que... Acho, não, eu quero trabalhar na área técnica, então, eu creio que com o que eu aprendi aqui eu consigo exercer minha função trabalhando como técnico. E acho que é isso, que faz a pessoa ter mais, ter mais... ter mais um esforço na vida dela. Porque hoje nada é perdido. Hoje, cada estudo, cada experiência nova que você tem, não é perdido, isso vai ser uma melhoria para a gente no futuro. Eu, pelo menos, (para mim) foi uma experiência muito boa.

Pesquisadora: Sim. E se você fosse resumir toda essa experiência, toda essa questão de aprendizado que você falou... enfim, tudo o que você viveu aqui nesses três anos, em uma só palavra.

Entrevistado: Uma só palavra... Acho que resumiria na 'humildade'. Porque eu sinto que a pessoa sempre tem que ser humilde, nunca maltratar ninguém, respeitar a todos, porque pode ser um professor, um diretor, um funcionário, uma 'tia' que limpa, pode ser qualquer pessoa. A humildade, você sempre tem que ter respeito com qualquer pessoa, e nunca a maltratar. Hoje você pode maltratar ela aqui, mas amanhã, amanhã vai, essa pessoa pode ter estudado e ter uma formação melhor e pode ter, vir a ser seu chefe. E aí, com que cara você vai trabalhar com essa pessoa? Essa pessoa sabendo que você a maltratou, o que ela não vai querer fazer com você? Eu penso que é a humildade, que faz muito...

Pesquisadora: E você passou por momentos em que as pessoas não foram humildes? Aqui dentro do IF?

Entrevistado: Não me lembro muito disso, mas acho que já teve sim. Mas acho que era isso mesmo. Não estou me lembrando de quando as pessoas não foram humildes, até que não estou me lembrando não. Acho que sempre eu respeitei todo mundo, acho que todo mundo me respeita por isso, que a gente, se a gente quer ter respeito, ser respeitado, tem que respeitar as outras pessoas também.

Pesquisadora: Isso é um valor que você trouxe, então, da aldeia ou você adquiriu aqui?

Entrevistado: Eu acho que foi um valor que eu já trouxe lá de casa, já foi um ensinamento passado pelos meus pais.

Pesquisadora: Entendi. E que você, aqui, fez questão de...

Entrevistado: De levar para frente.

Pesquisadora: Estou vendo, garoto.

[Áudio 51/57, duração: 3min 11s 520ms]

Pesquisadora: (De tudo o que) você viveu aqui no IF, o que, do IF, você vai levar para a vida, entendeu?

Entrevistado: Eu acho que, do que eu vivi aqui durante esses três anos, vou levar para a vida toda é muito conhecimento, que é muito bom, o aprendizado, e a gente adquiriu muito conhecimento, aprender a viver em coletividade, muito bom também... E a experiência que a gente vai levar para a vida toda, além da parte que a gente se acostuma a viver longe de casa... Porque você ficar seis meses aqui sem ir em casa é fácil não, mas você vai e você pega e se acostuma com aquilo, parece que rapidinho já passaram seis meses e você já está em casa de novo. Acho que eu levo para a vida toda o conhecimento e muitas amizades, assim, que tive, que eu tive ao decorrer desses três anos aqui no IF. Principalmente dos meninos que eram lá da reserva mesmo, que moravam lá mas a gente não tinha, a gente sabia quem eram eles e não tinha amizade com eles, aí depois que nós chegamos aqui nós passamos a ser amigos e acho que é uma grande amizade que vai durar para sempre, que vai durar a vida toda.

Pesquisadora: Algum momento, alguma conversa, aula, alguma coisa que você vá falar: 'disso aqui eu sempre vou me lembrar'.

Entrevistado: Já ver... Eu acho que foi só... Uma palestra. Gostei muito assim, que foi sobre... os professores fizeram uma palestra no prédio da Matemática para incentivar

alunos a... que não queriam fazer curso superior a já trabalhar na área técnica, porque eram muito beneficiados, que eles falavam que... é muito... é maior... a probabilidade de um técnico ser empregado é maior do que a de um agrônomo, a de um engenheiro agrícola, ou de um médico veterinário. Porque ele vai atuar em qualquer uma das áreas, ele pode atuar como técnico. E nisso, as fazendas preferem hoje, mais, é contratar técnico, porque vão pagar bem menos, pagam bem menos, mas vão pagar um salário 'até bom para a área técnica', e que o técnico exerceria, bem dizer, quase a mesma função. Aí eles incentivavam muito a gente, quem quisesse trabalhar na área técnica, eles incentivaram bastante. Acho que isso é um incentivo que eu vou levar para a vida toda.

Pesquisadora: E você tinha esse interesse de trabalhar na área técnica?

Entrevistado: Sim.

Pesquisadora: E hoje?

Entrevistado: Eu ainda tenho. Eu quero... só estou pensando mais em trabalhar do que em fazer uma faculdade. Mas eu vou ver a probabilidade. Se eu achar um serviço que seja bom, ao qual eu me adapte bem, eu vou trabalhar, agora, se não, eu vou continuar e fazer uma faculdade, para não ficar parado.

[Áudio 37/57, duração: 9s 980ms]

Pesquisadora: Ah, lembrei! Que houve um momento de que eu me esqueci. Quem é você hoje?

Entrevistado: Quem sou eu hoje?

[Áudio 38/57, duração: 3s 400ms]

Entrevistado: Assim... Eu, quem sou eu hoje...

[Áudio 39/57, duração: 1s 380ms]

[nada]

[Áudio 40/57, duração: 1min 10s 460ms]

Pesquisadora: Pode ir...

Entrevistado: Quem sou eu hoje? Dedicado a esses três anos que estou aqui, eu, para mim, hoje eu sou uma pessoa bem mais madura, que adquiri mais conhecimento na minha vida, que o conhecimento, se eu não tivesse entrado aqui, como eu ia ter... E pensar que esse conhecimento vou levar para minha vida toda, seja hoje, seja amanhã, depois, passa dez, vinte anos... Eu acho que vou até manter essa mesma característica que, que é ser uma pessoa cada vez mais madura, cada vez tendo mais experiência, conhecendo pessoas novas, tendo várias experiências na vida da gente, que... Porque o que faz você mudar são as experiências que você vai adquirindo na sua vida. Que a vida é cheia de altos e baixos, mas o principal é nunca abaixar a cabeça, sempre andar de cabeça erguida, quebrando todas as barreiras e, assim, você vai conseguindo realizar todos os seus sonhos.

[Áudio 41/57, duração: 1s 840ms]

Pesquisadora: E agora, daqui...

[Áudio 42/57, duração: 1min 29s 620ms]

Pesquisadora: Ah, deu certo. E agora, quais são os planos? Vai terminar o Ensino Médio agora...

Entrevistado: Meus planos, de agora para a frente, eu penso em exercer minha função na área técnica. Penso em trabalhar, eu estou mais a uns oitenta por cento em trabalhar e uns vinte por cento em fazer uma faculdade, mas vai depender do emprego que eu arrumar. Se eu vir que compensa, que eu vou ter um desempenho bom, eu vou ficar na área técnica. Mas se eu vir que não vou arrumar um serviço que compensa, eu vou continuar fazer faculdade, procurar alguma faculdade para fazer, porque ficar parado não compensa. Aí você sempre estar estudando, fazer uma faculdade, é bom hoje você ter, você, por exemplo, fazer uma faculdade e exercer, mais na frente você poder exercer essa

função sua, e se você achar mais outras oportunidades de emprego, que não sejam na área técnica, você tendo a faculdade já é outra área para você poder trabalhar.

Pesquisadora: E o IF teve alguma coisa a ver com essa decisão sua, de querer trabalhar?

Entrevistado: Eu creio que sim, eu já queria. Aí com aquela palestra que teve lá no auditório da Matemática, dos professores incentivando os técnicos, eu acho que teve sim, teve um incentivo bem grande, acho, maior do mundo.

ANEXO VI: ENTREVISTA DO DISCENTE XACRIABÁ ANDERSON

Urutaí, 21 de Janeiro, 2020.

Entrevistado: Anderson.

Local da Entrevista: IF Goiano, Campus Urutaí-GO

Presentes: Marilene (Pesquisadora), Anderson (Entrevistado).

Horário da Entrevista: 18:00.

Duração Total do Áudio: 2h 01min 27s 680ms.

[Áudio 25/57, duração: 14s 600ms]

Pesquisadora: Então... Agora a gente mudou de aluno. Nós estamos com o...

Entrevistado: Anderson.

Pesquisadora: Anderson. Conte para mim um pouquinho de como é sua rotina aqui no IFGoiano.

[Áudio 47/57, duração: 3min 32s 420ms]

Entrevistado: É... Acordo 6:00, tomo café, aí quando eu volto do café, eu me arrumo, e vou para sala de aula, aí tem um período de intervalo, que é 8:45, aí volta 9:10, aí 11:00 liberado de novo, vou almoçar, aí volto, descanso um pouco, aí 13:00 eu volto para sala de novo, e outro intervalo às 15:00, e volto para sala, e 17:00 a gente volta para o quarto.

Aí quando fica no quarto, se for no dia de lavar o quarto, eu vou, limpo, e, se não for, eu me sento, deito na cama, depois vou jantar. E à noite eu vou fazer tarefas, e em alguns dias jogo bola também.

Pesquisadora: Então você passa mais tempo na sala de aula do que fora dela.

Entrevistado: É, mais tempo na sala de aula.

Pesquisadora: E como é para você estar na sala de aula? Você gosta de ficar na sala de aula, como é seu convívio com os colegas...

Entrevistado: Ah, na sala de aula, tem vezes que é bom, tem vezes que é muito cansativo. Agora o convívio com os alunos, a amizade, hoje está bem melhor. Nós ficamos mais conversando com eles, 'de boa', estamos tranquilos.

Pesquisadora: No início...

Entrevistado: No início foi mais difícil conversar com eles. Nós ficávamos mais no canto nosso, não conversávamos muito na sala de aula, aí agora que nós começamos a pegar mais intimidade com eles, conversar.

Pesquisadora: Entendi.

Entrevistado: Até com o professor também. Esse ano que nós fomos conversar com os professores.

Pesquisadora: Era mais uma questão de timidez ou você acha que era mais uma questão de por vocês serem índios e eles ficarem... Como era essa questão?

Entrevistado: Era mais uma questão de timidez, e também por a gente ser índio. As pinturas que a gente fazia, as pessoas pensavam que era... 'ó, tem menino ali que está tatuado, ó'. Já pensa que já é do lado ruim, mas não sabe o que é não. Algumas coisas...

Pesquisadora: E o convívio com os docentes, como é?

Entrevistado: Hoje está bem melhor, que a gente chama o professor para explicar, ele vem, mas no primeiro ano nosso, professor via que nós não falávamos nada, pensava que nós estávamos entendendo, e não perguntava se nós tínhamos dúvida. Aí nós passávamos batido. Aí ficavam umas coisas sem entender... Aí só que hoje, que alguns... já teve conversa com alguns... Um aqui foi na reunião que teve, do Conselho de Classe, que eles foram perceber que muitos de nós não perguntamos na hora que eles estão explicando, e por isso que a maioria tem dificuldade. Aí eles falaram que quando eles terminarem de explicar, eles perguntam se a gente entendeu e se tinha dúvida. Aí hoje está mais 'de boa'. Quando eles terminam de explicar, eles já perguntam se entendeu ou não.

Pesquisadora: Então os professores também tinham essa dificuldade de saber se vocês tinham entendido, ou não. Porque vocês não falavam...

Entrevistado: Falávamos não. Porque eles pensavam que nós não falávamos porque tínhamos entendido. Mas é mais porque nós éramos tímidos demais para perguntar.

[Áudio 26/57, duração: 1min 59s 080ms]

Pesquisadora: Você falou da sala de aula, e tal... Teve algum momento na sala de aula que te marcou? Em que você fala, 'dentro da sala de aula, isso aqui...'. Ruim ou bom. Pode ser um momento ruim como pode ser um momento bom. Que te marcou, que te fez pensar de uma outra forma, ou te fez enxergar alguma coisa...

Entrevistado: Foi uma vez, que nós fizemos um trabalho juntos. Na primeira vez, o professor separou nós índios, e colocou (o resto da turma?) misturado, e nós fomos e apresentamos o trabalho. Outra vez nós fizemos um trabalho que foi coletivo, a sala toda. Aí, todo mundo fez uma participação boa, ninguém tirou ninguém, foi esse dia.

Pesquisadora: Esses momentos você fala que te marcaram. Por quê, você fala?

Entrevistado: Porque quando a gente faz um trabalho, sente a interação com o outro.

Pesquisadora: Então foi nesses momentos que vocês tiveram a oportunidade de interagir (com os demais?).

Entrevistado: E também foi um piquenique que a professora de Educação Física fez com a gente, na nossa sala. Aí chamou para conversar, falou sobre alguns assuntos lá, o que achava de tal pessoa, e foi com isso que começou a pegar amizade com a gente.

Pesquisadora: A professora de Educação Física fez isso com a turma toda?

Entrevistado: Foi. Nós ficamos até agradados.

Pesquisadora: E aí vocês foram falando, assim, cada um falava...

Entrevistado: É, falava tudo, como era, o que achava das amizades, dentre outras coisas.

Pesquisadora: E vocês tiveram oportunidade de falar. Vocês falaram?

Entrevistado: Falamos.

Pesquisadora: O que vocês falaram?.

Entrevistado: Nós falávamos não é muito (sobre) amigos, coisa, não, porque eles não nos chamavam para conversar nem nós os chamávamos. Aí ficava nessa mesmo.

Pesquisadora: Entendi.

Entrevistado: Alguns achando que os outros eram mais próximos, mas não eram não.

Pesquisadora: Entendi.

[Áudio 57/57, duração: 2min 39s 520]

Pesquisadora: Entendi. E essa questão de amizade? Como funciona? Vocês são amigos de quem? Vocês fazem amizade fácil, ou a amizade que vocês fazem não é com qualquer pessoa? quem são seus amigos? Como funciona?

Entrevistado: Bom, meus amigos são os que vêm de lá mesmo, e tem algumas pessoas que vêm de lá que nós nem conhecemos e acabamos fazendo amizade com ela, aí chegamos aqui e tem alguns que são ‘de boa’, que são daqui mesmo de Goiás, aí a gente vai e começa a fazer amizade também. Agora amizade que eu não gosto é com as pessoas que ‘se acham demais sobre os outros’, ficam ‘tirando’ os outros e fazendo gracinha. Esses daí eu não gosto não.

Pesquisadora: E você seleciona as pessoas com quem você procura amizade?

Entrevistado: Tem umas pessoas que... Tem que selecionar, porque tem alguns que querem ver a gente indo para um mau caminho.

Pesquisadora: E aí quando você vê isso...

Entrevistado: Já corto, não converso muito com a pessoa.

Pesquisadora: Entendi. E festas? Quando... Vocês são amigos, e tal, e ‘vamos numa festa’. Como funciona?

Entrevistado: Se nós formos para uma festa, nós andamos juntos, e se acontecer alguma coisa com um, o outro está lá no meio para ajudar. Tem vezes que a gente junta poucos amigos, aí chama para conversar, ou está bebendo, dançando, é isso.

Pesquisadora: Tem algum amigo seu daqui que marcou você, no sentido de, que você fala: ‘esse aqui eu sei que é meu amigo mesmo’?

Entrevistado: Tem só um que estuda junto comigo, que nós somos, desde o primeiro ano. É o [possivelmente: PPA]. Nós iniciamos juntos, aí até hoje nós estamos junto, eu considero como amigo porque ele sempre está comigo, quando está junto, onde ele vai eu

vou... E agora, nós terminando o terceiro ano, nós vamos tentar fazer faculdade na mesma escola...

Pesquisadora: Ele é indígena também?

Entrevistado: É.

Pesquisadora: Chama Lucas?

Entrevistado: O Nadson.

Pesquisadora: Nadson? Ah...

Entrevistado: O Giovane também, o Emerson, e... quem? Esses mesmos, foram os que estudaram junto comigo. O Lucas, ele é meu primo, mais [ininteligível].

Pesquisadora: E você já sofreu, em algum momento, algum tipo de traição de algum amigo, de algum colega em sala de aula?

Entrevistado: Não.

Pesquisadora: Dentro desses momentos aqui, não.

Entrevistado: Não.

[Áudio 27/57, duração: 2min 06s 500ms]

Pesquisadora: Dormitório. Você dorme num quarto com quantas pessoas? Como funciona?

Entrevistado: Lá no meu quarto, tem quatro pessoas. E é dividido no meio, dois ficam para trás e dois ficam na frente perto da saída da porta. E é na residência 3.

Pesquisadora: Tem quantas pessoas, você falou?

Entrevistado: Quatro.

Pesquisadora: Quatro pessoas. E essas quatro pessoas, elas são índios, não índios...

Entrevistado: Não índios. Só um que mora lá é do município de São João das Missões, que é o que vem direto com a gente quando vem para cá, que é o [ininteligível: possivelmente 'Gim']. O resto é...

Pesquisadora: Ele também é índio?

Entrevistado: Não.

Pesquisadora: Ah, mas é próximo de lá.

Entrevistado: É do município. É do município (perto) da reserva.

Pesquisadora: E como que é o convívio?

Entrevistado: É 'de boa'.

Pesquisadora: Tranquilo?

Entrevistado: Tranquilo.

Pesquisadora: Você não teve nenhuma dificuldade nisso não.

Entrevistado: Não. Sou mais 'de boa' do que no ano passado.

Pesquisadora: No ano passado, então, você teve mais... Como foi no ano passado?

Entrevistado: A gente saiu de um quarto meio diferenciado, só eu era índio.

Pesquisadora: Só você era índio?

Entrevistado: É, e os outros eram mais [ininteligível]. Aí eles ficavam mais conversando (entre) eles, e eu ficava mais só, aí vai conversar, tem que sair do quarto, dava um [ininteligível], e nesse ano não, porque eu já conhecia desde o ano passado, então, saíamos juntos, até facilitou mais.

Pesquisadora: Entendi. E lá na aldeia, você tinha seu quarto, como era?

Entrevistado: Tinha meu quarto, e tinha um quarto que eu dividia com meu irmão.

Pesquisadora: Então tinha um quarto que você dividia com seu irmão.

Entrevistado: É. Aí quando vinha alguém de fora, para ir lá, algum parente, aí (eu) ia dormir no outro quarto, junto com meu irmão.

Pesquisadora: Entendi. Então essa experiência de vir para cá e dormir com quatro pessoas é a primeira vez?

Entrevistado: É a primeira vez.

Pesquisadora: Mas foi 'de boa'?

Entrevistado: Foi.

Pesquisadora: Ok.

[Áudio 28/57, duração: 1min 01s 960ms]

Entrevistado: Uma vez, na R3, que é onde morávamos de seis pessoas, nós fomos e chamamos os amigos para fazer uma resenha, comprar alguns 'trem' de comer, e deu doze pessoas num quarto. Aí nós ficávamos até às 2:00 fazendo, conversando, contando estória, e fazendo suco, pão com mortadela, e ficava contando estória. Tinha alguns lá que era... estavam no terceiro e nós ainda estávamos no primeiro. E eles contavam estórias de como era aqui.

Pesquisadora: Hm... Legal. E aí no caso, você... Isso foi bom, isso te...

Entrevistado: Foi.

Pesquisadora: Isso é uma coisa boa que você vai levar do IF. E momentos ruins? Tiveram os momentos ruins? Dava um desentendimento com algum colega de quarto?

Entrevistado: Hm, de colega de quarto, não. Porque não somos de caçar conversa com ninguém... Eu tento evitar.

Pesquisadora: Entendi. Fica no seu canto.

Entrevistado: É. Mas também, se caçar conversa, a gente tem que chamar atenção também.

[Áudio 29/57, duração: 1min 14s 480ms]

Pesquisadora: Bom, Anderson, agora eu quero saber é do IF para vida. O que você aprendeu dentro do IF, o que você... algum momento que marcou você, alguma coisa que você vai levar do IF para vida?

Entrevistado: Pelas amizades, porque de algumas amizades que a gente faz, tem umas que são para bom caminho, levam a gente para um bom caminho, outras já é para um mau caminho. E também o que ajudou também foi o ensinamento daqui da escola. Eu não sabia muito, aí a escola deu oportunidade, teve algumas matérias que a gente não sabia, a gente começou a estudar, e essas matérias tinham a ver com algumas coisas que estavam faltando na reserva, que eram mais na área da saúde, aí a gente foi e aproveitou isso, que é uma base para o que a gente quer fazer depois... O que mais, para mim, foi aprendizagem, também.

Pesquisadora: Aprendizagem, no geral, você fala no ensino?

Entrevistado: Ensino.

Pesquisadora: Você acha que foi bom?

Entrevistado: Foi.

Pesquisadora: Para te dar uma base?

Entrevistado: É.

Pesquisadora: Isso?

Entrevistado: Hm [concordando].

[Áudio 30/57, duração: 1min 19s 520ms]

Pesquisadora: É uma pergunta mais, assim, bem focada em você mesmo. Você como o Anderson, como pessoa. Quem é você, hoje?

Entrevistado: É, bom... Antes eu era um menino muito tímido. Não apresentava muito trabalho, e tinha muita dificuldade nas matérias, não perguntava aos professores... Já hoje já não tenho muito essa vergonha de perguntar ao professor... Sobre apresentar trabalhos, eu tenho um pouco de vergonha, mas não como antes. E as amizades que eu tinha antes, eram só mais os amigos meus que eram os indígenas mesmo; hoje eu já faço amizade sem ser com índio. E quando eu estou com dúvida, eu costumo pedir ao professor para ensinar na cadeira, e quando o professor pede para eu explicar lá no quadro, eu resolver alguma questão, eu vou. É que antes eu falava que não sabia. Mas era porque tinha vergonha. O que me mudou mais foi a parte da vergonha, assim, de pedir ajuda ao professor.

Pesquisadora: Então, você entrou aqui muito tímido e você vai sair 'destímido'?

Entrevistado: É, mais ou menos isso.

[Áudio 31/57, duração: 1min 42s 860ms]

Pesquisadora: Qual o significado desses três anos que você passou aqui no IF?

Entrevistado: É... foi um período de aprendizagem. Primeiro ano com mais dificuldade, segundo ano já foi mais ou menos, terceiro ano que facilitou. E...

Pesquisadora: Primeiro ano você teve dificuldades em qual sentido?

Entrevistado: Em algumas matérias. Já no segundo ano, é... conversando com algumas pessoas, conversando com a sala, fizemos, fazíamos amizades, e agora no terceiro ano, a maioria da sala já é de amizades nossas.

Pesquisadora: Teve algum momento da sua vida que você pensou, dentro desses três anos, que você pensou em desistir, ir embora?

Entrevistado: Foi no... Acho que foi no segundo ano.

Pesquisadora: Você pensou em ir embora. Por quê?

Entrevistado: Porque eu estava meio cansado de estudar, estudava o dia todo aí, aí era meio apertado. Aí ficava meio cansado, aí são tarefas de... não conseguia fazer as tarefas, chegava em sala de aula, a gente tentava prestar atenção mas a gente não conseguia porque estava cansado, aí não estava aguentando mais ficar. Aí fui tentando, até que consegui. Meu irmão, ele foi embora, ele estudava junto comigo, ele foi embora no início das provas do primeiro bimestre. Ele foi antes de fazer as provas, disse que não estava gostando mais daqui, não estava querendo ficar, estava ficando muito apertado para ele, aí ele foi embora. Aí eu fiquei mais um...

Pesquisadora: Entendi.

[Áudio 32/57, duração: 49s 660ms]

Pesquisadora: Se você tivesse, então, diante de tudo o que você já me contou, diante de todas as vivências que você viveu aqui, se você tivesse que resumir tudo isso, os três anos que você está aqui, em uma palavra só, qual seria essa palavra?

Entrevistado: É... Como assim?

Pesquisadora: Se você tivesse que resumir tudo?

Entrevistado: Tudo?

Pesquisadora: A partir do momento que você veio para cá, as suas dificuldades aqui, seu cotidiano, os amigos, tudo o que você viveu aqui... Se você tivesse que resumir tudo isso hoje em uma palavra só... Pode pensar, tem problema não.

[Áudio 33/57, duração: 6min 29s 500ms]

Pesquisadora: Fala para mim.

Entrevistado: Vitorioso.

Pesquisadora: Vitorioso. Por quê?

Entrevistado: Porque eu consegui ultrapassar as barreiras que vinham tentando limitar a gente desde o primeiro ano, que era a dificuldade que a gente teve, aí a gente superou elas, e hoje nós estamos no final do terceiro ano, já perto de nos formarmos, e, graças a deus, tudo dando certo, esse ano nós nos formamos.

Pesquisadora: Então você acha que você é vitorioso.

Entrevistado: É.

Pesquisadora: Palavra seria 'vitória', então?

Entrevistado: Hm [concordando].

Pesquisadora: Então você teve muitas dificuldades, que você já relatou, a questão de amizades no início, a questão de conteúdo... De qual disciplina que você mais gosta?

Entrevistado: Matemática e Física, Educação Física.

Pesquisadora: Matemática e Educação Física?

Entrevistado: Hm [concordando].

Pesquisadora: Matemática e Educação Física?

Entrevistado: Gosto mais de Educação Física. Aí depois vem Matemática, depois Física.

Pesquisadora: Ah, então você gosta de cálculo.

Entrevistado: São as matérias que eu estou melhor...

Pesquisadora: São as Exatas. Você é bom nisso?

Entrevistado: São únicas matérias que eu não estou com nota baixa, é.

Pesquisadora: Ah, é? O restante tá tudo com nota ruim?

Entrevistado: É, uns oitenta (8,00), sessenta (6,00), setenta (7,00), por aí.

Pesquisadora: A média aqui é o quê? Sessenta (6,00)?

Entrevistado: É.

Pesquisadora: Então não está tão ruim não. Está na média. E em qual disciplina aqui você teve mais... você teve mais dificuldade?

Entrevistado: Esse ano tive mais dificuldade foi em Biologia.

Pesquisadora: Biologia? Por quê?

Entrevistado: Professor passava muito conteúdo. Passava três capítulos para a prova, e envolvia muito cálculo, e a gente não sabia se estudava... como é que é, que se diz...

Pesquisadora: Você estava estudando...

Entrevistado: A teoria... Hm?

Pesquisadora: Qual disciplina que você estava estudando?

Entrevistado: Biologia.

Pesquisadora: Disciplina, não, qual...

Entrevistado: Professor?

Pesquisadora: Conteúdo?

Entrevistado: É... Evolução da vida, e esqueci o outro nome lá.

Pesquisadora: Cromossomo, aqueles 'trem', você estava estudando, então.

Entrevistado: 'Azão', 'azinho' (Aa). Possibilidade de ser pai de uma criança...

Pesquisadora: E no primeiro ano?

Entrevistado: Primeiro ano, só a Biotecnologia. Tinha matéria da Biotecnologia, que era [ininteligível] quem dava aula, e ela foi uma mulher que era muito exigente... Ela explicava sem nem passar conteúdo, ela escrevia algumas palavrinhas, e a gente tinha que anotar depois o que ela explicava. Depois ia para o laboratório, fazia relatório do que a gente estava fazendo lá... só que no final, eu não consegui passar não. Só nessa matéria que eu estava ruim no primeiro ano. Faltava só ela para passar. Aí eu fiquei de recuperação no quarto (bimestre?). Só que eu consegui fazer a recuperação e consegui passar. Aí eu não precisei de prova final.

Pesquisadora: E escrita, leitura? Tinha algumas palavras que você ficava... eram palavras diferentes das que vocês usavam? Você teve essa dificuldade?

Entrevistado: Hm [concordando]. Tinha. Parece que eram algumas palavras meio que científicas, eram nomes como 'bactéria', 'vírus', alguns nomes difíceis de pronunciar. Até 'antibiótico'... Aí mais o inglês, a gente não sabia falar inglês também...

Pesquisadora: O inglês, porque lá vocês não tinham inglês.

Entrevistado: Não.

Pesquisadora: Agora vai ter?

Entrevistado: Acho que eles estão querendo colocar o inglês lá e espanhol.

Pesquisadora: Então não tinha nem inglês nem espanhol, vocês foram ter acesso aqui.

Entrevistado: Lá só tem inglês e espanhol a partir do primeiro ano em diante. Primeiro, segundo e terceiro. Aí quando nós viemos para cá nós estávamos formados do nono (ano), aí nós não tivemos, nós não pegamos o ensino lá do inglês, chegamos aqui sem saber de nada.

Pesquisadora: E como que foi a didática da professora, nessa questão?

Entrevistado: Ela...

Pesquisadora: Vocês não sabiam de nada...

Entrevistado: A gente não sabia de nada, explicava, nós falávamos que não sabíamos, e eles nos mandavam estudar, mandaram comprar um dicionário. A professora, professora do primeiro ano, deu um dicionário para nós, para quando nós tivéssemos dúvida, nós irmos lá olhar qual era o significado. E foi no segundo ano, que entrou um professor novo, aí a professora que dava aula para nós já sabia que nós tínhamos dificuldade. Aí o professor entrou na sala, entrou falando em inglês, escrevendo no quadro e nós ficamos

só assim, olhando. Aí no outro dia, ele foi passando outro conteúdo e falando em inglês, falava pouco em português. Aí uma menina lá na sala falou assim: ‘professor, vai mais com calma, que tem aluno aqui que nunca estudou inglês não’. Ele ficou surpreso. Aí ele foi e falou: ‘quem são os meninos aqui que nunca estudaram inglês?’. Aí nós levantamos a mão. Aí ele falou assim: ‘quando eu estiver escrevendo aqui no quadro, vocês escrevem a tradução embaixo, para quando vocês forem estudar, vocês saberem o que significa’. E aí ele foi passando trabalho para nós, que eram em dupla, a pessoa tinha que pronunciar em inglês com a outra, conversando, aí nós não sabíamos como fazer o trabalho e ele foi e fez lá para nós, colocou a tradução e a pronúncia. Aí nós estávamos estudando pela pronúncia, como é que pronunciava, e a tradução. Aí nós fomos e apresentamos para ele. Ele até perguntou se nós nunca tínhamos estudado inglês mesmo, porque para quem nunca estudou, apresentou até bem.

Pesquisadora: E hoje? Como que é hoje o inglês?

Entrevistado: É, ainda não sei muito não.

Pesquisadora: Mas sabe mais um pouquinho.

Entrevistado: É. Melhor do que antes.

Pesquisadora: Ou seja, vai sair daqui sabendo um pouquinho de inglês.

Entrevistado: É.

[Áudio 34/57, duração: 48s 040ms]

Pesquisadora: (Se você quiser) deixar alguma mensagem, falar alguma coisa que ainda não foi dita, lembrou-se de alguma coisa importante da sua vida que fez você mudar sua forma de pensar...

Entrevistado: Bom, a mensagem que eu quero deixar é: nunca desistir. Por mais que seja difícil, tente erguer a cabeça e ir em frente. E se tiver com alguma dificuldade, tentar arrumar uma pessoa que ajude a gente a ir, para ir mais forte. E tentar ir atrás das coisas

também. Ter que ficar esperando as coisas vir para a gente não adianta. Tem que ir atrás delas.

Pesquisadora: Muito bem.

[Áudio 45/57, duração: 5min 03s 920ms]

Pesquisadora: ... esporte, né? Aqui vocês fazem Educação Física, vocês têm a disciplina de Educação Física. Lá na aldeia vocês tinham também? Praticavam esportes?

Entrevistado: Praticava. Lá tinha Educação Física também.

Pesquisadora: E é muito diferente daqui a Educação Física de lá?

Entrevistado: Porque lá era mais brincar, não explicava. Quando é Educação Física, o povo leva mais para a quadra, aí deixava a gente brincar. E já aqui não, aqui o professor dá o conteúdo, aí depois vai entrar na prática.

Pesquisadora: E aí, o que você achou disso? Que você chegou aqui e a sua aula de Educação Física foi assim?

Entrevistado: Fiquei querendo mais a prática. Porque nós éramos acostumados mais a brincar, do que ter a explicação. Aí chegou aqui... Mas é bom a explicação porque nós entendemos como é o jogo. Lá nós jogávamos só futebol. Já quando nós viemos para cá, na Educação Física teve, ensinou basquete, handebol, e o vôlei, e... é, só isso... natação também.

Pesquisadora: De qual você mais gosta?

Entrevistado: Futebol.

Pesquisadora: Futebol? E tem alguma experiência que você viveu, nessas aulas de Educação Física, que você falou: 'nossa, isso foi muito bom para mim', ou então 'nossa, isso aqui me detonou'...

Entrevistado: Foi... quando nós tivemos aula de futsal, que nós jogamos lá na quadra, nós mais gostávamos de jogar era futsal...

Pesquisadora: Aí vocês ficaram todos empolgados.

Entrevistado: Toda vez o professor pergunta: ‘o que vocês querem?’. ‘Bola’, nós lá na quadra. As meninas pedem a outra bola de vôlei e nós, ‘não, vamos jogar bola’.

Pesquisadora: Aí fica aquela disputa...

Entrevistado: Aí ele divide a quadra. Nós ficamos de um lado e elas de outro.

Pesquisadora: Você foi para o JIIF?

Entrevistado: Fui.

Pesquisadora: Conte um pouquinho dessa experiência do JIIF.

Entrevistado: Lá foi bom. Nós fomos o único IF que saiu para [possivelmente: ‘vir nome de Minas’], e eu saí no quarto do mesmo time... Tinha lá um que não saiu não, que era do time nosso, saiu lá no outro pavilhão com outras pessoas.

Pesquisadora: Ah, entendi agora as meninas. No pavilhão de vocês tinha só meninos.

Entrevistado: Eram só meninos. E lá foi muito bom, tinha muitas coisas, a maneira lá de conhecer algumas pessoas, tinha alguns esportes que a gente viu lá, também assistimos, e quando nós fomos jogar, nós vimos a força de vontade que o outro time também tinha... Conhecemos muitas pessoas também, como falei, e acho que é isso.

Pesquisadora: E para você, como foi sair daqui... Porque... Você tinha esse costume de sair para fora?

Entrevistado: Não.

Pesquisadora: Aqui não, vocês ficam mais em sala de aula mesmo, tem essa rotina pesada. Então como foi para você essa questão de sair daqui de dentro?

Entrevistado: Para ir lá no JIIF?

Pesquisadora: É, para ir no JIIF.

Entrevistado: Eu me senti mais alegre, sabe, viajar pelo menos um pouco para disfarçar. Porque ficar só estudando, estudando e não descansar, a gente começa a ter alguns problemas de saúde. Já indo para o JIIF a gente esquece alguns problemas, já volta mais tranquilo.

Pesquisadora: Aí vocês voltaram com a vitória? Como foi?

Entrevistado: Não.

Pesquisadora: Não? Conseguiram não? E como foi isso para você? Você voltou triste, você voltou... 'ah, mas de qualquer jeito foi bom'?

Entrevistado: Muito contente, porque nós demos nosso melhor lá. Só que não era nossa vez de ganhar, porque nós tivemos mais chances de fazer gol do que eles, e aí a bola não passava do goleiro. Aí eles só em dois chutes fizeram um gol. Então quer dizer que era mais para eles do que para nós. E eles eram um time que estava querendo ganhar. Nós jogamos mais ou menos, meio assim. Nós dominávamos o jogo, só que na hora de finalizar nós não fazíamos gol.

Pesquisadora: Entendi.

Entrevistado: Aí no contra-ataque eles fizeram, e aí o time começou a ficar meio assim...

Pesquisadora: E nas suas aulas de Educação Física, já teve alguma intriga com algum colega, você já teve alguma discussão por conta do jogo, via eles contarem...

Entrevistado: Não.

Pesquisadora: Não?

Entrevistado: Não. Quando nós estamos jogando, nós tentamos, evitar machucar alguém, ainda mais quando tinha as meninas, porque nossa sala tinha mais meninas do que homens. Então nós jogamos mais devagar, porque tem menina na Biotecnologia.

Pesquisadora: Você faz que curso?

Entrevistado: Biotecnologia.

[Áudio 44/57, duração: 3min 13s 320ms]

Pesquisadora: Então, até agora, no jogo, no esporte, tem alguma coisa que marcou você? Que você fala 'isso aqui eu vou levar para vida'? Algum momento de aprendizado, alguma conversa com algum professor, alguma chamada de atenção, não sei, alguma coisa que marcou você nessa questão do esporte, nessa questão das aulas de Educação Física.

Entrevistado: Conta com o JIIF?

Pesquisadora: Pode, pode contar com o JIIF.

Entrevistado: Então, com JIIF.

Pesquisadora: O JIIF foi o que mais marcou você? E aí para ir para o JIIF, vocês tinham uma questão de nota?

Entrevistado: Sim, tinha que olhar nota.

Pesquisadora: Então o JIIF acaba que ajuda também vocês a ficarem com essa nota... Ou não, tem nada a ver, sua nota sempre foi boa?

Entrevistado: Não, foi muito boa não. Foi mais ou menos, médio.

Pesquisadora: Mas esse incentivo do JIIF na questão da nota, você acha que teve, ou...

Entrevistado: Diz quanto à minha nota?

Pesquisadora: É.

Entrevistado: Acho que não teve muito não.

Pesquisadora: De qualquer jeito, você estudou.

Entrevistado: Hm [concordando].

Pesquisadora: Mesmo tendo o JIIF.

Entrevistado: É.

Pesquisadora: Bom, e a questão de preconceito? *Bullying*, alguma coisa assim? Como é?

Entrevistado: Bom, o que teve aqui foi, eu vi o preconceito foi no primeiro ano, quando eu cheguei, foi uma menina que falou que nós éramos ‘brega’, e feio, falando um ‘trem’ assim. Aí um menino escutou. Aí, quando nós estávamos apresentando um trabalho, nós fomos e falamos, que, como é que as pessoas tratavam a gente, falamos e ainda tivemos... quase citamos o nome da menina. Nós falamos o que ela tinha falado, e ela foi e se tocou que foi ela, foi e começou a chorar. Aí depois (desse dia) em diante, nós estávamos conversando ‘de boa’, ela pediu desculpas, até fez amizade com a gente, só que ela saiu quando chegou no segundo ano. E outra coisa foi na quadra. Alguns meninos fazendo brincadeira lá, de dança da chuva, falar que ‘índio vai chamar Marlene para tirar homem branco da quadra’, e foram essas coisas.

Pesquisadora: E como vocês lidam com isso, você lida com isso?

Entrevistado: Eu fico na minha, porque tem vezes que eu aviso alguém da Coordenação, ou tem vezes que eu fico calado. Mas quando estão ‘zoando’ demais, nós vamos e conversamos para chamar a atenção deles. Aí, já que eles querem partir para ignorância, nós tentamos evitar, mas tem algumas coisas que a gente não pode evitar, tem que ‘cortar o barato’ deles. Porque, se deixar, eles ficam se ‘achando’ demais.

Pesquisadora: Entendi.

Entrevistado: Como aqui na escola mesmo. Aqui não é lugar de brigar, porque se brigar, aí é desligado na hora. Então a gente já tenta evitar isso porque, de onde nós saímos para ficar aqui e quase acabando o terceiro ano e perder a bolsa por causa disso, é bom a gente evitar.

[Áudio 46/57, duração: 4min 10s 880ms]

Pesquisadora: E como funciona essa questão de namoro? Você tem algum namoro para contar?

Entrevistado: Aqui não.

Pesquisadora: Não? Aqui não.

Entrevistado: Nem lá.

Pesquisadora: E na aldeia, você deixou alguma apaixonadinha lá?

Entrevistado: Também não. Eu, para namorar com alguma pessoa lá estando aqui... Porque, para a gente saber o que acontece lá... Fica longe, aí a pessoa fica... algumas pessoas ficam dando ideia nela, aí acaba traindo, aí não adianta nem tentar. Aí já não...

Pesquisadora: Verdade.

Entrevistado: Aí chega aqui também, vai tentar relacionamento com a pessoa, a gente vai embora, aí a pessoa fica aqui, aí é bom nem tentar também. A gente tem que esperar o momento certo.

Pesquisadora: O motivo, então, é esse.

Entrevistado: É.

Pesquisadora: E a hora que acabar aqui, vocês vão embora.

Entrevistado: Hm [concordando].

Pesquisadora: Voltam para aldeia.

Entrevistado: Volto. Aí é o tempo de eu estar fazendo uma faculdade.

Pesquisadora: Entendi. E você participa de alguma atividade aqui, de ensino, pesquisa, extensão, alguma coisa?

Entrevistado: Não.

Pesquisadora: Não? Nunca participou desde o primeiro ano?

Entrevistado: Desde o primeiro ano.

Pesquisadora: Participou da Feira de Ciências?

Entrevistado: Participei sim.

Pesquisadora: Mas a Feira de Ciências não é uma... é de ensino.

Entrevistado: Foi quando nós apresentamos um trabalho do Cristian, que ele foi representar nossa aldeia, aí nós montamos uma sala, as músicas, as danças, as pinturas, os artesanatos, a política, a religião, os remédios tradicionais e a culinária. E mostramos

um vídeo também de um casamento que teve por lá, que foi um casamento tradicional, foi no [possivelmente: 'meio do mato'].

Pesquisadora: Você trouxeram isso para a Feira de Ciências.

Entrevistado: Sim.

Pesquisadora: Como foi isso para você?

Entrevistado: Foi bom, porque deu muita gente, e nós conseguimos explicar como é que era nossa aldeia lá, como que nós vivemos, as coisas que nós fazemos... Algumas coisas que são diferentes, que eles não sabiam e começaram a saber... Como os remédios, os remédios naturais, que eles não sabiam... eles sabiam o pé, a planta, mas não sabiam para que é que serve, aí nós explicamos para que servia e eles começaram a entender mais, falaram 'então dá para fazer isso lá em casa então'. E eles entenderam a história nossa também, quando foi, que o Rosalino morreu...

Pesquisadora: Quem era Rosalino?

Entrevistado: Era o... Ele era como o Domingos, era o cacique, quem coordenava lá era ele. Aí depois que ele morreu, aí entrou outro no lugar dele.

Pesquisadora: Isso faz anos, faz muito tempo, isso é a história de vocês lá... atrás.

Entrevistado: Faz muito tempo. Nós nem tínhamos nascido ainda.

Pesquisadora: Então para você essa questão da Feira de Ciências foi marcante? Foi...

Entrevistado: Foi. Foi quando nós pudemos explicar a cultura nossa, como é que é. Porque um falava, pensava que nós não éramos índios, porque nós falamos na 'língua tradicional', porque a característica é diferenciada... Aí no vídeo que mostramos, explicava por quê. Quando teve a colonização lá, muitos imigrantes foram para lá, e a mistura de negro, pardo e pessoas indígenas. Aí alguns tiveram relações, nasceram outras pessoas misturadas também... Por isso tem essa mistura de pessoas.

Pesquisadora: E você é filho de índio com índio?

Entrevistado: Sou. Meu pai e minha mãe são índios.

[Áudio 48/57, duração: 2min 22s 980ms]

Pesquisadora: De visita técnica, fora o JIIF, você fez alguma?

Entrevistado: Fiz. Fui lá para Goiânia. Que nós fomos na universidade lá, na UFG, que foi, eles explicaram alguns... cursos superiores, demonstrando a parte da Medicina, da Odontologia, Engenharia, tinha, como é, Ciências Humanas, parece, para quando nós formos fazer uma faculdade, a gente ter uma base do que é isso, e escolher algum desses para tentar seguir a carreira.

Pesquisadora: E o que que você quer ser?

Entrevistado: Eu quero fazer Odontologia.

Pesquisadora: Você quer fazer Odontologia?

Entrevistado: Hm [concordando].

Pesquisadora: Por quê?

Entrevistado: É o cargo que eu me interesso.

Pesquisadora: A escolha... E aí, você quer fazer Odontologia, e o IF teve alguma influência nessa escolha de fazer Odontologia?

Entrevistado: Teve, porque meu curso é mais nessa área, já me ajudou a ter uma base, aí já... queria já pegar e aproveitar essa base e procurar uma coisa que tenha a ver com o curso também.

Pesquisadora: Isso, e como que esse curso vai poder te ajudar lá na aldeia?

Entrevistado: É... Mais na área da Saúde. É, na área da Saúde mesmo.

Pesquisadora: E aí lá, no caso, você vai poder levar isso para aldeia?

Entrevistado: É.

Pesquisadora: Ou não, você pretende se formar e...

Entrevistado: Pretendo me formar e voltar para lá, porque lá tem poucos médicos, dentistas também...

Pesquisadora: Entendi.

Entrevistado: E os que têm lá são de fora.

Pesquisadora: Não são índios.

Entrevistado: Não são índios. Aí é bom ter as pessoas de lá mesmo, porque... Já tem alguns se formando esse ano.

Pesquisadora: Índios?

Entrevistado: Hm [concordando].

Pesquisadora: Tem um que, como é...

Entrevistado: Tem o Luan e tem o Daniel.

Pesquisadora: São índios que estão se formando agora em curso superior.

Entrevistado: O Luan, acho que ele está na Medicina, parece. Eu não sei se ele está se formando ou se falta um ano ainda para se formar... Daniel ainda falta uns dois anos.

Pesquisadora: Entendi.

[Áudio 54/57, duração: 7min 4s 920ms]

Pesquisadora: Agora, quais os planos daqui para frente?

Entrevistado: É tentar fazer uma faculdade.

Pesquisadora: Você falou, que vai tentar lá naquela, como é que é o nome dela?

Entrevistado: Santa Maria.

Pesquisadora: Santa Maria, você vai tentar Odontologia.

Entrevistado: Odontologia.

Pesquisadora: Essa pergunta já te fiz. Se o IF teve alguma influência nessa escolha. E você falou que foi o próprio curso.

Entrevistado: É. O próprio curso.

Pesquisadora: Quando você veio para cá, você não sabia nada do curso.

Entrevistado: Sabia nada do curso.

Pesquisadora: Nem para o que era.

Entrevistado: Não.

Pesquisadora: Certo? E, aí, com o tempo, você foi gostando, e o que fez você querer ficar no curso?

Entrevistado: É, tinha algumas matérias que eram interessantes. Como Fisiologia Animal, Fisiologia Vegetal também, o professor também explicava bem e fazia algumas demonstrações dentro do laboratório. Achei legal e continuei.

Pesquisadora: E como foi essa escolha? Vocês escolhem lá entre vocês ou vocês escolhem quando chegam aqui? Como foi isso?

Entrevistado: É... O curso que a gente veio fazer?

Pesquisadora: É.

Entrevistado: É lá. É lá que a gente escolhe.

Pesquisadora: Mas como é? Você escolhe...

Entrevistado: A gente olha os nomes dos cursos e 'não, vamos fazer esse aqui mesmo'.

Pesquisadora: Ah, você escolhe. Não tem esse negócio de 'três fazem esse, quatro fazem aquele', não?

Entrevistado: Não. Porque vai de cada um, é a pessoa quem escolhe.

Pesquisadora: Entendi. Então vocês podem escolher mesmo, e aí... Vocês vão pelo nome? 'Ah, isso aqui deve ser legal'...

Entrevistado: Por exemplo, Informática tinha algo a ver com tecnologia. Já sabia um pouco, mas não sabia muito não. Aí uma mulher de lá falou que tinha uma matéria que era muito ruim aqui, que era Lógica (de Programação), aí nós falamos assim: 'isso aqui vou tentar fazer não', diz (ela) que era muito cálculo.

Pesquisadora: Uma mulher de lá que já...

Entrevistado: O filho dela que veio para cá.

Pesquisadora: Ah, o filho dela...

Entrevistado: O filho dela falava que... Porque ela falava alguns coisas do filho dela, que veio para cá, ela falava que o filho dela tinha mais dificuldade nessa matéria, que era Lógica (de Programação). A gente não escolheu o curso para não gostar, aí já falava para ela a parte boa e a parte ruim que tinha. Aí, a Agropecuária envolvia mais com coisa de terra, aí lá, para lá tinha muito isso, de terra, num tempo de muita seca não tem como mexer com isso lá. Aí eu fui para Biotecnologia, que eu pensei que era mais de pesquisa em laboratório. Algumas coisas são, outras não, teoria... Difícil, Biotecnologia.

Pesquisadora: Aí hoje você sai falando o quê do curso?

Entrevistado: Como assim?

Pesquisadora: O que você vai passar para frente lá na sua aldeia para o próximo que vai vir? Você vai indicar o curso? Você não vai indicar? Q que você vai fazer?

Entrevistado: É... Se a pessoa perguntar sobre o curso, eu falo como é que é, que tem algumas partes na teoria, algumas partes na prática, quais matérias que tem, qual é a área que é mais voltada, e explico para ele alguma coisa que eu aprendi, para ver se ele se interessa em fazer o curso.

Pesquisadora: Mas você indica?

Entrevistado: Hm [concordando].

Pesquisadora: Gostou de fazer.

Entrevistado: Indico.

Pesquisadora: Se fosse para escolher, escolhia o curso de novo, o mesmo?

Entrevistado: É.

Pesquisadora: Hoje com mais saberes. Teve alguma pessoa que ajudou você em uma fase difícil?

Entrevistado: Foi o Samuel.

Pesquisadora: Samuel?

Entrevistado: É, porque quando nós não sabíamos alguma matéria... ele já estava no terceiro ano. Não. Ele estava no segundo, e nós já estávamos no primeiro, aí ele ajudava a gente em algumas matérias, explicava.

Pesquisadora: Samuel era um aluno também?

Entrevistado: Era um aluno indígena.

Pesquisadora: Ah... que veio antes.

Entrevistado: Veio antes.

Pesquisadora: Entendi.

Entrevistado: Ele ajudava a gente. E tinha um amigo dele, que era o Vanderson, era de Missões também (São João das Missões), do município, ele andava junto, também ensinava a gente, e eles ficaram ajudando a gente em algumas matérias.

Pesquisadora: E nas suas... Não só nas suas matérias, outras situações. Você teve algum amigo de quem você teve apoio, você teve algum professor que te deu algum conselho quando você estava nas suas... quando você estava aflito com alguma coisa...

Entrevistado: Mas só foram o Daniel e o Samuel, que eles eram filhos do... prefeito, aí eles sempre chegavam aqui e ajudavam a gente.

Pesquisadora: Prefeito da aldeia?

Entrevistado: É, prefeito da aldeia. Aí eles sempre tomavam a iniciativa de tudo... Quando era para fazer apresentações, eles explicavam sobre a nossa aldeia, aí com alguns de nós que tinham dificuldade eles iam lá e conversavam, e em algumas coisas eles tentavam ajudar.

Pesquisadora: Que legal! Entre vocês tinham esses dois...

Entrevistado: Que eram como representantes nossos. Aqui, nós focávamos nos dois. Aí o Daniel já se formou, (quando) nós estávamos no primeiro (ano), e o Samuel formou quando nós estávamos no segundo (ano), e nós vamos lá no terceiro. Agora nós que estamos sendo representantes do primeiro ano, dos meninos, e do segundo.

Pesquisadora: Entendi. Eles foram embora e deixaram para vocês o papel. E vocês repetem isso, ajudam os do primeiro ano...

Entrevistado: Aí toda vez que vai ter uma apresentação, nós chamamos o menino para conversar, pergunta se dá para eles apresentarem, se der, vamos ensaiar e aplicar.

Pesquisadora: E você acha que você... Você chegou aqui com algumas certas dificuldades. Você acha que esses que estão chegando, esses que estão no primeiro ano agora, que vocês também estão ajudando, você acha que eles estão passando pelas mesmas dificuldades (que vocês), ou você acha que já estão mais...?

Entrevistado: Eu acho que sim, porque a maior dificuldade é a interação com os outros alunos, e também a parte da vergonha de perguntar ao professor quando a pessoa não entende, não chamar o professor para vir explicar de novo, com vergonha, acho que é isso.

Pesquisadora: Então você acha que eles também têm essa dificuldade em interagir.

Entrevistado: E na questão de apresentação de trabalho também.

[Áudio 53/57, duração: 1min 55s 780ms]

Pesquisadora: (Por) ser essa pessoa menos tímida, por ser uma pessoa, agora, que fala mais, que você já entendeu mais o convívio social, que a gente precisa do outro, o outro precisa da gente, e toda essa questão... Bom, por saber disso, agora, como vai ser lá fora? Quais seus medos, quais as suas angústias, de ir fazer agora uma faculdade?

Entrevistado: É. Fazer uma faculdade que, onde a gente for, se tiver preconceito... porque isso atrapalha a gente demais.

Pesquisadora: Então você vai à procura de uma faculdade que tenha menos preconceito.

Entrevistado: Que seja mais fácil de a gente fazer amizades, e aí quando a gente faz amizade, a gente tem... consegue se acostumar com o lugar.

Pesquisadora: Entendi. Então aqui no IF, quando você entrou, você tinha, você percebia muito essa questão do preconceito. Aí você quer ir atrás de uma universidade em que isso seja menor.

Entrevistado: É.

Pesquisadora: É isso?

Entrevistado: Hm [concordando]. Que tenha menos preconceito.

Pesquisadora: Entendi. E aí você já pensou em alguma, já fez alguma pesquisa...

Entrevistado: Eu estou tentando fazer vestibular lá para Santa Maria, acho que é no Rio Grande do Sul (UFSM?). É que lá já tem alguns, de lá da reserva, que estão estudando lá, que é o Oséias... não sei se o Daniel também está lá. Aí estou querendo ir para lá também. Aí vamos eu, Narlisson, Giovana, Uemerson, e Lourisvan. Nós juntos vamos tentar fazer o vestibular lá.

Pesquisadora: Muito bom.

ANEXO VII: ENTREVISTA DO DISCENTE XACRIABÁ ADEMAR

Urutaí, 16 de Abril, 2020.

Entrevistado: Ademar.

Local da Entrevista: IF Goiano, campus Urutaí-GO

Presentes: Marilene (Pesquisadora), Ademar (Entrevistado).

Horário da Entrevista: 14:20.

Duração Total do Áudio: 34min 37s 460ms.

[Áudio 1/30, duração: 2min 47s 740ms]

Pesquisadora: Estamos aqui no IFGoiano, às 14:20, e agora vamos falar com o...

Entrevistado: Ademar.

Pesquisadora: Ademar, do terceiro ano (do curso técnico) de Agropecuária. Ademar, conte para a gente sobre a sua experiência escolar antes de chegar no IFGoiano.

Entrevistado: Era bem diferente. Eram poucas matérias... Quanto ao ensino, também acho que não era tão igual às outras escolas normais. Porque, quando eu cheguei aqui, eu tive uma dificuldade muito grande, porque o que eu aprendi lá... Aí eu cheguei aqui e o professor: 'você já viu isso aqui na oitava série, no nono ano', e eu não tinha visto. Então o ensino de lá não te dava uma base para estudar (aqui) na instituição. Tive muita dificuldade no começo.

Pesquisadora: E lá vocês tinham a parte da História dos Xacriabás, vocês estudavam isso lá?

Entrevistado: Na matéria lá de cultura, nós estudamos isso.

Pesquisadora: E aí vocês veem a cultura, aí vocês aprendem...

Entrevistado: Sobre a cultura, danças, músicas, sobre pessoas importantes da tribo, da nossa aldeia...

Pesquisadora: Entendi. Isso no Ensino...

Entrevistado: Fundamental.

Pesquisadora: Fundamental. Eu estive lá também, só que... E aí, como foi a sua vinda para o IF? Quem informou vc sobre isso, por que você quis vir...

Entrevistado: Porque já tinham vindo amigos (meus) também, e eu também já tinha dois primos formados aqui. Aí, foi através deles. Eles falaram que era bom e eu me interessei em vir.

Pesquisadora: E aí você ficou sabendo através deles.

Entrevistado: Hm [concordando].

Pesquisadora: E quando o IF foi lá para fazer aquela divulgação que eles fazem, você viu, você...

Entrevistado: Eles foram lá, só que quando eles foram, eu já tinha conhecimento através dos...

Pesquisadora: Ah, tá.

Entrevistado: Só que eles foram também na minha escola.

Pesquisadora: E aí, quando você veio para cá, você já queria fazer o curso de Agropecuária ou você ainda tinha dúvidas sobre qual curso queria?

Entrevistado: Ainda estava indeciso ainda. Aí, cheguei e decidi fazer Agropecuária mesmo.

Pesquisadora: Entendi.

[Áudio 2/30, duração: 12min 23s 400ms]

Pesquisadora: Agora me relate um pouquinho sobre a sua vivência aqui dentro do IFGoiano, seu cotidiano, como é... Por exemplo, você acorda e... o cotidiano.

Entrevistado: Eu acordo e tomo café, eu venho para a aula, saio 17:00... Geralmente, durante a semana, eu limpo o quarto um dia, janto, resolvo algumas atividades durante a noite, ou às vezes vou jogar bola, correr, e é, basicamente, isso.

Pesquisadora: Tá. Você falou que você acorda. Como funciona lá no dormitório? Você... Tem mais pessoas junto (de você no quarto)? Como é isso?

Entrevistado: Tem. Tem quatro pessoas.

Pesquisadora: Como é... Como foi para você lidar com essa questão de ter quatro pessoas desconhecidas dentro de um quarto?

Entrevistado: No começo é bem complicado, porque eu nunca tive que ficar com pessoas diferentes, mas vai indo e você vai aprendendo a conviver, sabe, a respeitar os outros e inclusive, também, a ser respeitado. A gente vai aprendendo a conviver junto, cada um respeita o lado do outro.

Pesquisadora: E você já passou alguma situação difícil em relação a essa questão de aprender a conviver com o outro? Como uma briga, uma discussão, alguma coisa de que você possa se lembrar?

Entrevistado: Eu acho mais ruim só a questão do barulho. Tem pessoas que às vezes ligam a música do celular numa hora que a gente quer dormir, uma coisa nesse sentido... Mas, basicamente, isso foi no primeiro ano, mas agora com os meninos do quarto que eu conheço, eu converso e eles param, com bastante respeito, no começo.

Pesquisadora: E em relação às regras do dormitório, às regras do IFGoiano mesmo? Como foi lidar com isso? Vocês têm que arrumar o quarto, deixar organizado...

Entrevistado: É, no começo foi bem complicado. Porque tinha dias em que a gente tinha um tempo bastante corrido e ainda tinha que limpar o quarto, arrumar as coisas, e ficava complicado, porque não dava tempo. Então você tinha que deixar de fazer algumas atividades que passavam na aula para ir arrumar o quarto, essas coisas.

Pesquisadora: E aí, cada um tinha o seu dia de arrumar o quarto?

Entrevistado: É [concordando].

Pesquisadora: E funcionava?

Entrevistado: Funcionava.

Pesquisadora: Funcionava, (mas a) questão (é) que queriam te dar advertência.

Entrevistado: Aí eu tenho que deixar de fazer alguma coisa para...

Pesquisadora: E no refeitório? Com relação a... vocês se alimentam lá todos os dias?

Entrevistado: Hm [concordando].

Pesquisadora: Café da manhã, almoço, lanche...

Entrevistado: É.

Pesquisadora: E janta.

Entrevistado: Isso.

Pesquisadora: Então são quatro refeições.

Entrevistado: Hm [concordando].

Pesquisadora: E o que você me fala sobre o refeitório?

Entrevistado: No refeitório, tem dias que a comida sai boa. Mas tem dias que não. Talvez não agrade a mim, mas agrade outra pessoa. Acho que é a questão do gosto de cada pessoa. Por exemplo. Tem dia que está bom para mim, mas está ruim para o outro...

Pesquisadora: Mas você já passou...

Entrevistado: Mas em geral não é muito ruim não.

Pesquisadora: Não é muito ruim não?

Entrevistado: [risos]

Pesquisadora: Você já passou algum momento de não... de ter que deixar de comer por algum motivo... por estranhar essa questão de comer todo mundo junto...

Entrevistado: Ah, já. Por questão de comer todo mundo junto [ininteligível]. Eu já tive de largar muitas vezes porque eu tinha várias provas no dia. Aí, tenho que largar o almoço para ir estudar. Porque tem quatro provas num dia, à noite não dá tempo suficiente para estudar. Aí eu estudava durante o almoço, deixava o almoço e estudava.

Pesquisadora: E à noite você está cansado... Estudar de noite não é fácil, porque você estuda o dia todo... Entendi. Então já houve momentos de deixar de comer por conta disso... E aí vocês recebem a refeição de graça...

Entrevistado: Hm [concordando].

Pesquisadora: Vocês têm a carteirinha e recebem a refeição de graça.

Entrevistado: Isso.

Pesquisadora: Tá. E em relação a esporte aqui dentro do IFGoiano, como funciona essa questão? Vocês têm um momento para isso...

Entrevistado: Tem, durante a noite. Mas é complicado, porque é uma quadra para vários alunos. Então, na hora, dá um certo conflito para organizar quem vai jogar, quem não vai...

Pesquisadora: No caso, porque são muitos alunos internos.

Entrevistado: Internos.

Pesquisadora: Entendi. E aí, quando vocês querem usar, vocês fazem o quê? Vocês falam com quem?

Entrevistado: Geralmente, os meninos que pegam uma bola aí... Na quadra eles deixam liberado.

Pesquisadora: Ah, tá.

Entrevistado: Difícil ficar alguém, [ininteligível]...

Pesquisadora: Ah, entendi. Só pega a bola e vai. Quem chegar primeiro...

Entrevistado: Pega a bola com algum professor...

Pesquisadora: Ah, entendi. E você gosta de esportes?

Entrevistado: Eu gosto, só que o tempo é meio complicado. Só que é...

Pesquisadora: Do que você mais gosta?

Entrevistado: Ah, eu gosto... nadar.

Pesquisadora: Natação. E vocês podem usar a piscina? Como funciona?

Entrevistado: Só no final de semana.

Pesquisadora: E você usa?

Entrevistado: Às vezes. Tem vezes que dá preguiça, mas sempre que liberam, eu...

Pesquisadora: Entendi. E vocês têm a disciplina de Educação Física, e Educação Física funciona normal, também? Tem seus horários, (tudo) bonitinho, cada turma tem seu horário, enfim, como se diz, é dirigido, então fica mais fácil.

Entrevistado: Isso, sim.

Pesquisadora: E... Sobre o esporte: teve alguma experiência marcante, tipo, ‘nossa, isso aqui foi legal por causa disso’, ‘isso aqui eu não gostei porque aconteceu esse atrito’, não sei, alguma experiência de que possa estar se lembrando?

Entrevistado: Acho que, de legal, teve. No [sigla ininteligível, possivelmente: “FECICI”], (não sei) se foi ano passado ou retrasado, que nós ficamos em segundo lugar, jogamos só nós e os meninos mesmo da Reserva... Quanto aos conflitos, acho que não chega a ter nenhum assim não, algumas discussões, mas discussões pequenas.

Pesquisadora: No [sigla ininteligível, possivelmente: “FECICI”] era jogo de quê?

Entrevistado: De bola mesmo, futsal.

Pesquisadora: Futsal, ah. E aí teve campeonato entre as turmas?

Entrevistado: Era... Turma não, cada... Desistiu um time [ininteligível, possivelmente: “dos times”] e essa atividade valia como os dois pontos extra do [sigla ininteligível, possivelmente: “FECICI”].

Pesquisadora: Entendi.

Entrevistado: Aí, no campeonato, nós ficamos em segundo lugar.

Pesquisadora: [ininteligível]. Legal. JIIF... Você participou de JIIF alguma vez, ou não?

Entrevistado: Não.

Pesquisadora: E em relação a ser da etnia Xacriabá: você percebeu, em algum momento, alguma piadinha com relação a isso? Eu falo em questão ao esporte mesmo.

Entrevistado: Esporte... Não. Foi assim: eles falam, no jogo de bola, que nós corremos demais, só que coisa assim, de racismo, alguma coisa, não, já vi fora, agora no meio do esporte não.

Pesquisadora: Tá. E fora, teve o quê, por exemplo?

Entrevistado: A pessoa fala: ‘ah, você é índio, e índio branco’, ‘não parece nada com índio’...

Pesquisadora: Então vocês tiveram esse tipo de preconceito: ‘você é índio, mas você não é moreno’, ‘não tem cabelo lisinho’... E dentro da sala de aula, como é seu convívio com os demais colegas?

Entrevistado: Ah, a média, bastante, respeita. Dentro de sala de aula, nunca teve nenhum desrespeito. Tanto eu respeito ele quanto ele me respeita. Nunca houve, nunca...

Pesquisadora: Com os professores também...

Entrevistado: Os professores também já nos conhecem lá. Não ocorreu caso nenhum, de professor.

Pesquisadora: Entendi. E você, como você é na sala de aula?

Entrevistado: Sou bem comportado. Eu não interajo muito em aula porque eu tenho um pouco de raiva com vergonha. Mas, eu me comporto, presto atenção na aula, o que o professor pede, eu faço...

Pesquisadora: Então você é mais quietinho.

Entrevistado: Hm [concordando].

Pesquisadora: Dá menos trabalho. E, em relação a *bullying* dentro de sala de aula, você falou que nunca teve isso não. E fora de sala de aula?

Entrevistado: Fora de sala de aula, já.

Pesquisadora: Como aconteceu?

Entrevistado: Como eu falei mesmo, ‘ah, você é índio e não parece’.

Pesquisadora: Por alunos que não são da sua turma?

Entrevistado: Por alunos de [ininteligível].

Pesquisadora: Entendi. E aí, como você reagiu a isso? Como você reage a isso?

Entrevistado: Ah, geralmente finjo que nem escuto. Ah, eles falam também assim, mas falam meio por fora, acho, melhor fingir que não ouviu...

Pesquisadora: Entendi. E quanto às amizades? Como você é com amizades? Você tem muitas amizades? Depois que veio para cá, você fez muitas amizades novas?

Entrevistado: Hm [concordando]. A gente é obrigado a, bem dizer, obrigado a ter convívio com outras pessoas, e acaba criando uma amizade. A gente vai conhecendo... Inclusive com os dos quartos mesmo... Como nesse ano, cada vez... Nos três anos, a cada ano que eu passei, (em um) quarto diferente, e a gente vai conhecendo várias pessoas. Isso facilita, também, o convívio.

Pesquisadora: E teve alguma amizade que você trouxe de lá para cá?

Entrevistado: Tenho. Os meninos mesmo que estavam comigo, a nossa amizade já é desde lá.

Pesquisadora: Então vocês não se conheceram aqui, vocês já vieram de lá amigos.

Entrevistado: Nós já viemos tudo junto. Inclusive nós fizemos a prova já junto.

Pesquisadora: Isso ajudou um pouco ou você acha que não interferiu?

Entrevistado: Bom, ou seja, chegar aqui e já ter alguém para... Porque você chegar sem conhecer ninguém é complicado, você...

Pesquisadora: (Você se) adaptar. Em relação às festas... Festas, namoros... Você sai e vai para as festas aqui... Como funciona?

Entrevistado: Ah, no começo do ano, quando eu era menor (de idade) ainda, era bem difícil, porque tinha que pedir autorização dos pais, eu não gostava muito. Agora, que eu me tornei maior (de idade), eu frequento alguma festa, carnaval, por exemplo, mas também é difícil. Porque as festas geralmente já acontecem também no meio de semana, e aí no outro dia tem aula, então não gosto muito de ir.

Pesquisadora: As festas aqui são na quinta-feira... Entendi. Mas, quando vai... (Você se) diverte, normal, tem seus amigos para sair, namora...

Entrevistado: Hm [concordando] [risos].

[Áudio 3/30, duração: 5min 31s 220ms]

Pesquisadora: E em relação a algum projeto de ensino, extensão, pesquisa... Você participa de algum projeto?

Entrevistado: Eu participo de um projeto com a Dalcimar.

Pesquisadora: Com a Dalcimar? E é sobre o quê?

Entrevistado: Sobre o uso da borra de café no... como adubo no alface.

Pesquisadora: Borra de café como adubo no alface... A Dalcimar é cheia dessas coisas. Acho legal. E ela é gente boa para caramba?

Entrevistado: É.

Pesquisadora: E aí, o que você faz? Qual é seu papel nesse projeto?

Entrevistado: Eu estava responsável por recolher a borra desses dois refeitórios, esse de baixo e esse... E eu recolhia e colocava ali embaixo, no espaço que ela separou ali para colocar. Por enquanto, era só isso mesmo. Porque ainda não recolheu o tanto de borra suficiente, nós ainda estamos recolhendo, aí depois que nós vamos iniciar a fase do plantio.

Pesquisadora: Ah, entendi. Qual sua intenção, num primeiro momento, de entrar nesse projeto? Por que você entrou?

Entrevistado: Ah, porque é um ensino a mais, que a gente aprende, como se pode dizer... aprende mais sobre aquilo, sobre o alface, por exemplo... vai ter um ensino a mais aplicado em sua...

Pesquisadora: E como funcionava lá na aldeia essa questão de plantação?

Entrevistado: Ah, era tudo de forma... (pelo) conhecimento das pessoas mesmo, sem nada, aplicado, porque não tinha conhecimento científico assim... A gente mesmo aprendia no cotidiano.

Pesquisadora: Entendi. Não tinha aquela coisa como aqui, vocês aprendem que não pode fazer isso com alface por uma questão técnica, uma questão biológica do alface.

Entrevistado: É. Aí nesse... falam, não falam mesmo. A professora fala que não pode isso, não sei o quê, só o conhecimento dos mais velhos.

Pesquisadora: Entendi. E tem mais alguma atividade de ensino, pesquisa e extensão que você participa?

Entrevistado: Só essa.

Pesquisadora: Então você entrou porque você queria ter mais conhecimento.

Entrevistado: Hm [concordando].

Pesquisadora: Tem quanto tempo, já, que você está nesse projeto?

Entrevistado: Acho que já tem uns cinco meses.

Pesquisadora: Cinco meses. O que você...

Entrevistado: Nós começamos, aí vieram as férias, e estamos voltando agora.

Pesquisadora: Ah, tá. E até então, o que você pode dizer em relação à questão do conhecimento que você teve até agora nesse projeto?

Entrevistado: Por enquanto, só mais a parte de escrita do projeto, também sobre a borra, as fases que tem o plantio. Basicamente isso. Mas não chega ao ponto de plantar, colher...

Pesquisadora: Vocês estão fazendo o passo-a-passo agora. Então, você está no início ainda, aprendendo a função da borra primeiro, para depois colocar em prática.

Entrevistado: É. O projeto escrito.

Pesquisadora: Mas é legal? A gente vê que o tanto que é difícil, que não é só chegar lá e plantar o alface. Tem um passo-a-passo, e ele tem que ser respeitado, para no final ele ter um bom resultado. É a parte mais difícil, que é a paciência, que a gente não tem...

Entrevistado: Hm [concordando].

Pesquisadora: E, em questão de viagens, pelo IFGoiano? Você já foi em alguma viagem?

Entrevistado: Ah, que eu me lembre, não.

Pesquisadora: Teve alguma Visita Técnica...

Entrevistado: Nós chegamos a ter algumas que eram confirmadas e acabavam sendo canceladas. No ano passado mesmo, acho que foi na época do 'Chico', aí por questão de ônibus nós não pudemos ir.

Pesquisadora: Ah, tá. Porque agora estamos em tempo de 'vacas magras'... E aí, disso tudo que a gente discutiu aqui um pouquinho, desde lá do dormitório, refeitório, esporte, convívio em sala de aula, essas coisas todas que eu te perguntei. Teve algum momento que você vai guardar para a sua vida inteira? para falar: 'disso aqui eu vou me lembrar para o resto da minha vida porque'... por causa de alguma coisa. Porque aprendeu alguma coisa, ou naquele momento você viu que não era assim que funcionava alguma coisa...

Entrevistado: Ah, eu acho que aprendi já a conviver melhor com as pessoas. Acho que o IF proporciona isso. O convívio. (Você) tem que estar constantemente lidando com as pessoas e você aprende a respeitá-las mais, (quanto ao) que elas não gostam, (para) ter um convívio melhor.

[Áudio 4/30, duração: 1min 43s 320ms]

Entrevistado: Acho que, para aprendizado mais, é... a questão de... Quando a gente vem para cá, a gente acredita muito em coisas que a pessoa fala, coisas religiosas... como posso dizer... muitas lendas, e coisas que as pessoas acreditam. Quando a gente chega aqui, acaba vendo que não é dessa forma, a gente aprende cientificamente como funcionam essas coisas. Acho que isso facilita bastante na vida. Plantas, também, a gente... Antes, a gente lidava com plantações de maneira natural, elas se desenvolviam ali naturalmente, não tinha... Agora a gente entende o porquê de como ela se desenvolve, como facilitar a ela se desenvolver, e as coisas... Passa a imagem das coisas de um modo natural para ver como elas realmente são, cientificamente.

Pesquisadora: Entendi. Então você acha que o IF te proporcionou essa... esse leque, essa abertura para conhecer as coisas mais cientificamente. Por exemplo, você já tinha falado das plantas. A religião, os mitos, você acaba vendo que tudo tem um porquê.

Entrevistado: Hm [concordando].

[Áudio 5/30, duração: 29s 140ms]

Pesquisadora: Então, quem é você hoje? Você entrou aqui no IFGoiano. Como você entrou? Como você vai sair? Você acha que teve uma mudança significativa para sua vida? Ou você acha que não, que você continua sendo a pessoa que você era quando você entrou? Qual é a sua visão sobre isso?

[Áudio 6/30, duração: 2min 42s 940ms]

Entrevistado: Eu acho que eu mudei mais em relação à maturidade. Eu acho que a gente chega aqui como uma criança, basicamente, com pensamento de adolescente, alguma coisa, mas você vai, com o convívio no IF, você vai desenvolvendo maior maturidade no modo de pensar, sai depois uma pessoa mais adulta. É isso.

Pesquisadora: E como funciona essa questão de desenvolver a maturidade? Você acha que foi tranquilo ou você teve um processo mais doído em relação a isso?

Entrevistado: Acho que foi um processo mais doído. Em vez de ser... (a gente) aprende isso na marra. Ter o convívio... O negócio é que é obrigado. Agir mais como um adulto... Se você continuar como se fosse um adolescente, às vezes você acaba não ficando no IF.

Pesquisadora: Porque são muitas responsabilidades.

Entrevistado: Muitas responsabilidades.

Pesquisadora: Você vê alguma diferença entre vocês, alunos indígenas, dos alunos que não são indígenas, em relação a essa questão de maturidade?

Entrevistado: Eu vejo assim: no meu ver, os meninos indígenas, eles têm uma certa maturidade porque para vir para cá é difícil, é muito complicado você ver seus pais terem que se... correr atrás de algo assim. Eu mesmo, comprava com [ininteligível] sempre. Algum lugar que precisava ir, tudo que tinha que resolver, nós tínhamos que sair lá da aldeia para ir em Missões, em Itacarambi, e tal, sempre ia ocupando eles. Aí eu chego aqui e penso que se eu agir de modo imaturo, eu posso ir embora e jogar isso tudo fora. Então não é só por mim que eu estou aqui, também estou por eles. E alguns dos meninos daqui mesmo, de perto, acho que eles não passam por isso, esse transtorno todo, acho que eles não pensam... não todos, mas acho que boa parte eles não pensa nessa coisa, por esse lado.

Pesquisadora: Menos sofrido. Porque aqui eles estão perto da família, querendo ou não, eles não estão dando valor.

[Áudio 7/30, duração: 58s 040ms]

Pesquisadora: Em relação à aprendizagem, ao ensino mesmo aqui. O que você tem a me dizer? Você teve muita dificuldade? Você me falou que, no início, você teve, por conta do ensino lá ser um pouco mais 'fraco'. Ou você acha que teve outro motivo também?

Entrevistado: Eu acho que é a questão de ser muito corrido.

Pesquisadora: Ser muito corrido?

Entrevistado: Hm [concordando]. Porque você tem várias matérias que você tem que estar fazendo e você não tem um certo tempo para estudar completamente. Então, às vezes meio que você acaba fazendo só o meio para passar numa prova, mas você não aprendeu completamente as coisas. Porque não dá tempo de você ficar estudando o que a menina ditou. Matérias, porque são várias, e o tempo fica muito corrido.

[Áudio 8/30, duração: 1min 29s 340ms]

Pesquisadora: Em relação, também, à aprendizagem, no geral. Você foi marcado? Você acha que algum momento, alguma disciplina, algum professor que possa ter te ajudado em algum momento difícil... Teve algum marco em relação a isso?

Entrevistado: Acho que algum marco não teve não, mas acho que um professor bem importante para nós aqui é o professor Cristian, de Sociologia. Ele, em aula, geralmente conversa com a gente, dá conselhos, está constantemente interagindo com a gente, ele é um dos professores que é mais importante para nós.

Pesquisadora: Ele aconselha pessoalmente, com questões pessoais.

Entrevistado: Hm [concordando].

Pesquisadora: Porque, querendo ou não, a gente está... especialmente vocês que têm esse costume, de ter alguém de... como é que fala... E aí, quando chegou aqui ele é, tipo, visto como uma pessoa com quem vocês podem contar.

Entrevistado: Hm [concordando].

Pesquisadora: Que vocês podem chegar e falar sobre qualquer assunto com ele, que ele não vai... como se diz... julgar isso. Pelo contrário...

[Áudio 9/30, duração: 1min 29s 640ms]

Pesquisadora: Bom. Qual o significado desses três anos no IF para sua vida?

Entrevistado: Ah, eu acho que foram os três anos, mais difíceis, mas também os que mais me trouxeram aprendizagem, e, também, ser mais hm... ser mais importantes na minha vida. Porque foram anos que eu tive que evoluir, passar a ter uma melhor visão do mundo.

Pesquisadora: E o que você vai fazer agora? O que você pretende fazer agora depois de formar, do terceiro ano?

Entrevistado: Eu pretendo trabalhar na área. Mas caso eu não consiga alguma coisa, eu vou tentar entrar na faculdade de Agronomia.

Pesquisadora: E o IF teve influência nessa escolha?

Entrevistado: Hm [concordando].

Pesquisadora: Por quê?

Entrevistado: Porque aqui no IF você tem bastante convênio com pessoas que já trabalham nessa área, e aí você vai desenvolvendo interesse, você desenvolve um gosto por essa área.

[Áudio 10/30, duração: 3min 23s 800ms]

Pesquisadora: Bom. Depois de todos esses seus relatos, o que você diria para os seus colegas lá da aldeia que ainda não vieram para cá e têm o interesse de vir? O que você falaria para eles hoje?

Entrevistado: Diria que só venha aquela pessoa que realmente está disposta a ficar, aquela pessoa que está realmente determinada. Porque aqui não é fácil, sabe, se não for determinada aqui. Então, se for para a pessoa vir aqui e falar: 'ah, vou lá só para conhecer', eu acho que não compensa, porque, é difícil, como eu disse, é difícil para conseguir vir para cá. Se a pessoa está só por conseguir a vaga, chegar aqui e não dar valor ao que eles tanto têm, e ir embora, então, antes nem viesse. Se for para a pessoa não vir realmente determinada a ficar...

Pesquisadora: Nem venha, porque é muita mudança.

Entrevistado: É. É muito diferente de lá, são muitas regras...

Pesquisadora: Especialmente as regras, todo mundo falou das regras.

Entrevistado: A questão de ensino, também, de ser maior...

Pesquisadora: Como funcionam as regras lá na aldeia? Porque lá vocês também têm algumas regras.

Entrevistado: Têm, mas as nossas regras lá somos basicamente nós quem fazemos mesmo, nós que ensinamos o modo de se comportar, sabe... Não tem alguém que vai interferir. Mas geralmente são só nossos pais que educam, e o povo mais velho...

Pesquisadora: E qual a diferença das regras daqui?

Entrevistado: As regras daqui são regras que se você não... se você descumprir, não vai ter pessoas que vão compreender seu erro, alguma coisa. São regras que tem que cumprir à risca. Assim, lá, se você ter um erro, alguma coisa, de vez em quando conversa com uma pessoa mais velha, com um Conselho, você pode resolver. Acredito que tem o Conselho (aqui), mas existem regras que ou você cumpre à risca ou vai embora.

Pesquisadora: E você acha que são regras necessárias?

Entrevistado: Eu acredito que sim. Porque, com tantas pessoas num local só, se não cumprir essas regras, eu acho que gera uma desordem.

Pesquisadora: Então você tem convicção da necessidade dessas regras; porém, você concorda que não foi fácil segui-las, não foi fácil inseri-las no seu contexto.

Entrevistado: Hm [concordando]. É difícil seguir, mas acho que é necessário sim.

Pesquisadora: A gente aprende. A gente aprende a seguir regras.

[Áudio 11/30, duração: 1min 38s 880ms]

Pesquisadora: Bom, e se você fosse... Bom, você vai embora hoje. Por exemplo, hoje você se formou, você vai embora e você vai deixar uma história, você vai deixar histórias, e vai levar, também, uma certa história com você de tudo o que você viveu aqui. Então, o que você também diria para o IF em si, para todos os docentes, para os técnicos, todas

as pessoas com quem você teve convívio aqui, seus colegas... O que você diria hoje para eles, diante de todas essas mudanças que você teve na sua vida, todas essas dificuldades que você passou aqui...

Entrevistado: Acho que agradeceria por tudo o que me ensinaram. E o que eu diria para eles é agir de forma a ter mais atenção com os alunos, com as pessoas, que... Se você proporcionar locais onde os alunos pudessem interagir mais entre eles, conversar um pouco mais com eles... A gente sai de um lugar com pessoas totalmente diferentes, e vem para cá e acaba que não conhece ninguém, fica muito chato. Ver se podiam proporcionar uma interação maior entre eles.

Pesquisadora: Falta acolhimento.

Entrevistado: É. Acolhimento.

Pesquisadora: Entendi.

ANEXO VIII: ENTREVISTA DO DISCENTE XACRIABÁ LUIZ GUSTAVO

Urutaí ,16 de abril de 2020.

Entrevistado: Luiz Gustavo.

Local da Entrevista: IF Goaino, Campus Urutaí-GO

Presentes: Marilene (Pesquisadora), Luiz (Entrevistado).

Horário da Entrevista: 15:10

Duração Total do Áudio: 42min 55s 620ms.

[Áudio 12/30, duração: 2min 51s 860ms]

Pesquisadora: Bom, a gente agora vai fazer a entrevista com o...

Entrevistado: Luiz Gustavo.

Pesquisadora: Luiz Gustavo, do terceiro ano (do curso técnico em) Agropecuária. Bom, Luiz Gustavo. Primeiro, eu queria que você iniciasse falando um pouquinho sobre a sua experiência escolar antes de chegar no IF. Lá na aldeia, antes de você vir para cá.

Entrevistado: Quando eu estudava lá?

Pesquisadora: Isso. Quando você estudava lá.

Entrevistado: Bom... Lá é muito diferente, porque nós estudávamos lá mais a parte da nossa cultura indígena... aprendia esses 'trem' de dança, coisa cultural nossa lá mesmo.

Pesquisadora: E aí, chega aqui...

Entrevistado: Ah, chega aqui e muda tudo, porque é outro tipo de ensino, chega com dificuldade, porque lá não é muito... não tem um ensino bom lá, para cá tem um ensino melhor...

Pesquisadora: E você teve alguma dificuldade em relação ao ensino por conta disso?

Entrevistado: Tive muita dificuldade quando eu cheguei aqui. Precisei correr atrás de monitor, esses 'trem', para poder conseguir, mas... no final, eu consegui passar, tive que estudar muito a parte de...

Pesquisadora: O que importa é que conseguiu passar? Em qual disciplina você teve mais dificuldade?

Entrevistado: [ininteligível; possivelmente: "inicia, porque a gente vem do mato"].

Pesquisadora: São muitas matérias?

Entrevistado: São dez matérias.

Pesquisadora: Mas aí...

Entrevistado: Mas as que eu ficava mais com poucos pontos eram Matemática, Português, e Biologia. Mas tive muita dificuldade em tirar nota.

Pesquisadora: Então você teve mais dificuldade nessas áreas, Matemática, Português, e Biologia. Entendi. Mas passou.

Entrevistado: Passei.

Pesquisadora: Hoje você está no terceiro ano e qual é sua dificuldade em relação ao ensino? Em quê você acha que teve uma melhora?

Entrevistado: Ah, melhorei muito. Porque no segundo, eu não tive dificuldade nenhuma, passei para o terceiro agora, ainda... não vi ainda muitas coisas, mas acho que também não estou com muita dificuldade assim, não.

Pesquisadora: E as notas melhoraram?

Entrevistado: Melhoraram muito. Segundo... Agora, o terceiro... você ainda não... Vai começar semana agora, de provas...

Pesquisadora: É, ainda não teve a semana de provas. Entendi.

[Áudio 13/30, duração: 12min 06s 560ms]

Pesquisadora: Bom. Relate aqui para mim seu cotidiano aqui dentro do IFGoiano. Como é seu cotidiano?

Entrevistado: Ah... Meu cotidiano?

Pesquisadora: É. Você acorda e faz o quê da vida?

Entrevistado: Eu acordo, vou tomar café, vou para a aula e fico o dia inteiro na sala, o dia todo. Aí eu saio, eu faço alguns trabalhos, aí mais tarde, vou jogar bola, esses 'trem'...

Pesquisadora: É puxado.

Entrevistado: É. É puxado, mas ainda dá para sair ainda para jogar bola, esses ‘trem’, mas tem muito trabalho para fazer, muita atividade que o professor passa, muito conteúdo...

Pesquisadora: Mas você vai para as festas?

Entrevistado: Festa? De dia, em lugar de movimento, eu vou. Agora, de noite eu não vou com isso não.

Pesquisadora: Entendi. Mas isso não te atrapalha também não.

Entrevistado: Não.

Pesquisadora: Em relação aos estudos, não.

Entrevistado: Assim, não.

Pesquisadora: Você acha que dá para conciliar estudo, festa, amizades... Como você vê isso?

Entrevistado: Acho que dá, porque as festas que são no sábado, domingo, se você... aí dá para ir.

Pesquisadora: Se for final de semana, rola.

Entrevistado: Agora se você... Tem hora que tem festa quinta, quarta, aí não dá para ir. Tem trabalho para fazer para o outro dia, bocado de ‘trem’...

Pesquisadora: E quando você vai para as festas, você vai com quem? Costuma ir com quem?

Entrevistado: Vai sair daqui mesmo, aí vão o Ademar, o Diemerson ali, só esses mesmo.

Pesquisadora: E vocês bebem, dançam, namoram... normal?

Entrevistado: Beber, não bebo não.

Pesquisadora: Não?

Entrevistado: Não.

Pesquisadora: Bom.

Entrevistado: Agora, dançar, a gente dança mais o povo lá, esses outros 'trem' não.

Pesquisadora: Namora não?

Entrevistado: Namorar, namora, se achar...

Pesquisadora: É. Fale um pouquinho para mim em relação ao dormitório. Como... Como foi chegar aqui e ter que dividir um canto com mais de quatro pessoas... São quatro pessoas? Quantas pessoas tem no quarto?

Entrevistado: É... Aqui no R-3, aqui, eram seis pessoas. Quando eu passei para o R-2, aí são só quatro pessoas. É que é menor. É muito difícil quando você chega, a primeira vez. Para se acostumar com as pessoas, demora muito tempo, para você pegar confiança, esses 'trem' assim...

Pesquisadora: Entendi.

Entrevistado: Passado algum tempo, a gente tem até confiança, então...

Pesquisadora: Como é a sua relação com os alunos do seu quarto?

Entrevistado: É... como é que nós 'coisa', é... lida?

Pesquisadora: É.

Entrevistado: Tudo, tudo bom, não briga, nem nada, tudo com respeito com os outros...

Pesquisadora: Tem concórdia, então.

Entrevistado: Hm [concordando].

Pesquisadora: E quanto às regras do quarto? O que você acha das regras do quarto? As regras do IF mesmo, da questão de limpeza... O que você acha delas?

Entrevistado: Um pouco, é, normal, porque tem que limpar o quarto mesmo. De 17:00, acho que é até 18:00 que tem que limpar. Cada dia é um, acho que dá certo, sim.

Pesquisadora: Funciona?

Entrevistado: É. Funciona.

Pesquisadora: Cada dia é um?

Entrevistado: Porque, se eles não impuserem essa lei, o quarto fica muito sujo, sabe, tem uns que não limpam, esses 'trem'. Tem dia que eles vão, tem dia que algum passa um pano, se as pessoas não agarrarem e (alguém) ir lá em cima e ver que não limpou, ele dá advertência, mas isso é normal, porque tem que deixar o quarto limpo, ficar bagunçado assim...

Pesquisadora: E já teve algum momento de advertência por conta disso?

Entrevistado: Ah, já ganhou muita advertência, o quarto nosso ano passado. Porque não limpava, ficava muito sujo...

Pesquisadora: Você teve alguma culpa nisso?

Entrevistado: Eu não. Cada dia tem ter um que limpa. Quando eles passam no dia, aí, se

tiver sujo, esse 'trem', eles olham o dia do aluno, quem é o que está lá (no registro), aí eles dão advertência só para ele.

Pesquisadora: Ah, tá. Entendi. Não dá advertência para o quarto inteiro não. É só para aquela pessoa, que era o dia de ela limpar e ela não limpou.

Entrevistado: Agora, dia de domingo... que é todo mundo, se não limpar, aí dá para todo mundo. Agora, todo dia tinha um, aí só no dia de domingo que é todo mundo dentro do quarto, que eram seis pessoas...

Pesquisadora: Entendi. Você já teve atrito, algum atrito, alguma briguinha, alguma discussão, com alguém dentro do seu quarto por conta de alguma coisa, de questões do quarto?

Entrevistado: Não, nunca briguei com ninguém não. Tudo de boa.

Pesquisadora: Como é seu convívio dentro da sala de aula? Com os colegas, com os docentes... como você é? Dentro da sala de aula, você é mais introvertido ou você é aquela pessoa mais extrovertida? Você é mais quietinho ou você é mais baguncento, você conversa muito, como é?

Entrevistado: Eu sou mais na minha, fico lá no meu canto... Assim, eu converso com alguém, mas não é muito assim, não, eu fico mais na minha, na hora da aula, esses 'trem' assim.

Pesquisadora: E você já teve alguma discussão também em relação a alguma prova, em relação a alguma nota, em relação a alguma fala, de algum docente?

Entrevistado: Acho que não.

Pesquisadora: E no refeitório, como funciona o refeitório? Vocês têm quatro refeições lá, diárias.

Entrevistado: É.

Pesquisadora: E você acha que essas refeições são boas...

Entrevistado: Ah, tem dia que é bom algumas coisas, mas tem dia também que não é muito boa a refeição não.

Pesquisadora: Você já deixou de comer por algum motivo?

Entrevistado: Não, só quando eu estou doente, aconteceu alguma coisa mesmo. Mas por conta da... Almoço todo dia sim. Quando estou doente, de estar gripado, aí não dá...

Pesquisadora: No refeitório, você costuma almoçar com quem?

Entrevistado: Mais o Ademar, Bruno, estando junto o grupinho...

Pesquisadora: Estando junto o grupinho, vai almoçar. E em relação a esporte aqui dentro do IF, como funciona? Você pratica algum esporte?

Entrevistado: Eu, [ininteligível], que eu jogo bola ali na quadra, os meninos me chamam para ir jogar... Aí chega lá, cada um faz seu grupinho lá e joga, esses 'trem' assim, depois que passa uma hora, e dá a hora de nós irmos embora, 22:00, 22:30, nós pegamos e voltamos para o quarto. Depois da aula, nós jantamos e depois vamos jogar.

Pesquisadora: Vocês jogam futsal?

Entrevistado: Hm [concordando].

Pesquisadora: E você é bom nisso?

Entrevistado: Ah, não.

Pesquisadora: Você é um pouco perna de pau?

Entrevistado: Sou. Jogo mesmo só para passar mais o tempo...

Pesquisadora: E nesse jogo aí, como é? Joga com os índios ou todo mundo junto?

Entrevistado: É tudo misturado.

Pesquisadora: Ah, é tudo misturado. Tem essa distinção não.

Entrevistado: Não. Quem está chegando, os primeiros a estar chegando, já vão fazendo seus grupinhos. É tudo misturado.

Pesquisadora: Então já está tudo organizado.

Entrevistado: Hm [concordando].

Pesquisadora: Desorganizado, mas organizado.

Entrevistado: É. Quem vai chegando primeiro ali, vai pegando e faz o timinho, e vai colocando lá na frente lá, vão chegando outros...

Pesquisadora: E você participou de algum evento dentro do IF, em que entre a competição esportiva?

Entrevistado: Competição?

Pesquisadora: Por exemplo, JIIF.

Entrevistado: Não.

Pesquisadora: Você não participou?

Entrevistado: Participei não.

Pesquisadora: Acho que no [sigla ininteligível; possivelmente: "FECICI"] teve alguma coisa...

Entrevistado: No [sigla ininteligível; possivelmente: “FECICI”]? Não, participar de esporte, não. Nós só apresentamos um trabalho indígena.

Pesquisadora: Ah, tá... No [sigla ininteligível; possivelmente: “FECICI”]. E aí, na sala de aula você já me falou como você é na sala de aula... Em relação a *bullying*, você acha que tem algum momento de *bullying* por ser indígena?

Entrevistado: Aqui na sala nunca vi não. Falo, *bullying* comigo não. Mas tem uns outros lugares que eu vou que já aconteceu, sim. Falar que a gente não é índio, porque não tem muito a aparência, de índio, que tem ‘cabelo ruim’, ou outras coisas também, por causa da cor, tem uns que são mais brancos, demais...

Pesquisadora: E você vê isso como? Como você lida com isso?

Entrevistado: Não falo nada, não, porque... não ligo, para essas coisas não, nem... Eu pego e saio. Eles acham que é brincadeira deles...

Pesquisadora: Em relação a amizades, você tem muitos amigos?

Entrevistado: Assim, os indígenas são todos amigos meus. Agora, os outros, são poucos, que não são indígenas... são poucos. Não são muitos não.

Pesquisadora: Ah, entendi. E com esses amigos, como é o seu convívio com eles? É tranquilo? Ou você já teve uma discussãozinha...

Entrevistado: Do quarto ou os indígenas?

Pesquisadora: Os indígenas.

Entrevistado: Ah, com... eu mesmo nunca discuti com nenhum deles não. De boa.

Pesquisadora: Tudo tranquilo?

Entrevistado: Pelo menos eu nunca briguei com ninguém, nunca falaram nada, nunca xingaram...

Pesquisadora: E os não indígenas?

Entrevistado: Ah, já discuti, mas não... Normal, nada de mais, não.

Pesquisadora: Discutiu por causa de quê?

Entrevistado: Umas coisas.

Pesquisadora: Por causa de namorada?

Entrevistado: Não! Coisa, de futebol. Tem hora que a gente chega, que dá de ver...

Pesquisadora: Ah, por causa de esporte...

Entrevistado: Entra, como é que fala, entra muito... assim, entra muito duro nas pessoas, elas começam a apelar, aí começa... Tanto que já discuti, mas não é nada assim não. Só de boca, mesmo...

Pesquisadora: Porque o esporte é uma área que vocês se sobressaem, porque vocês são bons.

Entrevistado: Não é assim essas coisas não, mas...

Pesquisadora: É o que o povo fala. Legal. E em relação a festas, namoros, como é?

Entrevistado: Festa, porque... Eu não tenho muito o que falar, porque eu não saio, muito. Só fico mais aqui no IF mesmo.

[Áudio 14/30, duração: 6min 09s 280ms]

Pesquisadora: Vamos continuar. A gente estava falando de festas, namoros... Você disse que quase não sai para as festas, mas você quase não sai por qual motivo?

Entrevistado: Ah, eu não gosto de sair por aqui assim, não. Os outros indígenas não saem muito. Assim, tem uns que saem, mas tem uns, com quem eu ando muito, que não saem muito não. Com os outros meninos eu não gosto de sair não, com quem não é indígena, eu não gosto de sair não.

Pesquisadora: Entendi. Tem essa diferença também.

Entrevistado: É que a maioria que sai não é indígena. Aí eu não saio muito, não.

Pesquisadora: E qual é... E você participa de alguma atividade aqui dentro do IF, de ensino, pesquisa, extensão?

Entrevistado: Não.

Pesquisadora: Ou não?

Entrevistado: Nenhuma.

Pesquisadora: Ou só nas disciplinas mesmo?

Entrevistado: Só.

Pesquisadora: Mas já teve algum projeto em que você teve algum interesse? Ou é realmente porque você não se interessa nessa área?

Entrevistado: Na área que eu estou agora?

Pesquisadora: Não... Pode ser na sua área também. Ou em outra área. Eu digo, em algum projeto.

Entrevistado: Nenhum não. Só na área minha mesmo, do curso...

Pesquisadora: Você já participou de algumas viagens? Do IF?

Entrevistado: Viagem? Do IF, não. Só por aqui mesmo.

Pesquisadora: Do IF não. E Visitas Técnicas? Já fez alguma?

Entrevistado: Não. Só por aqui mesmo, que eles levam em algum lugar aqui.

Pesquisadora: Isso. Essas visitas você já fez.

Entrevistado: Já. No caprino aqui, no galpão, esses 'trem'.

Pesquisadora: Ah, tá. Mas fora do IF, não?

Entrevistado: Não. Só aqui mesmo.

Pesquisadora: Por exemplo, Nutriza, em alguma empresa aqui perto... Nunca foi?

Entrevistado: Nenhuma. Foi nos cuidados da escola mesmo, mexer com as galinhas ali do galpão, no curral ali... A gente tem só isso mesmo.

Pesquisadora: Entendi. Em relação ao ensino, você falou que, no caso, você achou o ensino daqui mais puxado do que o de lá.

Entrevistado: É. Aqui é muito mais puxado. Você chega, a primeira vez, a primeira dificuldade aqui é a cultura, o ensino daqui é muito diferente do de lá.

Pesquisadora: Qual é a maior dificuldade que você teve, quando você veio de lá para cá? Quando você chegou aqui e... Qual é a maior, até hoje? Vamos pensar no todo. Nesses três anos que você está aqui, qual é a maior dificuldade que você teve?

Entrevistado: Assim, você fala, nas matérias...

Pesquisadora: Não, no geral.

Entrevistado: Foi, conviver aqui, que é o lugar que a gente, chega acostumado na aldeia da gente, ao chegar aqui tem que ir muito... e se não animar... cheguei aqui e foi difícil eu me acostumar.

Pesquisadora: Qual foi a maior diferença que você notou da aldeia para o IF?

Entrevistado: É que, lá, nós fazemos muitas coisas, quase toda semana nós fazemos esporte indígena, esses 'trem', brincadeira, que nós fazemos lá, o professor faz com a gente, cantam músicas indígenas, esses 'trem', que nós fazemos lá, cultural, e aqui não tem, quase, isso. Mas nós ficamos... Do mesmo jeito que as pessoas daqui falam...

Pesquisadora: 'O negócio é bruto'.

Entrevistado: É. Só, normal, o estudo, não faz nada (em termos) indígenas, quase... Assim, não tem tempo, tem até alguns dias que dá para fazer, mas não tem tempo, de fazer quase nada...

Pesquisadora: A escola lá era dentro da aldeia?

Entrevistado: É. Cada aldeia tem uma escola.

Pesquisadora: Eu estive lá. Eu vi, eu fui lá, só que não foi... acho que foi na Rancharia, acho que foi, na escola mesmo. E aí, eu vi lá uma escola e aí chegaram alguns alunos lá e a gente foi fazer a divulgação do IF. Lá onde tem a Casa da Cultura.

Entrevistado: Onde tem?

Pesquisadora: É.

Entrevistado: É lá no Sumaré I.

Pesquisadora: Ah, então foi lá que eu fui.

Entrevistado: Casa de Cultura Anexo I [imprecisão nos termos].

Pesquisadora: É.

Entrevistado: Cheio de Paz [imprecisão nos termos].

Pesquisadora: Isso.

Entrevistado: Então é em Sumaré I mesmo.

Pesquisadora: O que vocês fazem lá na Casa da Cultura? Vocês usam esse espaço lá?

Entrevistado: Nós usamos, nós fazmos coisa, utensílios de barro, esses 'trem', fazemos cocares, pulseiras, nós fazemos lá dentro os 'trem'. Aí nós começamos a registrar [imprecisão no termo] lá, eu e todo mundo, vamos para lá e começamos a fazer esses 'trem', cocar, fazer panela de barro, esses 'trem'.

Pesquisadora: E aí sempre tem uma pessoa mais velha que está direcionando.

Entrevistado: É, que ensina. Ensina a fazer esses 'trem'...

Pesquisadora: Lá é muito bonito, eu achei muito bonito a arquitetura, tudo bem planejado. Gostei.

Entrevistado: Mas tem lá... Teve um vento lá que arrancou essa parte, da... que tinha as palhas, destruiu lá. Aí eles estavam construindo de novo.

Pesquisadora: É... Quando eu fui lá estava destruída mesmo essa parte.

Entrevistado: Estava?

Pesquisadora: Hm [concordando]. Eu fui lá, acho que foi ano passado.

[Áudio 15/30, duração: 29s 720ms]

Pesquisadora: Agora, relate para mim, então, o que você aprendeu no IF e que você vai levar para sua vida inteira. No geral, no seu contexto de três anos aqui dentro, desde o momento que você entrou até agora... Nas suas experiências, nas suas vivências, aqui dentro do IF, o que você vai levar para sua vida?

[Áudio 16/30, duração: 2min 11s 380ms]

Pesquisadora: Pode falar. Não preocupa com a pergunta não. Pode rasgar o verbo.

Entrevistado: Eu vim para cá meio... para esse curso para atrair melhoria para lá por meio desses plantios, para ajudar lá a nossa aldeia, porque a parte de chuvas para lá é muito difícil. Levar algum conhecimento para lá, falo, para irrigação, algum 'trem' assim, fazer barragens para eles, para, falo para a aldeia, criar barragens para eles, para irrigar a plantação, para dar alguma utilidade lá para a aldeia... Porque, aqui nós ficamos é...

Pesquisadora: Pode ficar tranquilo. O jeito que sair, saiu. Porque isso aqui, depois eu vou passar para o papel, e aí eu entendo melhor o que vocês tão falando. Passar para escrita. O que vocês falarem aqui eu vou passar para o meu [ininteligível], entendeu? Aí, é aquela questão, você tinha falado que lá é pouca chuva...

Entrevistado: É pouca chuva, o povo não planta muito bem assim, não, para cultivar, e não tem muito conhecimento, de... como essas pessoas daqui, que fazem um bocado de... fazem barragens, fazem bombas, esses 'trem', para irrigar um milho, esses 'trem', porque agora as coisas estão muito caras para eles, as condição lá não é muito boa assim...

Pesquisadora: Entendi. E aqui dentro do IF, então, o que você vai levar para sua vida é esse aprendizado técnico que você aprendeu, em relação à essa questão de plantar, e tudo o que você... visando a aldeia.

Entrevistado: É.

[Áudio 17/30, duração: 7min 46s 180ms]

Pesquisadora: Quem é você hoje? O que você mudou nesse percurso de vida, desses três anos aqui dentro do IFGoiano, de quando você chegou até hoje... Você vai sair daqui a mesma pessoa que você entrou? Ou não? Quais as experiências que você vai levar junto com você? Na verdade, essa é a segunda pergunta... É 'quem é você hoje' que é para responder primeiro. Você quer pensar ou quer responder?

Entrevistado: É...

Pesquisadora: Pode ficar tranquilo. Não se preocupe com as palavras que você vai usar. Não se preocupe em falar bonito. Eu quero que você fale.

Entrevistado: Falar como eu era lá e aqui.

Pesquisadora: É. Você acha que você teve alguma mudança pessoal mesmo?

Entrevistado: Teve, porque lá era mais uma coisa indígena, fazer cultura e esses 'trem', e aqui é outra, é outro conhecimento... Saio daqui como um técnico...

Pesquisadora: Quando você chegou aqui, você era como? Você era tímido, você era... Como você era?

Entrevistado: Era tímido, não conversava muito com ninguém...

Pesquisadora: E hoje, mudou alguma coisa em relação a isso?

Entrevistado: Ah, mudei muito. Converso mais com todo mundo, mesmo com os professores. Se chegassem, nem conversava, mais era para falar da dificuldade que eu tinha, esses 'trem', ficava com medo de perguntar... Agora, eu chegava aqui na sala, ficava com vergonha de perguntar quando tinha dúvida... Agora, tem 'trem' agora que quando tiver dúvida já pergunto, que antes eu tinha vergonha de perguntar, e tinha hora que você perguntava que tinha umas pessoas que riam...

Pesquisadora: E teve algum momento de você passar por isso, então, de algumas pessoas rirem, e criticarem, por você ser indígena? Ou não, simplesmente porque você queria saber?

Entrevistado: É, tem hora que eu ia perguntar um ‘trem’, saíam falando ‘ah, não sabe’, ‘não sabe’... O professor explicava um ‘trem’, aí eles falavam que entendia, eu perguntava de novo, e eles: ‘ah, porque você não sabe isso, está lá o professor explicando, você é burro’, esses ‘trem’.

Pesquisadora: Então já teve esses momentos aqui dentro também da sala de aula.

Entrevistado: Hm [concordando].

Pesquisadora: Hoje isso não acontece mais?

Entrevistado: Agora, não, porque camarada também já acostumou, já.

Pesquisadora: A verdade é que o convívio hoje já está estabelecido.

Entrevistado: Hm [concordando]. Porque no primeiro ano, é... (a gente) não conhece ninguém, chega (e é tudo) diferente, em muitas, muitas coisas.

Pesquisadora: Então. Você passou por alguns momentos difíceis aqui dentro. Certo?

Entrevistado: Hm [concordando].

Pesquisadora: Relata um momento difícil, que você pode falar ‘foi difícil mesmo’, e é um momento que você vai levar como difícil dentro do IFGoiano.

Entrevistado: Para mim?

Pesquisadora: É.

Entrevistado: Assim, apresentar, na frente, no quadro, que... é que eu, se falasse, todo mundo ficava de gracinha, ficava rindo, coisa assim é... tem hora que nem pode apresentar, na frente.

Pesquisadora: Hm. Então isso foi mais difícil.

Entrevistado: É. Porque eu não gosto muito de ir, na frente, para apresentar... É só isso mesmo.

Pesquisadora: E lá na aldeia você teve essa mesma dificuldade? Ou quando chegou aqui que ela...

Entrevistado: É que na aldeia, não, porque lá era muito difícil, na frente, se apresentar, mas lá também você conhece todo mundo, você não tem muita...

Pesquisadora: Então é mais fácil.

Entrevistado: É mais fácil.

Pesquisadora: Porque você conhece todo mundo.

Entrevistado: É, porque desde pequeno você está ali com eles... Aqui, ao chegar, você não conhece quase ninguém, você...

Pesquisadora: Entendi. Então sua maior dificuldade foi falar na frente.

Entrevistado: Foi, é porque eu não falo muito certo, falo as coisas errado... E é ruim, porque outras pessoas ficam rindo da gente, acaba que a gente... não quer ir mais na frente para apresentar.

Pesquisadora: Desanima.

Entrevistado: Hm [concordando].

Pesquisadora: E qual foi a coisa mais legal que já te aconteceu aqui no IF? Pode pensar, tem problema não. É que é difícil mesmo a gente olhar para a gente, e a gente ter essa visão: ‘nossa, foram três anos, o que me aconteceu nesses três anos aqui dentro, gente!’. Foi tanta coisa, tanta vivência, todos os dias naquela rotina, mas diante dessa rotina, o que me aconteceu que eu vou levar para vida inteira, que eu vou falar: ‘poxa, foi legal demais, me ajudou muito’?

Entrevistado: Assim... É muito com as ideias que você chega, que aquilo foi muito bom, para mim, acho, chegar e me acostumar com as pessoas, como que fala... conviver com as pessoas, sabe? Assim, com outras pessoas diferentes da gente, e me acostumar e conviver com as pessoas do nosso quarto... é isso mesmo.

Pesquisadora: Então é o convívio.

Entrevistado: É o convívio, que vai te... sabe, tratar assim mesmo na sociedade, que quantas pessoas lá não saem para lugar nenhum, é bom na etnia.

Pesquisadora: Entendi.

[Áudio 18/30, duração: 3min 58s 480ms]

Pesquisadora: Quem é o Luiz Gustavo hoje?

Entrevistado: É difícil.

Pesquisadora: É difícil você olhar para si. Eu sei que é difícil. Vamos pensar nos três anos que você passou aqui, as dificuldades que você teve, os momentos ruins e os momentos bons... Porque nem tudo é só espinhos. Nem tudo são só rosas. Aí, se você fosse olhar para o espelho hoje e falasse: ‘pô, Luiz Gustavo, o que você é?’. O que você é hoje? Você acha que teve mudança em relação ao que você é, em relação ao que você é hoje?

Entrevistado: Mudou...

Pesquisadora: Sua forma de pensar, sua forma de agir, sua forma de ver as coisas...

Entrevistado: Mudou muito, o jeito de conversar, também, de se vestir...

Pesquisadora: Por que o jeito de se vestir?

Entrevistado: Lá, o povo conversa, diferente, se pinta... Aqui a gente ainda não se pinta assim, nenhum... Tem hora que nós nos pintamos... Porque aquele é o terreno da gente. Por exemplo, nós podemos pegar um jenipapo ali... Mas tem que pedir permissão do IF aqui para pegar, aí nós não temos tinta para pintar, e esses 'trem'...

Pesquisadora: E essa pintura tem alguma data específica, tem alguma regra específica? Ou não, vocês se pintam quando vocês se sentem à vontade?

Entrevistado: É à vontade mesmo. Se juntar e se encontrar, nós nos pintamos... Lá na aldeia, vai, quase toda semana a gente se pinta... Aqui é muito difícil ver alguém, pintado.

Pesquisadora: Entendi. É uma cultura de vocês se pintarem mesmo.

Entrevistado: Hm [concordando].

Pesquisadora: Aí, quando vem para cá, essa cultura... Vocês podem se pintar, porém, têm que pedir permissão, tem toda uma...

Entrevistado: Permissão... Porque aqui a gente não tem tinta, para já fazer. Ter tem, mas tem que falar com eles para você ir caçar tinta, esses 'trem'...

Pesquisadora: Aí [ininteligível; possivelmente: "importa"].

Entrevistado: Às vezes... Também não tem tempo aqui também.

Pesquisadora: Tem a questão do tempo. E como você lida com essa questão do tempo aqui dentro?

Entrevistado: É puxado, muito cansativo, é difícil, ainda mais ter horas vagas para a gente estudar, não tem muito tempo, porque você fica na sala o dia inteiro, e tem hora que você fica muito cansado, você nem consegue prestar muita atenção na aula, nem aprende muito, porque com esse tanto de horários...

Pesquisadora: Entendi.

[Áudio 19/30, duração: 6min 34s 320ms]

Pesquisadora: Qual o significado que o IF tem para sua vida?

Entrevistado: Quê? Para mim?

Pesquisadora: É. Isso mesmo.

Entrevistado: Agarrar a possibilidade de um estudo melhor, (para que) possa conseguir passar em outras, em outros, como que fala, em outros...

Pesquisadora: Uma faculdade?

Entrevistado: É, na faculdade, tirar nota boa no ENEM. Passar numa, outra, como você dizia, faculdade, mais avançada...

Pesquisadora: Então você fala mais relacionado ao ensino mesmo, ao ensino ser bom.

Entrevistado: Hm [concordando].

Pesquisadora: E aí, após os três anos, após encerrar o terceiro ano, o que você pretende fazer da vida?

Entrevistado: Eu pretendo fazer Agronomia.

Pesquisadora: E o IF teve alguma influência nisso? Nessa escolha?

Entrevistado: Não... Por mim mesmo.

Pesquisadora: E quando você veio para cá você escolheu o curso técnico em Agropecuária ou colocaram escolhas para você? Foi escolha sua?

Entrevistado: Eu mesmo escolhi.

Pesquisadora: Por quê?

Entrevistado: É porque eu... gostava mais, sempre gostei, de mexer com animais, com... mexer, com plantio, esses 'trem' assim...

Pesquisadora: Entendi. Então você já tinha gosto por essas coisas da área. Entendi. Bom. Se fosse para você falar alguma coisa para seus colegas que ainda não vieram lá da aldeia e que têm a intenção de vir, o que você ia falar para eles hoje?

Entrevistado: Eu ia falar para eles virem para cá, porque aqui tem mais... um ensino melhor, porque... mais do que lá, porque lá não tem um ensino bom... Porque os professores que dão aula lá são os professores mesmo que forma... Só o médico mesmo... Aí já começa a dar aula e não tem muito conhecimento.

Pesquisadora: Então você ia falar para eles virem.

Entrevistado: Hm [concordando].

Pesquisadora: Mesmo diante de todas as dificuldades enfrentadas aqui dentro.

Entrevistado: Hm [concordando].

Pesquisadora: E para os seus colegas daqui do IFGoiano que não são índios, para os seus professores, para os funcionários daqui, para as pessoas que você tem contato aqui... Você vai sair agora no final do ano, o que você gostaria de dizer para eles?

Entrevistado: Para as pessoas tudo?

Pesquisadora: É. Ou tem alguém em específico para quem você quer dizer alguma coisa? Que fez alguma coisa boa, alguma coisa ruim? Não sei. Tem alguém em específico que fez parte da sua passagem aqui nesses três anos? De quem você fale: ‘não, essa pessoa aqui eu vou levar para vida porque ela me ajudou muito nesse momento’?

Entrevistado: Tem não.

Pesquisadora: Tem não?

Entrevistado: Acho que não.

Pesquisadora: Algum professor, algum colega também...

Entrevistado: Que me ajudou, com os [ininteligível] não tinha oportunidade?

Pesquisadora: Não, em tudo, questões pessoais também, questões suas rotineiras, cotidianas, na sua vivência aqui dentro. Mesmo fora dos estudos.

Entrevistado: Não quero não.

Pesquisadora: Teve algum momento que você pensou em desistir?

Entrevistado: Eu pensei, no primeiro ano, que eu estava tirando as notas ruins, aí eu quase desisti no meio do ano, e aí depois eu pensei direito e eu voltei, mesmo. Mas estava quase desistindo. Teve alguns amigos meus que desistiram no meio do ano. Foram dois que desistiram. Foram dois que desistiram.

Pesquisadora: E você não desistiu por quê?

Entrevistado: Nada não. Minha mãe falou para mim não sei o quê, deu apoio para mim, falou que eu podia conseguir ainda... Aí ela... deu, deu apoio para mim aqui e eu...

Pesquisadora: Você teve o apoio da sua mãe, então.

Entrevistado: Hm [concordando].

Pesquisadora: E aqui dentro do IF, você teve apoio de alguém?

Entrevistado: Apoio, os professores me ajudaram muito... Eles viram que eu me esforçava muito e eles ajudavam, perguntavam se eu precisava, de... se eu quisesse ter um horário vago que eles estavam lá para me atender, se eu quisesse. Eles viram que eu me esforçava, eles me mandavam ir na sala deles, se eu quisesse ajuda mesmo, aí eu ia atrás deles, pedir ajuda, eles me ajudaram, e eu consegui tirar nota boa sim, pegando monitoria, esses 'trem'.

[Áudio 20/30, duração: 47s 840ms]

Pesquisadora: ... ou colegas que fizeram parte da sua rotina diária?

Entrevistado: Aí é agradecer, porque não são todos os professores, que pegam para ajudar a gente, tem uns que nem fala, nada de horário, se eu tiver dificuldade... Tem uns que já é... já fala, para você, para a gente, ver o esforço da gente, a dificuldade que se já tem, que nem um ratinho.

Pesquisadora: É assim mesmo, a gente fica nervoso.

ANEXO IX : ENTREVISTA DO DISCENTE XACRIABÁ DIEMERSON

Urutaí-GO, 16 de abril de 2020.

Entrevistado: Diemerson.

Local da Entrevista: IFGoiano, campus Urutaí-GO

Presentes: Marilene (Pesquisadora), Diemerson (Entrevistado).

Horário da Entrevista: 16:00.

Duração Total do Áudio: 23min 42s 480ms.

[Áudio 21/30, duração: 1min 32s 620ms]

Pesquisadora: Vamos iniciar a entrevista, às 16:00, no IFGoiano, com o...

Entrevistado: Diemerson.

Pesquisadora: Com o Diemerson, do curso...

Entrevistado: Técnico em Agropecuária.

Pesquisadora: Técnico em Agropecuária. Diemerson, conte para a gente um pouquinho sobre a sua experiência escolar antes de chegar no IFGoiano.

Entrevistado: Bem. Para a gente que vem da Reserva (Indígena Xacriabá) é tudo diferente do que tem aqui, quanto às matérias, o conteúdo, o jeito de se fazer as coisas, totalmente diferente, e isso causa a grande dificuldade que a gente (tem quando) vem de lá e fica aqui. Porque lá é uma rotina diferente e, ao chegar aqui, a gente já bate de frente com outra, aí isso que acaba que muitas vezes a gente vai ficando de dependência, e essa é uma das questões.

Pesquisadora: Entendi. Porque lá o ensino é diferente do daqui.

Entrevistado: É. Bem, vamos dizer assim, não tem a qualidade que aqui tem. O ensino aqui é bem mais avançado do que a gente tem lá. Aí tem muitas coisas que eu estou vendo aqui, que estou estudando, que já viram, coisa que nós lá nunca nem vimos, essas coisas, não sabíamos ainda...

Pesquisadora: A escola lá é dentro da aldeia?

Entrevistado: É.

Pesquisadora: E vocês têm algum conteúdo específico sobre a cultura de vocês lá...

Entrevistado: Tem. Tem aula de Cultura, aula de Artesanato e aula que, tem uma aula que é só para aprender [ininteligível].

Pesquisadora: Hm. Entendi.

[Áudio 22/30, duração: 1min 36s 720ms]

Pesquisadora: O que motivou a sua vinda para cá?

Entrevistado: A oportunidade que a gente viu, assim, de... Lá para nós tem o IF mais próximo em São Januário, só que aí é mais difícil você passar e a qualidade não é igual à daqui. Aí... Primeiro eu ia tentar fazer para lá, só que eu não conhecia ninguém de lá que estudava lá. Só conheci um menino, ele já ia se formar, e aí ia ficar só eu de indígena. Aí, aqui já tinha primo, colega meu que estudava aqui e indicou, e tanto os parentes ajudaram e divulgaram vocês para a gente e aí já vim buscando por causa disso.

Pesquisadora: E aí, quando você veio para cá, você já veio com a certeza do curso, ou quando você chegou aqui você decidiu?

Entrevistado: Já, vim na certeza do curso.

Pesquisadora: Você já queria o curso técnico em Agropecuária.

Entrevistado: Isso.

Pesquisadora: Por quê?

Entrevistado: Porque eu penso que isso é uma forma de a gente poder ajudar tanto a Reserva quanto lá em casa, porque a gente trabalha muito com a terra, aí isso é uma forma de ajudar a desenvolver novos projetos para melhorar a agricultura que a gente tem lá.

Pesquisadora: Eu estive lá. Eu vi que lá é... tem poucas, é... plantações. E aí fui fazer uma pesquisa, e tudo, é mais em relação à chuva, por causa da chuva. Que lá chove pouco.

Entrevistado: É.

Pesquisadora: Entendi. Esse ano até que está chovendo mais.

Entrevistado: Está. Bem mais.

Pesquisadora: De qualquer jeito não tem uma irrigação, e aí (a plantação) fica à mercê da chuva ou do sol.

Entrevistado: É.

[Áudio 23/30, duração: 13min 22s 540ms]

Pesquisadora: Agora, como é seu cotidiano aqui dentro do IF? Relate para mim seu cotidiano aqui dentro.

Entrevistado: Bom. O dia já começa quando vai... Acorda e vem para a sala, a rotina nossa é essa: vai, pega o café no refeitório, volta, chega e vai para a sala. Na hora do almoço, torna a almoçar e volta para o quarto. Aí dá o horário de aula, nós voltamos para o quarto, (aliás), para a sala, aí chega nas 17:00, se for o dia de a gente limpar o quarto aí tem que limpar o quarto, aí a gente [ininteligível] numa atividade física, vai jogar bola, peteca, alguma coisa que tiver para a gente fazer, a gente faz. Quando está chovendo, (ou acontece) alguma coisa, a gente fica mexendo no celular, o passatempo da gente é esse. Aí quando tem atividade, faz antes, para poder jogar bola também...

Pesquisadora: No dormitório, como funciona? Você dorme no mesmo quarto com mais quantas pessoas?

Entrevistado: Mais três pessoas.

Pesquisadora: E como foi isso para você, essa questão do costume de dividir o quarto com pessoas que você não tinha conhecimento...

Entrevistado: No meu primeiro ano, eu não me sentia seguro, porque eu não conhecia as pessoas, só conhecia os dois meninos que estavam aqui comigo, mas eu conhecia, assim, de vista, nem tinha tanta amizade assim com eles. Só que, aí, no dia... quando a gente

chegou já procurei fazer amizade com eles, assim, aí não teve nenhuma discriminação, de *bullying*, assim, foi por causa de amizade, tive muita dificuldade com isso não.

Pesquisadora: Foi tranquilo?

Entrevistado: Foi.

Pesquisadora: E em relação às regras do quarto?

Entrevistado: Foi difícil no começo, porque a gente não estava acostumado a seguir aquela regra direto, estar andando na linha sempre, mas aí depois de um tempo a gente foi se acostumando, o povo apertando a gente de vez em quando, aí a gente foi aprendendo.

Pesquisadora: E você já teve algum atrito com alguém do seu quarto?

Entrevistado: Do quarto, só, assim, nos primeiros dias, porque... porque nós estávamos discutindo sobre a limpeza do quarto, aí o menino não limpava direito, aí a gente começou a discutir por causa disso. Depois ele fez a parte dele e nós fizemos a nossa parte, e não teve mais nada assim não.

Pesquisadora: Está tudo tranquilo. E o refeitório, o que você acha do refeitório, em relação à comida, em relação a...

Entrevistado: Não... É como eles falam para a gente, a comida não vai ser aquela comida boa, igual à da mãe da gente, mas que a gente também tem que ver o lado deles, que a questão é... não faz, só para um, dois, é em grande quantidade, aí não tem como a comida sair boa... a gente já entende muitas vezes essa parte.

Pesquisadora: E você já deixou de comer por algum motivo?

Entrevistado: Como assim?

Pesquisadora: Tempo, ou porque naquele dia você passou mal...

Entrevistado: Já sim, por não estar descendo a comida, por não aceitar. E quando não aguentava, aí comprava bolacha, alguma coisa assim.

Pesquisadora: Teve esses momentos então.

Entrevistado: Foi.

Pesquisadora: E, é, em relação a esporte, você diz que tem peteca...

Entrevistado: Peteca, nós jogamos bola, tem a pista de atletismo aí, corre lá de vez em quando... No mais a gente joga futsal, joga bola na quadra.

Pesquisadora: Aí seu convívio aqui dentro com os esportes é tanto com indígena quanto não indígena.

Entrevistado: É. Tanto indígena quanto não indígena.

Pesquisadora: E como você vê... Como é para você lidar com isso? É tranquilo? Você tem um convívio bom? Você já passou por alguma...

Entrevistado: Agora está tranquilo, mas antes tinha briga direto, porque nós fazíamos o time nosso, eram só os indígenas, que fazíamos, contra os não indígenas. Aí eles têm o jogo deles e a gente tem o nosso, aí tinha vezes que a gente era meio bruto com eles, aí eles também faziam a mesma coisa. Só que aí eles começavam, começavam a bater demais, pedia para parar e eles não paravam. Aí a gente começava a bater também e gerava briga.

Pesquisadora: Entendi.

Entrevistado: Aí ficava aquele conflito entre os indígenas e não indígenas. Mas sempre com os de Itacarambi, os daqui mesmo, nunca foi assim de brigar com [ininteligível] não.

Pesquisadora: E você, como você lidava com essas brigas?

Entrevistado: Enquanto... É como os meninos fala, que quando, é, a gente está aqui, a gente é como uma família, se mexeu com um indígena, 'ó, você tem que ajudar'. Da mesma coisa quando se... isso já aconteceu com a gente já, aconteceu, quando um estiver sozinho outro vai vir e vai ajudar. Aí, os meninos estando certos ou não, (a gente) está lá ajudando. Porque é uma forma de a gente se defender aqui, porque a gente sofre por estar em pequena quantidade, e eles estarem em maioria, aí tem que ajudar um ao outro.

Pesquisadora: Vocês são unidos.

Entrevistado: É.

Pesquisadora: Tem essa união.

Entrevistado: Hm [concordando].

Pesquisadora: E dentro da sala de aula, como você é dentro da sala de aula?

Entrevistado: Dentro de sala de aula, eu fiz mais amizades primeiro que os outros meninos, essas pessoas de fora, tanto que eles é até, as meninas de Itacarambi, tem as daqui, eu fiz amizade com todo mundo. Só tem aqueles assim que a gente vê que parece que não quer nada na sala, fica caçando confusão com todo mundo, aí sempre a gente fica brabo, estressa com eles e começa a xingar. (A gente pede) para eles saírem em silêncio na sala, tentar prestar atenção na aula, mas sempre a gente está aconselhando eles, e quando tem aula que os outros amigos dele percebem que ele não está gostando, aí avisam ele... Tanto que eles não mexem com nenhum de nós que somos indígenas.

Pesquisadora: Tem esse respeito ou... medo?

Entrevistado: Eu acho que é mais para medo. Acho que é mais para medo.

Pesquisadora: E a sua relação com os outros colegas, com os docentes...

Entrevistado: Eu sou assim: não mexendo comigo, eu não mexo com ninguém. Fico na minha, não me preocupo, não mexo com ninguém.

Pesquisadora: Já teve algum momento de alguém, como se diz, pisar no seu calo e...

Entrevistado: Já, isso na sala, que o professor saía, dava hora de intervalo, eles ficavam brincando, arrumando giz no outro, aquela brincadeira, e eu falei: ‘se pegar em mim eu vou apelar’. Quando pegava, falava, ‘moço, vocês para’, sempre pediam desculpa, e continuavam com aquilo, aí eu fui para cima deles. Só que aí também os meninos chegaram conversando e não deixaram acontecer nada. Mas, assim, a gente fala para eles, tem um ponto que a gente aguenta, mas passou do ponto, passou do limite, a gente não aguenta mais não.

Pesquisadora: Entendi. E você já passou por momento de *bullying* por ser indígena dentro da sala de aula?

Entrevistado: Já. Não, na sala não, fora de sala. Na sala nunca aconteceu isso não.

Pesquisadora: Fora de sala de aula. E como que foi?

Entrevistado: Foi na quadra, porque tinha os meninos de Itacarambi, mas aí o time deles tinha perdido, eles não queriam aceitar sair, aí nós pegamos e entramos na quadra. Aí eles pegaram e foram imitar índio, falando ‘mim ia chamar Andreia’, ‘mim ia chamar Marlene para tirar homem branco da sala’, aí foi isso que aconteceu com a gente.

Pesquisadora: E como vocês lidaram? O que fizeram?

Entrevistado: Aí os meninos queriam até revidar, só que aí, antes de revidar, os outros chegaram e conversaram: ‘não, bora brigar não’. Eles começaram a conversar, aí nós saímos e procuramos o nosso direito, fomos procurar a Assistência, procuramos o professor Cristian. Aí depois esses meninos que já estavam ‘manjados’ também pegaram [tiveram que enfrentar] o Conselho. Aí, eles que caçavam briga com a gente direto, houve outras brigas, eles perderam a bolsa por isso. Mas não foi só para a gente não, foi por outras brigas que eles tiveram faz um tempo.

Pesquisadora: Ah, tá. Os mesmos meninos?

Entrevistado: Alguns deles.

Pesquisadora: Entendi. Em relação a amizades? Como é, assim, com outras pessoas? Você tem muitos amigos?

Entrevistado: Tenho. Bastantes desses meninos, ainda mais desses daqui, gostam da cultura da gente, quando a gente está se pintando eles ficam todos curiosos, querendo saber como é que é aquilo, e esses são os mais de boa com a gente. Eles fazem amizade, pode contar coisa, porque a gente sabe que pode (contar com eles) numa hora que está precisando que eles vão ajudar... Sobre essas amizades assim...

Pesquisadora: Em festas... Você costuma ir em festas? Você gosta de festas daqui? Dá para conciliar festa e estudo?

Entrevistado: Dá. Depende das festas, que muitas aqui acontecem é meio de semana. Quando é nos meio de semana, a gente nem pede (autorização), porque a gente já vem no outro dia, vem de madrugada, chega na aula no outro dia a gente nem dá conta de ir. Aí peço autorização para o meu pai. Aí quando é da sexta para o sábado, do sábado para o domingo...

Pesquisadora: E lá na festa como é? Você vai com quem? Você tem mais convívio com quem?

Entrevistado: Eu vou com os amigos aqui, maioria dos meninos que eu já conheço, que estavam, que estudam aqui, nunca vou assim com essas pessoas que eu não conheço, como, por exemplo, essas pessoas que só estão ali por ser daquela brasileira [imprecisão no termo], assim, vou com essas pessoas assim não. Vou só com esses meninos que eu conheço mesmo.

Pesquisadora: Mais indígenas ou...

Entrevistado: Mais indígenas. Tem alguns não indígenas também que eu conheço, que são lá de Missões mesmo, eu já conheço bastante assim, aí eu converso.

Pesquisadora: Que não são indígenas, mas são de lá.

Entrevistado: É.

Pesquisadora: E namoro, como funciona? Namora normal?

Entrevistado: Normal, não tem isso assim não.

Pesquisadora: É... Atividades de pesquisa e extensão. Você participa de algum projeto?

Entrevistado: Eu já participei, no meu primeiro ano, com a professora [ininteligível]. Nós divulgamos um projeto com ela sobre a horta comunitária em uma escola lá em Urutaí. Aí a gente saía daqui e ia mostrar para os meninos lá como é que a gente fazia, como era plantar hortaliça, ensinando eles a fazer os canteiros, tudo, aí isso gerou um certificado para nós.

Pesquisadora: Entendi. E qual foi seu interesse de fazer parte desse projeto?

Entrevistado: Assim, sempre meu pai vem me incentivando: ‘moço, você tá para lá, não pode perder chance, essas chance que tem, essa oportunidade, você tem que ir, desenvolve algum projeto, vai servir para você lá na frente’. Aí por conselho do meu pai, eu consegui esse e tentei ir para a frente com ele.

Pesquisadora: E o que foi mais importante nesse projeto?

Entrevistado: Ver como é a diferença da sala de aula, a professora explicando, e pede para gente explicar para outras pessoas depois. Porque a gente quer, a professora chegava e só levava a gente. Na sala, nós tínhamos que explicar como se fazia tudo, levar os meninos para a prática... aí eu achei bacana foi isso.

Pesquisadora: Entendi. Você já passou... Você já teve alguma viagem aqui no IF?

Entrevistado: Não.

Pesquisadora: Alguma Visita Técnica...

Entrevistado: Não. Nenhuma.

Pesquisadora: É a época de 'vacas magras', [ininteligível] fazer muitas viagens.

Entrevistado: A que nós íamos fazer foi... era semana passada, que era para Cristalina. Só que aí a lista que tinha deu mais os novatos, os do segundo ano, porque eles foram primeiro, aí levaram eles, e a maioria do terceiro ano não conseguiu ir. Aí nós chegamos no terceiro ano sem nenhuma Viagem Técnica.

Pesquisadora: Pois é, gente.

Entrevistado: Aí até conversamos com a Glenda, para tentar ver se dá uma oportunidade para a gente, que no terceiro ano... Mas eles já tinham assinado e não tinha como mudar.

Pesquisadora: Entendi. E JIIF, você participou do JIIF, alguma coisa assim?

Entrevistado: Sim. Particpei do JIIF aqui na primeira temporada aqui, que fiz o arremesso de dardo.

Pesquisadora: Legal.

Entrevistado: Aí, só tinha eu de indígena nessa modalidade, os outros meninos fizeram para o futebol... foi só futebol. Futebol e arremesso de dardo.

Pesquisadora: Você gosta de esporte, então?

Entrevistado: Hm [concordando].

Pesquisadora: Pratica esportes.

Entrevistado: Pratico, às vezes.

Pesquisadora: E lá na aldeia vocês também tinham essa prática de esportes...

Entrevistado: Na aldeia a gente tem mais é futebol e essas coisas, assim. Aí quando tem os jogos indígenas é que eles começam a fazer tipo uma seletiva, quem é bom em cada escola, para fazer as competições.

Pesquisadora: Entendi. Então tem Olimpíada Indígena?

Entrevistado: Tem os Jogos Indígenas de Minas Gerais.

Pesquisadora: Ah! Que legal!

Entrevistado: Foi, deixa eu ver, foi em 2018, foi lá na aldeia nossa, os Jogos Indígenas.

Pesquisadora: Aí são todas as...

Entrevistado: É, todas as de Minas Gerais.

Pesquisadora: Etnias?

Entrevistado: Isso.

Pesquisadora: Olha, que legal!

Entrevistado: Aí junta tudo.

Pesquisadora: Muito legal!

Entrevistado: Aí tem toda modalidade indígena, de futebol, é, arco e flecha, corrida de maracá, tem arremesso de lança, tem zarabatana, competição, corrida, para poder na tora,

you have to carry a log like that twenty kilos running, you have the fight of [inintelligível] of one ethnicity against another, various that you have.

Pesquisadora: Interessante. Não sabia. Em relação ao ensino aqui dentro, o que você teve mais dificuldade?

Entrevistado: A dificuldade que eu mais tive foi no primeiro ano. Tive dificuldade em Matemática, porque eu ficava com vergonha de falar com o professor, eu ficava com vergonha de pedir ajuda para os outros colegas, porque o professor perguntava assim, e todo mundo falava que entendeu e aí ficava, só eu que não entendia, ficava com aquela vergonha de falar. Tanto que isso me levou, eu fiquei de dependência nessa matéria. No primeiro ano. Aí já no segundo já comecei a pegar no pé do professor, pedi para me explicar as matérias tudo, aí eu consegui passar sem dever nenhuma.

Pesquisadora: Entendi. Bom, do IF...

[Áudio 24/30, duração: 1min 48s 400ms]

Pesquisadora: Diante, então, da sua vivência aqui nesses três anos, desde o dia que você chegou até hoje, o que você vai falar, assim, do IF para vida? O que você vai levar do IF para sua vida pessoal, mesmo?

Entrevistado: Muito conhecimento que a gente teve aqui, e aprender a conviver em sociedade. O que a gente aprende, assim, que a gente tem que ter lealdade com os meninos do quarto, principalmente quem é amigo da gente, a gente conhecer o caráter da pessoa, que muita gente que a gente julgava... Assim, vamos dizer que a própria pessoa era fechada, você já começava a criticar aquela pessoa sem a conhecer, depois de conhecida, você vira amigo daquela pessoa... Aprendi bastante aqui com isso.

Pesquisadora: Então você vai levar isso para sua vida.

Entrevistado: Isso.

Pesquisadora: E tem algum momento que você fala, assim, ‘não, esse momento foi o mais difícil que eu passei aqui dentro’?

Entrevistado: Foi no primeiro ano também. Em vinte e nove dias (depois) que eu cheguei aqui, já estava querendo ir embora, assim, que eu estava com medo de ficar de recuperação de matéria e isso tudo, aí meu avô faleceu. Aí isso acabou comigo, eu queria ir embora, já estava com a mala pronta, os meninos chegaram e me deram conselhos, e tudo, aí eu resolvi ficar. Aí eu fiquei até o mês de março, acho que no mês de março teve um feriado. Aí, eu fui, fiquei uma semana e voltei de novo. Aí eu voltei, meu pai começou a me dar conselhos, minha mãe, conversaram tudo com a gente, aí, assim, esse foi um período que eu mais pensei em desistir.

Pesquisadora: E você teve algum apoio de alguém daqui de dentro do IF nesses momentos mais difíceis que vocês tiveram aqui?

Entrevistado: Uma das pessoas que mais ajudou a gente era o Cristian, que ele conversava com a gente, quando a gente estudava, ele estava conversando com a gente, e uma das pessoas que mais motivou a gente foi ele.

[Áudio 25/30, duração: 52s 780ms]

Pesquisadora: É... do IF para vida já te perguntei... Ah, tá. Qual foi o momento mais difícil você já me respondeu. De qual momento você fala assim: ‘não, esse aqui foi o momento mais especial que eu vivi aqui dentro’?

Entrevistado: Foi no ano passado, que eu cheguei, assim, eu, no primeiro ano, ficamos eu e o Luiz Gustavo, nós fomos os últimos aqui. Nós não sabíamos ir embora, não sabia nem como é que fazia para ir embora, os meninos foram todos, ficamos só nós. ‘Ó, pessoal, ano que vem nós tem que estudar.’. Aí foi, ele estudou bastante, eu também, no segundo ano, passei direto, as férias eram no dia vinte e nove, ‘você já tá liberado agora’, no dia vinte e nove eu fui embora. Os outros meninos ficaram uma semana a mais. Quando eu cheguei em casa, meu pai falou, ‘ó, aquela lá do ano passado você ficou lá por último, nesse ano você deixou o resto tudo para trás’.

[risos dos presentes]

Pesquisadora: Foi a superação.

Entrevistado: Foi superação.

Pesquisadora: Legal.

[Áudio 26/30, duração: 44s 460ms]

Pesquisadora: Então, com enfoque de novo nesses três anos, suas vivências, experiências... Quem é você hoje?

Entrevistado: Ah, posso dizer que sou uma pessoa que mais [ininteligível], antes de eu sair de casa, eu via, era muito ignorante, qualquer coisa eu estava brigando, aí... O que a gente aprendeu é ouvir as coisas e saber o que você tem que revidar. O que pode entrar no seu ouvido e você ficar pensando naquilo e o que você tem que esquecer. A ser uma pessoa mais calma, entender o lado das outras pessoas também, não ficar só pensando no seu lado... Isso são coisas que eu aprendi aqui.

[Áudio 27/30, duração: 57s 440ms]

Pesquisadora: Qual é o significado do IF para sua vida hoje?

Entrevistado: Acho que eu penso, como os meninos falam, aqui é uma fábrica de sonhos, mas acaba com o tempo da sua vida. Porque o que a gente vai conseguir ser, já estudou, como eu faço o curso técnico em Agropecuária, vou sair como um técnico. Só que aí é o que eu falo para a minha mãe, para o meu pai. No que eu me formar aqui, e fizer (um curso) superior, vai ser bom para o resto da minha vida, mas o tempo que eu perco em ir lá não tem dinheiro que vai pagar isso. Aí o que a gente faz é um sacrifício do tempo que a gente perde com eles lá, mas é a chance que a gente tem de poder dar um futuro melhor para eles.

Pesquisadora: Ah, entendi. Você está falando do tempo que você perde perto do seu pai, perto da sua mãe, perto da sua família. Porque vocês ficam bem longe. Vocês vão lá duas vezes ao ano.

Entrevistado: É. Puxado.

Pesquisadora: Puxado.

[Áudio 28/30, duração: 58s 060ms]

Pesquisadora: O que fazer agora? Quais os planos depois do terceiro ano do Ensino Médio?

Entrevistado: Penso, dependendo da minha nota do ENEM, jogar para Medicina Veterinária aqui e na UFMG, que deu início lá, é, no ano passado também, se não... essa faculdade. Aí aqui, porque a gente já tem o conhecimento daqui, já veio vivenciando esses três anos aqui, aí fica mais fácil para a gente se adaptar. E lá, porque fica mais perto também, de a gente poder visitar a família, já tem muitas pessoas lá, meu tio, minhas tias também, todos se formaram lá, e é mais perto para a gente.

Pesquisadora: E o IF teve alguma influência na escolha do curso?

Entrevistado: Sim, a professora Carol, sempre, assim, nas aulas dela, [ininteligível; possivelmente “caracterizava mais para Química”] explicava e prestava bastante atenção. Aí depois, foi o que me incentivou mais, já vinha desde casa pensando nisso, Medicina Veterinária.

Pesquisadora: Entendi. Ela só deu um *up*. Só deu um...

[Áudio 29/30, duração: 1min 23s 700ms]

Pesquisadora: Você... Se fosse para você falar hoje para os seus amigos lá da aldeia, seus conhecidos lá que não vieram mas têm alguma vontade de vir para cá ainda, o que você iria falar para eles?

Entrevistado: Falar, assim, que fácil não é não, por causa da adaptação. Mas que vale a pena, vale. Aqui você vai criar novas amizades, você vai aprender muito mais coisas, você vai poder dar um futuro melhor para a sua família e vai poder dar um retorno para a aldeia, para ajudar no desenvolvimento também.

Pesquisadora: Entendi. E para as pessoas daqui? Seus colegas de sala de aula, seus professores... Porque você vai sair agora... O que você gostaria de falar para eles também?

Entrevistado: A maioria dos professores, a gente agradece por ter paciência com a gente, ter ajudado bastante, alguns colegas que ajudaram a gente, ajudaram para caramba, assim, tinha algum trabalho, eles estavam ali ajudando, tinha algum... um exemplo, 'você tem algum estágio para eles?', algum trabalho da professora, 'chama eles', ia lá e corria, chamava a gente, e a gente ia e ajudava eles, quando a gente precisava também, eles vinham e nos ajudavam... Aí foi sempre assim, uma mão lavando a outra. Aí tem alguns alunos de sala, assim, que a gente não tem aquelas amizades, por conta de briga de sala, e do não ir muito com a cara um do outro, mas, assim, não é contra os outros.

Pesquisadora: Entendi.

[Áudio 30/30, duração: 26s 760ms]

Pesquisadora: O que você mudaria aqui dentro do IF?

Entrevistado: Acho que assim, mudar, acho que eu mudaria nada, que se a gente fosse, no caso, fosse mudar no meu pensamento, poderia ser no ponto de vista de outro ia estar arrumando outras coisas, aí eu ia querer melhorar para mim, só que eu ia estar prejudicando outro. Aí, eu acho que é melhor deixar do jeito que está, que fica... não está bom para um, mas também não está cem por cento para o outro.

ANEXO X: RELATOS VIA WATSAPP COMPLEMTANDO AS ENTREVISTAS

Meu nome é Ademar Almeida Barbosa tenho 19 anos, Nasci e fui criado na Reserva Indígena Xakriaba, Fui educado por meus pais João De Almeida Barbosa e Maria José Pereira Lopes. Sempre estudei Na escola Estadual Indígena Bukinuk Na Minha Aldeia Sumaré 1 na Minha antiga Escola Sempre realizavamos atividades voltada para o fortalecimento da cultura como danças, Musicas e Treinamentos com lanças Arco e Flexas e Também com o Bodoque. Sempre convivi com várias Crianças da minha Aldeia, como nessa época ainda era bem difícil o contato com a internet e Também com a TV passávamos Boa parte do tempo realizando Brincadeiras Além da realização de Caçadas e Pesca.

15:35

Me chamo Anderson Alquimim Silva, nasci no hospital d Itacarambi fora da aldeia no dia 28 do 3 d 2002 sendo criado pelos meus pais Laura Gonçalves e Durval Ferreira, moramos na aldeia Barreiro Preto na Etnia Xakriabá, moro com meus pais, um irmão e meu avô. As brincadeiras era corta bandeira, futebol queimada, luta do toco, corrida d maracác e arco e flecha. Nosso costume e sempre de reuni as aldeia pra uma grade apresentação com música dança incluído os artesanatos, esse costume vem do ensino da comunidade onde tem alguns professores de Cultura q ensinam a canta, dança, pintar, desenhar e fazer artesanatos de barro, madeira e pena d ave, isso vem herdado do nosso ancestrais q hj e um grande sabedoria valiosa pra nós...

13:27

Eu mer chamo Luiz Gustavo tenho 18 anos nascido em manga MG , criado pelo meus pais moro na aldeia Sumaré 1 do município de São João das missões moro junto com meus pais e meu irmão e as brincadeiras que temos de infâncias e jogo de bola e as brincadeiras indígenas são corridas de sacos, corrida de maraca, e brincadeiras com flechas e os costume indígenas são dançar e cantar e os ensinamento foi nossos professores indígenas. 08:59

Sou Romaicon Nunes Gonçalves, nasci na cidade vizinha do Xakriabá (Manga), no dia 18 do mês de fevereiro no ano 2001, fui criado por minha mãe até 1 ano de idade, depois disso, passei a ser criado por minha tia (de consideração) dona Lavínia, pois nesse mesmo ano mãe viajou para trabalhar na coleta de cebolo na região de Goiás, o trabalho carecia de seis meses e após vencido o prozo estipulado ganhava-se trinta dias de férias, sendo assim, esse era o período que eu ganhava com a minha mãe, isto se prolongou até no ano de 2005, aproximadamente. Nos anos seguintes mãe volta a mora comigo e meus três irmãos na casa que era da minha vó (mãe de dona Lavínia). A rotina, no “tempo verde”, fase de plantar, a gente ia para a roça plantar o milho, feijão, abobora, melão, melancia, mandioca, batata doce, maxixo, e entre outros, no aproximar do meio dia, nós as crianças, íamos para o riacho tomar banho na água corrente e lá brincávamos de breia, pular do pé de pereira (pé de pau que dá galhas longas) e/ou pegar peixes no riacho (os peixes que era encontrado eram bem pequenos: Piau, Mandin, Traíra e Piaba), na parte da tarde era somente os adultos que voltavam para a roça. Normalmente no período vespertino passava na escola, as aula na minha aldeia era debaixo do pé de Joá, depois passou a ser ne uma escolinha que tínhamos construído, as aulas era bem descontraídas, brincávamos de Bodinho, Braia e quando era aula de cultura ou uso do território o professor de cultura pintava os alunos, rolava disputa de bodoque, arco e flecha e corrida do saco. Quando eu cheguei na 5ª série de fundamental passei a estudar na aldeia próxima, na minha aldeia o tinha até a 4ª serie, eu ia todo dia que tivesse aula, a pé, a partir dessa época ficou mais difícil além da distância, a matéria de cultura foi tirada e a de educação física limitada, tinha matéria de matemática, ciências, artes, uso do território, geografia, história e português, conclui meu fundamental na aldeia riacho do

brejo na escola Manikã. Neste período de transferência escolar, minha mãe já me deixava ir para a casa dos meus avós, eu não poderia ir antes porque a caminhada era longa e ela não confiava eu ir a cavalo. Com isso eu aprendi muita coisa legal como fazer o fumo de corda que vô e vó fumavam, alguns remédios do mato e muitas histórias do Xakribá em geral e de meu bisavô Jeromo. Também já tinha liberdade de ir para a casa de meu pai que era mais longe ainda então eu passava as férias escolares lá na aldeia dele, e foi com meu pai que aprendi fazer diversos tipos de artesanatos usando ossos e madeira

ANEXO XI – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
 MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
 UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
 REGIONAL CATALÃO
 UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL EDUCAÇÃO
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
 Av. Lamartine P. Avelar, 1.120, Setor Universitário – Catalão (GO) CEP – 75.704 020
 Fone: (64) 3441-5366.
 Ramal 204 – Coordenação. E-mail:
 Ramal 206 – Secretaria. E-mail:

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

O(a) Sr(a). está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa intitulada *“De histórias de vida e de instituições escolares: investigações biográficas e narrativas em educação”*. Meu nome é Wolney Honório Filho, sou o pesquisador responsável e minha área de atuação é Educação. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está impresso em duas vias, sendo que uma delas é sua e a outra pertence ao pesquisador responsável. Esclareço que em caso de recusa na participação você não será penalizado(a) de forma alguma. Mas se aceitar participar, as dúvidas *sobre a pesquisa* poderão ser esclarecidas pelo pesquisador responsável, via e-mail (whonoriof@gmail.com) e, inclusive, sob forma de ligação a cobrar, através do seguinte contato telefônico: (64)99989-5890. Ao persistirem as dúvidas *sobre os seus direitos* como participante desta pesquisa, você também poderá fazer contato com o **Comitê de Ética em Pesquisa** da Universidade Federal de Goiás, pelo telefone (62)3521-1215.

Informações Importantes sobre a Pesquisa:

O título da pesquisa é: *“De histórias de vida e de instituições escolares: investigações biográficas e narrativas em educação”*. Esta é uma pesquisa em educação que se utiliza da abordagem (auto)biográfica, que vem crescendo significativamente no Brasil desde 2004, quando foi realizado o I Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)biográfica. Esta abordagem apresenta-se sob duas vertentes: primeiro Narrativas (auto)biográficas como práticas de formação (formação do adulto e formação do formador). Segundo, Narrativas (auto)biográficas como metodologia e modo de (auto)biografar-se (métodos de pesquisa e modos de grafar a narrativa). Na perspectiva da segunda vertente, especialmente, vemos um território ainda amplo de investigações, especialmente na utilização de biografias e narrativas para se conhecer a história de vida de sujeitos da educação (professores, alunos, técnicos administrativos), bem como a história/biografia de instituições escolares. Esta proposta situa-se neste campo que utiliza a abordagem biográfico narrativa para investigar histórias de vida e de instituições escolares em Goiás, prioritariamente na região sudeste deste Estado. A metodologia a ser utilizada é a das histórias de vida, que utiliza-se de dados tais como entrevistas áudio visuais, textos (auto)biográficos, entre outros, relacionando a história de vida dos sujeitos da educação com seus pares, bem como com a história sócio, cultural e política regional e nacional. Espera-se com esta pesquisa abrir novos campos de investigação em História da Educação no sudeste de Goiás, compreendendo estudos sobre a memória educacional nesta região. Para isso, estamos propondo uma conversa que será gravada em áudio/vídeo e o(a) Senhor(a) pode ou não concordar com a divulgação da sua imagem e do seu nome. Não sabemos ao certo se essa nossa conversa será muito breve ou mais demorada, irá depender das estórias e lembranças que o(a) Senhor(a)



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
 MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
 UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
 REGIONAL CATALÃO
 UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
 Av. Lamartine P. Avelar, 1.120, Setor Universitário – Catalão (GO) CEP – 75.704 020
 Fone: (64) 3441-5366.
 Ramal 204 – Coordenação. E-mail:
 Ramal 206 – Secretaria. E-mail:

estiver à vontade para nos contar. Pode ser que o(a) Senhor(a) se emocione ou sinta-se constrangida ao narrar fatos que podem ter acontecido na sua vida, mas caso haja algum assunto que o(a) Senhor(a) não queira falar a respeito, nós entenderemos. O o(a) Senhor(a) é livre para se recusar a participar ou retirar o seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma. O o(a) Senhor(a) tem o direito de pleitear indenização garantida em lei para reparação de danos imediatos ou futuros decorrentes da sua participação nessa pesquisa. Caso esteja de acordo em dar a sua contribuição para esta pesquisa, solicitamos que informe seus dados pessoais (nome completo, RG e CPF) no preenchimento deste documento e deixe sua assinatura ao final. Antecipamos agradecimentos por sua disponibilidade e colaboração.

Consentimento da Participação na Pesquisa:

Eu, [REDACTED].....
 RG / CPF [REDACTED].....

abaixo assinado, concordo em participar do estudo intitulado “*De histórias de vida e de instituições escolares: investigações biográficas e narrativas em educação*”. Informo ter mais de 18 anos de idade e destaco que minha participação nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui devidamente informada e esclarecida pelo pesquisador responsável Wolney Honório Filho sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação no estudo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com a minha participação no projeto de pesquisa acima descrito.

Catalão, 28 de Novembro de 2019.....



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
REGIONAL CATALÃO
UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
Av. Lamartine P. Avelar, 1.120. Setor Universitário – Catalão (GO) CEP – 75.704 020
Fone: (64) 3441-5366.
Ramal 204 – Coordenação. E-mail:
Ramal 206 – Secretaria. E-mail:

Sobre a concessão de uso de imagens, assinale a sua opção:

Permito a divulgação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa;

Não permito a publicação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa.

Sobre a divulgação do seu nome, assinale a sua opção:

Permito a minha identificação nos resultados publicados da pesquisa;

Não permito a minha identificação nos resultados publicados da pesquisa.

Assinatura por extenso do(a) participante

Assinatura por extenso do pesquisador responsável